3 1761 07149877 8

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/narrativasnavaes00oliv

983
53

NARRATIVAS NAVAES

NARRATIVAS NAVAES

POR

JOÃO BRAZ D'OLIVEIRA

Contra-almirante

SEGUNDA EDIÇÃO

DEPOSITÁRIA:
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
58 — RUA GARRETT — 60
LISBOA

LIBRARY
JUN
21
1979
UNIVERSITY OF TORONTO

DP
551
O54
1920

PROLOGO DA 1.ª EDIÇÃO

Escreveram-se estas *Narrativas* especialmente para leitura das guarnições dos navios de guerra portuguezes. Não é um livro destinado á escola primária, mas sim para depois de saberem ler aproveitarem algum tempo de folga do serviço, em leitura, que se relacione com a sua profissão; que lhes fale da Historia da Marinha, e dos feitos dos Marinheiros; que as inicie na tradição da Armada, de modo a suggerir-lhes pela lição e pelo exemplo o amor patrio, o culto da bandeira, o valor, a disciplina, o heroismo, a dedicação até ao sacrificio pelas idéas nobres e generosas, para que os novos de hoje não desmereçam dos bons creditos dos antigos.

*

Intimamente ligada com a Historia de Portugal está a História da sua Marinha.

Desde as barcas e varineis, que ultrapassaram o cabo Bojador, pelas caravellas dos descobrimentos, naus do commercio, fustas e galeões das con-

quistas, charruas da Asia e do Brazil, fragatas, corvetas, brigues, escunas da repressão do trafico da escravatura africana, canhoneiras da defeza colonial, até aos couraçados, cruzadores e torpedeiros de nossos dias, assumpto para largos capitulos em honra da patria portugueza encontra-se na vida dos navios, no lidar das suas guarnições.

Com a prosperidade ou decadencia da Marinha coincide sempre egual phase da existencia do Estado.

Se por toda a parte se apregoa, que *o futuro de Portugal está no mar,* indispensavel é cuidar de termos marinheiros habilitados, e de lhes alentar no espirito o *fogo-sagrado* do amor pela sua arma, para que, conscios da importancia do seu serviço no futuro do paiz, elles se empenhem com toda a dedicação e amor em conservar o caracter nacional, que só se robustece com o exacto conhecimento e comprehensão dos seus direitos, e deveres profissionaes.

E assim, a par de uma cuidada instrucção ma-

ritima, não se desdenhe de lhe formar o espirito e o coração apropriadamente para o bem da patria, e assim se justificará a influencia, que poderá ter um livro de leitura.

*

Para quem o saiba ler, sentir, e bem interpretar, ainda hoje *Os Lusiadas* são fonte de heroismo. *Os Lusiadas* são um primorosissimo capitulo da Historia da Marinha, a glorificação do descobrimento do caminho maritimo para a India pelo Gama, escripto por um marinheiro de um excepcional talento, que se chamou Luiz de Camões.

*

Infelizmente *Os Lusiadas* já não são hoje o livro das escolas. É quasi privilegio de litteratos eruditos, e por isso não pode ser o livro dos marinheiros, que acabaram de sahir da escola de leitura.

Começa-se de menor para maior, e quando a

instrucção augmentar, e o espirito se lhes fôr desenvolvendo, certamente chegará o dia em que por elles poderá então ser bem comprehendido.

Mas o modelo está ali, não na fórma e rima dos versos immortaes, mas sim nos altos feitos que celebra, nos exemplos que incute no animo dos leitores.

Contem-se-lhes pois factos simples e honrosos; lance-se a primeira pedra do monumento, que a pouco e pouco se irá edificando, e depois se alteará sublime. Comece-se por desbravar a terra, lancem-lhe a semente, ella germinará, e a terra uberrima depois produzirá os fructos primorosos.

*

Foram-se buscar estas *Narrativa,* a maior parte, á historia da marinha contemporanea. Tem por fim chamar a attenção dos homens para factos, que mais ou menos andam na memoria das modernas guarnições.

Historia de marinha é estudo differente, e talvez umas noções não fossem descabidas na escola dos sargentos. Esses por terem o espirito mais culto já podem tentar assumpto mais difficil.

Todas estas *Narrativas* são historicas, colhidas ou na tradição oral, ou no registo dos livros de quartos, já nas paginas dos chronistas, já na recordação de factos nossos conhecidos, e todas ellas documentadas, tendo havido o cuidado de expor o facto, e deixar ao leitor o fazer a critica, para d'elle tirar a lição conveniente.

De proposito se lhes não fala em grandes feitos de almirantes, generaes, governadores, descobrimentos, batalhas, politica, e conquistas. É tudo simples, vulgar, destacando em muitas, no primeiro plano, as figuras de soldados e marinheiros, dos humildes que contribuem para a realisação da obra meritoria, ou cuja intelligencia e generosidade se poz em evidencia, a dar brilho e valor á narrativa.

Os homens do mar comprehenderão o espirito, que presidiu á organisação d'este livro modesto,

pobre de valor litterario, despretencioso na materia e artificio, que só poderá ter algum merito pela intenção que representa.

Na benevolencia do leitor patriota encontrará o auctor recompensa ao trabalho produzido.

Lisboa — Julho de 1908

J. B. d'Oliveira

Combate naval

Seculo XII

Combate naval

Seculo XII

Dom Affonso Henriques firmára em sua fronte a corôa de rei de Portugal, e n'um lidar heroico a golpes de montante ia talhando e ganhando no territorio dos musulmanos larga partilha para engrandecer o reino.

Em roda do terrivel Ibn-Errik, *terror de mouros,* como lhe chamavam os contrarios, grupava-se uma phalange de guerreiros de braço robusto e coração sem medo, que, secundando o esforço indomavel do lidador famoso, conseguiram constituir livre dos feudos de Castella a nacionalidade portugueza.

Curvaram-se os povoados ao mando do soberano, rendiam-se-lhe torres e castellos alterosos, e os walis dobravam o joelho reconhecendo o poder do rei batalhador, recuava para o sul a fronteira da terra dos arabes, que mais de seis seculos havia dominavam na Hespanha.

*

Após a tomada de Santarem o rei poz cerco á cidade de Lisboa. Cinco mezes se defendeu a praça, e a 23 de outubro de 1147 cahiu em poder do vencedor.

Tinha sido auxiliado pela armada dos cruzados do nor-

te, forte de duzentas velas, ao mando de Arnoldo de Aerschot, e que arribara ao Tejo, na sua viagem á Terra Santa, aonde ia combater os infieis.

Sabemos, que já antes d'esta empresa andavam na costa as galés portuguezas em constante guerra contra as gentes de Mafoma. Quer isto dizer, que a marinha de guerra é contemporanea da fundação da monarchia, e que ao tempo em que na terra, fidalgos e infanções, peões e cavalleiros, quebravam lanças e adagas contra as hostes agarenas; tambem no mar tremulavam ovantes as bandeiras da cruz, e os homens de armas, galeotes e remeiros em combates contra os mouriscos, a golpes de lança e de machado, e de possantes cutiladas pugnavam pela independencia do novo Estado, que o seu valor constituira, após uma lide assombrosa de abnegações e heroismos.

*

Fuas Roupinho, alcaide de Porto de Moz, é dos primeiros nomes illustres nos *Fastos da Marinha nacional*. Envolto n'uma aureola brilhante emerge o seu vulto das trevas do passado, como uma figura herculea e gloriosa, dourada pelo brilho da tradição dos seculos decorridos. Guerreiro ousado passou á historia o renome da sua valentia.

A distancia velou em parte as minucias das suas façanhas destemidas, confunde-se a verdade com a lenda fabulosa. No mar acompanhou-o por muito tempo a fama, e a fortuna. O seu pendão era um prenuncio de victoria, a sua espada o flagello das armadas inimigas.

*

Um dia sahira ao mar, a saltear a costa do Algarve e da Andaluzia, onde ainda governavam mouros. Grandes foram os assaltos e rapinas, mas a correnteza das aguas fez esgarrar os navios na bocca do estreito de Gibraltar, e levou á vista de Ceuta a flotilha portugueza.

Como aculada matilha sobre a prea, que descobre de improviso, assim se arremessou sobre as poucas naves portuguezas uma multidão de barcos inimigos, avidos de cevar n'ellas sua sanha, e de vingar as affrontas recebidas.

Apparelhavam-se no porto para largar a corso a combater christãos, e a sorte fôra-lhes propicia trazendo-lhes á vista o inimigo que buscavam.

*

Arremetteram as galés, e a golpes de esporão, quebrando remos, jogando as armas de arremesso, travaram o combate, preparando as abordagens.

Então atracados os navios, cravavam-se os arpeos, e á força de arma branca, como se fosse o assalto de uma fortaleza, a lucta proseguia encarniçada, sem quartel, sem misericordia para o vencido, com todas as crueldades de uma ferocidade extrema, com todos os odios de crenças differentes.

A frota christã foi esmagada pelo numero, e pelo valor dos inimigos, e em sua defeza Fuas Roupinho deu a vida.

Rejubilavam os mouros com a victoria. Se o adversario fosse fraco e medroso, de nenhum valor fôra a derrota.

Anoitecia, e um clarão sinistro sobre as aguas avermelhava a praia de Almina, e os panos da muralha da velha Septum do conde Juliano. Erguia-se no ar a negra fumarada dos madeiros embreados consumidos pelo fogo. Ardiam os cascos dos navios destroçados, e nos pincaros da serra africana accendiam-se as almenaras dando aviso da vinda dos odiados nazarenos.

N'uma batalha naval renhida, a marinha nacional pagava heroicamente o seu tributo de sangue, em defeza da patria portugueza.

Passagem do Bojador

1434

Passagem do Bojador

1434

SENHOR, dizia Gil Eannes ao infante D. Henrique, que, sentado junto a uma janella da sua Terça Naval, olhava embevecido para a immensidade do oceano, dourado pelos raios extremos do sol, que se sumia no poente. Senhor, que bem sabeis o que dizem os mareantes ácerca d'essa navegação do sul, em que mostrais tão grande empenho. Quem passar o cabo Não, ou voltará ou não. O mar vae descendo a perder-se nas profundas do Inferno, e ninguem pode passar o cabo Bojador, que fica além d'elle o Mar da Noite, a Terra das Estatuas de granito, o portal do Purgatorio, e quem para lá se aventurar e avistar a ilha encantada de S. Brandão fica errante e perdido no mar, sem nunca mais acertar o rumo. Do Bojador para lá é o reino da morte, e quem o ultrapassar não torna.

Cegos sois vós outros, que acreditaes em bruxedos e tontices, tornou-lhe o Infante, e porque dois arrais fugiram com medo de alguma trovoada roncadora, já não ha quem saiba ter agulha, nem carta de marear fóra da carreira de Flandres. Grande erro é o vosso em cuidar serem ali os terminos do mundo. E se foi o demo quem vos metteu taes medos, olhae que levaes no mastro a bandeira de Christo, o melhor remedio para tomar de ven-

cida o inimigo, e maior gloria dareis a Deus, ao Rei, e á nossa boa terra portugueza.

Ide, e por pouco que conseguirdes passar-lhe avante. não vos faltará honra e beneficio.

Gil Eannes beijou a mão do Infante, e de tanta auctoridade era o seu conselho, que ao despedir-se de seu amo e senhor resolvera em seu animo não voltar á sua presença sem que tivesse o descobrimento feito, e logo d'ali se foi a embarcar na pequena barca, que fundeada em Lagos o esperava para largar, seguindo a costa de Berberia, que doze annos havia já, que estava sendo explorada por ordem do infante D. Henrique, e ainda ninguem ousara ultrapassar o Bojador.

*

O cabo Bojador está em 26° 7′ 10″ lat. N. 14° 30′ 30″ long. W. GW. É baixo, pedragoso, coroado por dunas de areia, e desce em suave ladeira para o mar. Perto d'elle é a costa esparcelada, a corrente violenta para o sul, e de verão rija a nortada, de modo que as aguas ao sopé andam revoltas, de côr barrenta e turvas.

Começa ali o deserto do Sahara, El-Baba-Billa-Maã dos mouros, o mar sem agua, designação apropriada para classificar essa immensa planura de areia calcinada pelo sol, que se estende até á Senegambia, ao Niger, ao Egypto como um deserto desolado, fundo de mar cujas aguas se evaporaram e sumiram, e onde raro assomam uns tufos de verdura, de acacias e palmeiras, como ilhas de frescura na asperrima aridez do mar enxuto.

O Bojador é o extremo noroeste d'aquella planicie enorme, e ali inflecte-se a costa, que desde o cabo Não vem correndo ao sudoeste, e que vae depois a sueste, alongando-se para o sul.

Chamaram-lhe Bojador porque a costa vae bojando para o poente, e por isso haviam medo os navegantes, por tão acentuadamente mudar de rumo o litoral africano, como barreira a vedar as regiões equatoriaes, onde o sol era

tão ardente, que a terra era pulverulenta e requeimada, abrazada pelo fogo, inhabitada, esteril, região da morte, e do mar das trevas, e portanto ultrapassar o Bojador seria ir tentar a Deus, buscando vêr os segredos dos mundos escondidos; e orgulho desmedido abalançar-se alguem a ir ver á luz do dia as terras, que até então tinham sido impenetraveis, defendidas tantos seculos pelo terror, ignorancia, superstição, receio e crença de ser o Bojador a barreira invencivel ante a qual havia de esbarrar a audacia humana, como até ali, por todos os seculos do porvir.

Estava-se no anno de Christo de 1434, reinava em Portugal aquelle bondoso e mal aventurado moço D. Duarte, a quem o astrologo mestre Guedelha atormentava com prophecias assombrosas, a que o povo do tempo dava tanto credito como a artigo de fé religiosa, e portanto nada admira o colossal poder da tetrica lenda do cabo Bojador.

Varias razões levaram o Infante a emprehender este commettimento, sendo das principaes a dilatação da fé e do imperio, os lucros commerciaes, e a guerra ao mauritano.

Sobre taes argumentos se poderia fazer critica larga, e descobrir n'este inicio de exploração do litoral africano o primeiro marco a assignalar a audaciosa derrota, que ha de um dia levar as naves portuguezas ás regiões remotas do Oriente, arruinando o commercio de Veneza, e tornando Lisboa o magnificente emporio das riquezas do mundo.

*

E a barca de Gil Eannes, com a sua companha de algarvios, largou de Lagos. O norte fresco infunava-lhe a vela, e uma semana depois estava nas vizinhanças do famoso cabo, cuja arrumação lhe demorava pela proa. O vento varrera o nevoeiro, que por vezes encobre a riba saibrenta do deserto, a costa desenhava-se nitida, branqueando na crista dos cabeços as dunas do alto promontorio, e o sol coloria de tons avermelhados os medões de areia, que aos corcovos se iam prolongando por terra den-

tro, até se perderem n'uma longiqua linha de horizonte pardacento, de uma monotonia desoladora e pavorosa.

A vaga espadanava na praia em torva cachoada, rumorejando nos penedos, reboando no concavo das cavernas, espreguiçando-se praia acima, recuando, erguendo-se, rebentando, para voltar de novo na sua eterna lide de combater e carcomir as pedras.

O céo sereno e limpido parecia o céo da nossa terra, e nem arroxeada facha de trovoada se alastrava a qualquer rumo, porque o norte engolfava-se n'aquelle brazido intenso do deserto, onde todas as nevoas se fundiam.

As gaivotas pairavam e mariscavam á babuje da terra, e as suas azas brancas, a adejar nos ares, pareciam afugentar d'ali os ferozes vultos das lendarias estatuas de gigantes, guardas avançadas do mar tenebroso, agora cheio de luz, e propicio á viagem da barca aventureira.

No tope do mastro tremulava a signa da cruz, e apesar do aspecto dos morros e barreiras da terra africana, e do susurrar dolente do oceano bonançoso, um sentimento de pavor e desconfiança pesava no animo d'aquelles atrevidos navegantes. Seria uma visão traiçoeira para mais facilmente os engolfar no pego?

E de joelhos nas bancadas, capitão e companha, rezavam o officio da agonia, olhos fitos na bandeira de Portugal, que levavam no mastro, e a serra crescia a olhos vista, á medida que a barca ia prolongando o bordo a montar a ponta extrema do terrivel cabo Bojador.

De subito toda a voz emmudeceu nos labios. Cessara o côro religioso, e um sentimento de assombro esmagava o coração d'aquella gente. A barca passava a rastejar as pedras, e o arraes, empunhando o leme, parecia que toda a sua vida se lhe concentrára no olhar, debruçado para deante, n'uma interrogação extranha, aguardando o novo horizonte, que lhe surgiria pela proa ao quebrar-se o encanto de tantos seculos; ao montar as ultimas penhas do cabo tão temido.

A barca de Gil Eannes era a barca dos condemnados a dar entrada nas regiões da morte.

Parecia que até o norte espirara em calmaria. Era a sombra da terra a dar recalmo á vela. Apenas se sen-

tia o mar a rumorejar na praia, a deslizar na proa do navio.

O cabo ia ficando para ré. A costa dobrava-se para o nascente em curva pedragosa, e o vento vinha de novo infunar o latino susurrando o seu canto pelos carreiros das quebradas.

Ouviu-se então a voz de Gil Eannes enthusiasticamente commovida:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo. Vae montado o cabo Bojador.

Então de todos os peitos rompeu um brado sonoroso, rebentaram as lagrimas dos olhos de alguns dos mareantes sulcando-lhes as faces crestadas pelo sol, ergueu-se nos ares, como nuvem de mystico incenso, a prece solemne d'aquelles animos agradecidos, e de mãos erguidas para o céo, vibrantes de fé entoaram as rezas da infancia, que lhes ungira os corações, e repetiam em côro:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.

A bandeira de Portugal tremulava impavida em novos céos e novos mares. Ante a sua alvura immaculada sumiam-se as trevas do passado, o negrume do mar da morte, rasgavam-se as barreiras do mundo velho, desabavam as lendas de phantasmas e gigantes, abriam-se novos horizontes de luz e gloria para a patria portugueza, para a sciencia, para o bem da humanidade; e tão grande feito conseguira, que havia de modificar o mundo a façanha da heroica barca de Gil Eannes.

*

Tornada em si do primeiro sobresalto, pasmava a companha de tão pouco trabalho lhe ter custado a realizar o feito, e de achar as coisas tanto pelo contrario do que até ali tinha presumido.

A barca voltou a Portugal, e o infante recebeu Gil Eannes com louvor, e com proveito de honra e de fazenda lhe recompensou a faina.

E então lhe contou todo o caso como passára, dizendo

como fizera lançar o batel fóra, no qual sahira em terra, onde não achara gente alguma, nem signal de povoação. E porque, Senhor, disse Gil Eannes, me pareceu que devia trazer algum signal da terra, pois que eu em ella sahira, apanhei estas ervas, que aqui apresento a vossa mercê, as quaes nós n'este reino chamamos rosas de Santa Maria.

Naufragio da «Flor de la mar»

20-II-1512

Naufragio da «Flor de la mar»

20-II-1512

Tinha o grande capitão Affonso de Albuquerque conquistado por força de armas a cidade de Malaca, o opulento emporio das riquezas do Oriente, e depois de ter edificado fortaleza para guarda da terra, do commercio, e do dominio portuguez, partiu-se para Cochim na nau *Flor de la mar,* seguido da nau *Trindade,* e de um junco grande, transportando, além dos trophéos da peleja, os riquissimos despojos da victoria.

Navegavam de conserva, e com vento galerno seguiam sua rota, caminho do Estreito para a India. Eram as naus velhas e comidas do busano, e por ser a gente muita e a carga grande, iam abarrotadas e ronceiras, rompendo a custo a corrente contraria, e sem se poder forçar de vela por ser a *Flor de la mar* a mais avariada, temendo-se a cada momento, que largasse o forro de taboado da carena, e sustendo-se a nado a poder de bomba, com incrivel trabalho dos escravos e captivos.

Ia na capitania o governador, que além de ser soldado, e dos melhores, tambem era entendido na profissão de navegante.

Levava a *Trindade* por capitão a Pero de Alpoem, se-

cretario de Albuquerque, e seu companheiro de gloria nas emprezas; e o junco obedecia a Simão Martins com os jáos e poucos homens portuguezes.

*

Uma noite pareceu aos homens de armas, que vigiavam no castello, ouvir o mar a bradar na costa, e antes que o piloto tivesse tempo para dar resguardo, deu a nau sobre uma lagea lavada de agua, na ponta da Timia, na ilha de Sumatra, fronteiriça ao reino de Dagú.

Deitou-se a nau ao lado, aventaram-se as escotas aos papafigos e traquetes de gavia, mas a rajada do vento era dura, e com o bater e galear do casco sobre as pedras logo ali se percebeu que a *Flor de la mar* estava perdida. A noite corria procellosa, e grande foi o pavor e desacordo dos tripulantes, quando a nau abriu em duas. Ficara a proa cravada e torcida entre os rochedos, e as ondas galgavam bravas aos pavezes do castello, arrancando a gente, que se agarrava ás ameias e guaritas com a ancia de quem lucta com a morte. A alcaçova dos bombardeiros mergulhava, e da parte de ré do casco apenas emergia o chapiteo e o mastro da mezena, e subidos nas enxarcias grupavam-se em volta de Affonso de Albuquerque os vencedores de Malaca, quasi perdidos, amparados com a mareagem, n'aquella terrivel desventura.

Clamavam em altas vozes por: Senhor Deus misericordia, e o mar cada vez mais bravio quebrava aposturas e cavernas do navio, e os madeiros arremessados pelas vagas iam ferindo e matando quem a elles se agarrava na esperança de encontrar soccorro. Ouvia-se — vencendo o estridor do vento, e o rebramar das ondas — a grita confusa dos captivos de varias castas do cabo de Comorim para dentro, e que Albuquerque trazia para a Rainha D. Maria, os quaes em linguas differentes imploravam a protecção das suas divindades. Ali se representavam todas as scenas dolorosas de um naufragio lastimoso. No qual tempo Affonso de Albuquerque, de tanta riqueza e tro-

phéos de que a nau vinha carregada, apenas salvou uma menina, filha de uma escrava, que lhe viera ter á mão, dizendo: que visto aquella innocente se vir pegar a elle para lhe salvar a vida, elle a tomava como presagio de salvar a sua.

Pero de Alpoem, que vinha na nau *Trindade* mais amarado, ouviu a grita da gente, e percebendo estar encalhada a capitania, mandou amainar as velas e surgiu. Toda aquella noite, com grande tempo, esteve assim á mercê da amarra, levando-lhe o mar o batel que trazia atoado, e em riscos de desarvorar, e de perder-se.

O junco, que lhe navegava nas aguas, aproveitou a occasião para fugir, e como os jáos que o guarneciam eram muitos, revoltaram-se, e virando o junco no bordo do mar deixaram os naufragos abandonados ao seu destino, e bemdisseram da tormenta, que os livrava da tutela portugueza.

A *Flor de la mar* estava perdida, e o seu batel desfizera-se de encontro aos prodigos do costado.

*

Ao romper de alva pôde ver-se nos castellos os homens de armas e a maruja, que tentavam fazer uma jangada com os mastros e vergame, e por ser gente já trenada em grandes perigos, com a luz do dia creara maior alento, e obedecia pressurosa ás ordens de Diniz Fernandes de Mello, que com singular prestigio dirigia na faina os mareantes.

No chapiteu Affonso de Albuquerque cercado dos seus cavalleiros — que assim elle designava a marinhagem — animava a todos, exhortando-os para aguardarem serenos a occasião de se salvarem; e elle iria tentar buscar remedio para transe tão angustioso, arriscando por elles sua vida.

Desceu-se por um cabo para umas pranchas amarradas sobre umas pipas e xadrezes, que dois homens aguentavam debaixo do varandim da popa, e amarrado á jangada para que as vagas o não levassem, largou-se á mercê do

mar, e os homens remando com umas taboas partiram demandando a nau *Trindade*.

Quando a gente viu Affonso de Albuquerque envolvido no escarceo das ondas, pediu-lhe com lagrimas, que não fosse correr a perda certa, e que a sua perdição seria para elles a morte e a ruina. Que os não abandonasse n'aquella desventura, crentes de que só n'elle haveriam salvação.

Albuquerque prometteu-lhes, que se conseguisse chegar a bordo da *Trindade* se tornaria a buscal-os, ainda que tivesse de aventurar a nau e toda a gente que trazia.

E luctando contra o golfão do mar ali se patenteou o que são as eventualidades da vida, pois vestido n'uma jaqueta parda, amarrado a uma jangada, só com dois homens que remavam com umas taboas de fortuna, quasi alagado, se via um poderoso Vice-Rei da India, capitão general das mais guerreiras naus d'aquelles mares, vencedor de Goa e de Malaca, de Calayate e Orfagão, por elrei D. Manuel de Portugal.

*

Abordou Albuquerque á nau *Trindade*, e porque o mar era grosso, e viva a força da maré que repontava, valeram os cabos, que de lá lhe largavam seguros a baldes e xadrezes, e tomando um d'elles, que tinham arriado com maior filame, conseguiu subir ao prepau, e lembrando-se da promessa que fizera aos que ficavam na nau luctando com a morte, logo mandou a Pero de Alpoem, que fizesse a nau á vela para os tomar, não querendo ouvir nem queixas, nem requerimentos de quem por ter a nau a salvo mais cuidava dos interesses proprios, do que ir arriscar a vida e a fazenda para salvar os companheiros.

E os mestres e pilotos hesitavam em picar a amarra, e a marinhagem em subir a largar as velas.

Calae-vos gentes loucas, que a vossa obstinação é já um crime. Ingratos sois, pois vos esqueceis de quem vos foi allivio nas facções das passadas guerras. Que nem só valor mostra o soldado na peleja; duro é o coração que

se não move á caridade. Á vista em transe de morte estavam os seus companheiros de Malaca, e era honra de todos soccorrel-os. Como pae lhes rogava, que valessem aos irmãos; como capitão lhes ordenava obedecessem.

Calaram as palavras no animo de muitos derribando opiniões e requerimentos, e envergonhados de se terem mostrado tibios e remissos ás ordens do seu capitão, prestes se fez a nau á vela e foi em demanda da jangada, onde os naufragos se refugiavam ao tempo em que os destroços da *Flor de la mar* se sumiam no abysmo.

*

Ia a jangada sem governo abatendo para a terra. O mar era muito, e por ser parcel desordenado, sem se poder vencer a força da corrente, não bastando uns pedaços de remos com que remavam para fazer alongar da costa, cujos penedos negrejavam perto, e onde ao bater se afogariam, porque a riba era fragosa e talhada a pique, onde o mar quebrava bravamente.

Mandou Albuquerque dar todas as velas á tormenta que rugia, e pôr a proa na jangada, indo os pilotos com os prumos na mão apalpando o fundo, e preparar duas ancoras para surgir. Rebentava já o mar em ondas turvas, como quem revolvia as areias e a vaza do seu leito trazendo-as acima misturadas com a escuma.

Alcançada a jangada surgiu em trez braças e meia, e filada a nau á corrente, retezando as amarras, que tinha pela proa, ali se conservou aquella noite á misericordia de Deus, temendo a cada instante dar á costa.

Recolhida a gente, a quem Albuquerque empenhara a sua palavra honrada, assim a remiu, cumprindo nobremente o que lhe promettera, com caridade, arrojo e singular fortuna.

*

Perdeu-se n'este naufragio, além das vidas, o mais rico despojo que se viu, depois da India descoberta.

Albuquerque apenas guardara para si dois leões de ferro, obra extranha no artificio e no feitio, e que tomara das sepulturas antigas de uns reis de Malaca, e que, para memoria dos muitos trabalhos que lhe custara aquelle feito, determinara collocal-os ornando a sua sepultura.

Sumiram-se nas profundezas do oceano os leões de ferro vasado, maravilhas de arte, symbolicos e sanhudos defensores do riquissimo emporio de Malaca; emerge fulgurante do templo da gloria, por todos os seculos do porvir, o vulto e a fama do grande Affonso de Albuquerque, o inclito *leão do mar*, a figura mais assombrosa da epopéa portugueza.

Diogo Pereira

1536

Diogo Pereira

1536

Os feitos dos portuguezes no Oriente são uma das paginas mais brilhantes da historia nacional.

As viagens, os naufragios, os combates davam aos homens d'aquella epocha um certo aspecto romantico, que só o seculo XVI poude imprimir aos seus heroes, porque só elle se prestou a uma serie de aventuras, que jamais se poderão reproduzir.

Os tempos mudaram, e as circunstancias tambem. O progresso modificando a sociedade poz de parte um sem numero de velharias e defeitos, mas por um acaso inexplicavel atirou para longe muitas das virtudes, que adornavam os homens d'aquella velha raça, que firmados nas crenças puras, ainda que rudes, em que foram nascidos e mantidos, os tornava verdadeiros heroes, movidos mais pelos sentimentos do dever e dignidade humana, do que com mira nos laureis da fama, ou nas invejaveis palmas do triumpho.

É precisamente na epocha, que antecede o governo de D. João de Castro, que a historia nos conta de maior numero de heroes populares, e se de algum mais feliz o nome alcançou a nossa era, de quantos não ficou esquecido por serem então usuaes os grandes feitos, e tomarem-se como

naturaes factos, que hoje nos causariam grande espanto, tão raros se teem tornado em nossos dias, ou tão faceis estamos em tecer louvores a tudo, que outrora se tinha por vulgar.

*

Era Diogo Botelho Pereira, filho de um capitão mór de Cochim. Bom marinheiro, sabendo cosmographia, e de braço robusto, em pouco tempo se tornou conhecido, e nas armadas em guerra contra o mouro alcançou fama de ser dos melhores soldados da India, o que então erá o melhor titulo de gloria para alcançar regias mercês.

Ahi por 1530 veiu elle a Portugal a requerer a capitania de Chaul.

Fel-o El-Rei D. João gentil-homem da sua real camara, e tudo lhe parecia caminhar favoravelmente ao que requeria, quando por intrigas occultas cahiu no desagrado do monarcha, dizendo-se ser elle partidario do rei da França, e seu agente secreto em Portugal.

Logo na frota de Martim Affonso de Sousa em 1534 o desterrou para a India, onde chegou com feliz e rapida viagem para o tempo, pesando-lhe, porém, a affronta de se ver calumniado, e ancioso de se justificar aos olhos de el-rei por qualquer acção de luzimento, em que bem patente mostrasse a sua lealdade.

A sorte foi-lhe propicia, e bem cedo se lhe apresentou ensejo favoravel.

Andavam os governadores da India anciosos de fundar uma fortaleza em Dio, que por ser a chave de todo o commercio da Persia e Arabia, e o primeiro muro que se podia oppor ás guerras de Cambaya, era empreza de primeira plana, e das de maior conta para o serviço de el-rei de Portugal.

Coube a Nuno da Cunha a honra de realisar o feito, e sabedor Diogo Botelho de quanto D. João folgaria de receber a noticia e os planos da fortaleza, resolveu ser elle o portador da feliz nova. Andavam então furiosos os temporaes do inverno, ninguem pensava em ir tentar o mar,

a frota para o reino ainda estava desarmada, e só partiria de Goa quando a monção pintasse favoravel. Augmentavam por isso as difficuldades a vencer, e portanto mais gloriosa seria a viagem se conseguisse surgir no porto de Lisboa.

Mandou fazer em Cochim uma barca de 22 palmos de comprimento, 12 de bocca e 6 de pontal, e acompanhado de cinco marinheiros portuguezes, e de dois ou tres escravos, embarcou-se secretamente para o reino, largando-se do porto de Dabul, ora com brisa favoravel, ora corrido á mercê dos ventos e das ondas, outras vezes quasi alagado pelas monstruosas vagas do oceano Indico, lá ia navegando só com uma moneta ao pé do mastro, até que conseguiu aferrar em Moçambique a salvamento.

Imagine-se que de tormentos soffreria aquella diminuta guarnição, obrigada a luctar de dia e de noite contra a furia dos elementos, sempre alagada, sem companheiros, que a rendessem no rude e incessante labutar; agora de quarto á proa vigiando o horizonte, logo rizando ou ferrando a vela, que uma rajada mais dura podia fazer em tiras; depois já ao leme, já a remar para aguentar as correntes do canal, ou esgotando a baldes o batel, que uma vaga mais alterosa, rebentando em cachões de espuma pela alheta, de um momento para outro os ameaçava submergir.

Heroicos e valentes marinheiros eram estes, que depois de tantos perigos e trabalhos, de que tanto a custo lograram triumphar, ainda lhes restava animo seguro para irem affrontar a sanha do cabo das Tormentas, e proseguir na derrota aventureira.

*

Restauradas as forças, refeitos de aguada e mantimentos, e reparadas as avarias, largaram de Moçambique para o sul, e a 1 de novembro de 1535 tinham montado o cabo da Boa Esperança. Fôra a viagem sempre feita com tempo duvidoso. Por vezes pesados aguaceiros, acompanhados de vaga muito larga e alterosa, tinham feito correr risco ao

fragil lenho: o céo sempre toldado de grossas e acastelladas nuvens não permittia observar o sol, observação sempre difficil ainda com bom tempo, porque com o continuo arfar da embarcação não se podia armar o astrolabio; quanto mais agora com temporal, sem horizonte, porque as serras do mar o limitavam, tornando a operação defeituosa e por vezes impossivel.

Ia o tempo decorrendo; ventos escassos retinham a barca n'aquellas inhospitas paragens, e a custo se approximava do ponto de chegada.

*

Corrupto e exhausto o mantimento, sujeitos a todos os horrores da fome e sem esperança de soccorro, uma tempestade veiu aggravar a situação d'aquelles pobres navegantes. Á fome e ás probabilidades de um naufragio seguiram-se scenas de miseria, e o seu cortejo de horrores.

Jogaram sortes á ventura para ver qual haviam de matar, prolongando assim por uns dias a miserrima existencia a troco de um crime monstruoso...

Revoltaram-se contra o capitão, e esquecidos dos seus proprios brios, propunham-lhe a que arribasse, sem ver que não tinham para onde, accusando-o de ser elle quem por seu capricho e vangloria ali lhes cavava a sepultura. Cresceu o motim, e á luz da enxofria das vagas, que se desdobravam como lençoes funereos, e ao brilho azulado de algum raio, que fendesse o firmamento, arremetteram com o capitão, deixando-o muito mal ferido, e se lhe não deram morte foi porque Diogo Botelho ainda se conservava robusto para se fazer temido...

Vinha despontando a serena claridade da manhã, e amainando pouco e pouco a furia da tormenta. Voltaram, ainda que debeis, esperanças de salvamento. Muito a custo foram governando para a costa, e ao fim de alguns dias a montanha da Meza surgia magestosa do oceano, e á sombra dos seus altos serros escalvados surgiram, e descançaram mollemente embalados pelas ondas.

*

Depois seguiram para o norte, e o vento de feição, que lhes infunava a vela, tornava rapida a viagem ao longo das barreiras, e extensos areaes africanos.

A costa de Angola ia-lhes ficando pela pôpa, e de proa ao largo iam-se embrenhando no oceano, temerosos das calmarias da Guiné. O mar polido como um espelho, sem uma aragem que lhe enrugasse a superficie, o aspecto pesado do céo equatorial, as trovoadas rugindo pavorosas; quem sabe se lhes faria lembrar com saudade a brisa fresca do hemispherio austral, e as rajadas desenfreadas do mar Indico, ou as iras do fero Adamastor.

Á medida que se approximavam de Portugal, parecia que a viagem se tornava menos trabalhosa. A brisa fresca do nordeste sibilando na enxarcia parecia-lhes repetir as notas já sabidas de um hymno de esperança, e as ondas do velho Atlantico eram como um caminho conhecido, ao fim do qual lhes sorria a terra da patria, com todas as visões de felicidade.

*

Seis mezes havia já que tinham montado o Cabo, quando uma manhã rendidos de trabalho, deram vista de uma das ilhas dos Açores. Podiam considerar a empresa terminada, porque logo nos primeiros dias de maio de 1536 viram os raios do sol dourar as cristas da serra de Cintra, e d'ahi a algumas horas entravam triumphantes pela barra de Lisboa.

*

Estava El-Rei em Almeirim, e por isso Botelho Pereira foi navegando Tejo acima, até Salvaterra. Chegado á presença do monarcha cahiu-lhe aos pés, dizendo:

—«Aqui me tendes Senhor para vos mostrar a minha lealdade. Trago-vos os planos da nova fortaleza de Dio, e se quizera trahir-vos bem os podera ir levar ao rei de França, quem só para servir a Vossa Alteza, não temeu vir da India a Portugal, entregue n'um pequeno batel á misericordia dos ventos e das ondas.»

Franziu El-Rei a testa como se lhe pesasse ouvir verdade tão amarga. Murmuraram os cortezãos da ousadia de assim falar á magestade, porém D. João III fez justiça, e apreciando o facto deu a Diogo Botelho a capitania da ilha de S. Thomé, e mais tarde a de Cananor.

*

Por ordem de El-Rei foi queimada a barca aventureira, para que não constasse poder fazer-se a viagem da India n'uma fusta de tão pouco valimento.

Esquadra contra os argelinos

1543

Esquadra contra os argelinos

1543

Aos doze dias de agosto de 1543 largou do Tejo a armada portugueza.

Apesar da jornada de Carlos V a Tunis, nem por isso a Christandade se achava segura, tendo á porta da Europa um inimigo tão astuto e valoroso. E agora, sabedor das negociações de *Barba-Roxa* em Constantinopla, e do projecto de invadir a Hespanha, o Imperador escreveu a seu cunhado El-Rei D. João III sobre os avisos que tinha, e para juntos opporem terrivel resistencia á torrente que de longe vinha caminhando, e ameaçava derruir os seus Estados; e, ainda que a primeira vaga inundaria as praças de Africa, com o primeiro impeto galgaria o estreito, e ufana de suas victorias marcaria com vastissimas ruinas os logares por onde depois se expraiassem as ondas da Mourama; que convinha ao serviço de Deus tão nobre empenho, porque para christãos não havia empreza mais honrada do que arvorar as Aguias do Imperio, e as Quinas de Portugal sobre os destroços das prostradas mesquitas.

Em poucos dias com vento favoravel surgiram os navios em Gibraltar, onde encontraram já sobre ferro a armada imperial de D. Alvaro de Bazan, que em salvas de

alegria assombrou o logar saudando os hospedes, e festejando com todo o rigor do cerimonial d'aquelle tempo a frota de soccorro.

Veiu logo ao mar o almirante com os capitães das naus a visitar D. João de Castro, saudando n'elle não só o general do mar, cujo nome era conhecido, mas a soberania portugueza representada na signa da capitania, que tão subido serviço vinha prestar á gloria das armas de Castella, combatendo a par de suas fileiras o inimigo commum, ainda que sob bandeiras differentes.

Agradeceu D. João a honra que lhe faziam, mostrando como capitão experimentado, que bem sabia cumprir as galanterias da paz, com o mesmo esmero e galhardia de que já dera provas nas passadas guerras; e porque na paz lhe quiz mostrar como trazia a gente adestrada para a peleja, respondeu-lhe com uma tão assombrosa salva, que em Ceuta julgaram que se combatia do outro lado do estreito, porque o troar da artilheria e o fumo que envolvia as fustas e caravellas davam mostras de uma renhida batalha, ostentando assim todo o apparato da guerra, onde só havia cortezia.

Logo ao outro dia se reuniu conselho, e D. Alvaro com solicitas razões expoz quaes as ordens que trazia do seu soberano, que só queria castigar o atrevimento de *Barba Roxa*, que ante a fortuna das suas armas era o unico que lhe ousava resistir. Que, para gloria das armadas de tão illustres principes, era seu aviso buscar a todo o risco os inimigos; e, como vassallos de poderosos reis, só lhes cumpria castigar a ousadia do pirata, e não se limitarem a defesa, porque do que a muitos pareceria prudencia, para os inimigos seria signal de fraqueza, e lhes daria animo para tentarem empreza mais bellicosa, fiados no terror das suas armas, que nem já temiam ser acommettidos.

E ainda que bem sabia, pelos espias que trazia, ser a armada do turco bem servida de soldados e remeiros, e que na fama de passados feitos creara forças para facção mais gigante, julgava todavia seguro o resultado da peleja, combatendo de mais a mais perto dos portos de Hespanha, aonde encontrariam sempre seguro asylo, e quando mesmo fossem vencidos pelos mouros, achariam ali prom-

pto soccorro, deixando ainda assim o inimigo tão desbaratado, que certamente teria de desistir da empreza que buscava, e procurar abrigo para se refazer das avarias, embora tivesse sahido da acção victorioso.

Agradou a D. João a resolução do almirante; e, como só vinha a conquistar gloria, era seu maior empenho, que chegasse breve o dia da peleja. Alegrou esta nova toda a armada portugueza, e os cabos e soldados preparavam-se para a guerra com rosto tão alegre, e com tanto esmero no polir das armas, e nas galas que vestiam, como quem já contava com a victoria. D. João, como bom capitão, visitava a miudo os navios, e com bem pensadas palavras inflammava o brio dos guerreiros, promettendo-lhes que El-Rei não se esquecia d'aquelles que bem serviam a patria, e que n'esta campanha havia dobrada gloria por ser serviço de Deus e do soberano. Com estas e outras razões ia dispondo tudo para a guerra, trazendo os capitães seguros do exito da empreza, e os soldados alegres, almejando pelo dia em que á vista das galeras hespanholas haviam de ser os primeiros a saltar á abordagem das galeras inimigas.

Poucos dias havia já que estava a armada em Gibraltar, quando de repente recolheram alguns bateis, que andavam fóra de vigia, trazendo apertados avisos, que *Barba Roxa* com toda a armada junta demandava o estreito, em força tão numerosa que difficilmente lhe poderia resistir todo o poder de Hespanha — e com mal fundados receios exageravam o valor do inimigo — querendo talvez com a imaginada vista dos barbaros, justificar a fuga, e o facto de terem forçado o remo temerosos ante as galeras argelinas.

Mandou logo D. João recolher a gente que andava em terra, e depois dos tiros de leva de ordenança, fez-se de vela na volta do mar, manobrando com a tradicional pericia dos nossos navegantes, acostumados a vencer os mares da India; dando toda a armada agradavel vista aos olhos dos castelhanos, que nos contemplavam com inveja e com respeito. Ao mesmo tempo avisava a D. Alvaro de como se levava a demandar os inficis, e agora que a occasião se mostrava propicia para batalhar, não queria ficar

no porto sobre ferro, e ver as meias luas agarenas hasteadas orgulhosas á vista das bandeiras dos Christãos, que não podiam auctorisar nem soffrer a injuria.

D. Alvaro de Bazan, esfriando do primeiro enthusiasmo, ou por instrucções secretas que tivesse do seu principe para evitar combate, ou porque á vista do perigo mudara de proposito, e achara mais seguro o porto e o abrigo das fortalezas do que ir jogar pelouros com piratas, ainda que barbaros valorosos, escreveu a D. João dizendo: que lhe pesava não pelejar, porém que *Barba-Roxa* trazia dobrado numero de baixeis de que as armadas tinham, e que julgava temeridade ir correr a perda certa, porque, ainda que tal proposito lhe pesava como soldado, antepunha ao brio particular o serviço do Cesar, que de certo lhe approvaria a resolução.

E mais lhe pedia, que não fosse tentar a Deus buscando o inimigo, e que melhor fôra ficar no porto, para juntos compor nova defesa.

Respondeu-lhe D. João: que as instrucções que trazia eram para atacar e não para fugir; que os portuguezes não mudavam de proposito á vista dos inimigos, e que, se voltasse vencedor, todos com geral applauso lhe saberiam agradecer o feito, e perdido, aos que morrem pela patria ninguem pediria contas.

Em poucas horas, com aspecto imponente e magestoso fundeou a frota na bocca do estreito, onde se conservou surta tres dias, esperando com denodo todo o poder de *Barba-Roxa*, não faltando nem animo, nem valor para a victoria, porém só a peleja. Desintelligencias entre os cabos maiores ou ordens do Sultão, como rezam varias chronicas, fizeram o pirata endireitar o rumo para as ilhas Baleares, desistindo da empreza primitiva, e conquistando em mais facil guerra mais valiosas presas e captivos.

Seguro D. João de que o corsario não iria por agora sulcar o oceano, nem saquear os portos de Hespanha, onde para os defender ficava a frota castelhana, mareados os navios se passou a Ceuta, onde D. Affonso de Noronha, que governava a praça, o recebeu com todas as honras devidas ao cargo e á pessoa.

Mandou disparar todas as peças dos fortes com tão re-

petidas salvas, que os hespanhoes em Gibraltar julgaram que a esquadra combatia, não mudando ainda assim do proposito de ficar no porto, tão tenazes agora na resolução, quanto varios na primeira.

Despachou o almirante a seu filho D. Alvaro para que fosse com alguns navios soccorrer Alcacer-Ceguer, onde com diminuto presidio sustentavamos apertado cerco. Soccorrida a praça e desalojado o inimigo, recolheu a armada a Lisboa, recebendo El-Rei a D. João com tantas honras, como se lhe não quizera fazer outra mercê.

Logo se espalhou pela Europa a fama de como os portuguezes tinham esperado no Estreito os inimigos, e sobre o facto se fizeram juizos differentes, porém conformes em honrar o heroismo do general; e ainda que juizes em causa tão melindrosa, em que se jogara a honra do Imperio, bem invejavam serem auctores da culpa, para que talvez não lhes sobrasse o animo, achando mais facil no remanso da paz analysar planos, do que executal-os ao brilho das panellas de polvora, e ao som do troar da artilharia.

A galveta de Moniz

1546

A galveta de Moniz

1546

Episodio do 2.º cerco de Dio

Tinha o governador apertados avisos de ser necessario soccorrer a fortaleza de Dio, e agora com os temporaes do inverno não achava capitão, que quizesse ir tentar o golfo. Já dois fidalgos lhe tinham regeitado o commando do caravelão dos mantimentos, porém Antonio Moniz Barreto, que tinha queixas do governador, e por ser commissão regeitada por alguns, que se diziam de maiores brios, mandou participar-lhe que estava prompto a commandar o navio, e em poucos dias partiu da barra de Gôa, indo surgir em Baçaim quasi alagado.

Ahi encontrou destroçada a armada de D. Alvaro, que ia soccorrer a fortaleza, o qual apesar de sabedor de que todo o poder dos turcos se reunira para levar de assalto aquellas gloriosas ruinas, que por milagre ainda tinham voz por El-Rei de Portugal, ainda assim se conservava arribada sem poder vencer a braveza das ondas, contra quem havia luctado com porfia.

Entregou Moniz o caravelão a D. Alvaro, porém, como a tormenta ia crescendo, á força de galear rocu o navio duas amarras, e foi á cacea sobre a terra, aonde de certo se perderia se não fora Moniz metter-se n'uma galveta,

que por acaso achou na praia, e ir passar-lhe um cabo, conseguindo contra o juizo dos homens trazel-o atoado, e salvar assim tão importante carregamento.

E vendo que só n'aquella galveta, por ser muito leve e pequena, poderia com proveito ir tentar mares tão alterosos, comprou-a secretamente a um mercador, e com alguns marinheiros pagos á sua vontade, passou a Dio a despeito da tormenta, e com geral assombro levou aos sitiados além do auxilio valoroso do seu braço, as alegres novas do proximo soccorro.

Antonio Corrêa

1546

Antonio Corrêa

1546

Vinde commigo companheiros, que boa presa nos descobriu a sorte. Além junto da fogueira de que vêdes o clarão, estão doze mouros descuidados, aquecendo-se ao brazido. A noite vae fria e até a vedeta se aconchegou ao lume.

É esta a quinta volta que damos á ilha de Dio, e apesar de estar cheia de multidão de turcos, pareceria deshabitada se não fôra ter agora á vista o inimigo. Mandounos sahir o capitão da fortaleza a buscar presas, aproveitemos aquella, que a fortuna nos depara.

Isto dizia Antonio Corrêa, capitão de um catur, para os soldados que trazia.

A noite estava bonançosa, o céo estrellado, o mar quebrava monotonamente nas pedras das arribas, e ao longe, a intervallos, sentia-se o echo dos tiros dos basiliscos, e bombardas grossas das estancias dos mouros, que pela segunda vez punham cerco aos baluartes de Dio.

Á babuge da praia, sobre remo, a gente do catur ouvia indecisa as palavras de Antonio Corrêa, que tinha desembarcado e fôra á descoberta.

De bordo responderam enfadados:

— Bem melhor fôra que nos recolhessemos, que na por-

fia em que andamos a dar volta á ilha com tão má fortuna, já nos parece tentar a Deus ir de noite saltear os mouros, entrarmos terra dentro até ao coração dos sitiantes, e ao ruido da lucta dar alarme ao arrayal.

Murmuravam os soldados, e algum mais atrevido replicou ao capitão, que os animava a combater:

— Deixae-vos de façanhas de Amadis de Gaula, que bastas feridas já colhemos no muro a parar nas lanças a colera dos janizaros. Deixae-os continuar a dormir seguros, que cançados de vigilias andamos nós, a ponto de lhes invejar o somno. Colher uns infieis para os enforcar nas vergas, não compensa dos perigos da caçada. Fique embora no fojo a dormir o javali. A fera tem os dentes agudos revirados, ha de defender-se e fugir a corta matto. Nada vale ao caçador largar a trela, e açular a matilha, que não quer investir contra os perros de Mafoma. Guardae-vos de bravatas e denodamentos. A fogueira está longe, terra dentro, e o catur sahiu da praça a cruzar no mar.

— Pois ficae-vos, gente ruim, com vosso aviso e cobardia, que de vós não careço e irei sósinho a demandal-os. Ninguem dirá, que Antonio Corrêa virou o rosto porque ao clarão de uma fogueira viu estirar na praia umas sombras de inimigos.

*

E confiado no seu valor deu volta, e sobraçando a rodela, e empunhando a espada, coseu-se com uma sebe, que vinha intestar na praia, e caminhou direito ao fogo. Se a vedeta não estivesse adormecida, e os companheiros descuidados, apesar de agora Corrêa se dissimular buscando a sombra de um palmar franzino, de certo teriam visto o reverbero sanguineo da chamma crepitante a reflectir-se no gorjal, no arnez, no bacinete polido do soldado. Curvado para a frente, a passos cautelosos, o olhar faiscante de uma indomita energia, Antonio Corrêa ia-se approximando do grupo, como o tigre caçador prestes a investir de salto sobre a prea descuidada. De repente acommetteu

os mouros. Entrara no circulo de luz, bradando S. Thiago, e acutilando e esgrimindo ousadamente talhava largas feridas nos que lhe ficavam perto.

Mostrava a robustez do braço, e a firmeza de animo valoroso, justificando, que bem podia alcunhar os soldados de remissos, deixando pelejar um só homem contra doze.

No primeiro sobresalto os mouros fugiram julgando-se atacados por força de maior vulto. Alguns, depois, defendiam-se amedrontados e somnolentos, mal amparando nos alfanges e adargas as valentes cutiladas. Tornados em si, e vendo-se acutilados de um só homem, voltaram ousados a fazer-lhe rosto, e emquanto uns com elle cruzavam armas, outros o foram subjugando pelas costas, até que deram com elle em terra, e quebrando-lhe a espada o captivaram, depois de lucta brava e porfiosa.

— Nazareno maldicto, que ainda amarrado esbravejas como fera. Vae agora contar aos christãos o preço das tuas valentias. Salteador, como a serpente rastejando vieste atacar o tigre que dormia. De nossas feridas quizeste receber o credito, como se fosses o leão glorioso. Allah esmaga o verme da terra, que alteou o collo, guardou o seu servo, e desfez em cinza o fogo da vaidade. Ergue-te, e o ferro da lança te obrigará a caminhar. Escravo orgulhoso humilha-te á voz do teu senhor.

E entre baldões e mofas d'ali o levaram preso a Rumekan, que capitaneava os exercitos do Turco e de Cambaya.

*

Rumekan ordenou que o soltassem, e ouvida a parte, logo como soldado lhe apreciou o feito. Mandou-lhe perguntar pelo interprete de que força dispunha a fortaleza, e que lhe desse novas do proximo soccorro.

Antonio Corrêa, com singular valor, lhe respondeu sereno. Havia na fortaleza seiscentos homens, que todos os dias instavam com o capitão mór para sahir com elles a campo. Que D. Alvaro de Castro já andava no mar com oitenta baixeis, e que qualquer dia surgiria no porto, prom-

pto a combatel-o. Que as suas galés tinham falta de chusma de remeiros, e que nos turcos esperava recrutal-os. E mais lhe disse, aprestar-se em Goa a frota do Governador da India, que viria a castigal-o.

Rumekan, que sabia por espias toda a verdade do que ouvira, pasmou de encontrar em soldado tão humilde um animo tão alevantado.

— Nazareno altivo, o teu coração é forte. Captivo, pareces não temer a morte, desprezar a vida que o grande Allah te concedeu. Volve para elle os teus olhos, e que o Propheta encha o teu coração de esforço, e te illumine o trilho da verdade. Abraça a sua lei, que digno serás de melhor fortuna. Verás a differença de servir a um monarcha rico e generoso do que a piratas pobres e mesquinhos.

Porém ao valoroso cavalleiro pesou-lhe a affronta da proposta e indignado lhe replicou com tanto desassombro, como se Rumekan fosse o captivo e elle o vencedor:

— Relé de Alcorão, roja-te por terra na ignominia em que vegetas, e espuma a baba peçonhenta com que tentas polluir-me. Infiel, que mentes á crença em que nasceste, e não te doe do ferrete de infamia, que te marcou a fronte, renegado. Os portuguezes morrem por seu Deus, pela lei e pelo rei, e se em Cambaya havia precitos como fôra seu pae Coge-Çofar, eram de nações estranhas, que mais consideram o dinheiro do que a honra. Que bem podeis mandar derramar-me o sangue e tirar-me a vida, mas ainda entre ferros te desprezo, e sem medo te devolvo a injuria. Mafamede foi um enganador, e o fogo do céo abrazará um dia a casa de Mecca, e o tumulo nefando de Medina.

Irado, Rumekan arrancou de um punhal, como se elle proprio quizesse ser o algoz, dizendo:

— Perro maldicto, que affrontas o céo e a magestade. Arrancada merecias a lingua blasphema, porque maldizes do propheta, e insultas a memoria de Çofar, que foi meu pae.

— Á morte! á morte! bradavam os janizaros, arremettendo para o prisioneiro. Cuspiam-lhe no rosto, arrepellavam-lhe as barbas, rasgavam-lhe os vestidos, atiravam-lhe

lama, rugiam-lhe pragas, ameaças crueis, vaias e insultos vergonhosos.

— Tomae-o lá, ordenou Rumekan, e vingae n'elle as affrontas recebidas. Prolongae-lhe o soffrimento, para lhe quebrar a vaidade e ousadia. Levae-o nu pelas ruas da cidade, e que soffra o escarneo dos escravos e gentalha. Degolae-o por fim, e arvorae bem alto a cabeça n'um pique defrontando a fortaleza, para que de lá esses leões, que não ousam sahir do covil, possam adivinhar o castigo que os espera. Ide.

E logo d'ali o levaram com barbara alegria, e cada um para lisongear o general, parecia inventar um novo e barbaro supplicio.

Porém o cavalleiro, como soldado já de outra milicia, absorto em mais altos pensamentos, como christão venceu resignado a dor que padecia, e se a espada lhe ganhara louros de guerra, a fé, que não negara em transe tão cruel, conquistou-lhe as palmas virentes do martyrio.

Assim morreu Antonio Corrêa, soldado valoroso, e se d'elle não temos mais larga noticia, bem o podemos considerar illustre, pois pela honra da patria, e do seu nome, tão nobremente deu a vida.

*

Ao outro dia entraram na fortaleza os soldados do catur. D. João de Mascarenhas não os quiz ver nem castigar, tendo respeito ao tempo.

Fervia a guerra, e os sitiantes em assombrosos assaltos acommettiam pelas brechas os derrocados baluartes, e as lanças e mosquetes dos soldados portuguezes repelliam valorosos a carga furiosa dos janizaros, fazendo-os fugir espavoridos, deixando os seus mortos ás centenas nas rampas dos entulhos esboroados, e abarrotando as cavas abertas ao sopé dos muros.

Depois ardiam os arteficios de polvora transformando o terrapleno em mar de fogo, e com singular constancia os soldados resistiam. Explodiam as minas, voavam os panos

das muralhas, e noite e dia a carregar as pedras, e a brandir as lanças, a soldadesca era obrigada a reparar o muro.

A qualquer hora, em qualquer lance se jogava a vida.

Era diminuta a guarnição da praça, negrejava o arrayal com a multidão dos inimigos. O capitão mór teve respeito ao tempo, e deixou-lhes á consciencia remir a culpa.

Tinham abandonado o seu capitão em transe de morte, faltado ao ponto de honra, negando-se a obedecer, e o remorso a todos compungia. Muitos d'elles morreram quasi voluntariamente, accusados do seu mesmo delicto.

E de longe os mouros, com grandes apupadas, apontavam para a cabeça de Antonio Corrêa, havendo aquelle horrendo trophéo como satisfação das derrotas repetidas.

Um aventureiro portuguez

1547

Um aventureiro portuguez

1547

CORRIA o anno de 1547. reinava em Portugal D. João III.

A fama dos heroicos feitos de Dio echoava por toda a Europa. e os nomes de D. João de Castro. e de alguns soldados mais felizes tinham-se tornado conhecidos como os dos heroes das balladas populares.

O ser soldado da India resumia em si um mundo de aventuras.

As viagens. as tormentas. as pelejas. os golpes das lanças e adagas eram os titulos de gloria. que mais fascinavam a mocidade portugueza.

*

De Vianna do Minho acaba de largar uma pequena caravella. A guarnição é escolhida; os filhos dos seus mais ricos moradores iam correr o mar a tentar fortuna.

Os peitos de aço. e as rijas espadas de Toledo iam fulgir ao sol das batalhas. brandidas por braços vigorosos.

Quatro canhões de ferro avultam na proa, e parecem indagar o horizonte buscando anciosos uma preza.

Pero Gallego é quem vae de capitão, e se a fortuna protege a ousadia são já certos os louros da victoria.

*

Airosa galé de mouros vae ao longe bordejando magestosa.

O corsario atrevido que a governa é um renegado. Mais de uma noite tem assaltado a terra, e os christãos captivos gemem acorrentados entre a chusma dos remeiros. Nos topes dos mastros tremulam as meias luas agarenas. A bordo reluzem as lanças, as cemitarras, e os polidos elmos infieis.

Agora, mais perto já, ouve-se a celeuma dos nautas, o rufar dos tambores, o clangor dos anafis.

Veem em som de guerra; rapidas as ondas deslizam nos costados, e o cortante talhamar apresenta o seu gume temeroso.

Não sabe arribar para fugir a pequena caravella. Prolongados os navios, voam á abordagem os guerreiros portuguezes.

A grita dos combatentes, o silvar dos pelouros, o ranger dos mastros, o gemer dos moribundos, confunde-se com o rugir do mar embravecido.

E em breve a bandeira das quinas tremulava orgulhosa nos topes da galera berberesca.

*

Após o baptismo de fogo seguiram-se outros feitos. Os portos do Algarve recebiam todos os dias as prezas da caravella viannense.

Ambiciosa de despojos soltou rumo para o Levante, e durante trez annos de cruzeiro foi o terror dos navios inimigos.

Senhor de nobre fama e de riquezas voltava Pero Gallego ao patrio porto.

A sorte tem caprichos; um temporal medonho revolvia o oceano.

Destroçada a caravella arribou a Cadiz, e o heroe popular encontrava então a mais celebre de suas muitas aventuras.

*

Uma numerosa esquadra está no porto. Pedro Navarro, o mais celebre marinheiro de Hespanha, é o almirante.

Soberba artilharia guarnece as fustas, e os alterosos galeões.

As insignias de Castella fluctuam nos mastros aprumados.

As embarcações de remo balançam levemente com a ondulação do largo; as carracas e os galeões enormes parecem fortalezas de granito.

Fundeados em escarpa são uma barreira invencivel. Perto d'elles a caravella portugueza parece um batel, que vae demandar a nau.

A alvura das velas, as avarias do casco, o sulco da esteira e a bandeira que conserva sempre içada, desperta a attenção dos castelhanos.

Rigorosas são as ordenanças de marinha; ante os leões de Castella devem humilhar-se todos os outros pavilhões. Aquelle que recusar soffrerá o fogo das terriveis baterias.

Que de combates navaes não tem custado este capricho do cerimonial do mar! Depois de porfiada peleja, quantas vezes aos tiros de salva do vencido teem respondido, com toda a cortezia, os canhões inimigos vencedores:

—«Oh da caravella arria a tua bandeira, esta é a nau almirante.»

O corsario continua navegando. Orgulhoso de riquezas e victorias, que lhe importa a auctoridade official.

Repetem a ordem os capitães dos galeões; a bordo os artilheiros apontam cuidadosos, e as fustas preparam para largar, guarnecidas de soldados destemidos.

Eil-as que voam na voga pressurosa; na mais rapida vem Pedro Navarro o almirante.

Rigorosas são as ordenanças de marinha; a força fará cumprir as ordens desprezadas.

*

Rompem fogo os navios castelhanos. Já perto as fustas procuram as alhetas para abordar.

Acostumada ao perigo, manobra com pericia a guarnição da caravella. Os quatro canhões de ferro respondem ao fogo vivamente.

Certeiros os pelouros refreiam o impeto dos contrarios. Galerno vento infuna-lhe as velas, e o talhamar vae quebrando os remos inimigos.

Quem se lhe quer oppôr encontra a morte. Uma bala foi ferir o almirante.

Aberto o caminho demanda de novo o oceano. Pasmada a esquadra não dá sequer um tiro a perseguil-a.

Altivas as quinas portuguezas continuam nos mastros tremulando.

*

Reclamações não as deixou de fazer o governo de Madrid, porém outros cuidados traziam preso a El-Rei D. João III, e o capitão do corsario não soffreu o menor damno.

Equipava-se uma armada para passar á India. Trez mil soldados iam combater o Hidalkan, e firmar com os incendios de Baçaim e de Dabul o imperio portuguez no Oriente.

Paulo do Rego

1610

Paulo do Rego

1610

SERIÃO é um rio de agua doce, mui capaz, que vem do sertão da terra dentro do reinó do Pegú, uma legoa da cidade de Boga, côrte que foi dos imperadores do Pegú.

Assim diz Antonio Bocarro na sua Decada XIII da *Historia da India*.

Quando em principio do seculo XVII por ali passou Filippe de Brito de Nicote, embaixador do Arracan, para tratar da paz com o imperador Bramá e o rei de Tangú, examinou o logar, e pareceu-lhe apropriado para estabelecer uma casa forte, alfandega e feitoria, onde pagariam direitos os navios mercadores.

Era ainda cem annos depois de Affonso de Albuquerque o mesmo systemà de possuir as chaves do commercio oriental, que presidira ás emprezas de Ormuz e de Malaca.

Faltava-lhe, porém, já a feição heroica das primeiras conquistas. O novo imperio da India decahira, porém de longe em longe, apesar da politica, da astucia, e do mercantilismo dominarem, ainda uma empreza arriscada e gloriosa demonstrava, que os portuguezes não desmereciam do conceito de possuir arrojo e valentia.

*

N'uma das margens apauladas do delta do Pegú em breve se começou a obra da fortaleza de Serião, com muros de taipa de duas braças de largo, em parte doze de alto, em quadro, com quatro baluartes pequenos de pedra, e n'elles algumas peças dos navios, e com o titulo de feitoria de el-rei Mogo seu senhor. Filippe de Brito a ia vendo prosperar, com esperanças, que dois annos depois realizou, de a entregar a Manuel de Saldanha, governador da India por el-rei D. Filippe, senhor de toda a peninsula hispanica, de vastas, riquissimas, e uberrimas colonias, e da navegação e do commercio da Africa, Oriente e Novo Mundo.

*

Com varia fortuna Filippe de Brito, o *Changá* — como os indigenas pegús o nomeavam — que fôra captivo do rei de Arracan, e dos mais humildes, chegara a capitão mór de uma fortaleza, cujo rendimento e valor commercial era opulento, e por fama de armas respeitada.

Trazia sob seu mando lustrosa e boa soldadesca, não lhe faltando officiaes valentes e experimentados, e todos satisfeitos com as victorias nas guerras contra os mogos e bramás; orgulhosos e brigosos por seus feitos; pagos do soldo — maravilha para o tempo — e ricos das prezas conquistadas.

Começara Brito a envaidecer-se, e a tão alto o levou sua fortuna, que em 1607, depois dos combates da barra de Negrais, e da varela de Dagú, tinha captivo na fortaleza o principe do Pegú, filho do rei de quem Nicote fôra escravo. Paulo do Rego Pinheiro fôra um heroe n'esses combates, e mercê do seu esforço e gálhardia a sua armada ligeira, de jalias, sanguiceis e galeotas — tudo embarcações de pouco vulto — tinha-se coberto de gloria, e honrado o bom nome portuguez.

*

Após um anno de captiveiro juraram-se as pazes solemnes, e o rei concertou-se com o capitão mór da fortaleza para que lhe entregasse o principe sem resgate, pagando cem mil tangas — que cada uma valia duzentos e cincoenta reis — para as despezas das armadas que fizera, e que lhe desse as terras de Ugila, junto a Chitigão, porto grande de Bengala, d'onde para o deante esperava tirar proveito, embora fossem agora desertas e bravias, mas que trataria de povoar e cultivar.

Em Chidube, pescarias do mesmo principe, deu-se ao tratado cumprimento, recebendo as cem mil tangas promettidas.

Na sua jalia cosida em ouro, ricamente adornada a meio de uma charola toda de vidraças, com muitas cortinas de estremadas sedas e figuras, á voga das pangaias com que os remeiros faziam voar sobre as aguas o barquinho, recolhia-se o rei, o principe, os validos para a terra, que bojava perto, e onde a côrte, senhores e fidalgos do seu reino, bramás e pegús seus escravos e vassallos, com gritas e tangeres de barbaros instrumentos, lhe faziam estrondoso e festivo acolhimento. Pela voga que levava a esquadrilha mais parecia fuga, do que solemne cortejo triumphal. Salvaram os navios portuguezes, e os pelouros silvando iam aos ricochetes pelas ondas, borneadas as peças para onde o mar andava livre de festeiros, e segundo a moda naval do tempo, não dispensando na paz estes simulacros de peleja.

Quiz a má sorte do principe, que entre o troar da artilharia uma bala perdida — antes do fumo desassombrar a leda armada — fez cahir sobre elle despedaçado o mouro que tomava o leme á sua jalia.

Retinto do sangue, que sobre elle espadanara, fulminado pelo agouro esmagador logo ali jurou tirar vingança. O rei e toda a companha forjaram intrigas e planos, e machinaram todos os males contra os portuguezes.

Com a inconstancia de selvagens que então eram, em-

bora dourados pelos restos de uma civilisação que decahira, os pegús logo ali esqueceram os juramentos que tomaram, e astutos e dissimulados como orientaes, soffreram a affronta com que o acaso ali os magoara, e sobre as laminas dos crises protestaram para longe ou para perto tomar crua vingança, e lavar em sangue as injurias recebidas.

*

E assim, dois annos apenas decorridos, tornou o rei de Arracan com grande armada a buscar os nossos, e acirrados os odios contra os estrangeiros, convocara o rei de Tangú, para com copioso exercito vir pôr cerco a Serião. Abalou-se com mais de oitocentas embarcações de guerra, com dez mil rodeleiros, e novecentas espingardas. Filippe de Brito, pelos avisos que tinha, tratou de apparelhar-se para a lucta. Posta no mar a armada — que não chegava a ser de oitenta velas, das quaes uma só galeota era de coberta, e que da India a trouxera quando fôra visitar o vice-rei — ordenou ao esforçado capitão Paulo do Rego, que na ponta Dagú, como já fizera na passada guerra, esperasse e combatesse o inimigo, tendo por certa a victoria, de que a memoria do logar e o nome do capitão lhe dava bom seguro.

Em terra aprestou munições e mantimentos, distribuiu estancias e baluartes, exhortou os companheiros e confiado esperou os invasores, que vinham talando os campos ameaçando derruir a fortaleza.

*

Chegou finalmente o temeroso praso.

Alvorecia serena a madrugada de um formosissimo dia da monção de nordeste no golfo de Bengala, e cuja data o chronista não menciona. A costa que vae de Negrais a Serião é terra baixa, e de largos arvoredos, e junto d'ella

as aguas azuladas contrastavam com a côr avermelhada dos tufos de arbustos e palmeiras, que se debruçavam para o mar. Apesar do calmiço da manhã a ondulação do largo floreava nas restingas agitada pela corrente, e o sol que começava a surgir por detraz dos paúes e arecaes, que demoravam a leste, punha chispas de fogo na alvura do escarceo rebentando na orla do baixio.

Estavam á vista as duas armadas, e a maré de cheio entrando pelos canaes do delta magestoso bastava para a frota de Arracan fazer caminho, acrescida a furia de abalroar pela força da indomita corrente.

Quando o sol, como um disco de fogo, rompeu d'entre as brumas matinaes, rebumbaram os primeiros tiros dos canhões, resoaram vibrantes as trombetas bastardas e os sons estridulos dos tam-tan's de guerra. Echoaram sonorosos os gritos dos combatentes, e o tinir dos crises e espadas reboou no concavo das rodelas e escudos. Accendia-se o combate na extrema vanguarda, travava-se depois a batalha em toda a linha; naufragavam jalias e sanguiceis arrombados pelos pelouros, e as alcanzias ateavam os incendios nas velas de siba, e nos tendaes de róta; cravavam-se os arpeos das terriveis abordagens, que em breve iriam decidir para qual dos campos penderia a sorte da batalha.

A galeota de Paulo do Rego dirigia e dominava o combate. Alterosa, fortemente guarnecida, habilmente manobrada, movida pelos remos podia escolher posição conveniente para de longe — a tiros de canhão e de pedreiro — bater de enfiada as alas dos contrarios.

Com o esporão da gorja ia mettendo no fundo as jalias, que desarvoradas e sem governo encontrava destroçadas no seu girar destruidor.

Ia densa a fumarada escondendo as marcas do canal. No enthusiasmo da lucta, cuidando mais de offender que defender-se, e porque os marinheiros mais attendiam ao arremessar das panellas de polvora do que ao jogar dos prumos, e porque a corrente encostava para os baixos... de repente a galeota resaltou sobre uns penedos, deitou-se ao lado, com a agua a galgar-lhe as amuradas, e quedou-se inerte, encalhada sobre a lama e areia da restinga.

Seja agora Antonio de Bocarro quem nos conte a desventura:

«...deu a galeota em secco, com que veio logo atacar toda a armada ligeira do inimigo. E vendo Paulo do Rego sua perdição certa, estando já atracado de grande quantidade de embarcações, não conhecendo nem vendo outro modo para os poder destruir e livrar-se a si, por não se gloriarem os inimigos de o levarem vivo ou morto, deu fogo á sua galeota, que voou feita em pedaços, e todos quantos com elle vinham. E não menos voaram muitas embarcações de mogos, que estavam atracadas da galeota, e morreram grande copia d'elles. Feito de tanto zelo e esforço, reputação e auctoridade das estimas de sua magestade, que requeria differentes encomios e louvores, do que a minha limitação lhe pode dar; mas não deixarei com elle de o encommendar á memoria eterna dos homens, para que viva tanto n'ella como merece quem depois de illustres feitos dá a vida...»

*

Morto o capitão recolheu a armada á fortaleza. Valeu-lhe não ter a vazante repontado, senão toda ali se perderia. Surprehendido pelo desastre, que lhe dera a victoria, o inimigo não ousara perseguil-a, e cauteloso, temendo o desespero da defesa, deixara os navios acolherem-se a salvamento ao abrigo da muralha da couraça, que protegia o varadouro.

Logo ao outro dia os reis de Arracam e de Tangú apertaram o cerco. Filippe de Brito após um longo assedio conseguiu lograr nova victoria.

*

Ha annos visitou Lisboa o rei de Sião, e uma embaixada de grande luzimento. Ao ver os coches de gala rodando vagarosos por entre as filas do povo e dos soldados, que curiosos olhavam aquelles hospedes, malaios, de negras e fortes trunfas penteadas, e que vestidos nos seus uniformes inglezes nos miravam despeitados, porque os não saudavam ajoelhando em rojada e humilhosa cortezia, lembrei-me dos seus irmãos de raça, do Pegú, da Birmania, de Sião e de Malaca, e das feridas que nossas armas lhes rasgaram. Eram quasi trez seculos decorridos e poucos se lembravam do que tinham sido os portuguezes.

E senti então saudades ao pensar n'aquelle passado glorioso, e o nome de Paulo do Rego acudiu-me á memoria como heroica recordação d'aquella epocha de gigantes.

O brigantim «Minerva»

1800

O brigantim «Minerva»

1800

No fim do seculo XVIII algumas nações da Europa declararam guerra á França. Portugal entrou na colligação contra os planos da Republica. O seu exercito fôra ao Roussilon combater a par dos hespanhoes, e depois de uma campanha infeliz conseguira por seu valor salvar a honra da bandeira.

Com incerto proceder a Armada portugueza quebrara a neutralidade auxiliando ostensivamente as forças inglezas. A divisão naval do marquez de Niza, que cruzava no Mediterraneo em auxilio de Nelson, só por uma pequena differença de dias deixou de tomar parte na batalha de Abukir. O bloqueio de Malta, a expedição a Tripoli, a empreza de Napoles, o cruzeiro da fragata *Tritão* reconhecendo o inimigo, e avisando Jervis antes do combate do Cabo de S. Vicente, tudo mostrava animosidade contra a França.

Bonaparte escrevera n'uma das suas ordens do dia ao seu exercito, que combatia no Egypto: tempo virá em que a nação portugueza pagará com lagrimas de sangue a affronta que está fazendo á Republica franceza.

*

Com varia politica o Principe Regente hesitara em declarar-se abertamente contra a Revolução. Queria ganhar tempo; e mais tarde acceitando o bloqueio continental contra os inglezes, e dizendo-se ao mesmo tempo amigo da França, resolveu Napoleão mandar Junot invadir o Reino. Não se esqueceu das naus do marquez de Niza, nem da espantosa derrota de Abukir.

*

O fim do seculo XVIII fôra uma epocha extraordinaria, para ficar indelevelmente registada nos Annaes da Humanidade. O seculo XIX despertava ao troar orgulhoso dos tiros dos canhões combatendo sobre a terra e sobre o mar.

Do tumultuar ingente das paixões nas luctas da Republica surgirá um Imperio bellicoso, e um soldado feliz colhendo a messe de louros nos campos de batalha ganhará a fama de salvador da patria, e por suas mãos coroará a fronte com o diadema fulgente de imperador. Depois o perderá n'um dia de desgraça nos plainos de Waterloo, e pagará no desterro e captiveiro o vôo altivo de aguia com que conseguira deslumbrar o mundo.

Napoleão I é um dos grandes vultos da Historia.

*

Em 1800 os navios francezes cruzavam os oceanos, e com valor grande e fortuna varia perseguiam o commercio dos seus numerosos inimigos.

Luctavam com afinco e a custo podiam resistir aos inglezes. O commercio portuguez, principalmente os navios, que regressavam da India e do Brazil, não raro encon-

trava ao largo ou nos mares costeiros do reino, os corsarios e as fragatas francezas inimigas.

Navegar era o mesmo que pelejar, e uma viagem uma campanha. As peças andavam sempre carregadas, e ao enxergar uma vela na linha extrema do horizonte tocava-se a postos de combate, dispunha-se o animo para vencer ou morrer, na possibilidade de encontrar um inimigo.

Alentavam-se assim os brios da bandeira nacional, e o ser homem do mar dava foro de guerreiro capaz de todas as dedicações e sacrificios.

*

Estava um dia lindo. O verde escuro do mar da costa de Portugal levemente mosqueado pelo cachão do vento. Abertos por bombordo, muito amarados, deitados a sotavento pelo norte, que lhes infunava as velas, o brigantim *Minerva* e o brigue *Espadarte* navegavam de conserva em viagem de cruzeiro.

O *Espadarte* era um navio grande commandado pelo inglez Woolf ao serviço da marinha de guerra, onde então a influencia britanica fôra prodiga em conceder commandos.

As forças dos generaes Darlymple e Welesley ainda não tinham desembarcado na costa de Lavos, nem vencido os francezes nos combates da Roliça e do Vimeiro. Não se tinha ainda firmado a convenção de Cintra, nem organisado a defeza do Reino, e já os postos principaes do exercito nacional eram desempenhados por extranhos.

Á marinha tambem se estendeu o que então se dizia beneficio, para disciplinar e aguerrir a força armada.

O *Minerva* era um pequeno brigantim de borda falsa, commandado pelo primeiro tenente Luiz da Cunha Moreira, servindo debaixo das ordens do commandante mais antigo.

Sol alto deram vista de uma fragata franceza, que lhes ficava a barlavento, e dava caça fazendo força de vela. Os commandantes dos brigues concertaram a defeza. Di-

minuiram a distancia, e aguardaram em gavias e bujarrona a chegada da fragata, e manobrando opportunamente trataram de mettel-a entre dois fogos, para assim compensar de algum modo as trinta peças que o francez trazia em bateria. O *Espadarte* ficou a barlavento, e pela amura do *Minerva*. Mais forte que o brigantim era d'elle o logar de honra, para affrontar os primeiros tiros. A fragata era alterosa e o talhamar cortava rapido as ondas, que floreavam; e os cachorros de proa borneados para o alvo fizeram fogo firmando o içar da bandeira tricolor, indo as balas aos ricochetes cortar a derrota dos navios. Vinha imponente e destemida navegando á pôpa arrazada em tom de guerra, depois orçou no bordo de leste, carregou o traquete e os joanetes, e offerecendo costado aos brigues, disparou a bordada quando ficou pelo travez a tiro de pistola.

Mas o inglez não se atreveu a esperar-lhe o fogo. Mal lhe percebeu o intento arribou pela pôpa do *Minerva*, metteu em cheio e abandonou o campo de batalha. Carregou a mesena, tocou os cabos ao traquete, largou, caçou e içou joanetes, seguiu para sotavento, invocando talvez para desculpa da fraqueza um preceito da Ordenança, que prohibe arrostar com forças manifestamente superiores. Chegara-lhe tarde a prudencia porque arribar era desdouro.

E assim o entendeu o bravo commandante do *Minerva*, Luiz da Cunha Moreira, não lhe soffrendo o animo ver a bandeira da sua nação menosprezada, e o *Espadarte* fugindo humilhado e espavorido, sem ao menos trocar um tiro.

Não cuidou da insignificancia do seu navio, nem da força do contrario; pensou só na honra da patria, que lhe cumpria defender, e o fogo das suas caronadas respondendo ao tiroteio da fragata affirmou, que os portuguezes não fugiam.

Pratico do mar e da guerra bem sabia, que cosendo-se ao costado da fragata, buscando o angulo morto da bateria, alguma vantagem ganhava na defeza. Prolongou-se com ella, e quasi a tocar os laises das vergas, por trez horas sustentou as honras da peleja.

*

De parte a parte eram as avarias grandes. As balas das caronadas abriam largas brechas no cintado da fragata, empregando-se grande parte na bateria, que lhe ficava a cavalleiro, causando mortes e feridas nos serventes das peças, mas a intensidade do fogo não cedia.

A bordo do *Minerva* o destroço era maior. O panno rasgado, os cabos cortados, a borda arrombada, os mastareos e as vergas desarvoradas, de ha muito impediam as manobras. Pelos rombos na linha de agua o mar jorrava invadindo o porão e a coberta, e quarenta homens dos noventa e dois da sua destemida companha jaziam derribados pelos tiros da mosquetaria da taifa e pelos pelouros, que varejavam de alto a tolda e o convez do brigantim.

Os portuguezes não esmoreciam. Declinava o fogo porque algumas caronadas estavam desmontadas; rareavam os artilheiros, mas emquanto houvesse polvora e bala haviam de bater-se, e depois lá estava no fundo do oceano honrada sepultura.

E a bandeira portugueza esfarrapada pela metralha continuava a tremular invencivel no penol da carangueja. O *Minerva* meio de agua oscillava em pesados e desencontrados balanços, como quem está prestes a naufragar. Começou a inclinar a proa para o abysmo, porém a bateria nos ultimos arrancos ainda respondia ao fogo, e a sua guarnição conscia de ter bem cumprido o seu dever, acclamava enthusiasmada o seu destemido pavilhão.

*

—«Oh do brigantim! Arria a tua bandeira», bradavam os francezes.

Respondiam do *Minerva:* «Aqui ninguem se rende, morreremos todos.»

Tanta abnegação, tanta heroicidade, commoveu os vencedores. Eram soldados e bem sabiam comprehender o feito sublime. A fragata atravessou a gavia, arriou os escaleres, e agora os francezes em porfiada regata humanitaria procuravam roubar á morte os sobreviventes d'aquella briosa guarnição. A custo se fez o salvamento. Quando as embarcações atracaram ao portaló da fragata sumia-se nas ondas o mutilado brigantim.

Ia de bandeira içada para o fundo. Em cima do tombadilho da fragata a marinhagem franceza em armas, fazia a continencia militar. Rufavam as caixas de guerra, e a bandeira da França descia lentamente a meia adriça em respeitosa homenagem ao valor indomito dos vencidos.

*

Por decreto de 5 de novembro de 1800 foi promovido a capitão de fragata o primeiro tenente Luiz da Cunha Moreira. Officiaes e tripulantes receberam do governo recompensa apropriada; porém mais notavel foi o exemplo legado, que nos enche o coração de estimulo glorioso.

Dar a vida pela gloria da bandeira da patria, foi, é, e será sempre a honra da Marinha.

Fragata «Madagascar»

1842

Fragata «Madagascar»

1842

Em 25 de agosto de 1842 achava-se fundeada no porto de Loanda, pelo travez do Arsenal da estação, com 45 braças de amarra em cada ferro e em 15 de fundo, a corveta portugueza *8 de Julho*.

Estava um tempo magnifico, *cacimbo* declarado, e a viração bonançosa apenas inrugava a superficie esverdeada do mar, no qual se reflectiam ao longe as barreiras avermelhadas do litoral, o morro das Lagostas, e mais perto as paredes da casa do Deposito, e o verde escuro dos palmares da ilha.

A corveta escrupulosamente apparelhada com todos os requintes da velha arte de marinheiro ostentava-se garbosa, espelhando na agua os seus mastros e vergame, as portinholas da bateria onde reluziam dezoito caronadas.

Construida no Arsenal de Lisboa pelos constructores Antonio Lopes, e Manuel Luiz dos Santos, lançada ao mar a 8 de julho de 1834 era um regular typo de corveta, egual a muitas outras das marinhas estrangeiras, porém sem ter nada de notavel.

Rijamente construida, de muita praça e fraca tonelagem, de muito facil manobra e bonanceira, era propria

para andar nos mares de Angola e para o serviço arduo e rigoroso da estação, a repressão do trafico da escravatura.

Em frente da fortaleza do Penedo viam-se bastantes navios mercantes á carga, cruzavam-se as barcas de transporte indicando haver commercio, e lá á babuge da praia remavam vagarosas, ao som da toada dos cabindas, as *talaveiras* de aguada que regressavam do Bengo.

Pela barra vinha entrando uma fragata, que pela forma do casco, pelo corte do velame, e pela manobra bem mostrava ser navio de guerra disciplinado, e um dos muitos inglezes que appareciam no cruzeiro.

Era effectivamente a fragata *Madagascar*, commandante Fulk, e o echo das suas proezas na costa do norte já ha dias a tinha precedido.

*

A bordo da *8 de Julho* observava-se com interesse o navio, que acabava de fundear por bombordo, muito perto, e no tope do qual fluctuava a bandeira vermelha de Inglaterra. Era uma fragata de peças no convez, e meias baterias na tolda, regularmente apparelhada, muito alterosa, e ao que parecia, trazendo muita gente.

Pelas lanchas de cabotagem constava, que tinha dado desembarque em Molembo, Zaire, Ambrizete, destruindo os barracões de escravos, e estivera encalhada nos baixos da Muanda, onde perdera ferros e escaleres na faina de safar. Certo é, que nos turcos apenas se via um escaler e a canoa do commandante, não trazendo outras ancoras alem das duas das amuras.

Uns *dongos* grandes substituiam as embarcações perdidas.

*

O commandante Fulk era um official energico; tinha feito a guerra Peninsular, e assistira como guarda-marinha ao combate de Trafalgar, e alem d'isso — informava o ve-

lho Gaspar mestre da corveta e que o conhecia d'esse tempo — navegara muito e falava correctamente o portuguez. Tal era o official escolhido pelo governo inglez para dar cumprimento ao tratado para a completa abolição do trafico da escravatura, celebrado entre Sua Magestade a Rainha de Portugal, e Sua Magestade a Rainha do reino unido da Gran-Bretanha e Irlanda, e assignado em Lisboa pelos respectivos plenipotenciarios a 3 de agosto de 1842.

É conhecido o decreto de 10 de dezembro de 1836 prohibindo a exportação de escravos de todos os dominios portuguezes.

Dando-lhe exacto cumprimento, seis annos havia já que os nossos navios de guerra cruzavam nos mares de uma e outra costa, e os officiaes de marinha trabalhavam com toda a dedicação e desinteresse a bem d'aquella causa sympathica e philantropica. Dizia-se então, que sem escravos se arruinavam e perdiam as provincias ultramarinas. Não foi assim para gloria nossa, e a marinha de guerra sempre enthusiasta pelas ideas nobres e justas, contribuiu muitissimo para provar, que as colonias haviam de prosperar vivendo honradamente.

*

Foi um escaler com official aos cumprimentos, e quando regressou deu parte ao commandante, o primeiro tenente Francisco Antonio Cardoso, de que o commandante inglez ia mandar registar os mercantes fundeados na bahia, e assim procedia por haver suspeita de que alguns d'aquelles navios andavam incarreirados no trafico para o Brazil.

A resposta do commandante portuguez foi digna, energica, simples e decisiva, sem phrases theatraes, que tão mal se casam com questões diplomaticas, onde se joga a honra da nação.

Recordando estarem taes embarcações fundeadas n'um porto nacional, e ao abrigo da jurisdicção do Estado, lembrava-lhe o paragrapho 4.º do artigo 3.º do Tratado, que claramente dizia: «não será licito visitar ou deter debaixo

de qualquer pretexto ou motivo que seja, embarcação alguma mercante fundeada em qualquer porto ou ancoradouro das Altas partes contractantes, ou ao alcance de tiro de peça das baterias de terra, salvo se por parte da auctoridade do paiz se pedir auxilio por escripto.» E mais dizia: se ainda assim tentasse registar qualquer navio dentro do porto de Loanda, persistindo no intento, elle havia de oppor-se pela força, embora a artilharia da sua fragata mais poderosa o mettesse no fundo.

E juntando ás palavras o exemplo, ao mesmo tempo que o informava da sua resolução, espiando um ancorote para o lado da fragata, a corveta *8 de Julho* foi prolongar-se com ella a tiro de pistola, disposta para um combate desigual, sacrificando navio e guarnição em defeza da honra portugueza.

O primeiro tenente Gonçalves Cardoso fizera com denodo as campanhas da liberdade, era um official de optimos creditos, agora plenamente confirmados. Era immediato o 1.º tenente Antonio Jose Freire, e os restantes officiaes do estado maior os segundos tenentes Bruno White, Antonio Augusto de Oliveira, e o guarda-marinha Alvaro de Sousa Soares de Andrea.

A guarnição, proximamente 180 praças, estava em parte reduzida pelas febres, guarnecer presas, serviço de lanchas, falta de commodidades, pessimos mantimentos, por mil privações de uma vida de trabalho, como era n'aquella epocha a profissão de marinheiro.

*

Trez dias estiveram os navios prolongados, e a lancha armada em guerra cruzando entre os mercantes. Na corveta estava a gente bem disposta, e prompta á primeira voz a correr a postos, a guarda reforçada, e os officiaes vigiando com cuidado.

Da tolda da *8 de Julho* olhava-se para cima para as baterias da fragata, e o bom velho Gaspar, o mestre do navio, envergando a sua melhor farda do uniforme, fitava

ora carrancudo as peças da fragata, ora ancioso os mastros e apparelho da corveta em que pozera todos os seus disvelos e sciencia, antevendo, que á primeira bordada da *Madagascar* tudo aquillo desarvorava, e ia pela borda fóra, perdendo-se o seu monumento de gloria, o seu dilecto primor de tantos annos.

De bordo da fragata não se fez a menor demonstração hostil. Olhavam com certo assombro para o pequeno e audacioso navio, que lhe ficava debaixo das baterias, e cuja tolda descoberta podia ser batida pela mosquetaria da taifa, pelos arcabuzes e pedreiros de gavia, que lhe ficavam a cavalleiro.

É claro, que de lá não foi nenhum escaler a registar, e ao terceiro dia atracou por estibordo da corveta a canoa da fragata, conduzindo o commandante.

*

Desistindo de fazer o registo dos mercantes, Fulk vinha cumprimentar o commandante Cardoso, e manifestar a sua consideração pela atitude correcta do seu distincto proceder. Bem avaliava, que entregue a officiaes de tantos brios, estava bem garantido o cumprimento do tratado para a abolição da escravatura. E depois olhando para as coronadas, perguntou: como com taes peças se atrevera a expor á sua bateria.

A resposta do tenente Cardoso foi de uma simplicidade heroica: eu bem sabia que iamos para o fundo, mas tinha cumprido o meu dever.

Ao largar de bordo o commandante britanico salvou a corveta com 17 tiros, e bandeira ingleza no tope de proa; agradecendo a fragata com egual numero de tiros, e bandeira portugueza em igual mastro.

*

Depois, como querendo suavisar aquelles inicios de guerra, e a insolita exigencia, que dignamente fôra repellida, em jantares e mutuas visitas firmaram os commandantes, e officialidade, o tratado de paz e amizade para o desempenho do serviço, que iam emprehender ainda que sob bandeiras differentes.

E o mestre Gaspar repetia com orgulho: ter o commandante Fulk subido até meia enxarcia grande, e de lá admirara o conjuncto do navio, elogiando singularmente o apparelho. E para suavisar o espirito dos cuidados que tivera, fingia acreditar ser impossivel a um bom marinheiro do Trafalgar, fazer a sangue frio destruir aquillo tudo.

*

No dia 30, ao calar da viração, largou a *Madagascar* em cruzeiro para o sul. Fiada na guarda das auctoridades portuguezas não mais deu desembarques a queimar as feitorias de escravos, e serviu sempre com lealdade e distincção, de accordo com os nossos cruzadores. Algumas vezes se encontraram no mar os dois navios, e as suas lanchas de cruzeiro prestaram serviços valiosos.

Quando a lancha da *8 de Julho,* commandada pelo 2.º tenente Oliveira, esteve quasi alagada na foz do rio Quanza, onde entrou á procura do tenente White, achou acolhimento na guarnição ingleza apresadoura da barca *Hermelinda 2.ª*, do celebre armador Arsenio Pompeu del Carpo.

Esse destacamento era da fragata, e portuguezes e inglezes compartilharam de igual magua ao verem a lancha da *Madagascar,* que se virara na barra perdendo 26 praças e um tenente, duas horas antes de lá entrar com incrivel felicidade a lancha da corveta.

*

Ha pouco mais de meio seculo que tudo isto succedeu. Nem um só navio resta d'esse tempo, raros são os sobreviventes d'aquellas guarnições, e já quasi ninguem se lembra dos serviços da marinha na repressão da escravatura.

Se a nossa historia maritima se adorna com guerreiros louros de combates e triumphos, tambem se pode engrinaldar com uma palma gloriosa, d'onde rescende como suave perfume a nota de sentimentos humanitarios, mais de accordo com o sentir e crer dos nossos dias.

Quando no tumultuar das paixões se alcunhar Portugal de escravista, esquecem-se ingratamente os honrados feitos da marinha.

A escuna do cruzeiro

1853

A escuna do cruzeiro

1853

Começava a soprar bonançosa a viração do sudoeste. O mar que durante a noite se conservara polido como um espelho, enrugava-se, salpicando de alvissimos cachões as cristas azuladas da mareta.

Iam-se esfarrapando as barras do nevoeiro á medida que o vento se firmava, deixando de occultar os serros do sertão e os morros do litoral, que demorava a leste a distancia de nove milhas. Recortava-se no céo pardacento o dorso dos montes de Mafuca e de Moserra e o magestoso Pilar de Granito ostentava-se a lesnordeste, marca magnifica a indicar aos navegantes, que o Ambriz e as suas barreiras alvacentas dentro em pouco haviam de avistar-se claras pela proa.

*

Era na manhã de 5 de novembro de 1853, e o *cacimbo*, que a esse tempo já se tinha dissipado, deixava ver aos tripulantes da escuna do cruzeiro o arvoredo da foz do Loge, o Quincolo e as feitorias da praia e do morro do

Ambriz. De quando em quando a ondulação do largo rebentava ao longe na orla do banco da bahia.

Quando o navio chegou a estar agua aberta com o rio, marcando ao susueste magnetico a ponta meridional do porto, ouviu-se a voz do official de quarto bradar: Lesto a virar, e o trinar do apito do guardião chamou a gente a postos.

Leme de ló. Ala a retranca a meio. Folga a escota á bujarrona. Aguenta o passe da polaca. Carrega os punhos ao redondo. Camba á proa. Retranca a sotavento. Allivia o leme. Larga bolinas de proa. Ala braços. Volta. Larga o passe da polaca. Amura e caça o traquete. Caça á proa. Ala a bolina ao velaxo a barlavento. Safa cabos.

Terminada a manobra a escuna seguiu no bordo do mar com proa a oesnoroeste, a continuar o seu enfadonho cruzeiro contra o trafico da escravatura na costa norte de Angola, entre o Ambrizete e o Mossulo Grande afamado velhacouto de negreiros.

*

A *Conde de Tojal* era um pequeno navio, velho e ronceiro, armado de quatro insignificantissimas caronadas e de um rodisio de 12 entre os mastros em reparo de pião, e tripulado por 26 praças de marinhagem, cançadas pelos rigores do serviço, e mais ainda pela influencia deleteria do clima.

Coberta de panno que o sol e a chuva branqueara, mareada com preceito, a sua mastreação pouco lançada dava-lhe um certo aspecto militar, disfarçando a forma do casco desairoso, e agora que a viração ia refrescando, inclinada a sotavento deitava as suas quatro milhas de bolina, o que já era n'aquelle tempo bom andar.

Em volta, em festival cortejo, esvoaçava e mergulhava mariscando a passarada, justificando ser aquelle o *mar das patas,* emquanto n'uma das alhetas do navio, precedido dos seus romeiros, nadava pachorrentamente um tintureiro aguardando qualquer prea, que largassem de bordo da escuna.

*

Navio a barlavento gritou do tope grande, com voz esganiçada, um grumete signaleiro, que subira a safar a flamula enrascada no brandal quando o navio virou de bordo por d'avante. Aquelle brado vindo do alto do mastro, vibrante ao dar a nova, veiu quebrar a pesada monotonia do ranger do navio caturrando, e do contar dos segundos no chronometro, com que os guardas-marinhas preparavam o seu calculo do horario.

Conte, dizia um d'elles, observando o sol com um oitante de pau de largas dimensões; e pela bocca da escotilha da praça de armas respondia cadenciosa a voz do ajudante: trinta e um, trinta e dois, trinta e trez... até que ao brado: fóra, do observador, elle registava no seu caderno de calculos, a hora e a altura que pausadamente o outro lhe dizia.

Navio a barlavento fora o desmancha-prazeres d'aquellas observações que pareciam eternisar-se, e que mais se faziam para os rapazes irem praticando do que para achar a longitude, pois a terra do Ambriz estava á vista.

—Por onde diz? perguntaram de baixo.

—Pela amura de bombordo já se deve ver. Vem no bordo da terra, e parece ser navio grande.

D'ahi a pouco via-se claramente, e de certo fora alguma grossa barda de neblina, que o occultara até então.

Formou-se a postos, a bateria foi guarnecida e desatracada, a taifa armou em menos tempo do que se reza um credo, pois apesar da guarnição ser diminuta a *Conde de Tojal* era uma praça de guerra, um fortim fluctuando no mar largo, e a seu bordo cumpriam-se sem discussão os artigos bellicosos da Ordenança.

*

A fragata, tal era o navio avistado, ao enxergar a escuna arribou, e deitou em cheio para ella.

Aquella rainha do mar, formosa, elegante, esmeradamente apparelhada, armada e guarnecida, cortando as aguas em rapida carreira, era como um albatroz de larga envergadura a par de um misero calca-mares, ou como a aguia pescadora desabando altiva sobre a prea, que aterrorisada nem tenta resistir.

Sem demora estava a meio alcance de canhão e orçando no mesmo bordo prolongou-se por barlavento com a escuna, que lhe ficou debaixo da bateria, e ao rugir sinistro de um tiro de peça, cujo projectil cortou o caminho da escuna portugueza, arriou a bandeira azul ingleza que trazia, e entre as nuvens da branca fumarada içou magestoso o estrellado pavilhão da União-norte-americana.

*

De bordo da *Conde de Tojal* não se fez esperar a resposta á arrogante intimativa. O rodisio fora carregado e mettido em bateria, a gente da taifa prolongara pela borda.

— Cabo de marinheiros arria um pouco essa bandeira, e iça a topetar quando o rodisio fizer fogo.

— Está prompto? perguntou o commandante.

— Prompto, respondeu enthusiasmado o guarda-marinha immediato, que fizera de chefe de peça e apontara a dar no alvo.

— Fogo.

E ao rouco troar da peça de 12, a bala que o arfar do navio desviara, foi sibilando rastejar o talhamar do alteroso fragatão, repellindo a affronta recebida, e a bandeira azul e branca das quinas portuguezas tremulando impavida no penol da carangueja affirmava, que a bordo do

minusculo e alquebrado barco sobrava valor e bizarria, para arrostar e reagir contra as veleidades do gigante.

A *Conde de Tojal* preparava-se para secundar o tiro, disposta a bater-se e certa de ir para o fundo. Morreria defendendo a honra portugueza, sustentando valorosa a bandeira e flamula que firmara.

A fragata carregou papafigos, atravessou a gavia, e arriou um grande escaler armado em guerra, que remou á voga arrancada para a escuna, que tambem atravessara com o velaxo na alheta de sotavento do navio.

O official americano, pelo modo como vinha demandando a escuna, parecia disposto a abordal-a, passar visita e amarinhal-a, sendo vista no paneiro uma bandeira de sobresalente, porém, antes de atracar, perguntaram-lhe da escuna em inglez:

— Oh da embarcação! Diga o que quer e fique ao largo.

De lá arvoraram remos.

— É o escaler da fragata americana. Venho, disse o tenente, da parte do Commodoro cumprimentar o commandante d'essa escuna.

— Pode atracar.

— Rema avante.

E em breve sentia-se aquelle rumor especial do levar dos remos sahindo das toleteiras, batendo ao arrumar nas falcas e bancadas, e o aferrar dos croques dos proeiros nos fuzis da enxarcia grande da escuna.

*

O official subiu, sendo recebido ao portaló pelo commandante, e vendo a guarnição a postos, impressionado pela nobre attitude dos tripulantes, deu cabal explicação do succedido em nome do seu Commodoro, cujo distinctivo azul, farpado, topetava arrogante no tope grande da fragata.

*

A fragata era a *Constitution,* de 50 peças, tendo a bordo o Commodoro Maijo, a qual aprisionara na vespera um palhabote negreiro americano, que seguia para o Zaire e como disfarce mostrara a bandeira portugueza. Por isso, apesar de ter visto a flamula e a bandeira nacional, julgara ser a escuna um navio de escravos, que se cochava com a terra para melhor illudir o cruzador.

N'essa hypothese fizera fogo, para de longe lhe dizer quem era e a que vinha; mas a resposta da escuna lhe dissipara o engano, pedindo por isso desculpa do tiro de bala com que firmara o pavilhão.

*

O escaler largou, e da *Conde de Tojal* foi a bordo da fragata, n'um bote de quatro remos, o guarda-marinha immediato cumprimentar o Commodoro. Maijo acompanhado pelo commandante recebeu-o ao portaló amavelmente, tratando-o por *my dear midshipman,* e depois convidando-o a descer á camara apresentou aos seus officiaes um dos seus valentes camaradas da marinha portugueza.

A fragata ia a Loanda, e elle proprio daria parte do succedido ao governador geral da provincia, louvando o valor e galhardia dos officiaes da escuna do cruzeiro, que tão nobremente sabiam cumprir o seu dever.

E tomando uma taça de *Champagne* brindou a S. Magestade a Rainha de Portugal, dando leal satisfação e prestando homenagem á sua auctoridade, ali representada pelo guarda-marinha da escuna.

O portuguez agradeceu brindando o Commodoro e a marinha de guerra americana.

Pouco depois o bote largava do costado da fragata, e o Commodoro com os seus officiaes acompanharam o guarda-marinha ao portaló, e a guarnição americana conserva-

va-se firme a postos de combate, como guarda de honra ao valor portuguez, saudado com aquella esmerada cortezia.

*

Içadas as embarcações os dois navios marearam buscando o ancoradouro de Ambriz e as suas bandeiras arriadas em primoroso cerimonial maritimo, reconheciam assim a igualdade de direitos dos dois estados soberanos.

O commandante da escuna *Conde de Tojal* era então o segundo tenente José Maria Pacheco Moreira, e os officiaes de estado maior: Rodrigo Augusto Teixeira Pinha, João Delfim, e o commissario de provisão João Sarmento.

*

Quando a *Tojal* regressou das agruras do cruzeiro, indo fundear no Cacuáco já falta de mantimentos e aguada, e mandou a lancha a Loanda pedir licença para entrar, já na Estação se sabia da façanha da escuna, porque a *Constitution* chegara. O chefe da Estação Rodovalho depois de ler o officio que o guarda marinha lhe trazia disse:

— Com que então vocês ensinaram aquelle *yankee* da fragata... Muito bem Senhor guarda-marinha. Muito bem.

E a isto se resumiu o elogio.

Um cruzeiro do brigue «Villa Flor»

1855

Um cruzeiro do brigue «Villa Flor»

1855

Em 1855 o brigue de guerra portuguez *Villa Flor*, commandado pelo primeiro tenente Antonio Augusto de Oliveira, fazia parte da Estação Naval de Angola.

Construido em Damão por Iado-Simoji fora deitado ao mar em 29 de dezembro de 1825.

Armava dez peças, cinco a cada bordo, segundo a moda naval do tempo.

*

Ahi por agosto de 1855 o brigue tinha ido ao Zaire, por haver denuncia de uma escuna hespanhola ir carregar de escravos, e não encontrando nada de suspeito voltava a Loanda, com escala pelo Ambriz.

O chefe da estação naval ingleza sabendo ir o brigue ao Ambrizete levar um officio do governo, pedira ao commandante para entregar correspondencia n'uma feitoria, o que sem difficuldade foi concedido, por ser usual esta troca de pequenos serviços entre navios que lá andavam em serviço simelhante.

Em 1855 o Ambrizete era ainda de importancia secundaria, e apesar dos direitos reservados da corôa portugueza não havia jurisdicção do governo, e os feitores pagavam os *costumes* ao *soba* da terra se queriam lá estar a commerciar em segurança relativa. O gentio era bravo e atrevido, e por causa da guerra do Ambriz andava alvoroçado contra os europeus, e principalmente contra os portuguezes.

Na guerra a marinhagem e os soldados tinham feito bom serviço, mas o que mais tinha impressionado e aterrado o inimigo tinham sido os soldados de cavallaria, ou para melhor dizer, os cavallos do esquadrão, *os bichos que comiam ferro,* como na sua linguagem rude diziam os pretos ao verem os animaes a remorder o bridão e a escarvarem a terra com as ferraduras, o que tambem lhes causava grande espanto.

*

Ao cahir da tarde de um dos ultimos dias de agosto de 1855 estava o brigue á vista do Ambrizete.

A viração ia acalmando, e por um effeito de refracção as casas brancas das feitorias pareciam de enormes proporções. As barreiras alvacentas do litoral, e as serras do sertão reflectiam-se no mar em fórmas caprichosas, e a vaga rebentava muito alta nas pedras dos morros extremos da bahia de Juma, signaes certos de proxima *calema*.

Quasi ao pôr do sol o vento acalmou de todo, o brigue estava amarado mais de cinco milhas, mas como a demora seria pouca, e convindo ficar em posição para quando suspendesse puchar logo para o largo, preparou-se para fundear, e quando o prumo agarrou seis braças, areia e cascalho, largou o ferro, demorando-lhe a Meza a lesnordeste.

Era uso nos navios cruzadores, quando fundeados, conservarem caçada a vela ré, com o punho da amura carregado. Estavam sempre filando o vento, e mais ainda do que para facilidade de manobra, era até um distinctivo do serviço, que o navio estava desempenhando, um aviso de

presença da auctoridade para se oppor ao trafico da escravatura.

N'essa tarde como o vento acalmara, e o brigue jogava com a ondulação, que começava a vir corrida de oeste para a costa, e para que o panno não ficasse toda a noite a bater, e a estragar-se inutilmente, mandou-se arriar e ferrar a vela ré.

Quando foram a arrial-a o bolço do panno, e um dos moitões dos gardins da carangueja vieram bater sobre a roda do leme, e na bitacula, que ficava debaixo da retranca a meia nau, atirando com o capacete da agulha pela escotilha, indo o vidro fazer-se em bocados no chão da camara, causando grande terror ao cabinda, que servia de criado ao commandante, e não menos susto ao supersticioso dispenseiro, que apesar de ser indiatico, — e talvez por isso mesmo — considerava o caso como sendo de mau agouro.

— Senhor, dizia o preto atrapalhado, e apanhando os vidros partidos. Senhor, senhor commandante não vae a terra porque lá o negro quer matar.

O commandante mandou-o calar, e riu-se do propheta, e da sinistra prophecia, e o dispenseiro, que não se atrevera a fallar, sacudia a cabeça como quem acreditava na virtude do conselho, e como se fosse caso de consciencia, finalmente sempre se animou a dizer:

— Com licença de V. S.ª Eu se fosse a V. S.ª com certeza ámanhã não ia a terra.

N'essa noite o commandante teve uma febre violenta, e no quarto de alva estava prompto o segundo escaler do *Villa Flor*, para ir a terra com um guarda-marinha cumprir a commissão. Devia mandar entregar o officio do governo, e as cartas ás feitorias, e emquanto o escaler esperava, os cabindas iriam apanhar uns molhos de *capim*, para um boi, que havia a bordo destinado ao rancho da guarnição.

*

O segundo escaler era uma embarcação de pouco porte. Iam n'elle o guarda-marinha Antonio Joaquim de Mattos, o primeiro marinheiro Eugenio, servindo de patrão, quatro grumetes pretos, e quatro cabindas remadores. O guarda-marinha e o patrão iam armados de sabres de abordagem, as quatro praças de espingardas de pederneira, arrumadas debaixo da bancada, e no cinturão baioneta e cartucheira.

Largaram de bordo de madrugada, gastaram cinco horas para chegar a terra, e lá por toda a costa quebravam alterosas as ondas da *calema* difficultando o desembarque.

Da praia um feitor indicou o logar onde o mar dava maior sota, e com todos os cuidados conseguiu o guarda-marinha mandar a nado para a terra dois homens, e mal os viu agarrar pé, alou o escaler sobre o ancorete que tinha fundeado, suspendeu, armou o mastro e a vela, e começou bordejando fóra da arrebentação, aguardando a volta da ordenança.

Passado algum espaço chegaram os dois carregadores com os molhos de capim. Vinham seguidos de trinta ou quarenta negros fazendo grande algazarra, parecendo quererem oppor-se ao embarque, porque as praças vinham apressadas, e fazendo lembrar o caso do Velloso amigo, e d'aquelle outeiro *melhor de descer, que de subir*.

*

O escaler approximou-se para os recolher a bordo, e porque o tempo urgia de lhes prestar soccorro, não houve cuidado de bem contar as ondas, e esperar jazida. Certo é quando guinaram para aproar á vaga o mar apanhou o escaler atravessado e virou-o, e uns agarrados á quilha, outros nadando vieram dar á praia, onde os negros agar-

ravam os objectos, que o mar vinha trazendo, maltratando e roubando os naufragos, que mal se podiam defender.

O guarda-marinha Mattos e o patrão do escaler não tinham largado os sabres, mas cercados de perto não os podiam desembainhar, e ainda assim, esgrimindo rijamente conseguiu o marinheiro abrir praça, e fugir para a feitoria ingleza, não ousando os pretos ir lá buscal-o. O guarda-marinha ainda feriu um pelo peito com um tremendo golpe de talabarte, porém subjugado por dois negros vigorosos não poude resistir. Um d'elles era *macota,* que queria salvar-lhe a vida, recebendo na refrega um golpe de machado no hombro dado por um dos seus, que por felicidade errara o alvo.

Os remadores cabindas deitaram-se de joelhos a implorar misericordia. Os marinheiros foram agarrados e amarrados fortemente. A *calema* atirara com o escaler pela praia acima sem grande damno. Ficara com a falca partida, e os pretos levaram-no para longe da ressaca.

Com a grita acudira ao logar um grande numero de indigenas cercando os marinheiros. A custo o *macota* lhes defendia as vidas. Berrava, gesticulava, batia com o coto da zagaia nos patricios para ser attendido, e obedecido, conseguindo afinal persuadir-lhes, que levassem os prisioneiros ao *soba,* para elle decidir da sua sorte.

—«Esta terra não é de brancos, berrava a negraria. Nós não somos como a gente do Ambriz, que teve medo. Para que vieram buscar *capim?* É porque tem a bordo o *bicho que come ferro,* e querem vir tomar a nossa terra. Nós vamos matar o commandante.»

E acompanhando as palavras não faltavam insultos e maus tratos, obrigando os pobres nautas a marchar com elles para a *libata* do *soba* no sertão. As mulheres e os *muleques* eram de todos os mais crueis. Corriam á beira do caminho insultando os brancos, instigando os homens a vingar n'elles as derrotas do Ambriz.

Descalços e quasi nus, pois o fato lhes fôra roubado no caminho, iam os presos ao entrar na *sanzala* de D. João Colombo, assim se chamava o *soba* do Ambrizete, o astuto explorador das feitorias.

No emtanto uns feitores tinham acudido, e persuadido

o *soba*, que viesse com os seus *macotas* á feitoria americana resolver o pleito. Os brancos não vinham fazer guerra, e portanto elle não tinha razão para apoiar a sua gente, que fôra quem dera causa ao conflicto.

Na mira de bom negocio, em que antevira ganhar alguns fardos de fazenda, polvora e aguardente, mandou o *soba* voltar a gente com os presos para a praia, e na feitoria americana realizou-se a *fundação*, depois de terem vindo buscar o marinheiro á casa ingleza, com promessa de lhe dar a liberdade.

O *macota* ferido, um *quibanda*, especie de jogral e feiticeiro, e o *linguister* da feitoria tomaram a defesa dos captivos.

O guarda-marinha firme e energico aguardava os acontecimentos, deixando os feitores defender a sua causa.

O marinheiro, que já sabia com quem tratava, conhecedor dos usos d'aquella rude gente, aplanava as difficuldades cofiando as barbas do *soba*, em signal de respeito e amizade.

Chamava-lhe Pae. Dizia-lhe, que o rei de Portugal era amigo e irmão do rei de Ambrizete.

Os feitores promettiam bom presente, comtanto que os brancos fossem livres para bordo. O *soba* mostrava-se pensativo, e não querendo transigir.

Em voz alta, para ser ouvido do seu povo, dizia: não lhe faltava polvora e armamento, e se o commandante do brigue quizesse, que viesse combatel-o, porque talvez ninguem voltasse para o navio.

Elle, porém, era amigo dos brancos, e para mostrar, que sempre o fôra dos feitores, deixava ir livre toda a gente, e demais o guarda-marinha não era quem mandava, mas mandado, porém se lá tivesse apanhado o commandante havia de ficar pelas custas do Ambriz.

Ordenou á sua gente, que fosse buscar o escaler, e entregasse a palamenta, e que depressa largassem para o mar, pois era grande a sua generosidade, mas que o seu povo estava exaltado e que elle não se responsabilisava pelo que ainda podesse acontecer.

*

Imagine-se com que vontade embarcaram aquelles dez homens, sem desejo de discutir com os salteadores para rehaver o perdido.

Antes de embarcar, porém, o guarda-marinha Mattos, que não perdera o accordo no meio de tanto risco, ao ver a bandeira do escaler na mão de um preto, que a roubara, approximou-se d'elle e offereceu-lhe em troca a camisa, que vestia. O negocio foi acceite, e o guarda-marinha embarcou simplesmente envolvido na bandeira, um trage bem simples e até original, mas que o cobriu de honra para sempre.

Trez vezes tentou o escaler fazer-se ao largo, outras tantas o mar o atirou á praia. Murmuravam os negros contra o *soba*, dizendo: que o *feitiço* não queria que se lhes desse a liberdade. Salvou ainda o caso o *quibanda* com suas artes, tregeitos e *milongos*.

Quando o mar deu sota entrou pela agua cantando, e bradando aos seus, que ajudassem a pôr a embarcação a nado. D'aquella vez a gente remou com vigor e felicidade, e quando a vaga veiu rebentar na praia, erguido nas cristas das ondas que avançavam, ou mergulhado no profundo cavado da maresia, o escaler estava livre da arrebentação, e seguia rapido de proa ao brigue, que lá ao longe jogava pausadamente de bombordo a estibordo, embalado pelas ondas da *calema*.

Quando o segundo escaler atracou ao *Villa Flor*, e a seu bordo se soube o succedido, o guarda-marinha Mattos andou nos braços de toda a gente, e não lhe faltaram elogios pela sua conducta valorosa.

*

A noticia do naufragio do escaler correu logo pelo sertão vizinho, porém bem differente da verdade.

Rejubilavam os negros porque n'uma grande batalha tinham vencido e aprisionado os portuguezes.

O *soba* de uma povoação ao norte do Loge prohibiu aos habitantes do Ambriz irem buscar agua ao rio, porque o seu *feitiço grande* batera os brancos, e não mais os deixaria transpor o rio.

*

No dia 17 de setembro trinta praças do *Villa Flor*, trinta do batalhão de linha de Loanda, e quinze soldados de cavallaria passaram o Loge para o norte, e o *soba* e o seu povo fugiu para os mattos mal avistou ao longe os cavalleiros, e o reluzir scintillante das baionetas.

Padrão do Zaire

1859

Padrão do Zaire

1859

Em 1484 o navegador portuguez Diogo Cam descobriu o rio de Mani-Congo e a costa adjacente, e tomou posse do territorio em nome de El-Rei D. João II. Para memoria ergueu perto da foz, na margem esquerda, um marco de pedra da altura de dois homens, tendo em relevo o brazão de armas do reino, e a cruz, com uma legenda em latim, e outra em portuguez a narrar o feito.

Mais tarde este ousado marinheiro subiu o rio até proximo das primeiras cataractas de Yellala, e para commemorar este emprehendimento, ainda hoje n'uma fraga á beira do Rio dos Peixes se lê a inscripção ao lado de um escudo das quinas, e de uma cruz gravada no penedo. A letra diz assim:

«Aqui chegaram os navios do esclarecido rei D. João o segundo de Portugal.» (aa) «Diogo Cam. Pero Annes. Pero da Costa. João de Santhiago. Pero Escolar. Alvaro Pires.»

Umas cruzes entalhadas na rocha lembram Gonçalo Alves, e Diogo Pinheiro, que morreram de doença.

Deve ter sido cheia de difficuldades esta primeira viagem rio acima.

*

O padrão de Yellala conserva-se impavido ha mais de quatro seculos desafiando o vento, o calor, a tempestade, e a cheia do rio caudaloso. Não assim o colunello, que deu o nome á ponta do Padrão. Abalado pela cheia, quiçá alvejado pela artilharia de inimigos — para apagar memorias do nome portuguez — apenas a base, e um troço de columna, — o todo não chegando a um metro de altura sobre o solo, — jazia escondido a meio de um mattagal espesso, para onde fôra levado, e de todo se perdera se o não guardasse com supersticioso respeito o gentio bravio do logar.

Já nem sabia o que significava aquella pedra. Era um feitiço, que a gente de alem mar ali cravara ha muitas luas. Ligava-se ao culto dos santos do arruinado convento de capuchinhos da ponta de Santo Antonio. Figurava com credito igual ao do meio do sino da ermida sertaneja, que desabara com a torre, e que as trepadeiras da floresta tinham amortalhado no seu manto escuro de verdura.

Eram feitiços de brancos, bons para rogar chuva, no conceito dos velhos das *libatas,* e como taes os mussorongos os veneravam, receiosos de perder o seu amparo, a que a tradição de quatro seculos dava foros soberanos.

O que restava do padrão de S. Jorge estava assim em setembro de 1859. O nome de ponta Padrão — mau grado de algum geographo estrangeiro, que lhe chamasse de outro modo — era o firmal de que o descobrimento fôra feito pelas caravellas portuguezas, e como se fôra possivel destruir este argumento, o marco fôra mutilado e derruido, como extrema de propriedade, que um vizinho ambicioso e malevolo alta noite a occultas vae arrancar da terra, para a troco de um crime chamar suas a umas leiras de courella productiva.

A campanha contra os direitos reservados de Portugal sobre o rio Congo vinha de longe.

Em 1859 a marinha de guerra, com uma tenacidade e patriotismo memoravel, a par do serviço de repressão do

trafico da escravatura, contribuia com o seu labor intelligente para a defeza e consolidação do nosso dominio ultramarino.

Do seu labor constante ainda hoje se reconhece o beneficio. O padrão da foz do Zaire foi um marco venerando, — qual montanha gloriosa a erguer-se entre as nuvens da fama da historia nacional — contra a base do qual se contorceu e recurvou a onda invasora do tratado de Berlim.

*

Assentando sobre o lagedo de dois degraus um bloco quadrangular de cantaria estavam uns pedreiros, e umas praças de marinhagem da corveta *Gôa*.

Era em setembro de 1859 e o logar da scena a ponta do padrão no rio Zaire.

Densa mó de negros mussorongos cercava os trabalhadores mirando, e discutindo a obra dos artifices. Alguns ajudavam a alar a talha da cabrilha, outros porém discutiam entre si em altos brados, brandindo as zagaias, e as espingardas lazarinas.

O mestre da corveta Jeronymo Duarte dizia para o guardião Gonçalves, e para o marinheiro Caramujo, que lhe ficava ao lado:

— Maldicta cafila de selvagens, que nos anda a mostrar os dentes. São feras a rugir aguçando a dentadura, para melhor abocar a presa. É mostrar-lhes rosto alegre, porque se nos percebem assustados, já este padrão se não acaba, e ficamos todos pelas custas de quem teve a idéa de nos mandar pôr cruzes n'esta praia, á moda de cemiterio á beira mar.

— Tendes razão mestre Jeronymo. O padrão veiu na nau *Vasco da Gama*, ha quasi um anno. Facil é dar ordens em Lisboa, mas em Africa difficil de cumpril-as. Ahi está fundeada a corveta *Gôa* para nos guardar as costas, mas esta canzoada parece, que lhe vae perdendo o medo. Tristes praças da companhia de artifices de Loanda, bem sabemos, que de degradados não se cuida. É gente perdida,

e em verdade vos digo, antes morrer aqui á luz do sol, do que na cova da onça, ou no segredo da fortaleza de S. Pedro.

—Calae-vos mestre Christovão, e vós outros que entendeis de esquadro e nivel. Andaes atordoados com receio d'estes negros, e fallaes de modo, que lhes incutis valor. Sabei, que muitos d'elles entendem nossas fallas, tende pois cuidado na loquella, que pouco falta á obra para lhe pôr o fecho.

—E depois a cruz é boa para afugentar demonios, e ámanhã ou depois estará erguida, replicou o Caramujo.

A este tempo crescera a algazarra, e o motim.

—Esta terra não é de brancos. Querem fazer fortaleza em nossa terra.

—Não pode ser. Mussorongo não consente.

O mestre Jeroymo dizia para o *linguister,* que turvado com uns vapores de cachaça mostrava-se tão patriota, e tão selvagem como os patricios pintados de tacula:

—Dizei-lhe lá, que isto é memoria de branco, que morreu em vossa terra. Ali á sombra d'aquella arvore jaz um inglez. Debaixo d'esta pedra está um filho do Maniputo. O caso é o mesmo, e até sabem, que a pedra velha foi levada pela cheia, e por isso o rei manda pôr outra.

Mas não havia convencer a negraria. Crescia o motim, e talvez em breve a desordem se travasse. Apertava-se a turba em volta dos pedreiros.

O Caramujo e os grumetes preparavam-se para deitar mão ás picaretes, para abrir caminho combatendo.

O mestre, o guardião, e o carpinteiro do navio mostravam-se impassiveis, impondo-se pelo seu aspecto glacial, conhecendo que só assim podiam sahir a salvo da refrega. Em breve se passaria de palavras a acções. O vozear era tremendo, agitavam-se as zagaias, e o sangue iria talvez tingir os degraus e o lagedo do padrão.

O céo vermelho como fogo, e o sol que ia a mergulhar nas ondas dava aos negros um tom sanguineo, parecendo mais terriveis, e alongando-lhe as sombras pelo terreno maninho em fórmas phantasticas, caprichosas.

De repente ouviu-se o som mavioso de uma flauta trinando brandamente, e que a pouco e pouco se approxi-

mava reforçando, e as notas sonorosas de uma musica jovial reteniam pelos ares, ora agudas e silvantes como gritos de folia, ora graves e melancholicas como o gemer do vento nos silvedos, ou o marulhar das aguas entre os seixos da ribeira.

Dois officiaes, um tenente e um guarda-marinha seguidos pelo *soba* da *libata* assomavam alem n'uma clareira do mangal.

O guarda-marinha vinha tocando flauta, e ao mago influxo da toada suavissima, qual lyra de Orfeo adormecendo as feras, tivera o condão de domar os mussorongos. E aquelles selvagens prestes a commetter um morticinio, prestaram attentos o ouvido á alegre melodia, quedaram-se escutando, e mostrando os dentes n'um riso hediondo, contorcendo o corpo em momices e esgares, balanceando as armas marcando o rhythmo gracioso, deixando os operarios que cercavam, romperam n'uma carreira doida para o lado dos que vinham, e aos saltos e cabriolas de uma dança de selvagens redopiavam jubilosos, cada vez, que mais altivos retiniam os trillos da flauta feiticeira.

—Ah! senhor tenente, que chegou a tempo, dizia o Christovão pedreiro, enxugando com a manga da camisa o suor frio, que lhe inundava o rosto. Julgava sentir já a faca de um mussorongo a rasgar-me o peito.

E o Caramujo, e o mestre da corveta, pasmados da mutação rapida do scenario, acreditavam n'um milagre dos santinhos do convento.

O tenente, n'um relance, percebera tudo, e dizia sorrindo para o *soba:*

—Boa gente é esta dos mossurongos, de quem o Maniputo é muito amigo.

E o *soba,* pensando nos presentes, que de bordo lhe mandavam, acalmava algum menos domavel, que rugisse.

A noite descia rapida, era tempo de voltar a bordo. À frente da horda da negraria o guarda-marinha tocava flauta febrilmente.

Por entre a brenha da selva, que tinham de transpôr, atraz d'elle tripudeava a dança macabra dos selvagens.

*

Dias depois estava a obra concluida. Sempre que a desordem se presentia no terreiro, como o acaso descobrira o antidoto para o mal, a flauta trauteava os seus modilhos, e a paz e harmonia transformava em dança os arremessos de discordia.

O segundo tenente era o Sr. Marx de Sori, e o guarda-marinha o Sr. Manuel Maria Nunes de Carvalho.

A flauta fôra o grande feitiço, para levar a cabo a commissão de que fôra encarregado pelo governo de S. M. o capitão de fragata Pedro Valente da Costa Loureiro Pinho, commandante da corveta *Gôa*, e da divisão naval da costa.

*

A 13 de setembro de 1859 fez-se a inauguração solemne, e o gentio — creança louca e inconstante — correu alegre e pressuroso a compartilhar da festa, e a içar, por suas mãos, n'um mastro cravado no terreno a bandeira portugueza.

Sobre uma base de alvenaria, a 66^{m} da linha da praia, no logar onde a ponta do Padrão boja para oeste, ergueram-se dois degraus de cantaria, e sobre elles um pedestal com as armas do reino, e a cruz da ordem de Christo, o todo encimado por uma cruz de pedra, que quem vem do largo logo avista a foz do rio.

Na face da base virada para o mar pode ler-se a inscripção seguinte:

«Diogo Cam levantou n'este sitio um padrão de pedra no anno de 1484, quando descobriu o rio Zaire, e a costa adjacente, de que tomou posse em nome de D. João II rei de Portugal. Havendo aquelle padrão sido arruinado pela acção do tempo, foi por este substituido no anno de 1859, sexto do reinado de D. Pedro V.»

O tenente Marx de Sori, que fôra o encarregado do trabalho, vibrante de enthusiasmo e commovido fez o discurso inaugural. Caracter de ouro, coração de poeta e patriota, soube com talento e brilho fazer vibrar a nota patriotica, commovendo e enthusiasmando os seus ouvintes:

«Camaradas... o reino poderá estar hoje pobre e enfraquecido, mas esses pretos que fallam a nossa lingua, adoram os nossos santos, veneram os livros em que aprendemos a rezar, attestam ao mundo o esforço dos portuguezes; e o padrão da foz do Zaire, que ahi fica reconstruido, recorda uma das mais lusidas glorias do nosso querido Portugal.»

E ao escutal-o houve lagrimas sinceras orvalhando o rosto d'aquelles rudes luctadores. O mestre Jeronymo estava commovido; os pedreiros relembravam-se saudosos da terra da patria a que nunca por seu castigo volveriam; officiaes e praças bemdiziam a voz auctorisada que tão vehementemente soubera fallar ao coração dos marinheiros.

Os negros soltavam brados estrepitosos, correspondendo aos vivas a D. Pedro V erguidos pelo commandante da corveta.

N'essa tarde, como adeus de despedida, a flauta suspirou suas endeixas perto do padrão, e as ondas a rebentar na riba eram o echo de um canto triumphal em honra dos antigos e inclitos navegantes.

A 15 de setembro a *Gôa* velejou, e a 19 aferrou Loanda.

Foi assim que se reconstruiu o padrão de S. Jorge na foz do rio de Manicongo.

Serviço de lanchas

1860

Serviço de lanchas

1860

Quando lemos as chronicas dos descobrimentos e conquistas dos portuguezes nos seculos XV e XVI, ficamos admirados não só pela magestade dos feitos, mas sobretudo surprehendidos como com tão fracos meios materiaes se poude terminar tão grandes cousas.

É porque o valor pessoal era de primeira qualidade, e se alguns capitães adquirem aos nossos olhos o vulto lendario dos heroes; os marinheiros, os soldados, os mais humildes tambem pertenciam a uma raça forte e energica, e contribuiam com a sua fé, e com o esforço herculeo do seu braço para a realisação da epopeia portugueza.

Ha quem affirme, nos modernos tempos termos perdido as virtudes de caracter, que tão nobremente distinguiam a gente portugueza.

Passou, é certo, o aureo periodo fascinador da ardente imaginação peninsular; fechou-se o cyclo de aventuras quasi fabulosas, que nos conquistaram tamanha fama de valentes; foi triste o despertar d'esse sonho glorioso; acerba e desastrosa a queda a que nos arrastou tão excelso poderio.

A onda de infortunios reflectiu-se na vida politica lusi-

tana, mas o povo conservou virtudes de outras eras, e se perdeu illusões de fasto e de dominio, guardou condições de real valor e energia, que discretamente aproveitadas demonstram não ser Portugal um paiz em completa decadencia, sem meios de sustentar o seu nome honrado entre as demais nações do mundo.

É principalmente no ultramar, durante mais de quatro seculos de lucta pela vida, onde abundam os exemplos de indomavel energia. Vasta é a lista de combates gloriosos em todos os tempos, e em nossos dias reverdecem laureis de fama bem viçosos. O tratado de abolição da escravatura é prova de como com fracos meios, mas com vontade firme, se pode luctar e fazer vingar uma idéa de paz e liberdade em beneficio da raça africana.

A marinha contribuiu sempre com os seus serviços para o prestigio da honra nacional. Nunca lhe sobraram escolhidas armas nem bons navios para combater e navegar, mas os seus officiaes e marinheiros não desmentiram a herdada tradição dos soldados e navegadores da velha raça.

*

Em 30 de dezembro de 1860 estava fundeada no porto de Moçambique a escuna de guerra *Angra*, e era seu commandante o capitão tenente João Eusebio de Oliveira.

Umas pequenas lanchas constituiam com a escuna a nossa esquadrilha de estação da Africa oriental, e como se tinha de cumprir o tratado com a Inglaterra para a repressão do trafico, fazia-se o serviço de cruzeiro na costa n'essas insignificantissimas e mal armadas embarcações, e exigia-se tanto como se os cruzadores fossem bons brigues ou corvetas proprias para dar caça ao inimigo.

N'aquella tarde tinha largado a *lancha do Estado* para Quelimane, por haver denuncia que uns *pangaios* sahidos na manhã d'aquelle dia iriam tentar escravatura. A lancha levava a reboque um bote de quatro remos pertencente á escuna, e era guarnecida por um guarda-marinha, um guardião, e vinte e cinco praças.

A expedição seguiu por dentro da bahia de Moçambique a montar a ponta de S. Lourenço, e a passar entre o forte d'este nome e a ponta de Sancoul. De forma octogonal e edificado na ponta oessudoeste da ilha devia com o forte de Santo Antonio cruzar os fogos em defeza da cidade capital.

Artilhado de velhas e carcomidas peças de ferro, a maior parte d'ellas no chão por terem apodrecido os reparos, jazia abandonado, batido pelas vagas sem se cuidar de salval-o da ruina. Do desmantelado parapeito miravam a lancha que rastejava o baluarte, um sargento e uns macilentos veteranos, que para ali viviam mais para guarda da cisterna do que para acudir á defeza do fortim.

De noite continuou a chalupa navegando para a Bajona, e d'ali para Quivulane, onde fundeou. A escassa luz da bitacula mais uma vez leu o guarda-marinha as instrucções, que o chefe formulara, e marcando a terra, que lhe ficava perto, releu o numero 5, em que se lhe dizia: «fará toda a diligencia de não se afastar para o mar, e para o sul da Bajona, a evitar que com os ventos de nordeste passe para fóra da posição, que lhe dê para tomar este porto», e recordou outras especiaes recommendações acerca das presas dos navios.

Ás 6 horas da manhã de 31 avistou-se um *pangaio*, vindo da bahia de Mocambo. De vela infunada e navegando para oeste da chalupa procurava montar a ponta da Bajona. Immediatamente o guardião e quatro praças saltaram ao bote, e juntos aos quatro remadores e ao patrão desamarraram da pôpa, e remaram para o *pangaio*, intimando-o a arriar a vela, *amarinhando-o* para o registar.

Logo a lancha suspendeu e velejou para com a sua peça proteger o botesinho, mas ao deitar para elle enxergaram outro *pangaio* coxado com a terra, navegando com destino igual ao primeiro, que parara.

Viraram logo para o abordar, fazendo um tiro de polvora secca, e como não amainasse seguiram-se outros com bala, que por estar o alvo longe, e o balanço tornar difficil firmar a pontaria, provavelmente não lhe causaram o menor damno. O *pangaio* era de bom andamento, e em-

bora a lancha fizesse força de vela para caçal-o, em breve alcançou montar a ponta, e pôr-se ao abrigo dos projecteis.

Poderia talvez continuar a caça se as instrucções não prohibissem montar a Bajona para o sul, e esse seria o desejo do maior numero, porque no enthusiasmo de qualquer lucta nem sempre é facil pautar regras infalliveis a como se deva proceder. Mas o guarda-marinha não era novato n'este genero de serviço, e não se esqueceu de que tinha dez homens n'um bote dentro da bahia, a quem por modo algum convinha abandonar. Voltou pois a lancha ao *pangaio* atracado, onde se encontrou uma leva de pretos, não amarrados, em numero muito superior á companha com que na vespera sahira de Moçambique, e algum armamento não mencionado nos papeis de bordo, e que desde logo foi transportado para a lancha, para evitar veleidades de defeza.

Não restava duvida alguma de ser o *pangaio* boa presa, e o guardião e a gente, que o acompanhava, recebeu ordem de o levar a Moçambique, navegando por entre as ilhas, e ao mesmo tempo de relatar o acontecido. A lancha o iria comboiando até o deixar á sombra dos canhões da fortaleza. Assim se fez, e a lancha logo que o viu em segurança arribou para a bahia de Mocambo, revistando a povoação e arredores, largando d'ali para visitar os logares proximos, e fundeando á noite para a guarnição poder comer e descançar.

Ao fim da tarde appareceu a lancha da *Angra* armada em guerra, commandada pelo guardião, e trazendo ordem do chefe para as duas embarcações darem busca rigorosa por todo o litoral da bahia de Mocambo, e findo este serviço recolherem ao porto de armamento.

*

A 1 de janeiro de 1861, e nos dois dias seguintes cumpriram as ordens superiores. A força de marinha entrou no rio Tumonia, e continuando pela margem oeste exerceu rigorosa fiscalisação á procura de barcos e barracas

de negreiros. Em Mocambo, por então, nada havia de suspeito. Apenas uma *almadia* meia podre se encontrou escondida entre o mangal.

A 3 regressou a expedição a Moçambique.

Tal foi a festa do anno novo de 1861 para este grupo de marinheiros portuguezes.

*

O *pangaio* mouro não é barco para se bater a tiro com qualquer navio de guerra europeu. Basta-lhe porém a sua tonelagem para metter no fundo as lanchas e escaleres com que abalroe na sua rapida derrota. A larga vela de pendão dá-lhe velocidade sufficiente para o talhamar despedaçar falcas e cavername, sem que corra o menor risco. É porém para temer no combate de abordagem. Alguns ha, que trazem de guarnição cincoenta, e mais, homens armados de lança e espada, e algumas espingardas, e os mais d'elles arabes ou mojojos atrevidos.

Obrigal-os a amainar a pesada vela, registal-os, aprisional-os, tendo mandado a seu bordo um bote com dez homens, é acção bastante para affirmar proceder-se em nossos dias com tanto arrojo e valentia como nos antigos tempos celebrados.

As *Lendas da India* por Gaspar Correia, os *Commentarios* do grande Affonso de Albuquerque dão conta de muitas scenas semelhantes. Dourou-as o brilho dos seculos que passaram, mas o valor dos marinheiros da escuna *Angra,* ou de qualquer outro barquito da nossa modesta estação naval, vale tanto como a indomavel coragem dos tripulantes da *S. Gabriel,* ou da *Flor de la mar,* ao capturarem naus de mouros nos mares da India, ou nas mesmas aguas do tormentoso canal de Moçambique.

É questão de raça, e se para alguma coisa ainda podem servir os portuguezes, é para a vida do mar, vocação por muitos exemplos definida.

Marcha forçada

1860

Marcha forçada

1860

Em 1860 o principe Nicolati Agua Rossada, sobrinho do rei do Congo, era empregado do governo em Loanda, e porque se dizia, que com elle varios conjurados projectavam a independencia de Angola, trataram de afastal-o da capital da provincia, porque apesar da denuncia ser apenas boato a que faltava a prova, bom era separar dos partidarios aquelle que parecia ser o pretendente.

Era a continuação da velha historia, sempre nos mesmos moldes, dos principes negros a quem chamamos á nossa civilisação, para depois se revoltarem contra quem os tirou da selvageria, para com maior desejo tornar a ella, enchendo-se-lhes o espirito de vaidades, e o coração de recriminações e odios contra o branco; e a uns leves fumos de vida civilisada já se julgam tão superiores aos seus patricios, que não podem ser senão reis, fidalgos, ou ministros para os dominar e explorar, aproveitando-se, convictos de que são elles os primeiros por hierarchia e merecimento, para serem elles, e só elles, os que devem ser obedecidos.

D. Nicolati foi mandado para o Ambriz, e ou porque se mostrou tyrano no desempenho do serviço de que fôra en-

carregado, ou porque os conjurados o julgaram falso ao que tinha promettido, tão apertado se viu entre interesses desencontrados dos europeus e dos patricios, que buscou remedio na fuga para o Quicembo, onde esperava conjurar as desavenças com os cumplices, e vir em occasião azada tentar realizar o seu plano.

Dizia-se, que Nicolati sonhara ser rei de Angola, tornar ao dominio absoluto de um principe do Congo o territorio onde se tinham estabelecido os portuguezes.

Certo dia a gente do Ambrizete — gente brava, e pouco disposta a ter *soba* differente — assaltou a feitoria onde o principe se tinha refugiado, e com um tiro, e uns golpes de zagaia liquidou o pleito.

Nicolati fôra assassinado pelos amigos, pois todos imaginavam virem a ser *sobas, quibandas,* e *macotas,* e não admitiam agora combater a favor de tamanho ambicioso, que queria só para si fazer um reino independente.

Creanças grandes, divididos de interesses, e por isso mesmo não podendo constituir uma nacionalidade, a questão grande desappareceu, e em seu logar ficaram rivalidades entre *sobas* de povoações vizinhas; despeitos contra os portuguezes; assomos de rebeldia de algum patriota mais intelligente e mais ferrenho, d'ahi, necessidade de ter de recorrer-se ás armas, para não se tornar normal o estado turbulento do paiz, a urgencia de accender a guerra como elemento indispensavel de se consolidar a paz.

Pensou-se pois em castigar o gentio do Ambrizete, que se mostrava mais revoltoso e insoffrido. A morte de Nicolati, o saque á feitoria serviu de pretexto.

Estava então em Angola como governador Coelho de Amaral, homem intelligente, e de boa vontade, mas em cousas de milicia pouco lido, e a quem por dever de cargo, como general, lhe competia o mando das forças de terra e mar, que se aprestavam para a lucta.

*

A 1 de março de 1860 desembarcaram no Ambriz 121 praças, e 5 officiaes dos navios da Estação naval de Angola, corveta *Gôa,* brigue *Pedro Nunes,* e escuna *Cabo Verde.*

Commandava a corveta o capitão de fragata Pinho, o brigue o capitão de mar e guerra Craveiro Lopes, e a escuna o segundo tenente Assis.

O commandante da força de desembarque era o segundo tenente Augusto Marques da Silva; subalternos os segundos tenentes Nunes de Carvalho, e Valadim, e os guardas-marinhas Guilherme Capello, e Carlos Craveiro Lopes, sendo os officiaes da corveta, e os guardas-marinhas da guarnição do brigue.

*

Depois do desembarque — difficil pelo rolo da *calema* na praia — marchou a marinhagem para a fortaleza do morro do Ambriz, e ahi se reuniu a quatrocentos soldados de infantaria e caçadores, commandados pelo afamado major Gamboa do exercito ultramarino.

Era quasi noite quando se mandou dar aquartelamento á marinhagem n'um barracão da Alfandega, immundo telheiro desmantelado, onde ninguem conseguiu dormir. Os ratos e as baratas enxameavam, e auxiliados pelos mosquitos defendiam o armazem, que fôra invadido pela gente do mar pouco habituada a taes alojamentos.

Cosinhou-se o rancho, que foi distribuido tarde e a más horas, e quando o cansaço começou a vencer os homens para adormecerem no lagedo, ás 2^{h} 30′ (a m) tocou a reunir, e marcharam para o rio Loge, na margem esquerda do qual bivacava uma força de infantaria indigena, com o tenente Pimenta, uma peça de artilharia de Loanda, e

varios auxiliares pretos, gente do *soba* Cabouco, armada de lanças e machados, e algumas espingardas.

Ao romper do dia appareceu o governador Amaral a cavallo, seguido do seu estado maior montado, e ordenanças. Passou revista á força, depois formou-se a columna de marcha, indo á frente um piquete avançado de infantaria com o sargento Sepulveda, e depois — ás distancias regulamentares — o corpo principal, composto de infantaria, auxiliares, e caçadores, com a sua pequena guarda de rectaguarda, e nos flancos da columna, marchando de costado, os marinheiros.

Ás $10^{h}30'$ (a m) de 2 de março de 1860 forçaram a passagem do rio Loge; e mal a vanguarda se metteu á agua, por todo o matto da margem fronteiriça rompeu vivo tiroteio.

Rufavam estrondosos os batuques de guerra das *sansalas*, estrondeava nos ares a grita da negraria, que se animava para a lucta, imaginando o rio como fosso bastante para tolher o passo á soldadesca.

A vanguarda respondeu ao fogo, e toda a columna, n'um arranque soberbo, transpoz o rio, e investiu com o matagal, onde o inimigo não teve animo para esperar o assalto. Debandou e retirou para fóra do alcance das baionetas, e distanciado á frente da columna, de quando em quando escaramuçava n'uns fogos de retirada.

Pelos combros flanqueantes do caminho assomavam os pretos das povoações vizinhas, e em grandes alaridos, saltos, esgares, e tiroteio retiravam depois ante a fuzilaria dos flanqueadores, desapparecendo no sertão, como se a terra se tivesse aberto e os occultasse, para depois da columna ter passado surgirem de novo, apparecendo além reunidos á rectaguarda, entoando as suas canções de guerra, mostrando-se manifestamente hostis, mas pouco dispostos a travar combate.

O sol apertava, e fóra da margem do rio começou a rarear o arvoredo. Para o lado do mar o terreno era plano, aspero, de piso areiento, e escalvado, maninhos sem agua e sem cultura.

Os negros fugiam, como quem tinha o sol e a sede por amigos, para destruir o inimigo. Elles bem sabiam a ve-

lha tactica de selvagens. Deixar marchar e internar o inimigo, porque depois do cansaço, da fome e da sede vem a febre, e o soldado europeu tem fatalmente de desistir da guerra.

Ao meio dia — sol a pino, e em calmiço a viração do mar — extenuada a gente pela marcha, alguma ia ficando á rectaguarda. Percebia-se o alongamento da columna, e já se dizia, que cinco praças tinham sido mortas pelo gentio, que vinha espiando os transviados, e assim se vingava n'aquelles, que se separavam dos companheiros, julgando poderem tomar alento descançando á beira do caminho.

Appareceu então á frente, dominando o terreno que seguiam, uma *sansala* com a sua palissada habitual, onde um grupo de pretos se firmou, como quem queria ali defender o passo. A sede apertava ainda mais do que o calor. Era provavel haver na *sansala* agua para o povo, e a columna entrou de roldão pelo recinto.

Meia duzia de tiros lhe franqueou o passo. Fugiram os defensores, e sedentos os soldados buscaram agua com empenho. Varejaram as cubatas, e alguma descobriram salobra e lodacenta em sujas *bindas* e barris. Debalde se lhes dizia, que podia estar envenenada. Bebiam offegantes como se fosse crystallina.

Foi depois um piquete á descoberta, e n'um pequeno valle vizinho havia sombra, e uma ribeira que corria. Fez-se ali o primeiro alto horario; teve a gente uns leves momentos de descanço. Encheram-se os cantis. A corneta tocou a avançar, e os guias romperam a andar pela planura fóra direitos a umas feitorias, que alvejavam muito longe. Era o Ambrizete, a mais de dezoito milhas de distancia.

A *sansala* ardia, como se o fumo e as labaredas das *cubatas* fossem parte obrigada do scenario da guerra africana.

*

A columna ia marchando em ordem, apesar de ser a fadiga grande. O inimigo não a desamparara, limitando-se a vigial-a fóra do alcance das armas, mas pela poeira que levantava, pelo batuque desordenado dos tambores, certo era, que engrossava a mó dos negros, e que se preparava para atacar logo que podesse aproveitar ensejo.

Ás 6h 30′ (p. m) chegou a força ao Ambrizete, e d'ahi a pouco anoitecia. Havia seis horas, que a marcha se não interrompera com o fito de chegar cedo ás feitorias. Marchavam machinalmente, com os olhos fixos na mochila do camarada, que vae na frente; embalados pela cadencia das passadas; alheios a tudo que os cercava; esforçando-se para não perderem o logar na formatura, para não ficar á rectaguarda, e cahir em poder do inimigo.

Quando se deu a voz de: Alto, muitos tombaram para o chão, e ali se quedaram desfallecidos, sem haver estimulo, que os fizesse reagir contra aquelle exgotamento de forças, que os tinha anniquilado. Se o inimigo os investisse muitos não poderiam manejar as armas. A fome, a sede e o cansaço vencera-os primeiro, que as zagaias e tiros do gentio.

As feitorias do Ambrizete estavam militarmente occupadas por marinhagem ingleza, que a pedido dos feitores desembarcara da esquadra do cruzeiro, para lhes segurar as fazendas, e as vidas. O governador, e o seu estado maior, que tinham vindo a cavallo, estavam relativamente bem dispostos. Discutiam com o official inglez sobre a conveniencia de acampar ali aquella noite, e no dia seguinte continuar as operações. O Ambrizete, estivesse ou não dentro da zona dos direitos reservados portuguezes, não estava plenamente reconhecido como debaixo da jurisdicção do Reino. E ainda que se pozesse de parte a questão diplomatica, certo era, que mal a força retirasse as feitorias seriam atacadas pelo gentio, pois vivendo em paz com elle, e pagando os seus *costumes*, ellas tinham violado o pacto auxiliando as forças do governo. Que lhe roga-

vam levantasse o campo, não só para as não envolver na lucta, mas tambem para evitar reclamações de extranhos, indemnisações de perdas de vidas e valores.

Hesitava o governador em resolver o pleito, e por fim, como quem toma uma resolução suprema, deu ordem de retirar para o Ambriz.

Era noite, e em tão precarias circumstancias, cançados, sedentos e famintos, desandar todo o caminho percorrido era quasi impossivel poder-se realizar a salvo.

Mas o general manda e o soldado obedece, e ninguem ali pensou em discutir as ordens. A marinhagem ficou na guarda dos flancos, e ao iniciar-se a marcha de regresso, como matilha açulada a perseguir a caça, os negros appareceram seguindo a força, trocaram-se tiros para os não deixar chegar de perto, e a marcha começou a acceleral-se, tornando-se precipitada, e se não fôra o exemplo dos officiaes a suster os homens, breve poderia transformar-se em fuga.

De quando em quando a gente da rectaguarda, e a do flanco esquerdo fazia alto, e varrendo com descargas o terreno convisinho, dava algum ar á columna para se não desordenar e caminhar unida. Aqui se distinguiu o guarda-marinha Craveiro Lopes, batendo-se bravamente á frente dos seus intrepidos marinheiros.

Unidas nos mesmos sentimentos as praças da Armada tinham jurado não deixar algum camarada á rectaguarda, e assim o cumpriram nobremente.

Um dia inteiro a andar, quasi sem comer e sem beber, e combatendo, é prova de colossal esforço a que poucos podem resistir. Pode a força moral auxilial-os muito, mas por fim o corpo cede.

O tenente Nunes de Carvalho cahiu por terra extenuado. Dizia: que o deixassem morrer, visto o corpo não poder vencer a fadiga que o prostrava. Que seguissem no seu posto na fileira, unica salvação do soldado no combate.

Os marinheiros não queriam abandonar o seu tenente. Era ponto de honra leval-o em sua companhia, e elle, que até ali os guiara tão briosamente, não podia aconselhal-os a que fossem cobardes, salvando-se, e deixando-o ficar em

mãos dos inimigos. Redobrava o gentio o tiroteio, tentando um retorno offensivo violento para alcançar victoria.

A nossa fuzilaria respondia. Então, debaixo da saraivada de chumbo, que ricochetava no terreno; á grita da horda selvagem, que bramia; ao clarão dos tiros, que illuminava as caçoneiras e cardos do caminho, então se viu um grupo de quatro homens, dois levando em braços o tenente, e os outros de carabina em punho defendendo-o, transportal-o para o amparo do cordão de atiradores, e seguirem para a frente.

D'estes bravos apenas consegui colher o nome do marinheiro Antonio da Costa, e aqui o escrevo para exemplo e para memoria, pagando a este humilde o preito glorioso, que se deve a quem cumpre nobremente o seu dever. Antonio da Costa foi official marinheiro, e ahi por 1880 era contra-mestre da casa das velas do Arsenal de Marinha de Lisboa.

*

Era alta noite, e o combate continuava com intermitencias de furor, e ao longe começava a avultar o sombrio arvoredo marginal do Loge, e o rio seria o termino d'aquella peregrinação violenta. Accelerava-se a marcha para chegar breve e interpor aquelle fosso natural como barreira de resguardo.

Chegou-se finalmente á beira da agua, onde por felicidade se encontrou organisado o serviço de passagem. Já n'uma outra expedição o rio tinha dado a muitos morte, e sepultura, porque só se tinha contado com a victoria, que a sorte negara, dando em troca uma das derrotas mais sangrentas nos annaes da nossa historia ultramarina.

O guarda-marinha Villar do Pinho com uma balieira, varios *dongos* grandes, cabos de vae-vem, e jangadas, prevenira o caso dos soldados virem perseguidos pelos negros, e conseguira salval-os da derrota.

*

Na margem esquerda do Loge já a expedição se podia considerar segura. Se as perdas em gente tinham sido diminutas, em effeito moral foi a influencia grande. Os brancos tinham retirado, e taes odios e soberbas o facto alentou no gentio d'aquella região, que só ha poucos annos se fez a occupação official do Ambrizete, a pouco mais de trinta legoas de Loanda.

*

A 4 de março regressaram as guarnições aos seus navios, e o tenente Augusto Marques da Silva foi elogiado pelo valor e prudencia com que commandou a força de desembarque; e tendo depois chegado ao alto posto de almirante, apesar dos seus muitos serviços no mar e nas colonias, nunca mais se esqueceu d'aquella longa e penosissima caminhada.

Como se pode ganhar a Torre Espada

1860

Como se pode ganhar a Torre Espada

1860

Quando em Portugal se promulgou o decreto de 1842, para a completa abolição do trafico da escravatura nas colonias portuguezas, muita gente acreditou, que ia começar para os indigenas africanos uma epocha, em que não mais seriam compellidos a trabalhar em terra extranha. Não foi porém assim. Havia muitos interesses ligados á exploração do *ebano*, e apesar do bom serviço da marinha de guerra, ainda se luctou por largos annos para dar inteiro cumprimento á lei, que fôra inspirada nos justos principios da fraternidade humana.

Na costa de Angola o trafico acabou primeiro. Fechados os mercados do Brazil e Havana raro havia onde vender a mercadoria, e se nos ultimos tempos do contrabando se pagava a peso de ouro uma carga levada a salvamento, ainda assim não valia a pena de correr o risco de ser aprisionado, com a perspectiva de degredo, porque andavam aturados os cruzeiros portuguez e inglez, e custava a escapar aos cruzadores.

Navios capturados pelos nossos, era certo serem os pretos livres, o que elles não entendiam muito bem. Tiral-os das suas terras, acorrental-os, e leval-os para bordo, e de-

pois trazel-os de bordo para terra sem cadêas, não percebiam a utilidade do passeio. Captivos nas *razias* do sertão, devastadas as suas *libatas* e culturas, morta ou dispersa a familia pelos caçadores de escravos, elles não sabiam para onde ir, e que fazer.

A liberdade do selvagem é muito differente da do homem civilisado, não admira que os seus ideaes sejam differentes.

Não quer isto dizer, que abençoassem as algemas, e o azorrague dos senhores, mas não pareça utopia affirmar-se, que para o maior numero não havia poeticas saudades da patria, que perdiam, e aclimados nas roças e engenhos de alem-mar onde fossem tratados com justiça, eram relativamente mais felizes e civilisados do que nas brenhas dos seus indomitos sertões.

Não basta ser em theoria anti-escravista. É necessario cuidar de civilisar o preto a nosso modo, e só então se lhe garantirá iguaes direitos, porque elle saberá cumprir iguaes deveres.

Os emigrantes europeus para a America, a *escravatura branca* dos nossos dias, não serão mais infelizes do que os antigos escravos tão fallados?

Quando é que para esses chegará a liberdade?

*

Os inglezes mais praticos e com fama de philantropos, levavam os prisioneiros negros para os barracões de Rupert's Valley em Santa Helena, e lá os transformavam em *soldados inglezes* para a Jamaica, e civilisavam e aproveitavam a seu modo o africano, tirando toda a vantagem da escravatura, que reprimiam, e justificavam o argumento de ser para os inglezes que os negreiros trabalhavam. Tal era a opinião no tempo cuja fama chegou aos nossos dias.

*

Na costa oriental da Africa foi differente. Acabou o trafico feito pelos navios europeus e americanos, mas ficou o feito pelos mouros. Os pangaios arabes, conhecedores de todos os esteiros e abrigos do litoral, continuaram o seu negocio para os portos da Arabia, Sino Persico, e Madagascar, e ainda hoje á estação naval de Moçambique será possivel encontrar navios negreiros.

Muitos combates contra *mojojos* aguerridos, e não menos sangue custou á Armada o cumprimento do tratado com a Inglaterra.

Poucos barcos e mal apparelhados, as lanchas pobremente guarnecidas, faltos, em geral, de material de guerra apropriado, foi com taes meios, que o serviço se cumpriu. Só era de primeira qualidade o valor das guarnições, que apesar de serem de varias proveniencias, mais ou menos extravagantes, quando se tratava de entrar em fogo, ou de saltar á abordagem de qualquer pangaio suspeito de escravatura, nunca envergonharam a bandeira nacional.

Os inglezes andavam por lá em bons navios, mas, louvado Deus, onde elles foram já lá tinha ido a nossa gente. Algumas vezes cooperaram juntos para o vencimento de empreza mais difficil, e como já Nelson tinha feito, nunca nos faltou o louvor dos chefes inglezes celebrando o valor e a disciplina portugueza.

*

Em 23 de fevereiro de 1860, um dos guardas-marinhas da escuna *Angra* do commando do primeiro tenente João Eusebio de Oliveira, foi chamado á camara e recebeu por escripto as instrucções seguintes:

«1.º Logo que o tempo o permitta, e esteja prompto, largará na chalupa do estado, acompanhado pela lancha,

ambas tripuladas, municiadas, e guarnecidas; se dirigirá a Chicoma, districto de Quitangonha, onde consta estarem dois pangaios a carregar escravos.

«2.º Caso encontre pretos de qualquer maneira presos, tomará conta d'elles, e quando se retire lançará fogo aos barracões, ou palhotas onde os encontre.

«3.º Observará os pangaios a fim de conhecer se a seu bordo tem algum indicio de tentar empregar-se no trafico da escravatura: caso assim verifique diligenciará armal-os, para o que procurará saber onde estão os apparelhos, panno, etc., isto se não estiverem promptos a navegar, e assim preparados os fará conduzir a este Porto; se não fôr possivel fazel-os navegar, e encontrar n'elles motivos de suspeita, mandará pela lancha cinco praças e o furriel, para eu prevenir.

«4.º Vae um preto, que o poderá informar do sitio onde estejam os pangaios, e os pretos presos.

«5.º Caso nada encontre de suspeito poderá retirar para este Porto.

«Bordo da escuna de guerra *Angra* surta no porto de Moçambique — 23 de fevereiro de 1860 — (a).»

*

Acostumado áquellas commissões de leva-arriba, o guarda-marinha foi tratar de metter no sacco alguma roupa, emquanto o outro guarda-marinha lhe preparava o magro rancho; arranjou a manta, o sextante, as Taboas de Norie, um bocado da carta do Canal — objecto de luxo, que lhe pertencia — poz a espada, e foi receber as ultimas ordens do commandante, e ficou prompto a saltar na lancha, que atracada ao portaló de estibordo da escuna aguardava a licença para largar.

Era no fim da tarde, e a bahia de Moçambique calma e socegada reflectia nas suas aguas as muralhas da fortaleza de S. Sebastião, e as paredes da casaria da cidade fortemente illuminadas pelos raios do sol, que descia rapido para os lados do continente mysterioso.

*

Ao anoitecer largaram de bordo da escuna uma chalupa, e uma lancha armadas em guerra, commandadas por um guarda-marinha, a fim de dar cumprimento ás ordens superiores.

A *chalupa do estado,* como era conhecida, tinha sido uma lancha de rocega do Arsenal de Marinha, que a fragata *D. Fernando* em 1857, na sua viagem a Moçambique, levara em substituição de uma lancha e ali a deixara a pedido do governador geral. O director do Arsenal de Moçambique mandou-a aposturar, e armar em chalupa com vela grande, gafe-tope, vela de estai e bujarrona, tendo mais um pequeno redondo com verga, que arriava sobre a borda; armava dezeseis remos com toletes de ferro, mas só doze podiam servir por causa de uma peça de 8 ou 9 libras, montada a meia nau em reparo de rodizio; uma caixa de madeira, forrada exteriormente de lona pintada, e collocada no paneiro quasi debaixo da primeira bancada, tomava o pomposo nome de paiol da polvora, e continha as munições da peça; um exiguo fogão avante, algumas ancoretas com agua, dois ancorotes com amarras de cairo completavam o parco armamento d'esta embarcação pesada, e ronceira tanto á vela como a remos.

Tal era o navio almirante, e o seu companheiro a *lancha de camphora,* recebera o nome da madeira de que fôra construida. Pertencera ao brigue *Tejo,* e era uma embarcação airosa, andando bem á vela e a remos, e armando seis remos por banda. Tinha dois mastros com vela triangular, e uma á proa, e um bacamarte de bronze montado com pião á roda, que por não ter projecteis adequados carregava com tres balas de espingarda.

Estas duas embarcações, alem do guarda-marinha, eram guarnecidas por um furriel e trinta praças, escolhidas entre marinheiros e grumetes, e um pratico preto.

Foram municiadas pela escuna *Angra* com dez espingardas Menie, pistolas de pederneira, de cavallaria, espadas de abordagem, machados, chuços, e um porta-car-

tuchos para cartuchame de espingarda, bacamarte, e pistola, pois a peça de bronze era municiada pela provincia.

Ia provida de mantimentos para oito dias — modo de fallar, por que no cruzeiro das lanchas salvava-se o *deficit* do paiol — arroz, carne salgada, farinha de pau, aguardente de cajú, pouca lenha no fogão, porque no matto havia muita, e ausencia completa de pesos e medidas para fazer a distribuição dos generos.

O guarda-marinha, em geral, comia da caldeira, e por especial honraria em prato de louça, bebendo vinho quando o comprava á sua custa, e dispendendo com a marinhagem o magro rancho, e as *penosas* adquiridas, ou *achadas* nas povoações do litoral...

*

A esta narração trataremos de conservar o cunho simples, e até a fórma com que, com real interesse, a ouvimos do narrador, mal sabendo elle ser nosso interesse tornar este facto conhecido.

Que nos perdoe a sua modestia; mas eu posso dizer como um official bem mereceu ganhar a Torre Espada.

*

«Velejou a frota a montar a ponta da fortaleza, e seguiu por entre a Cabaceira pequena, e a ilha de Sete paus, atravessando em diagonal a vasta bahia da Conducia.

«Depois da meia noite fundeou proximo da ilha do Sombreiro. Na madrugada seguinte não foi preciso suspender o ferro da chalupa, pois que o coral se encarregou de roer a amarra. Velejamos a passar ao sul da ilha da Quitangonha, a qual contornámos por leste, e pouco depois das seis horas da manhã entrámos em porto Velhaco, onde proximo á terra avistámos um grande pangaio, com um mastro arriado. A *lancha da camphora* recebeu ordem de

o reconhecer e atacar pelo lado da terra, emquanto a chalupa fazia o mesmo pelo lado contrario.

«Quando tudo estava preparado para o *amarinhar*, a sua guarnição atirou-se ao mar nadando para terra, que lhe ficava proximo. Da nossa parte houve um momento de surpreza, porque esperavamos tudo, menos aquella solução. A lancha armou novamente os remos, e seguiu os nadadores, conseguindo embarcar um, que trouxe para bordo do pangaio, o qual a este tempo estava sendo visitado pela gente da chalupa, não se encontrando o panno, e mantimentos, e sómente algumas esteiras no porão. Interrogado o prisioneiro, este fingiu não perceber a nossa lingua, e foi mandado convenientemente amarrado para o porão.

«Fomos para terra, ficando a chalupa amarrada a pequena distancia, para defender o desembarque, que se fez sem novidade. Encontrámos encalhada na praia a lanchinha do pangaio, que immediatamente foi posta a nado, e amarrou á pôpa da chalupa. Internando-nos um pouco vimos uma especie de telheiro, composto de paus a prumo, tecto de capim, e entrada franca aos quatro ventos cardeaes. N'elle estava um tanque de madeira, naturalmente propriedade do pangaio, por serem usados em navios de mouro para aguada. Em torno do telheiro, e dentro d'elle encontraram-se signaes de recente acampamento.

«Em uma cubata proxima, deparou-se com o panno, que faltava ao pangaio, algum apparelho de cairo, e dois ancorotes, sendo tudo conduzido para a lancha da expedição, indo um dos ancorotes substituir, sem dispendio para a fazenda nacional, o que a chalupa perdera na noite anterior.

«Contornando a bahia descobrimos na ponta norte um riacho, cuja foz estava mascarada com rochedos, e á sombra d'elles fundeado um pangaio pequeno, que depois de examinado foi condemnado á fogueira para occasião opportuna, por não convir ao presente alarmar a negraria, que não gosava de bons creditos.

«Recolhemos a bordo a fim da guarnição comer, e tomar algum descanço, indo depois continuar a investigar em duas povoações proximas, não se encontrando nada de suspeito.

«Passámos o resto do dia na bahia, e á noite lançámos fogo ao pangaio encalhado. Ao amanhecer do dia 25 suspendemos para recolher a Moçambique.

*

«A lancha do pangaio ia a reboque do mesmo, a *chalupa,* e a *lancha da camphora* a rebocar o pangaio. Seguimos por entre a ilha de Quitangonha e o continente, a atravessar a bahia da Conducia, por ter o pratico affirmado haver agua para passar por cima do isthmo, que liga a referida ilha á terra firme, poupando assim muito caminho, do que sahindo pelo lado de leste.

«O pangaio custava a arrastar, o vento era pouco, e fraco o auxilio dos remos, restava a maré, que começava a vazar, e a custo a *caravana* galgou o isthmo, e já ia na bahia da Conducia quando o pangaio encalhou. Immediatamente se lhe largou o reboque, e as duas embarcações continuaram o seu caminho, encalhando pouco depois a *chalupa,* conseguindo a *lancha,* mais boieira, fundear fóra do parcel, ficando com dois guardas, e vindo o resto da gente reforçar a guarnição dos barcos.

«O incidente não era nada agradavel, mas podia ser facilmente resolvido, visto a guarnição ser composta de homens affeitos a grandes provações, e no caso de serem atacados como era de prever, facilmente se defenderiam. Tinhamos a nosso favor estarmos n'um areal, talvez a meia milha da terra, e termos uma peça, que n'essa epocha ainda os pretos respeitavam como feitiço.

*

«Preparámo-nos para os acontecimentos ferrando o panno, ancorando a chalupa, carregando a peça com metralha, passando o bacamarte da lancha para o pangaio, e quatro fuzileiros para sua defeza.

«Fizeram-se novos cartuchos para as balas, que se encontraram soltas no paiol, servindo de forma um tolete da chalupa; e o furriel, que fôra soldado de artilharia antes de ser do corpo de marinheiros, foi nomeado chefe da peça, com dois grumetes serventes. O resto, que não tinha espingardas, armou com pistolas, espadas, machados, chuços, conforme a predilecção especial de cada um.

«O pangaio formava a direita da columna de operações, a lancha do mesmo o centro, e a chalupa a ala esquerda.

«Completos os preparativos da defeza, e distribuida uma praça de aguardente ás praças para alentar o *sacrofogo,* aguardámos os acontecimentos, e que a maré acabasse de vazar, e tornasse a encher, que era o mais importante.

*

«Depois de estarmos completamente em secco vimos sahir do arvoredo da praia trez pretos, trazendo um d'elles um trapo branco amarrado n'um pau, como parlamentario. Começavam pela parte diplomatica. Antes assim.

«Como era de nosso dever, e sobretudo para não sermos contados, poupamos caminho aos embaixadores, indo o guarda-marinha com dois marinheiros, sendo um preto, ao encontro da embaixada, que, cumprido que foi o cerimonial do estylo, expoz: que o scheik da Matibana, o qual annos depois foi desterrado para Cabo Verde, ordenava a entrega do pangaio e seus pertences ao capitão. Respondeu-se aos mensageiros: não haver duvida nenhuma em acceder aos desejos do scheik, podendo o capitão mouro vir buscar o pangaio quando quizesse, trazendo porém os seus papeis para serem visados, e assim obstar a que perdesse tempo.

«Disseram: que o capitão não podia vir por estar longe.

—«Vão buscal-o. Nós esperamos.

«E assim terminou a conferencia.

«Recolhemos ás trincheiras onde encontrámos a marinhagem rindo e troçando dos diplomatas da negraria. Ou-

via-se tocar o buzio a reunir. Naturalmente houve *fundação,* porque começámos a ser incommodados com tiros d'entre o matto, apparecendo grande numero de pretos no areal, approximando-se do nosso acampamento, sendo nós obrigados a romper fogo de metralha e fuzilaria, pelo que recolheram ao arvoredo, continuando de lá o tiroteio, a que não respondiamos por ser de longe, e inoffensivo, e para poupar as munições.

«Pelo nosso silencio julgaram que tinhamos morrido, e tentaram com grande grita uma investida a descoberto, e que foi por nós vivamente repellida, obrigando-os a fugir para o matto.

«Naturalmente houve nova *fundação,* porque passado tempo tentaram os pretos passar o isthmo para a ilha da Quitangonha, d'onde as embarcações encalhadas estavam mais proximas, e onde o rodisio não podia empregar os seus projecteis, visto o pangaio mascarar o alvo. Precisámos mudar de tactica como o inimigo fizera. O rodisio recebeu ordem de varejar a ponta da terra firme, que communicava com o isthmo, e a *lancha da camphora,* que com a enchente se tinha approximado da chalupa, recebeu os fuzileiros, que não estavam no pangaio, e ordem de se approximar do isthmo, e auxiliar o pangaio na defeza.

«Passado algum espaço, reconhecendo o inimigo a improficuidade do seu plano, e que a maré vinha difficultando o vau, recolheu ao arvoredo, diminuindo a fuzilaria. Finalmente a nado, a chalupa approximou-se do pangaio para o rebocar, logo que elle tambem nadasse, e tendo voltado a guarnição ás suas embarcações, seguimos para Moçambique, onde entrámos na tarde de 26, com a frota augmentada de duas embarcações, sendo uma d'ellas de alto bordo.»

*

Porto Velhaco dista de Moçambique cerca de vinte milhas para nordeste, e é formado por uma reintrancia da ponta nordeste da Conducia, e da ilha da Quitangonha,

que fica norte-sul com a ponta do mesmo nome, limite nordeste da bahia.

O porto é bonito, e parece abrigado com bom tempo, mas como é grande a amplitude da maré, quem não se acautelar poderá ficar em secco no parcel. Com mau tempo rebenta quasi todo. Juntando a taes predicados serem os naturaes pouco seguros, fica demonstrado estar bem posto o nome, e ser necessario guardar de taes velhacarias.

*

Quando o guarda-marinha entrou em Moçambique trazendo a reboque o pangaio capturado, com a bandeira vermelha de mouro içada por baixo da bandeira portugueza, vinha na verdade satisfeito.

Tinha cumprido a commissão para que fôra nomeado, e se não mandou o furriel dar parte do encontro do navio suspeito, para da escuna resolverem, tivera a fortuna de o tomar sósinho, dando mostra de valor, porque quando se dispoz para abordal-o esperava que de lá lhe resistissem. Depois defendeu a sua presa, e as lanchas do seu commando em circumstancias difficeis, e se lhe faltou a agua para navegar, é porque o pratico se enganara com a maré e com o caminho, ou sendo da mesma grei do inimigo não se lhe dava de ver os europeus atacados e vencidos, e elle lá saberia haver-se com os mouros.

Quando se apresentou a bordo da escuna *Angra* o commandante, depois de ouvir o relatorio do cruzeiro, disse-lhe: está bem, vá descançar... e d'ali a pouco mandou-o chamar para tratar de umas questões de fardamento da marinhagem, visto o guarda-marinha ser o commandante do destacamento, sem lhe ter dado ensejo de dormir. Tal era a moda de tratar n'aquella epocha, e imaginava-se ser assim, que se devia educar o guarda-marinha, para vir a dar um bom official.

*

O pangaio foi julgado boa presa, vendido, e na repartição das partes coube ao guarda-marinha apresador pouco mais de duas libras. O resto foi para as praças e auctoridades, conforme mandam as leis e regulamentos em vigor.

Mas n'este caso, para o rapaz o dinheiro não tinha valor algum. Mal chegava para beneficiar o rancho da marinhagem no proximo cruzeiro, que não tardaria muito. Bastavam-lhe as palavras de louvor, e um abraço, que lhe dera o brigadeiro Tavares de Almeida, governador geral de Moçambique, na sala do palacio em frente dos officiaes e ajudantes, um dia em que fôra visital-o.

Por isso de alguns trabalhos de marinha nem ao menos resta uma menção nos *Boletins officiaes das provincias ultramarinas*.

O guarda-marinha era o Sr. Sebastião José Gonçalves, que moralmente ganhou a Torre Espada.

A ultima viagem da nau da India

1861-1863

A ultima viagem da nau da India

Desarvoramento da fragata «D. Fernando»

1861-1863

As monsões do canal de Moçambique sopram alternadamente de S. O., de abril a novembro, e de N. E. o resto dos mezes até abril.

A de S. O. é a boa quadra, a outra em occasião de lua cheia traz quasi sempre algumas horas de rijo temporal.

A mudança de monsão de S. O. para N. E. faz-se em geral com tempo claro e bonançoso, e trovoadas de pouca intensidade; a de N. E. para S. O. dá sempre muita chuva, tempestade e aguaceiros pesadissimos.

O mez de fevereiro é o peor de todos, diz a *Guia do Canal de Moçambique*, por Silva Costa, e as *monomocaias*, ou *tufões de Moçambique* como elle tambem se denomina, fazem a sua visita áquella costa de 10 de fevereiro a principios de abril, desde o Ibo e bahia de Pemba até ao archipelago de Bazaruto, oscilando pouco em latitude os seus limites.

A duração maxima é de vinte e quatro a trinta e seis horas. Começa a soprar forte de S. O., dá um recalmão de um quarto de hora, salta o vento para o N., tornando-se então de grande intensidade e perigoso.

*

O naufragio do brigue *Mondego,* o desarvoramento da fragata *D. Fernando,* o encalhe da corveta *Duque de Palmella,* são factos notaveis na historia contemporanea da marinha de guerra portugueza. Commovedoras, dramaticas, cheias de brilhantes heroismos, de dedicações modestas, mas altamente apreciaveis, revestidas do lendario brilho das scenas maritimas nos mares do Oriente, são as narrativas do naufragio e do encalhe.

O desarvoramento da fragata tem, porém, uma feição especial. É, por assim dizer, a scena que resume a ultima viagem da charrua da India; um conjuncto de factos que põe em relevo o valor profissional do marinheiro portuguez; é a causa de que deriva uma longa viagem cheia de todas as contrariedades do ronceiro navegar da *nau dos quintos;* é uma historia que já nos parece de antigas eras; porque o vapor e as machinas, nos ultimos annos, transformaram radicalmente a derrota e o navio.

A fragata *D. Fernando,* cujo negro casco avulta a meio Tejo transformado em pontão-escola de artilheiros, é um monumento archeologico, apesar do seu aspecto mascarado, lembrando ter ainda ha pouco havido arsenaes e estaleiros nas colonias; navios que navegavam para a India; fragatas, corvetas e brigues de guerra iguaes aos melhores das marinhas estrangeiras, porque o dinheiro não era então o unico argumento indispensavel para a construcção de navios de guerra, hoje substituidos por essas maravilhas da industria do ferro e aço, os navios de combate, que só as nações riquissimas podem possuir e custear, sustentando no mar o seu dominio.

Por isso os officiaes antigos recordam ainda o facto, a arribada, o remediar das avarias como prova de aptidão profissional; como valioso documento de que possuiamos uma marinha, que breve decahiu e desappareceu sem que fosse substituida por outra de guerra ou de transportes, ainda que modesta, mas a par dos aperfeiçoamentos mo-

dernos, podendo comparar-se com algumas estrangeiras no serviço policial, e das colonias.

Quem sabe se, apesar da modestia de todos, não acudirá ao espirito em algum momento de aborrecimento, a idéa da comparação do navio de vela e do serviço naval d'aquelle tempo com o d'agora de largar e ferrar latinos nos commodos barcos de vapor, ou com a fachina dos mastros militares, que nada se parecem com as gavias das naus de linha, aonde os artilheiros e soldados que os guarnecem apenas conservam o uniforme da gente do mar, a camisola e a tradicional camisa de alcaixa dos gageiros.

Sem esquadras, sem navios grandes, sem marinha militar que lhes desse a noção da propria força, e a crença de poder luctar com esperança de vencer, justificadas ficam lembranças do passado, desculpa para recordar os velhos tempos.

O desarvoramento da fragata passou ás lendas da nossa Armada envolto n'uma certa aureola de saudade.

*

A fragata *D. Fernando,* de 50 peças de artilharia, e de 1:849 toneladas de deslocamento, foi construida de optimas madeiras em Damão pelo tenente Gil José da Conceição, e pelo mouro Jadó-Simoji. De $48^{m},7$ de comprimento entre perpendiculares, $12^{m},8$ de bocca no convez, $11^{m},9$ de pontal, da face superior da quilha á borda na casa mestra, foi lançada ao mar em 22 de outubro de 1843.

Dizem ser risco igual ao da fragata *Duqueza de Bragança*.

*

A 18 de maio de 1861, a reboque do vapor de guerra *Mindello*, sahiu a barra de Lisboa. Ia armada em charrua, e levava apenas duas peças no convez. Destinava-se a Moçambique, India, e torna-viagem por Angola, levando

soldados e passageiros, e carga do governo. Para Moçambique conduzia uma companhia de caçadores, e outra para Damão.

A coberta ia empachada de carga especada como se tornava necessario, e na tolda, entre os mastros, ia em quarteladas o vapor *Zambeze* feito de ferro, para servir no rio do seu nome, de sorte que a fragata ia pesadissima, dando amplissimos balanços, puxando os mastros muito pela enxarcia, sentindo-se a falta dos rebaletes para lhe aguentarem o jogar, e andando pouco não só por estar peada, mas porque o tempo era bonançoso, e só no fim de oitenta e nove dias de derrota, a 15 de agosto de 1861, largou ancora em Moçambique.

A 16 desembarcaram soldados e passageiros, e a 20 já o *Zambeze* ficou amarrado em frente do arsenal da ilha.

Attestada que foi a aguada, e recorrido o calafeto dos trincanizes, a 1 de setembro largou a fragata para a India. A 22 fundeava na Aguada, tendo encontrado vento muito bonançoso na approximação á costa do Malabar.

A madre do leme ia partida, e por determinação do conselho de officiaes, alliviado o navio a ficar em 16^{p},5, a 19 de outubro entrou a barra do Mandovi, amarrando em frente de Pangim, onde remediou a avaria e poude finalmente *calar* o leme n'aquellas aguas socegadas, sem receio da ondulação do mar da Aguada, que raramente está tranquillo.

A 1 de dezembro, reparadas as avarias, voltou a fragata para o ancoradouro da Aguada, começando logo a apromptar para viagem de regresso. Trabalho não faltou. Metteu a bordo 100 toneladas de lastro, representado por 59 peças de ferro de varios calibres, que tinham servido á conquista e guarda das nossas antigas fortalezas. Arrumou o lastro, e sessenta e quatro tanques de ferro que tirara, atestou a aguada, e estivou pelo porão e coberta sacas de arroz, assucar, pimenta, caixas de chá, bagagens, e mais carga que trazia, recebendo alem da sua guarnição 18 degradados, e 119 passageiros.

A 11 de janeiro de 1862 fez-se de vela, e a 11 de fevereiro fundeou de novo em Moçambique. Ahi recebeu mais carga e passageiros.

A fragata ia carregada, e o peso de 100 toneladas de peças de ferro no porão fazia-lhe dar rapidos e violentissimos balanços.

A enxarcia real estava branda, e os mastros sacudiam e vergavam quando o navio se adriçava. O mastro grande era da primitiva, feito de *puna*, e enfeixado; o do traquete de madeira branca, e pertencera a um *indiaman*, que andara na carreira muitos annos.

*

A sahida estava determinada para 20, e na vespera o navio ficou prompto. O N. E. soprava fresco presagiando umas magnificas singraduras para S. Sua Ex.ª o governador geral Tavares de Almeida lembrou-se, porém, de convidar o commandante e officiaes para um jantar de despedida, e a fragata só largou do porto a 22.

O vento tinha abonançado e rondado para o S., as aguas corriam ao N., e a 24 estava á vista do baixo de João da Nova, e ao meio dia de 1 de março o ponto era igual ao do dia de sahida.

No dia 7 e 8 de março mostrava o tempo um cariz medonho.

No quarto das quatro horas ás seis da tarde o vento era S.: S. S. E., dando de quando em quando rajadas muito frescas, e o mar de pequena vaga. O tenente Valadim que estava ao catavento recebeu ordem para virar de bordo, pondo o navio com amuras a bombordo.

O commandante passeava na tolda a barlavento, e quando o official lhe perguntou *como mandava que virasse*, respondeu-lhe cortezmente: *como quizer*. Metteu-se a virar por d'avante, rasgando-se a gavia quando ficou sobre, arribando em seguida desenvergou-se e envergou-se outra gavia, á qual aconteceu o mesmo quando o navio metteu a virar de novo. Abafaram os farrapos da vela como poderam, seguindo a fragata de bolina folgada a estibordo, até que ás seis horas da tarde metteu de capa só com a vela grande rizada, capa pessima para aquelle navio. e

que lhe dava uma velocidade de trez milhas. Á meia noite içou a vela de estai na antegalha, deitando a N. E. ½ E., andando a fragata sete milhas.

Ao meio dia de 6 estavam ao S. das ilhas de Bazaruto, no parallelo do cabo de S. Sebastião.

Na noite de 7 o vento S. soprava violento, a vaga crescera e desdobrava-se em altissimos escarceus, a atmosphera enfumaçada, o horizonte muito curto denotavam temporal. De madrugada o balanço era immenso. Rangiam os mastros e cavername em monotona e gemebunda cantilena. Tratou-se de aguentar a mastreação com costaneiras, estralheiras, apparelhos reaes guarnecidos com ostaxas, enque, contra-brandaes, e ás vergas contrabraços.

Apesar dos apparelhos serem rondados a cabrestante, tão violentos eram os balanços, que ficaram sempre brandeados. Avolumavam em torno das romãs aquelles pesadissimos cadernaes, e de quando em quando rebentavam os ovens da enxarcia real, e os mastros vergavam e torciam em curvas perigosas.

Pela tarde com muito custo e risco para a gente, vieram ao convez as vergas de sobre e de joanete, e os respectivos mastareos. O de joanete grande desfez o michello do andrebello, e desabou do alto no convez, indo bater com a romã sobre a trincheira, cahindo ao mar o galope, que partiu.

No quarto da meia noite ás quatro uma grande vaga encheu o segundo escaler, que ia içado a estibordo, rebentou a chapa dos amantilhos com o peso, o turco cedeu, ficando a embarcação pendurada pela talha da pôpa a bater contra o costado, até que o mar a desfez levando os destroços para longe.

O dia 8 amanheceu tempestuoso. O mestre e o primeiro carpinteiro deram parte de que o mastro grande rendera entre a tolda e o convez.

O commandante foi verificar a avaria, e d'ahi a pouco foi o mastro *arrotado* com barras de cabrestante, o melhor possivel, e reunido o conselho de officiaes lavrou-se termo de arribada. Desfez-se a capa, e a fragata em papafigos rizados, e vela de estai na antegalha, deu ao leme de encontro deitando a E. 4 ½ N. E. a caminho de Mo-

çambique, com mar de vaga grossa, vento S. muito duro, e aguaceiros continuados.

No dia 9 o tempo não tinha melhorado. Desde que a atmosphera se toldara tinha sido impossivel observar o sol, e determinar um ponto rigoroso.

Na manhã de 9 de março o ponto estimado era 18° 44′ lat. S., e long. 38° 52′ E. GW.

A fragata jogava muito, e no quarto das 20 ás 24, uma vez que cahiu a bombordo n'um amplissimo balanço, desarvorou do mastro grande, partindo entre a tolda e o convez. Na queda para bombordo destruiu a trincheira por ante a vante do portaló, e quebrando pouco abaixo da romã deitou ao mar o mastareo da gavia, o cesto, as duas vergas com os paus de cutello e panno, ficando tudo preso ao navio pelos cabos. O pé do mastro saltou fóra da carlinga, recorreu para ré e para estibordo arrombando a tabica da arcada da bomba, e destruindo o ultimo camarote d'esse bordo na coberta.

No meio do estalar da madeira, do sibilar do vento, dos gritos afflictivos de muita gente que julgava chegada a hora extrema, sahiam incolumes d'entre os destroços das anteparas a bradar misericordia, oito canarins, aprendizes de clerigo, que tinham ali alojamento. Não havia n'essa epocha arcebispo em Gôa, e elles vinham ordenar-se ao reino.

Na tolda a guarnição correu á borda, e mezas de enxarcia a cortar os cabos para desligar o resto das antenas, vergame e apparelho, que batiam fortemente o costado do navio. N'uma pancada o laiz de um pau quebrou o vidro de uma das vigias da coberta, a agua repuxou para dentro de um camarote em jorro copioso.

Bradava o proprietario contra o diluvio que lhe inundava o beliche, fazendo fluctuar as caixas do chapeo armado e das dragonas, até que se conseguiu metter um taco de madeira no aro da vigia, vedar a agua, e acalmar um pouco o alarido.

Preso pela enxarcia o mastro foi ficando para ré, batendo no leme quando a vaga o arremessava contra a pôpa. A madre rendeu cedendo a um golpe violento, e a roda partira na occasião do mastro desabar.

O traquete ia infunado, o navio èm cheio, desdobrando-se a onda pela pôpa.

Passaram-se novos braços ás vergas de proa, continuando-se a governar com a cana do leme, e talhas na coberta.

Duas horas depois, ás 23, uma rajada mais rija, e ao cahir na vaga caturrando, a fragata estremeceu e desarvorou do mastro do traquete, abatendo tudo dentro do navio. Rendeu o gurupez e o pau da bujarrona com o peso das vergas e velame.

A marinhagem dirigida pelos officiaes cortava os cabos e safava a rascada com valor. Lá iam para o mar antenas, panno e apparelho, que no afan da faina não se poude recolher. O mastareo e a verga da gata tinham ido pela borda fóra quando desarvorou do mastro grande.

Perdeu-se a roda do leme, uma das bitaculas, estalaram trez vaus reaes, a tolda ficou alluida desde o portaló até ao cabrestante, um dos pedaços do mastro do traquete arrombou o fogão do rancho. Perderam-se mais os paus de cutello das duas gavias e joanetes, quatro cutellinhos que estavam nas gavias, toda a enxarcia de joanetes e sua manobra, e a de sobres.

Custa a acreditar como debaixo da *avalanche* de madeiros, cabos, chapas e poleame, que tocada pelo vento desabava sobre a tolda, escapou salva a guarnição sem ninguem perigar de tanto risco. Apenas o guardião Coutinho foi ferido na cabeça por uma hastilha do mastro do traquete. Verdade seja, que ao ver recurvar os mastros no balanço, facil era a todos adivinhar que haviam de cahir. Mas ninguem fugira a expôr-se, e portanto maior fôra a fortuna e mais grato o salvamento.

Livre o navio dos dois mastros, e unicamente com o da mesena, o balanço cessou, e não se sentindo já o assobiar do vento na enxarcia parecia ter passado a tempestade. Caçou-se a mesena, içou-se uma vela de proa no estai da gata, e a fragata aproou ao mar.

Durante esta difficil conjunctura, commandante, officiaes e guarnição tinham-se portado com valor e disciplina.

O commandante Rosa era um verdadeiro official de mar, e não era para elle novidade os contratempos da viagem

da India. Embrulhado no capote azul, o rosto e as barbas brancas orvalhadas pela chuva, sereno, dava as suas ordens para remediar as avarias.

Confiados no commandante, guarnição e passageiros, que olhavam desconfiados para o mar, animaram, e alguns que tinham esmorecido já contavam valentias.

*

Foram desmanchando a antena, safando os mastareos de gavia, e construindo com grande trabalho uma esparrella de palmatoria para ajudar o leme, que não merecia confiança. Não chegou, porém, a ser deitada ao mar, porque a madre foi *arrotada* no logar onde torcia, e á porta, que tendia a separar-se, deu-se uma forte cossedura de cabo e uma corrente, conseguindo-se assim aguental-a e governar.

Sem panno, que regesse, entregue ao capricho da corrente, a fragata abatia para S.

*

No dia 11 estava tudo ensaiado para arvorar a mastreação. Era faina geral, que necessitava do concurso de toda a gente. Ninguem faltou, e todos trabalharam com afinco.

Nunca ao cabrestante se tinha visto grupo mais luzido. Officiaes do exercito ultramarino, graves burocratas punham o peito á barra, e ajudavam a alar os cabos da manobra.

A quem competia dirigir era aproveitado no seu posto; quem tinha só força dava os braços ao trabalho, e certo ninguem discutia o valor das precedencias. Cadenciando o virar do cabrestante, trinava o apito de um official superior, que vinha de passagem, retirando de commandar um navio em Moçambique.

Á ordem do commandante, ao silvar dos apitos da mestrança, com satisfação geral de toda a gente, foram postos a prumo os mastareos da gavia, e do velaxo, substituindo os antigos mastros; rondadas as enxarcias cruzaram n'ellas duas vergas de gavia, com o seu panno, que passou a servir de papafigos.

Arvoraram-se dois mastareos de joanetes, cruzando as vergas, e caçando as velas, que se tranformaram em gavias, e joanetes. Envergou-se uma gavia na verga secca, e o mastareo da gata foi substituido por um mastareo mocho, cruzando a verga competente. Á proa içaram a polaca, a vela de estai, e bujarrona.

Á tarde a fragata, cuja belleza de apparelho muito deixava a desejar, começou a navegar com destino ao porto de Moçambique.

Apesar de contrariada pelas correntes, a 23 estava a *D. Fernando* á vista da costa de Africa, na lat. 15° 46' S.

As aguas, que tinham nos dias antecedentes corrido a O. S. O., vieram essa noite ao N., e ao amanhecer de 24 estava em frente da ilha de Moçambique, vendo-se claramente a fortaleza e a cidade.

A corrente de 14 a 18 foi sempre na mesma direcção, e em sentido contrario ao andamento.

A fragata conservou o mesmo ponto apesar das singraduras serem 55, 42, 44, 32 milhas a caminho. Se a fragata velejando ganhasse barlavento, em meia duzia de bordos iria fundear no porto, mas assim, e sem poder virar por d'avante, já pela tarde a cidade se não via, o navio abatia para o N., pelo que, reunido o conselho de officiaes, decidiu, que se arribasse para Pemba.

Ao pôr do sol avistou-se ao N. um navio de vapor, e deram-se dois tiros de peça. Anoiteceu, e o navio ainda não reconhecera os tiros de soccorro. Na fragata não repetiram os tiros. Parecia necessario poupar a polvora dos paioes volantes. A fragata era a charrua da India, não ia armada em guerra, e para chegar ao paiol da polvora era necessario abrir o contra paiol, e esse ia abarrotado de arroz em sacaria.

Fizeram-se alguns fachos de signal, que o navio reconheceu deitando para a fragata. Era a corveta ingleza

Orestes, de 1750 toneladas, 400ᶜ de vapor, e commandada pelo commodoro Gardener. Veiu a bordo o seu official immediato.

Ás onze da noite estava passado o reboque, e navegando com a velocidade de 4',5 ás 4 da tarde de 25 fundeava a *D. Fernando* em Moçambique.

*

A 26 de março o mestre do navio, Francisco Antonio dos Santos, e o primeiro carpinteiro Joaquim do Espirito Santo, apresentaram um plano de guindolas apparelhando a fragata a *barca*. Foi presente ao conselho de officiaes. que o modificou para *galera,* aproveitando-se o material que estava a bordo, algum do Arsenal e navios da estação, uma antena e os mastros do brigue *Villa Flor,* que a fragata transportara na viagem de 1859.

Approvado o plano tratou-se de dar começo á obra.

Arriaram-se as guindolas, tirou-se o leme, e começou-se o trabalho no intento de voltar á India em quadra propria, para depois armar segundo a arte, e fazer a viagem para o Reino.

Tirou-se o mastro da gata, o qual foi entelhado, e serviu para gurupés.

Os mastros do brigue, com as carlingas no convez, passaram a ser os mastros grande, e do traquete.

Um mastareo de gavia da fragata transformou-se em mastro da gata.

A antena que viera para o brigue apparelhou-se em mastareo do velaxo.

O de joanete, que partira o galope ao arriar, aproveitou-se para servir de mastareo da gata.

O da sobregata fez-se de um fuso da mesena, ficando a bocca da carangueja sobre o mastro.

A verga do traquete foi das meias vergas de papafigos, que vinham a bordo nas antenas, e para a de velaxo aproveitou-se a verga do traquete da escuna *Angra,* que levara baixa de serviço.

As de secco e gata passaram a ser de grande e gavia, e os restantes mastareos de joanetes, vergas, paus de bujarrona, e giba, e de cutellos, bem assim caranguejas e retranca arranjaram-se com os antigos apropriados, e outros que havia a bordo.

Um pau de *mucrusse,* comprado em terra, substituiu a madre do leme, aproveitando-se o resto do antigo.

*

Valeu á fragata a farta antena de sobresalente, porque apesar de lhe dar para remediar as suas avarias, ainda chegou para soccorrer outros navios. Meia verga do velaxo foi dada á corveta ingleza *Pantaloon* para madre do leme, que perdera encalhando ao S. da bahia de Pemba. O outro mastareo de gavia foi dado á galera *Jovem Carlota* para servir de mastro grande, pois no canal, preste a sossobrar com a tormenta, picou o mastro da gata para arribar, e este ao cahir levou o outro, vindo a galera depois entrar em Moçambique.

Por alguns dias apoz a *monomocaia* vieram arribando ao porto, mais ou menos destroçados, alguns navios. Eram os vencedores, ainda que feridos, do terrivel combate com o vendaval; e dos perdidos não se soube a conta, faltando pangaios e barcos de cabotagem, de que não houve mais noticia, e que naturalmente naufragaram durante a tempestade.

*

No mar e em terra continuavam activamente os trabalhos da fragata.

A bordo a marinhagem dirigida pelos officiaes e mestrança concertava os vaus reaes, a tolda, as mezas, calafetava, e o bater dos maços rebatendo a estopa, acompanhava o golpear do machado, da enxó e da plaina, afeiçoando os madeiros ao fabrico.

Cortaram-se e fizeram-se duas andainas de panno, ageitando ás novas vergas o antigo, e algum que se recebeu do arsenal da ilha, em grande parte o que fôra da escuna *Angra*, e de outros navios velhos, e que lá o tinham deixado armazenado.

Descocharam-se os cabos velhos, e os que tinham escapado do desarvoramento, compraram-se alguns novos no mercado, que estava pobremente fornecido, e emendados os bocados uns nos outros, e por cada dois fios velhos addicionando um novo, assim se fabricou em proporcionada bitola todo o massame do navio.

Debaixo das acacias do campo de S. Gabriel foi estabelecida a cordoaria, dirigida pelo marinheiro José Affonso de Amarante, auxiliado por praças de marinhagem. Pelo magnifico serviço que prestou, bem digno era de avançar no caminho da fortuna, tanto quanto andara para traz a cochar os cabos, realizando-se n'elle o voto de um fidalgo celebre, o qual desejava este beneficio para um outro, que contava um *estrinqueiro das galés de el-rei* entre os seus illustres avoengos.

Na roda de homens que formava a guarnição da fragata appareciam agora operarios de todos os officios. Alguns que pouco valiam no emprego que a bordo desempenhavam, chamados ao meio especial em que tinham vivido antes de assentar praça, tornavam-se apreciaveis pelo trabalho produzido. O criado do commissario, bom torneiro, fez n'um torno emprestado pela canhoneira *Marianna* os raios e malaguetas para a roda do leme, malaguetas das mezas e escoteiras que faltavam, concertou e fabricou immenso poleame.

O serralheiro Madeira — que depois foi primeiro machinista da Armada, e sempre considerado como artista de valor — dirigiu em terra a officina de ferreiros. Todas as ferragens para o leme e apparelho foram feitas no arsenal de Moçambique.

Ia crescendo, a olhos vista, a reparação das avarias. Uma embarcação convenientemente tripulada empregava-se diariamente em fazer aguada na cisterna grande de Mossoril. Para substituir o escaler que se perdeu, comprou-se um outro e concertou-se.

*

Em 3 de junho estava a fragata apparelhada, e tudo com tanta segurança e bem proporcionado, que promettia de si fazer viagem sem receio. Era a fragata navio de primeira marcha, e talvez assim arranjada andasse tanto como a maioria dos navios do seu tempo. Faltava ir ao mar experimental-a, e depois o conselho decidiria se em epocha propria poderia montar o Cabo da Boa Esperança, e seguir viagem para Lisboa, com as escalas do costume. Informado o governador geral, a 12 de agosto largou a fragata para o Canal, entrando no porto a 20.

O resultado da experiencia foi dos melhores, e todos contaram como certa a volta para o Reino.

A 20 de outubro de 1862 largou a *D. Fernando* para Mossamedes. Nunca o ferro se arrancou de melhor vontade, e quando a fortaleza de S. Sebastião desappareceu no horizonte parecia que se entrava em vida nova.

Moçambique não deixava saudades a ninguem.

*

A 10 de novembro montou o Cabo.

Á vista do *Praso Tormentorio,* como se dizia no seculo quinhentista, passava a ultima nau de viagem da carreira da Asia.

A montanha da Meza já demorava ao S. E., muito longe. *Carrega a vela ré e a maior. Cheio. Ala braços a barlavento. Cutello do velaxo vae fóra e varredoura.* A fragata infunada deitou a caminho de Mossamedes, e a 21 fundeava na bahia. Em 17 tocou em Benguella, e a 23 entrou com a viração em Loanda, e amarrou pelo travez do arsenal da ilha. Em todas as escalas recebeu passageiros. Era a epocha das trovoadas, e a guarnição começou a adoecer. Approximava-se a epocha da *grande carneirada,* de terrivel fama para os europeus, e como con-

vinha trazer limpa a carta de saude, tratava-se com empenho de fugir de Loanda sem tardar.

Ainda assim só a 18 de janeiro foi possivel. Recebida a bordo a guarnição da escuna *Cabo Verde,* e mais 83 passageiros, em geral gente pobre e debilitada pelas febres, a *D. Fernando* arrancou o ferro, mareou, e finalmente emprehendeu a viagem de Angola para o Reino.

De proa a O. até entrar no geral, manda o roteiro passar vinte legoas ao N. da ilha da Ascenção; depois a E. do Penedo de S. Pedro, e d'ali a avistar os Açores, e virar na volta de Portugal, que trazendo a polar no lais da gavia vireis desfechar com a barra de Lisboa.

*

A 16 de abril avistou-se o Fayal. Na enfermaria existiam perto de 50 doentes, e muitos mais havia, que não baixavam para se não privarem dos escassos dois terços de ração. A dieta era apenas arroz cosido em agua e sal. Pão não havia. Em Angola o fornecimento de mantimentos e medicamentos fôra modesto, contando-se com a brevidade da viagem.

Não aconteceu assim. Pelo Atlantico andou a fragata esmolando pelos navios, que passavam perto. A bordo andavam todos enfraquecidos e mal humorados. Havia singradura em que de quatro em quatro horas se mandava exgotar o porão de 17 pollegadas de agua.

Quando viram os Açores alegraram-se imaginando findar tanta miseria. Mas nem mesmo sobre vela se tratou de embarcar algum refresco. A fragata não teria livre pratica, o vento podia saltar á travessia, era util aproveital-o a caminho de Lisboa. Não haviam terminado ainda os contratempos.

O vento abonançou, e a fragata em vez de navegar abatia. Em 1 de maio estava na altura de Larache, na costa marroquina. Por ali já o N.N.O. era fresco e a fragata ganhava barlavento, e a 7 estava á vista da costa de Portugal, 13 milhas ao N. do cabo de S. Vicente. Res-

tava no paiol quinze dias de mantimentos, a dois terços de ração, a 386 pessoas que a venciam, das quaes 42 jaziam doentes sem dietas, remedios poucos, e ás quaes o mal dia a dia se agravava.

Navio não se via por todo o horizonte, e na longe terra nem um posto semaphorico para se communicar pelo codigo de signaes. Esperavam anciosos pelo vapor da carreira do Algarve, mas o paquete não apparecia.

Á tarde avistou-se o vapor inglez *Charante*, em viagem para Liverpool, e deu reboque para conduzir a fragata á foz do Tejo. A nortada era rija, e o mar de vaga, e não podendo o vapor romper largou-se o virador, promettendo o seu capitão vir a Lisboa dar aviso, dizendo o commandante da fragata: continuar por mais seis dias bordejando, no fim dos quaes, se ainda estivesse a sotavento da barra, iria arribado para Lagos.

*

A 12 estava a fragata á vista de Cezimbra, aonde ia despejar a bordada. A serra da Arrabida, e o cabo de Espichel coroado pela torre do pharol, recortava o seu perfil no céo azul sem uma nuvem; e o norte descendo impetuoso pelas ravinas da montanha soprava fresco, e a conservar-se firme, como tudo presagiava, no outro dia devia a fragata entrar no Tejo. Viera de Moçambique ao cabo Espichel armada em guindolas, e pouco faltava para fechar a derrota no porto de armamento. Podia dizer-se afoitamente, que tinha realisado um grande feito, digno de figurar na historia da marinha.

Ás 7^{h} demorava o pharol por N. 13° E., á distancia arbitrada de 4 milhas. Ao alvorecer avistou-se ao N. um navio de vapor, que mais tarde deitou para a fragata. Era a corveta nacional *Sá da Bandeira*, commandada pelo capitão tenente João Baptista Garção.

*

Á sombra da terra a vaga cahira, e a serra amparava das rajadas da nortada. Passou-se reboque, e ás 10h navegava a *D. Fernando* em demanda da barra de Lisboa. A borda da fragata, no tombadilho, no castello agglomerava-se toda a guarnição e passageiros. Um ou outro barrete vermelho, destacando-se no grupo, dava uma nota de côr brilhante na mancha azulada das camisolas dos marujos. Pelas escotilhas surgiam os doentes, pallidos e enfraquecidos, a quem a vista da terra dava alentos. Olhavam alegres a boa terra portugueza, o deslisar da agua no costado, a esteira que a helice da corveta revolvia, o ennovelar do fumo, negra nuvem que o vento desfazia, jubilosos por andar a caminho do porto, que buscavam ha tantos dias com tamanha ancia de chegar.

*

Não menor contemplação lhes merecia as peças de carne pendentes das enxarcias do rebocador, as couves e repolhos enchendo as embarcações miudas, os cestos de laranjas oscillando nos vergueiros, e para lá os olhos se alongavam seguindo a dulcissima miragem traiçoeira, porque temendo a quarentena nada tinham mandado áquella faminta e pobre gente, quando o escaler viera debaixo das amuras entregar o chicote da sondareza, para se alar para bordo os viradores.

Mas a serra de Cintra já clara avultava pela proa, e d'ahi a pouco a Guia, S. Julião, e o Bugio, as marcas da barra esplendidamente illuminadas pelo sol desenhavam-se nitidas no magestoso panorama da formosissima enseada.

Ás cinco horas da tarde entrou de barra dentro, seguindo rio acima.

A E. da torre de Belem largou-se o reboque, e a fragata deu fundo.

Eram seis horas da tarde de 12 de maio de 1863, e assim se deu por finda esta derrota.

*

Á noite n'um camarote da coberta, cinco officiaes, que tinham sonhado com um jantar esplendido n'uma das hospedarias da cidade, e despresado o magro rancho habitual da praça das armas, repartiam entre si um pão de meio kilo, e um bule de chá sem assucar, que o cirurgião conseguira adquirir na repartição de saude, por grande favor especial.

Pouco depois deram-se as macas, tocou-se a silencio, e cançada a guarnição adormeceu.

Nas aguas do Tejo espelhava-se o vulto alteroso da nau da India, embalada pelo marulhar das ondas, desdobrando-se brandamente na praia do Restello. Alvejava a casaria da cidade estendendo-se pela encosta, a rendilhada torre de S. Vicente de Belem, os corucheos do mosteiro manuelino. O scenario, e os trabalhos que vinham de soffrer davam motivo para inspirar sentimental canção romantica a algum guarda marinha poeta, que tivesse ficado na tolda de serviço, sonhando ainda com os palmeiraes de Moçambique, ou com as saudosas hortas de Mossamedes.

O silencio da noite só a espaços era interrompido pelo bater das horas no sino do convez, pelo rumorejar da corrente de encontro ao talhamar, pelo brado regulamentar das sentinellas de vigia. Ao alvorecer voltava á fragata a vida e movimento, dissipavam-se os sonhos de poetica phantasia, e a lenda das naus de viagem da carreira da Asia começava pouco a pouco a esvaecer-se á medida que o sol ia subindo, dourando de luz os mastros aprumados.

Uma avaria

1865

Uma avaria

1865

Na estação naval de Moçambique serviu por muito tempo um pequeno vapor de ferro o *Zambeze*, que para ali tinha sido levado em quarteladas pela fragata *D. Fernando* em 1860.

Especialmente destinado á repressão do trafico da escravatura, não admira, que tendo de visitar os portos do litoral, da maioria dos quaes não havia planos hydrographicos, tivesse corrido incriveis aventuras, já transpondo barras no collo de temerosas arrebentações, amortalhado em lençoes de espuma; já tocando por vezes na lombada de baixios, salvando-se por incrivel felicidade dos perigos de um naufragio lastimoso.

N'um dos seus cruzeiros em 1865, tendo havido denuncia de uns pangaios de *mojojos* irem receber carregamento a uma calheta pouco conhecida, e que vista do mar quasi se dissimulava occulta na brenha do mattagal da costa, esteve em riscos de ficar perdido para sempre.

O pratico mouro indicava as marcas do enfiamento da entrada, mas porque a corrente era violenta, apanhando o barco atravessado, e o vento da monsão alteava o mar em desencontrados escarceos, quasi, que o barco ia sem governo em rapida carreira, aos zig-zags no caminho, inun-

dado pela agua, que se desdobrava em cataratas rugidoras, até que uma vaga inorme galgando o baixo o atirou para dentro do esteiro, onde ficou em aguas socegadas, mas de altura diminuta.

O fundo era de areia e lodo, e largou-se a ancora de bombordo. Horas depois a maré baixava, e dentro em breve o naviosinho, que girava sobre o ferro, ficou-se quedo assente no leito do rio, á espera que voltasse o preamar para então safar, e passar depois revista ao litoral.

Não apparecia á vista viv'alma, nem o fumo de uma palhota, o casco de uma almadia, a grimpa de mastro de pangaio occulto no matto marginal. Apenas se sentia o vento a soprar no arvoredo, e o rebramar do mar na barra, cuja ondulação vinha esmorecendo á medida que o nivel da agua descia no esteiro.

Por um e outro lado do barco afloravam corôas de areia, entre as quaes serpeava a corrente lodacenta. A maré baixava quando da machina vieram dar parte ao tenente commandante, de que uma das chapas da carena se amolgava arrancando os rebites, rasgando-se, contorcendo-se, e que uma agulha de rocha rompia para dentro do navio brutalmente.

O *Zambeze,* quasi em secco, estava cravado, ligado fortemente pelo rugoso da rocha, pela aspereza das arestas do fraguedo, pelos gumes das chapas, pelas curvas das cantoneiras das cavernas, sobre uma malha de penedos aflorando d'entre as areias e lodos da ribeira.

Por felicidade o local da avaria permittia, sem ter de desarmar a machina, que se tratasse de remediar, mas era necessario andar depressa, e os meios de bordo não eram grandes, e d'ahi a pouco a maré voltaria, e pelas fendas das chapas rasgadas a agua entraria a bordo em borbotões. Foi necessario atacar o rochedo a golpes de marreta e talhadeira.

Cortavam-se cerces todas as agulhas e arestas; derrubou-se o dente em lança, que lhe cravara a carena, e lhe rasgara a ferida mais perigosa; esmagaram-se as rugas que tinham feito empolar as chapas, e este trabalho cyclopico, a que acrescia o martelar para aplanar e rebater

o ferro, abeirando os gumes do rasgão, fazia-se febrilmente antes que chegasse a agua, o inimigo. Depois sobrepoz-se ao rombo uma chapa larga, apertando sobre o rasgado uma massa de zarcão e de limalha, umas estopas e lona alcatroada, como um penso de ferida gigantesco. Collocou-se por cima uma soleira de taboado, e o todo rijamente escorado para os vaus do convez havia de resistir á pressão exterior, cegar a avaria. e permittir, que o navio fluctuasse.

E depois o official e tripulantes esperaram anciosos a efficacia do remedio. Amainara o vento, ouvia-se o mar a bradar na costa. O negrume da noite mal deixava perceber o vulto das arvores do mangal, cujas raizes se enredavam perto, como uma sebe emmaranhada a reforçar o lagamar de lodo, difficultando o desembarque. Sentia-se o zumbir e as ferroadas do enxame de mosquitos. de longe em longe os urros dos cavallos marinhos e das feras, que vinham dessedentar-se ao rio, e que percebiam alem o vaporsinho, como um perigo ignorado. E os miasmas das febres paludosas pairavam nos ares, mais para temer que as ondas, e as feras do sertão.

Alta noite a maré chegou por fim. Nunca ninguem como o tenente sentiu desejos de mudar as leis da Natureza, para que o preamar se tivesse antecipado.

O *Zambeze* fluctuava; a reparação da avaria parecia ter sido primorosa, pois não entrava agua no porão, e o escoramento estava bem seguro.

Espiou-se um ancorote para regular a giração do barco, não fosse esbarrar na unha do ferro fundeado. De madrugada a guarnição, que velara e trabalhara toda aquella noite amargurada, deu desembarque á busca de negreiros, e cumpriu as instrucções que recebera. Não encontrou pangaios, nem barracões de escravatura, mas as cinzas de umas fogueiras recentes affirmavam, que os mouros e arabes de Mascate tinham por ali passado ha pouco tempo.

Depois o *Zambeze* aproou á barra, e transpoz sem novidade as suas vagas revoltosas, continuando o cruzeiro, até que dias depois veiu amarrar em Moçambique.

*

O pobre vaporsinho avariado cruzando na costa procellosa, em risco de perder-se se uma escora mal segura, e deslocada a chapa, a agua o invadisse pelo fundo, crescendo no porão, apagando-lhe os fogos, e depois submergindo-o no abysmo, dá uma nota honrosa para o primor do serviço da marinha; para credito da rija tempera do official e guarnição que o tripulava. Faz lembrar feitos heroicos de outros tempos; recorda o soldado ferido, que teve por força de abandonar o muro do baluarte sitiado, para vir á ambulancia apertar as feridas; mas ao ouvir a grita do inimigo, que investe de novo as brechas do fortim, corre ao parapeito a ajudar os companheiros, a expôr-se a outros golpes mais perigosos, e apesar das forças abatidas, já sangrado pelo ferro, despreza a conservação da propria vida, só para zelar pela honra da terra portugueza.

Lendas de alem mar

1865

Lendas de alem mar

1865

Eram dez horas da manhã do dia 16 de fevereiro de 1865, e a balieira da canhoneira *Maria Anna* conduzindo um tenente, e um pratico mouro, recolhia a bordo depois de ter reconhecido a barra do Infussi, ou rio de Muite, situada quatorze milhas ao sudoeste da ponta da Bajona. Tratava-se de uma questão de escravos, e uma força de marinhagem iria ali exercer fiscalisação.

Para isso tinha largado de madrugada de Moçambique a canhoneira, levando a reboque o *Zambeze,* pequeno vapor de rodas destinado á navegação do rio do seu nome, e que fôra construido em Inglaterra em quarteladas, e transportado para Moçambique desarmado, na tolda entre os mastros grande e do traquete da fragata *D. Fernando,* contribuindo com o seu peso para os exagerados balanços do navio, na sua ultima viagem de cabos a dentro em 1861-1862.

Por aquelle tempo o Infussi era para nós um rio inexplorado; não assim para os arabes e negros mussulmanos, que de Sofala a Cabo Delgado conheciam toda a costa, e a navegavam, muito antes que por lá tivessem apparecido os portuguezes.

O tenente deu parte, que a entrada era defendida por um semi-circulo de corôas de areia, com a convexidade voltada para o mar, dispostas de forma, que o mar quebrando sobre ellas mostrava, á primeira vista, fechar a barra. Navegando, porém, ao longo das arrebentações reconheciam-se os canaes, que as dividiam, e onde o mar era relativamente mais tranquillo.

Escolhera e sondara o mais largo, determinando pontos de referencia em terra, servindo de balisas as arvores notaveis, a côr das barreiras, as quebradas do inhospito litoral.

O tempo estava bonançoso, o que não obstava ao perigoso florear da vaga no baixio. Se o vento tivesse refrescado, a barra tornar-se-hia inaccessivel. Por toda ella havia de cerrar-se o escarceo das ondas, e então não haveria vestigios de canal, e triste de quem lá fosse tentar transpôr os alterosos vagalhões, porque era certo o naufragio, e com poucas esperanças de salvar a vida.

Foi ali, a 20 de agosto de 1882, que se virou a balieira da canhoneira *Mandovy*, morrendo afogados os guardas-marinhas Valladas e Sarmento, e algumas praças; e onde o guarda-marinha Moreira de Sá, n'um escaler de soccorro, deu provas de valor e exemplar camaradagem, ganhando nobremente a Torre-Espada.

*

O *Zambeze* activou os fogos. Fundeado pela alheta da *Maria Anna* recebeu a seu bordo o commandante Rodrigues de Oliveira, um tenente, o pratico mouro, a força de marinhagem, depois suspendeu, e bateu pás de proa á terra, investindo com a barra do Infussi. A canhoneira ficou fundeada agua aberta com o rio, a duas milhas de distancia, aproada á corrente, galeando sobre a amarra; e o *Zambeze*, que demandava pouca agua, lá ia oscillando largamente, e o mar saltitava-lhe ao castello quando caturrava, parecendo alagar o vaporsinho. O reconhecimento

da barra estava primoroso, de modo que se transpoz sem novidade.

Quando a arrebentação ficou já pela pôpa fóra, e o barco foi singrando direito junto ao mangue da margem, deixando larga esteira de espuma, que as rodas faziam branquear; a sua tripulação, apesar de ser gente de mar experimentada, parecia livre de um grande pesadello, e sentia-se melhor do que quando no cavado da vaga entre baixios, as ondas se desdobravam sonorosas em catadupas espumantes por um e outro bordo do navio, ameaçando querel-o estreitar nas suas liquidas mortalhas.

Gastou-se a tarde saltando a força nas praias, que o mattagal deixava a descoberto, e visitando as clareiras onde acaso se poderia ter firmado alguma aldeia de palhotas, porque logo perto o matto voltava a ser aspero e cerrado offerecendo couto aos animaes bravios.

Não encontrando nada de suspeito voltou a gente para bordo, e o vapor veiu fundear perto da foz, para sahir no outro dia.

Vinham aborrecidos, não tinham encontrado mouro, que lhe provasse as armas, nem caravana de escravos a libertar, para assim ser aproveitado o ingrato trabalho de andar pelo sertão africano á busca de aventuras. O sol era abrazador, e depois das molhas do desembarque, do chapinhar pantanos e esteiros não tardaram as febres paludosas. Um ou outro ainda ria do camarada, que de espingarda aperrada se dissimulara de traz de um tronco, esperando ver surgir-lhe na frente um inimigo; mas em vez de um terrivel guerreiro cafreal descobrira uma negra megera macilenta, acarretando, para esconder dos homens brancos, uma *quinda* de milho, e uns deuses penates em attitudes de decencia duvidosa. Não ganhara para o susto, e os marinheiros riam do recruta.

Outro atirara a uma cabra tão magra e tão mesquinha, feixe de ossos seguros pela pelle, e esse era ainda mais feliz do que outro grumete portador de uma gallinha magrisella, que vinha cacarejando saudades do *kraal* do seu senhor.

Comido o rancho, dentro em pouco resonavam pausadamente o pesado somno de um descanço bem merecido.

Ás 11h da manhã de 17 o *Zambeze* deitou de barra em fóra, e o Infussi d'esta vez foi amavel com os seus bravos visitantes. Na orla dos bancos quebrava branda a ondulação do largo, e os canaes destacavam-se pela côr das aguas mais profundas, illuminadas fortemente pelo sol.

*

O commandante mandou seguir para o Moginquale. Este rio fica vinte e quatro milhas ao sudoeste da Bajona, e o pratico consultado ácerca da entrada disse: ser como a do rio d'onde tinham largado ha pouco. Ao approximar da costa viu-se o banco rebentar, não deixando descobrir passagem navegavel. A balieira ia a reboque do vapor.

O pratico reconhecera a terra, e o enfiamento da entrada. Senhor a barra é franca, dizia o mouro, e jurava por Mafamede ir o *Zambeze* a bom caminho. Então, como ainda hoje, faltavam cartas de muitos logares das nossas vastissimas colonias, as indicações do roteiro eram insufficientes, e por vezes impossivel ir só por ellas demandar um porto mal sabido. N'estes casos não ha remedio senão fiar no que diz o pratico, porque á falta de melhor, é elle a unica esperança de surgir a salvamento.

Em vista d'isto accommetteram a barra, e em menos tempo do que leva a descrever, estava o vapor encalhado, deitado ao lado, e quasi atravessado ao mar, que de longe vinha crescendo para a costa.

A balieira mais boiante, seguiu ao longo do costado, e segura pela boça foi atravessar-se na proa do vapor. Nunca vaga pareceu mais temerosa do que a que de longe vinha avançando, coroada de alvissimos escarceos.

Estava imminente um naufragio se aquella montanha de agua, no seu movimento ondulatorio, não levantasse o misero barco, e atirasse com elle para o fundão. Foi o que succedeu, e em vez do tremendo choque d'aquelle poderosissimo ariete, desconjunctando o cavername, rasgando o convez e as chapas do costado, apagando os fo-

gos, afogando os tripulantes, a mesma vaga os salvou milagrosamente. Ouvia-se agora a voz do commandante mandando largar ancora, sentia-se o recorrer da amarra no escovem já dentro do rio em aguas socegadas, parando e surgindo para reparar as avarias, quatro pás da roda de bombordo, que se haviam quebrado no encalhe.

Fatalista como todo o musulmano o pratico conservara-se indifferente, sem qûe um só musculo se contrahisse de pavor durante aquelle rapido instante de agonia. Allah é grande! Deus leva, Deus traz. E com esta segurança bem sentida navegam os pilotos arabes os mares da India, singrando nos pangaios de vela infunada ao sopro rijo e alternado das monsões.

O pratico enganara-se no rumo que seguira.

A ponta Moginquale deita para nordeste um parcel de doze milhas, deixando uma abertura entre o seu extremo e a ponta de Barracouta, formando um estreito canal até á foz do rio. Sobre o banco, no fim do seculo XVIII. se perdeu totalmente o indiatico *Marialva,* com riquissimo carregamento de retorno da Asia para Lisboa; navio de mais de mil toneladas, contemporaneo do *Polyphemo, Gran-Careta, Varandas de chumbo,* e outras charruas afamadas, com que ainda ha cem annos faziamos o commercio da India e Oceania.

*

Reparada a avaria navegou-se rio acima, deu-se desembarque, repetiram-se as scenas do costume, e não tendo visto sequer gente sahiu o *Zambeze* pelo estreito canal. entre as rebentações da praia e do baixio, com vento rijo de nordeste pela proa.

Era preamar, e a vaga menos alterosa.

Guarnecida por sete homens, a balieira seguia a reboque nas aguas do vapor.

A meio caminho o canal tornava-se mais estreito. De repente uma vaga galgando o baixo voltou a balieira, e em seguida a vaga reflexa da costa endireitou-a. Mastro.

vela, tudo quanto estava solto, e os sete homens foram atirados para o mar.

Trez conseguiram agarrar-se ás falcas, entrar para-a embarcação, começando logo a exgotal-a; os outros quatro, bons nadadores, imaginando que tudo se perdia, nadavam para a praia, envolvidos nas ondas da ressaca.

O commandante logo que viu o desastre mandou parar o navio, gritando aos naufragos para voltarem á balieira. Elles não ouviram, de mais a mais, ir no dorso da vaga ao correr d'ella ainda é possivel; nadar contra a onda que rebenta só mergulhando, e o mais perito pode ser enrolado no cachão.

Parado o vapor desgovernou. O mar atirava-o para a costa, que estava ali hostil, embravecida a algumas dezenas de metros de distancia. Andar a ré era impossivel; voltar para traz não havia espaço para a rotação; abandonar os naufragos a Deus e á ventura era doloroso, mas não havia outro remedio, porque continuar parado corriam grave risco de todos se perderem.

Ouviu-se então serena a voz do commandante ordenando para a machina: andar a vante devagar, e o *Zambeze* dando amplissimos balanços, e quasi a rastejar pelos picos dos penedos, que emergiam d'entre a espuma da ressaca, conseguiu sahir do estreitissimo canal, aproando á canhoeira *Maria Anna*, que fundeada ao longe filando o vento, batia orgulhosa no penol da mesena, como estrella salvadora, as quinas da bandeira portugueza.

Era em honra d'essa bandeira, que vinham de affrontar tamanhos perigos.

*

Cahira a noite quando conseguiram amarrar na pôpa da canhoneira, e tendo ás onze acalmado o vento e cahido o mar, organisou-se nova expedição, com o tenente e quinze praças de desembarque, para de madrugada voltarem ao Infussi em soccorro dos naufragos, indo por terra ao logar onde se dera o sinistro. Ás seis horas da madrugada entrava o *Zambeze* novamente no rio de Muite, e tendo

a força andado pouco mais de uma milha pela praia, divisou n'uma volta do caminho trez dos camaradas, que buscava.

Imagine-se a ventura d'aquelles pobres naufragos, e a alegria dos seus felizes salvadores. Vinham despidos, extenuados, e se não houve lagrimas — porque o marinheiro affecta achar tudo natural e indifferente — não faltou quem levando o caso a rir lhes perguntasse: se acabavam de nascer, ou se vinham do paraizo terreal como pelo trage denotavam.

*

Deram-lhes agua com aguardente, bolacha, que traziam nos cantis e nos bornaes, e reanimados assim contou o Farrapa, que por ser segundo marinheiro, e mais velho, fôra o chefe natural d'aquelle bando.

Fôra elle quem primeiro agarrara a terra, e auxiliara os dois grumetes a livrarem-se do mar.

Depois correram os trez a auxiliar um grumete preto, que pretendia tomar terra mais ao sul, e era joguete da arrebentação, vendo-o desapparecer envolto n'uma vaga. Esperaram um pouco, e convencidos de que morrera, seguiram ao longo da praia, passando a noite em cima de uma arvore, ouvindo o rugir das feras, que vinham dessedentar-se ao rio.

Ao alvorecer continuaram seu caminho, certos de que da canhoneira haviam de porfiar em lhes mandar soccorro. Salvos estavam agora por mercê de Deus, e accrescentou o narrador, com o ar mais natural d'este mundo, e promptos de novo para o serviço.

*

A modesta narrativa do marinheiro faz lembrar os casos da *Historia tragico-maritima;* recorda a *Ethiopia Oriental* de Fr. João dos Santos quando elle nos conta as suas

jornadas para Senna, e ilha de Quirimba, e o seu singelo modo de dizer comparado com a scena a que acabamos de assistir, confirma a veracidade d'aquellas simples e attrahentes narrativas.

*

Recolhidos os naufragos, a bordo do vapor reinou por momentos intensa alegria. Até o pratico mouro, a tudo indifferente, repetia o seu Allah é grande, alongando os braços para Mecca; e o cabo de marinheiros, mestre do vapor, exultava de contente, trauteando em surdina o hymno da Carta, manifestação para elle de vehemente regosijo nas mais solemnes occasiões da sua vida.

Á tarde entraram a *Maria Anna* e o *Zambeze* em Moçambique, com uma praça de menos, e tendo cumprido um cruzeiro celebre.

*

Annos depois, coberto de andrajos, velho, arrimado a um bordão, o Farrapa pedia esmola á porta do Arsenal de Marinha. Verdadeiro typo de aventureiro possuia as virtudes e os defeitos d'aquella gente excepcional. De uma coragem indomavel, e prompto a expor a vida pela do seu semelhante, merecera ser condecorado duas vezes. Batera-se valentemente em Timor, e Moçambique, fôra ferido, mas o seu comportamento era dos peores. Nomeado para destacar deu parte de doente, e a Junta de saude julgou-o incapaz para o serviço.

Assim como uma coisa inutil, que se atira para um canto, assim lhe deram baixa depois de dezenove annos e oito mezes de serviço. Alguns officiaes, que o conheciam, debalde se empenharam para que fosse admittido na companhia de veteranos.

Lá foi morrer ao hospital em pobre leito, soffrendo os rigores da dura lei, sempre lei, mas sem misericordia.

*

Era ainda o fatalismo das velhas lendas de alem mar. Sob os alpendres de riquissimos conventos, esmolando o magro caldo ás portarias, grupavam-se aleijados das feridas, cheios de desgraça e de penuria, os velhos soldados de outr'ora, com que em dias mais felizes tinhamos conquistado o Oriente.

Um desembarque em Timor

1865

Um desembarque em Timor

1865

Em 1865 a canhoneira *Maria Anna*, do commando do primeiro tenente Rodrigues de Oliveira, foi mandada de Moçambique para Timor.

Havia pouco tempo, que tinha chegado á Africa oriental com a sua nova guarnição, a qual tinha ido na corveta *D. João I*, regressando ao Reino a que tinha completo o tempo de serviço, rendendo-se a estação em Simon's Bay, onde o navio estava fabricando.

Já andara na costa na repressão do trafico quando recebeu a ordem de partida, para o que se apparelhou para longa viagem á vela pelo oceano Indico. Como era navio de systema mixto, armado a lugre-barca e bom veleiro, desmontou a helice, attestou as caldeiras de agua doce, a casa da machina de lenha e mantimentos, e por toda a coberta correu uma estiva de caixas de bolacha, de modo que a linha de fluctuação ficou pela batocadura das enxarcias, e nos grandes balanços de bombordo a estibordo entrava agua pelos embornaes do trincaniz.

Iam de guarnição o primeiro tenente Felicissimo Xavier dos Reis, o segundo tenente Sebastião Jose Gonçalves, encarregado de pilotagem, um commissario, o machinista Barroso, e os respectivos tripulantes.

O commandante vigiava o quarto do mestre das 8ʰ ao meio dia, e das 4ʰ ás 8ʰ; os outros quartos eram alternadamente feitos pelos dois tenentes.

Depois de desemboccar do Canal, e já livre da ilha de S. Lourenço, cheia a latitude para a grande viagem pelo sul, endireitou o rumo ao oriente, e lá foi corrida com o tempo, só com o velaxo nos ultimos rizes, e arriado sobre a pega, avistar as ilhas de S. Paulo, e Amsterdam, e depois passar ao largo da costa occidental da Australia, ganhando para norte e para leste até lhe apparecer na proa a ilha de Sandalo, o *Sandal wood* das cartas inglezas, e entrando pelo canal de Ombay pela passagem norte de Savu, uma das portas do mar da China, fundeou no porto de Dilly, depois de setenta e cinco dias de viagem, e por mares muitas vezes tormentosos.

Se as febres africanas tinham poupado a guarnição, os trabalhos, o alimento, o frio, os temporaes faziam-lhe sentir os seus effeitos doentios.

Mas da permanencia do navio n'aquellas inhospitas paragens dependiam graves interesses coloniaes, e portanto os que restavam, embora doentes e combalidos, punham toda a sua boa vontade e energia no cumprimento do serviço, que lhes fôra determinado em defeza da honra portugueza.

*

Por aquelle tempo Dilly era uma terra miseravel. Algumas casas de taipa e colmo, sobresahindo d'ellas a unica caiada, a que chamavam palacio de S. Ex.ª o Governador, uma egreja, uns barracões da alfandega, e quartel, e o todo sombreado por copado arvoredo assente na curva de uma praia pantanosa, e nos ultimos planos os pincaros de uma serra alcantilada, tal era a cidade capital da colonia de Timor, qne bem se podia confundir com qualquer aldeia indigena se n'uma desmantelada tranqueira não fluctuasse a bandeira nacional.

Quem fundeasse na bahia ao abrigo do banco de coral, não duvidaria estar perto de paiz civilisado, tantos eram

os toques de corneta, que se ouviam, que nem em praça sitiada. Se o viajante se desse ao trabalho de saltar em terra admiraria o uniforme de numerosos militares, e a calça branca, sobrecasaca preta, e chapeo alto dos empregados civis, europeus e macaistas, fazendo contraste frizante com o aspecto primitivo da cidade, e dos seus escuros e pouco vestidos habitantes.

*

Verdade seja, que se eram vistosos os uniformes dos officiaes não assim os dos soldados. Muitos pareciam pertencer a qualquer guerrilha sertaneja, tão faltos andavam de fardamento, e se não fôra a cartucheira taxeada de pregos amarellos, e a espingarda de ordenança a dar-lhes uns longes de guerreiros, pareceriam tudo menos militares, e muito menos tropa regular, disciplinada e aguerrida.

Commercio, afóra a rua dos chinas a horas de negocio de sandalo e de café, era cousa de pouco movimento. Parecia a terra dezerta, e no porto duas ou trez chalupas ancoradas, algum brigue mercante de longe em longe, a mais *avis rara* embarcação de guerra, de modo que Timor, sem offensa, em logar de lhe chamarem brilhante joia da Oceania, precioso engaste na corôa lusitana, poderiam affirmar com verdade, ser para nós terra tão inhospita e desconhecida, como se pertencesse a um mundo differente.

E comtudo havia mais de trez seculos, que se tinham lá estabelecido os portuguezes. Ninguem ainda se lembrara de fugir da proximidade dos pantanos, e de construir hygienico *bungalow* nas altas, e arborisadas collinas. Estradas e culturas quasi não havia, e comtudo quem é que em Portugal duvidaria de ser Dilly uma cidade civilisada, e Timor um paraizo onde floresciam as mais ricas especiarias das Molucas, um verdadeiro Eldorado, pela conservação do qual valia a pena todas as dedicações de Góa, e de Macau, e até da propria Metropole, apesar da enorme distancia que a separa.

*

O genio aventureiro dos navegadores portuguezes levou longe os seus navios, e no empenho de abarcar o commercio do Oriente foram escalonando feitorias mais remotas d'onde imaginavam auferir lucros vantajosos.

Não escaparam por isso as ilhas do cravo, e da quente especiaria, disputadas com igual empenho por hespanhoes e portuguezes. Longe, muito longe da patria, distantes do governo da India, os capitães d'esses presidios raro tinham sido modelos de disciplina, e muito menos de virtudes. Abundam nas chronicas acerbas queixas contra alguns a quem alcunhavam de piratas, taes eram os desmandos e prepotencias do seu governo absoluto.

Aventureiros atrevidos, firmados sómente no valor do braço, não ha que admirar o profundo despreso pela cultura dos campos, e beneficios de uma paz segura, porque por interesse proprio lhes convinha a guerra de que viviam enriquecendo, e o ouro fôra sempre bom argumento para lhes minorar as culpas, se por acaso alguem houvesse de lhes pedir contas de como tinham administrado justiça a selvagens bellicosos, em tão afastados mattagaes e serranias.

Avassalar regulos, conquistar povoados, cobrar tributos, para á custa d'elles poder viver e governar, tal foi a norma dos capitães das ilhas da Oceania, barbaro systema, que se prolongou por muitos annos.

Em Timor veiu porém o missionario, o padre da ordem de S. Domingos, luctar com vantagem contra a velha rotina da conquista, e se de todo não debellou o mal, foi ainda assim tamanho o beneficio, que mais do que pelas armas nos captou a obediencia dos nativos, e mais no amor da fé do que no respeito da espada nos conservou a fidelidade e a sympathia affirmando o dominio, apesar das guerras e intrigas dos hollandezes, e do despreso e incuria com que quasi sempre foi tratada pelo reino aquella longiqua terra da Oceania.

*

Mas a influencia do seculo XVI não podia deixar de ficar assignalada.

Os homens dos seculos seguintes já não eram do pulso dos gigantes, que tinham construido o vasto imperio. Restava a tradição do valor portuguez nunca desmentida no Oriente. A cruz e a espada grupou em volta do pendão das quinas muitos regulos das provincias de Servião, e dos Bellos, e muitos dos reinos consentiram em pagar *fintas* ao governo portuguez com a condição de lhes mandarem padres, que os doutrinassem na fé christã, conservando porém a sua natural independencia de selvagens, sem reconhecerem como senhores os estrangeiros, antes como amigos, ou alliados, cujo auxilio era precioso nas continuas guerras entre as tribus sertanejas, aproveitando o vencedor os beneficios do commercio e da doutrina.

Quem ouvir os nomes dos reinos de Cufi, Balibó, Cová, Coilam, Catubaba, Soniré, Seray, Dailor, Aifoi, Manatuto, Matarrufa, Lacorá e muitos outros, pasmará da grandeza da conquista. Sem negar o valor da gente portugueza, bem longe estão em importancia politica e militar todos estes combates de trez seculos, comparados com uma só batalha do grande Affonso de Albuquerque.

Deficiente foi sempre em Timor a força militar. Soldados de presidio constituindo um batalhão disciplinar, expostos a um clima doentio, foram elles quasi sempre o elemento europeu para a defeza da colonia. Afóra algum soldado angola ou moçambique, raro haverá pessoal com que se possa contar em campanha á falta de saude. Com tão fracos elementos do dominio, se não fôra a indolencia dos naturaes, a revolta dos timores poderia algum dia ter sido perigosa. Ainda assim, de quando em quando, apparecem casos de revolta. O cobrar das *fintas* é, em geral, a causa dominante. É então que a auctoridade se vê em difficeis circumstancias, e lá corre açudada a marinha de guerra, representada por qualquer modesta canhoneira, a levar o soccorro salvador.

*

Além da praça, que actualmente temos em Dilly, temos tranqueiras em Manatuto, Batugadé, Matarrufa, e Lontem no reino de Saram. E são estes os pontos militares.

Do fortim de Dilly já fallámos.

N'umas paredes de taipa seteiradas abrigando uns casebres, e umas peças innocentes, tremula a bandeira saudada nos dias de festa nacional pelos tiros da modesta bateria.

Ás tranqueiras serve, em geral, de muralha os muros de pedra solta e entulho, ou o arvoredo, e algum ha tão emmaranhado e opulento, capaz de resistir ás balas da artilharia de campanha. Collocadas em pontos estrategicos teem por vezes sustentado varios cercos, e ao abrigo do fosso e palissadas em tempo de revolta a sua guarnição aguarda paciente a vinda de soccorro.

Ás vezes uma questão de que na Europa um regedor desdenharia, o roubo de uma vacca por exemplo, umas aventuras de galã pouco afortunado, são pretexto para a guerra, e serias as consequencias da revolta.

Por isso é ali vulgar o estado de sitio, e a guerra quasi permanente entre os timores, e ao saber novas da politica do paiz, o viajante, que se deu ao trabalho de saltar em terra, terá a nitida visão de se achar em paiz civilisado, como dizem os modernos publicistas: a guerra é um meio de conseguir a paz, e a paz o sublime ideal dos povos cultos.

*

Poucos dias depois de fundeada a canhoneira *Maria Anna,* chegou a Dilly a nova de que o presidio de Batugadé estava cercado pelo gentio dos trez reinos de Balibó, Saniri, e Cová, e que os seus poucos defensores resistiam a custo ao assalto de forças numerosas.

Batugadé é presidio na costa norte do reino de Cová,

a sete jornadas para occidente da cidade, cuja alfandega, com grande espanto do Governo, já chegara a render annualmente 367$000 réis fortes, e a *finta* do regulo orçava por 7$200 réis, e portanto para Timor era aquella uma das receitas importantes.

Batugadé é um ponto pittoresco. Como todas as bahias das ilhas tropicaes ornam-lhe as margens riquissimos arvoredos. Rescende aromas o sandalo, o pau rosa, o eucalyptus, embalsamando de suave perfume a atmosphera humida e quente do logar. A acacia e o café florescem nas quebradas, e pelas ravinas, que descem da montanha Saniri, de que se avista o cume alcantilado, vem resaltando os regatos em cascatas espumantes para o mar. No areal proximo da praia está a tranqueira portugueza e em volta a povoação indigena, cujas cubatas mal alinhadas se escondem entre macissos de verdura.

Á noite, quando se accendem as fogueiras ás portas das palhotas, parece villa populosa. De dia, se não fôra o fumo das cosinhas, a custo a enxergaria quem navegasse a poucas milhas da costa, pelas ondas azuladas do canal.

*

Falto de recursos acudiu o governo a aproveitar-se da guarnição da canhoneira, e ainda mal refeitos dos trabalhos da viagem, aprestaram-se os marinheiros para ir levar soccorro á fortaleza.

O batalhão indigena dos *leaes moradores de Timor* embarcou um contingente de quarenta praças, e lá foi o navio a toda a força de vela e de vapor com proa ao seu destino.

Estas operações de pequena guerra dão sempre muitos cuidados a quem as commanda. Faltam os recursos materiaes, e o valor só não é bastante para evitar qualquer desfeita do gentio, porque apesar de mal armado, timido e supersticioso já por vezes tem sido vencedor. Conhecedor do terreno, dos desvios da floresta e da montanha, em facil embuscada poderá frustrar um desembarque,

surprehender em qualquer desfiladeiro a força em marcha, e conseguir a seu salvo obrigar o atacante a bater em apressada retirada.

São os timores indolentes e timidos na paz, porém rijos e inclinados á guerra. De raça malaia alguns, e papúa principalmente os montanhezes, são astuciosos e batem-se encarniçadamente se percebem que o inimigo fraqueja, ou se amedronta ante os seus medonhos alaridos.

*

Mal a canhoneira largou ferro em 24 braças, no enfiamento do mastro da tranqueira pelo pico de Babu, e firmou a bandeira com um tiro de canhão, Batugadé içou a nacional, mostra certa de que ainda era por el-Rei a fortaleza, phrase quinhentista agora apropriada ao feito, e que fazia recordar as velhas façanhas portuguezas. Encheu-se a praia de gente alegre e descuidosa para receber os navegantes. E era de ver como sobresahia sobre a mancha verde escura do matto a nota alegre das fardetas vermelhas dos timores, e como refulgiam as luas de prata que traziam ao pescoço, as manilhas dos braços e artelhos, e como ondeavam ao vento os topetes de penas, que lhes adornavam os cabellos, atados no alto e cahidos para as costas como penachos de vistosos capacetes.

As espadas curtas e de folha larga pendiam dos cinturões taxeados de chumbo e pregos amarellos; as lanças e os escudos implumados, e as vermelhas espingardas lazarinas davam-lhes um aspecto bellicoso.

Mas os timores são astutos e dissimulados. Aquella apparencia de paz podia ser cilada para nos atacar desprevenidos.

Era cedo, deitou-se a lancha ao mar, arriaram-se os escaleres com gente armada, e cheios de enthusiasmo os tripulantes arrancaram a voga contra a terra, onde a vaga quebrava rumorosa.

*

Ancoradas as embarcações de proa ao mar, tratou-se de fazer o desembarque. Da tranqueira faziam signaes com a bandeira, tiros, toques de corneta, que ninguem de bordo adivinhava o que diziam. Alegres e pressurosos os indigenas mettiam-se á agua ajudando os marinheiros quasi a saltar a pé enxuto.

Um timor, dos mais robustos e que parecia pessoa de importancia, transportava montado nos hombros, e marchando garboso com tão honrosa carga, o tenente commandante do destacamento, e respeitoso foi collocal-o longe do rolo da vaga, que se espreguiçava pela areia. Munições e mantimentos vieram ás costas de muitos para terra, e só algum cabo de marinheiros, ou velho soldado de presidio, se metteu á agua de espingarda aperrada, desconfiado de tamanha amabilidade do gentio.

Da tranqueira continuavam os signaes, e a força de oitenta baionetas marchou para lá com todas as regras do serviço de segurança em campanha, o que parecia tornar-se dispensavel, porque na praia o gentio agitando as armas, cantarolava um monotono canto, talvez de boa vinda, e aos saltos e momices de uma dança afastava-se da força, que rompia a marcha em direcção ao baluarte.

*

Nunca acastellada praça medieval recebeu com mais esmeros de politica militar a força, que chegava. Não faltou santo, senha e contra-senha, guarda formada de baioneta armada, e arma carregada, e gente a postos no muro prompta a fazer troar a artilharia. Se houvesse ponte levadiça e rastilho ante o portal, estaria erguida, e a grade fechada a sete chaves, e teria vindo o arauto ao barbacã bradar *quem vive,* e só assim se franquearia o passo, cum-

prida que fosse a ordenança dos alcaides, que teem fortaleza por El-Rei.

De bom grado recebeu o alferes commandante da praça a gente de soccorro. Trocados os primeiros cumprimentos logo o tenente da canhoneira perguntou: o que significavam tantos signaes que lhe fizeram, e que por não serem regulamentares em vão tentára perceber. Não adivinhara a causa dos tiros, que pareciam a pedir soccorro, pois nunca houvera desembarque mais feliz, e julgara alliados os timores, cujo bom serviço agradecia.

Perguntou-lhe ao ver incolume a fortaleza, quando fôra o ultimo combate, e felicitava o governador pela victoria, porque nem já avistava o arraial do inimigo.

— Pois o Senhor tenente não viu o inimigo? interrompeu despeitado o commandante. O inimigo era aquelle que o ajudou a saltar em terra. O inimigo era essa manga de timores acobreados, que o cercavam, e por isso de cá lhe não faltei com seguro aviso, para que se não fiasse em traidores.

O tenente G. era um rapaz novo, alegre, valente, e que não poude deixar de rir-se da aventura, e replicou:

— Ora o Senhor ha de concordar, que este paiz é um paiz extraordinario. Nunca o imaginei tão civilisado. Com que então era aquelle o inimigo?!

*

Se um dia a civilisação tiver feito taes progressos, que os timores tenham chronistas e lettrados para lhes contar os feitos dos avós, não lhes faltará historiador abalisado para transformar o desembarque em Batugadé, em primor de heroismo e cavallaria dos antigos paladinos timorenses. Então na Europa haverá uns sabios, que se dedicarão á historia dos remotos povos da Oceania, e quando depois de muito discutir a interpretar os arrevezados textos, tiverem inventado uma lenda um pouco parecida com a verdade, farão eruditas comparações com os povos cultos actuaes, e a façanha dos onze de Inglaterra e seu Ma-

griço ficará de todo amesquinhada; e os guardas francezes de Fontenoy convidando *os senhores inglezes a atirar primeiro* não ganharão em valor e civilidade aos velhos timores, que traziam para terra ás costas, com carinho, os inimigos com quem depois iriam combater.

*

D'esta vez a guerra, por um acaso da fortuna, tomara uma feição especial. No dia seguinte estava feita a paz, e os timores tinham razão. Batugadé voltava jubilosa á obediencia do governo.

Accendiam as fogueiras, cantavam e dançavam os indigenas, alimentavam-lhes os enthusiasmos uns barris de aguardente do paiol, presente de alto apreço para elles.

N'essa noite a canhoneira illuminou, queimou fogos de bengala, fez exercicio de fogo, e na manhã seguinte fez exercicio ao alvo de artilharia e fuzilaria, tendo a bordo os regulos, e pessoas importantes. Não se tinham opposto ao desembarque, porque bem sabiam que da gente do mar havia sempre a esperar justiça, e não fôra simplesmente *pomale,* mas razão de consciencia, que os aconselhara a acreditar na bondade do Rei de Portugal e a acceitar a paz e a tutela.

*

Quando em Dilly entrou a canhoneira, e se espalhou a nova do tratado, rejubilou a colonia, e não faltaram as festas do costume.

A *Maria Anna,* mezes depois seguiu para Singapura a buscar 20:000$000 réis para pagar aos empregados os recibos em atrazo, e tendo encalhado á volta n'um banco de coral, seguiu outra vez de Dilly a Singapura a reparar, e d'ali regressou a Moçambique, e depois ao Tejo, onde chegou a 19 de dezembro de 1867.

Durante mais de trez annos prestara a sua guarnição

bons serviços em varios e longiquos pontos das colonias. Navegara muitas centenas de milhas, e os grumetes, que tinham ido para seu bordo no Cabo da Boa Esperança, regressavam optimos marinheiros, adestrados nos mares do Oriente.

Mas a tripulação tinha soffrido immenso. Voltava bastante reduzida. Por todos os hospitaes e cemiterios dos portos visitados foram ficando praças da canhoneira portugueza.

*

São passados muitos annos, e só ha poucos começa Timor a offerecer um aspecto um pouco differente. A exemplo do que fazem os hollandezes, uns governadores intelligentes pozeram de parte a lenda dos capitães aventureiros, e ao mesmo tempo, que conservam o prestigio da auctoridade, e da bandeira, transformam Timor em colonia agricola, que parece ser o unico caminho por onde conseguirá prosperidade e importancia.

As plantações do café vão cobrindo os campos, prospera a missão e o commercio dando esperança de uteis e rendosos beneficios.

De longe em longe ainda ha combates e revoltas, mas mais raros do que d'antes.

Se um dia em Portugal se poder dar desenvolvimento ás colonias de ultramar; se a salvo de rapinas de inimigos as podermos conservar, e transformar em elementos de prosperidade para a nação; só n'essa epocha, que ainda vem muito distante, Timor poderá ser um paiz civilisado.

Tal como tem sido, só a muito boa vontade do viajante, que se animar a saltar em terra, illudido pelos toques de corneta, pelo brilho das fardas, e pela conversa sobre politica, padres, e revoltas, lhe dará uma rapida visão de que desembarcou em paiz civilisado, em terra de brancos, em terra de christãos, como se dizia n'outro tempo.

Combate no rio Zaire

1866

Combate no rio Zaire

1866

Os negros mussorongos da margem esquerda do rio Zaire foram sempre ladrões e piratas atrevidos. Por vezes tem assaltado as feitorias, e roubado as embarcações de cabotagem, logo que se lhes apresenta ensejo favoravel.

Os mussorongos teem fama de valentes. Feios, craneos depremidos, labios grossos e salientes, braços longos, dorso recurvado — como quem tem por habito dissimular-se entre as brenhas da floresta — alguns teem aspecto de animaes bravios. Pintados de tacula, o tom vermelho do succo da planta sobre o negro retinto da pelle, dá-lhes uns tons acobreados, que parece tornal-os mais ferozes.

A machadinha, o arco, a zagaia, a espingarda lazarina são as suas armas predilectas, e que bem as sabem manejar.

São o terror dos vizinhos, mas a ninguem causam maior medo do que ás gentes de Cabinda. O *muxicongo,* o negro bravo, é para ellas o conjuncto de todos os horrores.

*

Em novembro de 1866 o feitor Alvaro Antonio Correia, temendo o assalto dos indigenas á sua feitoria no rio de Santo Antonio do Zaire, pediu auxilio ao commandante da escuna *Napier,* a qual estava fundeada no Porto da Lenha, — um grupo de feitorias estabelecidas na margem direita, perto do ilheo do Boi, e que um dia a cheia do rio crescendo impetuosa arrancou, destruiu, arrastou na levada, carregando os despojos de barra em fóra, a jazer sobre os baixos da Muanda.

A *Napier* era uma pequena escuna de guerra ao serviço da estação naval de Angola, e seu commandante o primeiro tenente Manuel Maria Nunes de Carvalho. Trazia de guarnição dois guarda-marinhas, e pouco mais de trinta homens. Era barco mal armado, e mal provido. Estava a terminar um longo cruzeiro no norte, e falta de mantimentos trazia a meia ração de farinha de mandioca a gente, já abatida pelas febres.

*

A feitoria de Correia era um casarão de tecto e paredes de colmo, onde o feitor arrumava em deposito as fazendas, lenços, algodões, missanga e aguardente, com que comprava ao gentio os productos indigenas, o marfim, a urzella, a palma, e a borracha.

Situada n'um combro, para o qual dava accesso uma ingreme ladeira, aos lancetes da praia para o alto, estava cercada de matto denso, e arvoredo apertando em cerrado assedio o terreiro do *chimbéque.*

A pouco mais de uma milha da foz do rio Santo Antonio era necessario navegar por elle acima em lancha, para ir buscar ancoradouro. Ficava n'uma volta do confluente, e do Zaire não se via a feitoria.

*

Mandavam as instrucções do chefe, que o navio não só cruzasse contra o trafico, mas tambem que protegesse as feitorias. O commandante da *Napier* foi prompto a prestar soccorro. Á falta de embarcação apropriada para entrar no rio de Santo Antonio acceitou o emprestimo de uma catraia do negociante Manuel José de Oliveira, e largando-se do Porto da Lenha, estava a 5 de novembro a catraia no ponto de chegada, e a *Napier* fundeada agua aberta com a barra.

Desembarcaram, e alojaram-se na feitoria o commandante da escuna, o guarda-marinha Jose Cesario da Silva, dezeseis praças, um corneta, e o creado do commandante, ficando a bordo da lancha um marinheiro de guarda, e sete cabindas remadores.

Sobre um xadrez á proa da lancha improvisaram um rodizio com uma peça de trez, da bateria da escuna. As nossas espingardas eram de carregar pela bocca, e algumas até de pederneira, e por aquelle tempo a força de desembarque, afóra a peça, tinha armamento pouco superior ao do inimigo. As armas de fogo eram parecidas, e aos sabres de abordagem oppunham-se os machados e zagaias.

*

No dia 8 de novembro, de manhã, a convite dos feitores, vieram os negros á *palavra*. O rei do povo e o Capita disseram estar innocentes dos roubos commettidos. Vinham tratar com o *branco de guerra,* que é homem de fallar verdade. Os linguisteres traduziam os discursos ardilosos, e no matto sentia-se a vozearia dos pretos de Santo Antonio, Quimibica, e de Medóra, e o rufar do tambor de guerra convocando os guerreiros a combate.

O scenario exterior não se quadrava muito com os pro-

testos dos principes. O tabaco e a aguardente fôra-lhes distribuido, e aos *macótas*.

O Capita jurou pelos seus *manipanços*, que um tal Langa, bandido e assassino, fôra o auctor das ladroeiras. A quadrilha era grande e bem armada.

Depois de muita discussão combinou-se, que o Rei e o Capita ficariam na feitoria bem tratados, até á entrega do ladrão. Contrafeitos deram as ordens aos fidalgos. Ralhavam os principes e interpretes, e o commandante da escuna desconfiava de traição. Os feitores affirmavam, que tudo ia a bom caminho, e segundo os tradicionaes costumes do gentio.

Era de ensurdecer a algazarra dos negros. Troavam gritos de guerra, insultos violentos, reboava o bater das armas nos escudos. Ás duas horas, por todo o matto em roda da palhota, rompeu vivo o tiroteio.

Os mussorongos emboscados não se viam. As balas atravessavam as debeis paredes do casebre.

*

Desembarcaram a peça da catraia, e com ella veiu para terra o guarda da embarcação.

A marinhagem e os feitores formaram em linha, a descoberto, em frente da feitoria, e os nossos atiravam sobre os logares onde o alvejar de um fumosinho denotava a presença de um atirador contrario. A meio da fileira a peça rompeu a tiro de metralha contra o matto. De um e de outro lado cahiam os primeiros feridos. Travara-se terrivel e sangrento o tiroteio.

O Rei e o Capita, presos a bom recado, tinham sido postos ao abrigo da parede a sotafogo.

*

Mal sentiram o sibilar das balas os cabindas alaram a catraia para fóra, e deitaram-se cobardemente sobre as cavernas do fundo, mãos no rosto a tapar os olhos, a teritar de susto, sem alma para reagir ao pavor, que os assombrava, como se já sentissem na garganta a faca dos negros mussorongos.

*

Era quasi sol posto. Quatro horas havia, que se batiam sem descanço. Uma bala atravessara o peito a um marinheiro, que cahira de rosto no chão agonisante. Levaram-o em braços á feitoria, e para ali ficou esperando a morte. Sete praças tinham feridas de zagalotes e palanqueta, mas com as feridas mal atadas não arredavam pé da fileira e continuavam combatendo. O feitor batia-se bem, vingando-se da traição, que lhe fizeram. Linguister e carregadores tinham-se bandeado. A lucta mostrava-se favoravel á negraria. De um momento para outro dariam o assalto, e a marinhagem ferida e extenuada não poderia repellir os mussorongos.

O commandante vendo a impossibilidade de prolongar a defeza — tinham-se distribuido os ultimos cartuchos — deu ordem para a retirada. Mandou soltar o Rei e o Capita, porque os portuguezes não matam a quem se fiou na sua lealdade. As carreiras fugiram embrenhando-se no mattagal.

Então redobrou o fogo da peça, e dos atiradores. Os mussorongos afrouxaram o ataque. O feitor e os seus empregados desceram a ladeira, embarcaram em canoas, e largaram. Depois retirou em ordem a marinhagem levando os feridos, e ao chegarem á praia os pretos avançaram, e do alto da barreira rompeu a fuzilaria sobre os brancos.

O commandante deu ordem para o embarque. Debalde gritaram para a catraia, que atracasse. Os cabindas não

appareciam. Varado na praia estava encalhado um *dongo* grande do gentio. Deitaram-o ao mar, e embarcaram n'elle sete praças feridas. Mal equilibrado virou-se, e logo ali desappareceram quatro homens, e os restantes nadaram para a catraia, tendo primeiro o marinheiro Pescador salvo o grumete Silverio dos Reis, que conseguiu agarrar-se ás raizes do mangal, e esconder-se no capim.

João Gomes Pescador era segundo marinheiro, praça n.º 347 do Deposito. Alcançou a lancha com alguns camaradas, mas apesar da sua energia não venceu a cobardia dos cabindas, o desaccordo dos naufragos, não podendo atracar a catraia para buscar quem ficara em terra.

A este tempo, perseguidos pelos mussorongos, tinham entrado por agua dentro o commandante Nunes de Carvalho, o guarda-marinha Cesario, e o creado Martins.

O commandante não sabia nadar, perdeu o pé, bracejou, e foi ao fundo. Quando veiu acima, preste a afogar-se, deveu a vida ao marinheiro Pescador, que movido de nobres sentimentos altruistas o veiu soccorrer, abandonando o seguro da embarcação, — que tanto lhe custara a alcançar — e nadando para a praia debaixo de cerrado tiroteio.

O guarda-marinha Cesario fôra ferido. Não sabia nadar, metteu-se por agua dentro para offerecer alvo menor, e não perdendo o accordo firmou a pontaria do revólver, desfechou, e deu em terra com o negro, que o perseguia ferozmente.

Salvo o commandante, o Pescador voltou a repetir o feito, com coragem e felicidade. Agarrou o guarda-marinha, levou-o para bordo, salvando-o da morte quasi certa.

A este tempo já o tenente Nunes de Carvalho conseguira dar ordem ás manobras da catraia. Suspenderam o ancorote, remaram com voga incerta para a terra, mas a agua corria muito, e levava-os sem governo rio abaixo.

Anoitecera de todo, e o Pescador, que porfiava em salvar o creado Martins, não apparecia. Morrera talvez o homem generoso. Gritaram por elle, ninguem respondia ao chamamento. Em terra ardia a feitoria, e o clarão da fogueira punha uma nota vermelha sanguinea na turba dos mussorongos, que como animaes bravios aos saltos, e rugindo ameaçavam de longe os marinheiros.

Arvoraram remos, esperaram, ninguem lhes respondeu. A agua corria como sangue, ficava já para ré a praia do combate.

A custo se foram içando e mareando as velas para sahir do rio. Distante, pela proa, ia o lambote do feitor, e ao longe, no Zaire, luzia o pharol da *Napier*, como estrella de esperança para todos aquelles valentes, que se tinham defendido com honra contra aquella horda de inimigos.

*

Triste noite foi aquella a bordo da escuna.

Faltavam dez homens á chamada, e só um se vira cahir ferido mortalmente. Agora o cadaver devia estar carbonisado, entre o rescaldo da feitoria incendiada, e a lembrança impressionava os companheiros.

Dos outros nada se sabia ao certo, podiam estar mortos ou prisioneiros, ou escondidos no matto na esperança de proximo soccorro.

Com que anceio se esperou a madrugada.

Ficara em poder do inimigo a peça, o reparo, um paiol volante de cobre de munições, e quatorze espingardas perdidas no naufragio, as quaes o Capita e o Rei do povo guardariam como tropheus, em memoria de terem ficado vencedores.

*

Finalmente amanheceu, alliviando no animo de todos aquelle pesadello insuportavel. Viam-se dois homens em terra acenando para o navio.

O mestre fazia o quarto d'alva, lobrigou-os, deu parte, e logo foi o bote com quatro praças armadas recolhel-os. Eram um grumete, e o marinheiro Pescador.

Na impossibilidade de serem vistos pela catraia, porque a noite escura os occultava; temerosos do gentio que percorria o litoral; bons nadadores, e confiados um no outro; deitaram-se á agua, cortaram a corrente, abordaram á mar-

gem fronteira, caminharam juntos para a foz, abrigaram-se no capim e esperaram o alvor da madrugada.

Agora ali estavam salvos por mercê de Deus.

Informaram terem avistado em terra marinheiros. Causou a nova sobresalto. O commandante mandou formar na tolda a guarnição.

*

Fez-se o silencio solemne das grandes occasiões. Os feridos e os doentes minados pelas febres não faltaram á parada. Ali estavam todos, unidos no mesmo pensamento.

O commandante Nunes de Carvalho perguntou:

— Quem quer ir a terra salvar os camaradas?

Deram todos um passo em frente impellidos por occulto e santo impulso, a boa e leal camaradagem. Todos queriam ir buscar os companheiros. Era impossivel. Alguem havia de ficar na escuna, e tão poucos eram, que a custo poderiam manobrar, e defender-se. Nomearam-se nove praças, entre ellas foram: o Pescador, o fiel de generos, o fiel da artilharia, e o marinheiro francez Lamane, que estava preso a bordo a requisição do capitão do seu navio, e que devia ser entregue ás auctoridades em Loanda.

O guarda-marinha Moraes e Sousa, em linguagem respeitosa mas energica, pediu ao commandante para ir commandar a força:

—«Senhor commandante eu não posso aqui ficar a salvo, emquanto estes homens vão arriscar a vida.»

Bello exemplo, digno de ficar registado na Historia da marinha. Assim é que se enaltece o prestigio dos galões. Correndo os mesmos perigos, affrontando a morte, ao lado d'elles, é que os marinheiros se convencem de que o official é o amigo, o companheiro com que podem contar nos transes mais difficeis.

Se o commandante Nunes de Carvalho e o guarda-marinha Cesario da Silva se portaram bravamente no combate, e retirada, o immediato Moraes e Sousa não lhes ficou atraz em coração, e valentia.

A catraia largou armada em guerra.

*

Ás 2h 30' a embarcação recolheu a bordo. Entrara no rio, contornara as margens da ribeira, perscrutara as abobadas de arvoredo á bocca dos esteiros, vira a praia do combate, e perto d'ella descobrira os cadaveres de quatro marinheiros. Estavam despidos, jaziam a par no areal adusto, e o gentio não os havia mutilado.

Faltavam ainda trez homens, o que morreu na feitoria, um grumete, e o creado.

Desembarcaram, recolheram os cadaveres, e regressados a bordo, com as honras do estylo se lhes deu nas aguas do Zaire sepultura.

*

Ao outro dia, por intermedio de um feitor inglez, veiu a bordo a noticia de que o creado Martins, e o grumete Reis estavam vivos. Agarrados e levados para a povoação, estavam prisioneiros dos mussorongos.

Por influencia do agente hollandez Phelip de Elkman tratou-se do resgate por 132$680 réis fortes.

A 25 estavam a bordo. Vinham assombrados, choravam, beijavam as taboas do convez, como se fosse a terra da patria, admirados de terem resurgido.

Por elles se soube, que dos negros tinham morrido para mais de cincoenta. Bem tratados pelo Rei, imaginaram que os estavam engordando para um festim de canibaes. As mulheres—umas megeras asquerosas—insultavam os presos, cuspiam-lhes, rompiam a bradar como loucas carpideiras quando sentiam as descargas dos funeraes gentilicos de algum principe, que morrera das feridas recebidas no combate.

*

N'essa tarde a *Napier* suspendeu, e seguiu viagem para Loanda, onde chegou sem novidade.

Vinte annos depois ainda conheci a bordo da *Sá da Bandeira* o Silverio dos Reis. Era moço das luzes, chamavam-lhe o Tira-bonnets não sei porque.

Uma tarde em que no castello elle contava aos moços as suas aventuras, houve um que lhe replicou: que não valia os setenta mil réis, que tinham pago por elle aos mussorongos.

A lancha da «Zarco»

1867

A lancha da «Zarco»

1867

O *Baixo do Inglez* é um banco de vaza e concha, de trez legoas de comprido, e dois terços de largo, correndo de noroeste a sueste, e que jaz na bocca do Rio da Prata, demorando a ponta norte do recife ao sul verdadeiro da ilha das Flores, e a vinte milhas ao sueste da entrada da bahia de Montevideo.

Formado pelos detritos arrastados pelo rio, a lombada, de relevo irregular, vae em suave declive para o oceano, e para a margem da terra da Pampa indiana, como se fôra um quebra-mar a limitar a barra. A corrente do rio, a maré oceanica, o vento fazem marulhar as aguas, rebentando as ondas soberbas por toda a orla do baixio, crescendo desordenadas aos impetos violentos do pampeiro. Quem vae para Montevideo encosta-se ao norte, navegando com terra á vista.

Na cabeça norte do *Banco do Inglez* ha uma barca de luzes, para o navegador lhe dar resguardo.

*

Montevideo é uma das cidades mais bonitas da America do sul. Predomina ali o elemento francez, hespanhol, e italiano. N'uma população de 15:000 habitantes trez quartos são estrangeiros. A cidade tem optimo aspecto, ruas limpas e alinhadas, casas bem construidas e asseadas, habitantes alegres e cortezes, movimento nas ruas e nos caes, e o porto cheio de navios. Os arrabaldes, Paso-Molino, Miguelete, e União, estão cobertos de chalets e jardins deliciosos. Imaginae o céo azul, a temperatura agradavel, o ar sadio, e assim tereis idéa do que seja a capital do Uruguay, ou Estado Oriental, uma terra magnifica.

A colonia portugueza ainda ha alguns annos era rica e importante, e das antigas relações com o reino-unido de Portugal e Brazil restavam interesses politicos e commerciaes valiosos, e por isso não era rara a visita de algum navio de guerra portuguez ao Rio da Prata a proteger os seus nacionaes, permanecendo por mezes em estação em frente da cidade hospitaleira.

Em junho de 1867 estava fundeada na bahia a canhoneira portugueza *Zarco,* commandada pelo capitão tenente Alvaro de Sousa Soares Andrea.

Era um pequeno barco de madeira, armado a lugre-barca, movido a helice, e construido nos estaleiros do Arsenal de Marinha de Lisboa.

Os officiaes eram recebidos na melhor sociedade montevideana, e a equipagem ganhara pelo seu porte o bom conceito das classes populares. Eram os representantes da marinha de guerra portugueza, que deixara na America do sul uma tradição gloriosa.

O porto estava cheio de navios grandes das principaes esquadras da Europa. Portugal tinha apenas uma modestissima canhoneira, mas a todos ganhava em consideração e sympatbia. Era, talvez, porque nos portuguezes havia o sangue peninsular, certas affinidades de raça, eram, por assim dizer, quasi patricios.

*

Ás 4^{h} (p. m.) do dia 17 de junho veiu a bordo o capitão do porto dar parte que no *Banco do Inglez* estava encalhado um navio a pedir soccorro.

A atmosphera estava nublada, e o vento oessudoeste soprava fresco. Na ponta Brava batia o mar a espadanar nas pedras, alteando-se ás rafas do pampeiro.

Immediatamente o commandante mandou accender. Participou ao consul de como se levava, recebeu um pratico do rio, e ás 6^{h} (p. m.) começava a navegar a sahir do ancoradouro. Á borda dos navios fundeados assomavam as guarnições a vêr a canhoneira, que ao cahir da noite largava para o mar; e nas muralhas do caes da cidade os *mirones* seguiam-lhe os movimentos até que escureceu de todo, e faziam votos pelo bom exito da sua empreza aventureira.

A foz do Rio da Prata é um mar largo, e do cabo de Santa Maria ao cabo de Santo Antonio tem proximamente oitenta legoas de largura. Ás sete horas navegava a *Zarco* a lessueste em pleno rio, e como o vento era aberto por estibordo largaram-se as velas de proa, o velaxo e o traquete redondo, para mais depressa chegar ao seu destino. Ás 11 horas (p. m.) largava ancora, com quarenta e cinco braças na abita, pelo travez do pontão do baixo. De lá os pharoleiros informavam, que ao sueste quarta do sul estava um navio encalhado desde a vespera á noite, e que o mar ia desfazendo ao embate das ondas na orla do baixio. Durante a noite a tempestade foi cahindo, e o navio filado á corrente aguardou a madrugada.

Ás 6 horas e um quarto a *Zarco* suspendeu e navegou. Aos dois bordos iam os prumadores accusando o fundo. Sete braças, quatro braças, quatro escassas, até que cantaram trez e meia. Largou-se a ancora para o fundo, e a *Zarco* ficou a milha e meia do navio naufragado. Era um brigue, restando-lhe o gurupez, e o mastro do traquete, com a verga e o panno feito em tiras, e o mais apparelho viera abaixo ao bater da quilha no parcel.

O tempo estava claro, o vento fresco, o mar de vaga, enorme a arrebentação do banco.

N'uma adriça dada para o calcez do mastro o brigue tinha içado o signal 1:409 do codigo de Maryatti—*não tenho embarcação.*—De quando em quando o mar inundava-lhe o castello, e depois jorrava por larga brecha, que a borda arrombada lhe escancarara no costado. Agarrados á enxarcia, e no arco da gavia estavam uns homens, que acenavam com os barretes a pedir soccorro. Por sotavento boiavam taboas, capoeiras, xadrezes, antenas, destroços do naufragio, que a vaga fôra arrancando e desfazendo.

Pela alheta do brigue via-se a alvainha do navio, um leve remanso de agua, a que o casco avariado amparava, servindo de quebra-mar.

*

O pratico dizia ser perigoso a canhoneira approximar-se mais. Navegar em trez braças e meia com mar cavado, já mostrava o empenho com que o commandante tentava o salvamento. Ás 11 horas apitou-se á lancha, para ir prestar soccorro. Embarcaram quatro praças, o patrão, o pratico, e o immediato do navio o segundo tenente Cypriano Lopes de Andrade, que mais tarde foi almirante, e major general da Armada.

A lancha largou. O mar de vaga grossa difficultava o manejar dos remos. As praças não esmoreciam, e o marinheiro João Camillo governava na perfeição. O pratico, por entre a rebentação que ladeava a lancha, seguia a bom caminho, e o tenente, sereno no meio do perigo, dava o exemplo do que seja conscientemente arriscar a vida, para ir cumprir um serviço de honra.

Á vista estava um vapor de guerra italiano... assistindo aquella homerica lucta do homem com o mar.

Sumia-se a lancha no cavado das vagas, e quando surgia na crista da onda via-se tremular impavida a bandeira portugueza, que levava arvorada no painel. Longo foi o

tempo, e porfiosa a lucta para vencer a curta distancia da canhoneira ao navio naufragado. Venceram a morte varias vezes, alcançando atracar por fim. Na pôpa do brigue, em letras douradas, lia-se o nome *Heinrich George*.

Com arrojo incrivel salvaram cinco homens, os que restavam no navio. Eram o piloto, o carpinteiro, um passageiro, e dois moços, e por elles se soube ser o brigue mecklemburguez, capitão Behsens, vindo de Hamburgo em noventa e um dias, e que naufragara no *Banco do Inglez*, no dia 16 á noite.

A barca hamburgueza *Dunsburg* salvara os restantes tripulantes, e não podera salvar os cinco por ter o bote avariado. Fôra milagroso aquelle extraordinario salvamento. Já se julgavam abandonados e perdidos quando viram a canhoneira portugueza. Alentou-os a esperança, e agora resurgiam para a vida.

*

A volta para bordo foi difficil, e o atracar perigoso. Embarcaram, metteu-se a lancha dentro, a *Zarco* suspendeu, e á noite entrava triumphante no ancoradouro da bahia. Montevideo recebeu os nossos officiaes e marinheiros como verdadeiros vencedores. A narrativa do feito enthusiasmou os habitantes. Augmentaram os creditos do marinheiro portuguez.

Desarvoramento da corveta «Estephania»

1869

Desarvoramento da corveta «Estephania»

1869

Quando em outubro de 1869 se tratou de inaugurar o canal de Suez, que liga o Mediterraneo ao mar Vermelho, abreviando-se assim a viagem da India, as nações maritimas mandaram alguns dos seus navios de guerra a Port-Said para tomarem parte na festa, celebrando com salvas, embandeiramentos, e com a presença das suas guarnições a victoria alcançada pelo engenheiro francez Leceps cortando o isthmo, que ligava a Asia ao continente africano.

Portugal, que outr'ora descobrira o caminho maritimo para a India pelo Cabo da Boa Esperança, e que fôra potencia naval de primeira ordem, apesar da sua frota modesta não quiz faltar á festa internacional, e por isso deu ordem á corveta *D. Estephania* para seguir para o Egypto.

Commandava o navio o capitão de mar e guerra José Baptista de Andrade, um dos mais celebres officiaes de marinha d'esse tempo.

A *Estephania* era uma grande corveta de 2:369 toneladas, e de systema mixto. De casco alteroso e negro, apparelho desenvolvido de trez gavias, fôra construida em 1859 para navio de commercio, e transformada depois em barco de guerra. Com o peso da machina e a artilharia

alta ás amuradas, ficou sempre navio de balanço enorme, a ponto de quando fundeado jogar a metter na agua as boladas dos canhões. De vela deitava-se muito a sotavento, mas diziam, que mergulhando a batocadura dos fuzis reaes podia assim navegar segura.

Certo é, que a corveta *Estephania* nunca se virou, apesar de ás vezes dar rebates de parecel-o; e tendo cruzado mares procellosos, ainda hoje como escola de moços no rio Douro, toda garrida em frente de Massarelos, veterano de marinha, cumpre ainda um serviço proveitoso.

*

A 27 de outubro sahiu a corveta a barra de Lisboa a caminho do estreito de Gibraltar, e a 30 navegava em pleno Mediterraneo, ao sul das Baleares, ao rumo de Malta aonde tocaria para receber carvão. O tempo estava nublado, e de quando em quando pesados aguaceiros de noroeste cahiam desabridos, e o mar começava de altear com aquella vaga curta, pyramidal e desencontrada, azul e de alvissimos escarceus, que caracterisa as aguas d'aquella região. Quem as admira tranquillas em dia de bonança reflectindo um céo purissimo, mal lhes adivinha os impetos de leão sanhudo quando ruge o vendaval. E as rajadas do noroeste do Cantabrico irrompendo furiosas pelas quebradas dos montes Peryneos, e descendo ennoveladas no bulcão das nuvens pelas fragas que correm para o nascente, parecem redobrar de força e valentia. São os temporaes do golpho de Leão, que se alastram para o sul impetuosos combatendo os alcantis das serras de Marrocos.

*

Alta noite a força do vento redobrava, a vaga desdobrava-se pela alheta de bombordo em cachões phosphorescentes, e a corveta em amplissimos balanços sacudia a mas-

treação, que vergava a metter medo acompanhando o ranger do cavername. Quando o navio cahia a um dos bordos a enxarcia brandeava, e ao adriçar-se soffria depois um empuxão violento. E assim foram rebentando alguns ovens, tornando-se impossivel rondar bem as estralheiras dos mastros, que sacudiam rudemente. N'um dos balanços, em que a *Estephania* assentou na agua a bateria, desarvorou do mastro do traquete, que desabou para vante, ficando ligado ao navio pelo seu apparelho; e o toro do mastro, pau da bujarrona, mastareo do velaxo e o vergame, quaes traves de arietes batendo a brecha da muralha, inristavam-se contra o costado do navio ameaçando derruil-o.

«Corta. Corta» bradava o commandante em voz clara e sonorosa, e a marinhagem cavalgou a borda, e de machado em punho cumpriu a ordem recebida. A treva era densa, o vento sibilava duro, e a nuvem negra do fumo da chaminé alongava-se para vante, horizontal, quasi a rastejar com as aguas, a cortar a cachoada das ondas, que corridas ao longo do costado iam-se alteando e fugindo para vante, e no dorso das quaes ondulavam as antenas desarvoradas, ainda ligadas ao casco pelos cabos, acompanhando o seguimento do navio. Por fim arrebentaram os ultimos liames, mas o perigo da rascada não passara. Soltas ficaram pairando, em risco de se enlearem nas abas da helice do navio.

O commandante estava na ponte, no seu posto de combate, e ninguem melhor do que elle poderia commandar a manobra requerida.

Baptista de Andrade era um homem alto, herculeo, a barba branca, de um sangue frio imperturbavel. Homem de acção, e portanto de poucas fallas; olhava sereno o perigo, impassivel ante a furia da tormenta. Parecia um d'esses antigos reis do mar de que nos fallam as lendas scandinavas, e que assombram dominadores o espirito dos povos do norte, envoltos no prestigio dos deuses mythologicos das sagas e das runas, esfarrapando com o ferro do tridente os nevoeiros luminosos dos cantos de Ossian.

Baptista de Andrade commandando o seu navio lembrava uma d'essas lendarias personagens.

Quando julgou opportuno fez girar a manivella do telegrapho da machina, e deu ordem para *parar,* e pouco depois a de *ciar a ré a toda a força.*

A corveta obedeceu. Andando a ré contra o mar, uma enorme serra de agua esbarrou contra o painel da pôpa, arrombando as janellas da grinalda, inundando o tombadilho. A corveta em amplissimos balanços parecia querer submergir-se.

Salva a rascada, pois as antenas não tinham vindo embater no leme, nem prender-se na helice, ficando agora já safas pela amura, a *Estephania* seguiu a vante fugindo ao tempo a toda a força de vapor.

*

Com o desarvorar do mastro do traquete ficou desamparado o mastareo da gavia grande.

O estai tinha rebentado, bem assim um dos braços da verga de gavia, de modo que sacudida oscilava ameaçando vir a baixo, e com o attrito da chapa do terço contra a pega, e do bater das escotas de corrente sobre os elos dos fuzis das arreigadas, de quando em quando chispava o fogo ao terrivel martellar do colossal madeiro.

Alou-se o braço, que restava, rondou-se a talha da verga, e apertada contra a enxarcia dominou-se, até que depois se tratasse de pear melhor.

D'ali a desarvorar faltava pouco; era urgente acaçapar o mastareo. Mas ir agora gurnir amantes, engatar as talhas, rondal-os, tirar a cunha, e arrial-o até os vaus assentarem sobre a pega, era quasi tentar o impossivel.

O commandante deu ordem para acaçapar o mastareo de gavia; o mestre apitou á gente. O temporal redobrara de intensidade, o mastro vergava e rangia de encontro ás cunhas da enóra; e as enxarcias ora bambeavam ora retezavam como corda de um arco de balista ao despedir os dardos em dia de peleja.

A noite era escura e procellosa; a morte estava ali perto de embuscada prompta a empolgar a presa. A gente

da gavia, gageiros, marinheiros e grumetes, teve um instante de pavor. Hesitaram em subir a enfrexadura da enxarcia, que aos repellões do mastro parecia desfazer-se.

—«A mim marinheiros!» Bradou o commandante, e arremettendo com a escada da enxarcia deu o exemplo para subir. Officiaes e marinhagem não lhe consentiram, mas o exemplo estava dado, e arrostando com a morte, executando prodigios de força, destreza, e felicidade alguns homens conseguiram subir á gavia e arriscando mil vezes a vida, lá no alto de um mastro, mergulhado na treva funda da noite de tormenta, deram mostra do que pode o valor e a disciplina, e ao cabo de umas horas de faina trabalhosa, o mastareo de gavia estava acaçapado, e a verga arriada e peada com os brioes sobre o arco de gavia jogava em amplissimo balanço, agora já sem risco de partir-se.

*

Difficil é contar minucias d'estes lances temerosos da vida do marinheiro. Ao rapido clarão de um relampago, ao esfuzear do raio, ao reverbero da enxofria do mar, que n'um instante illuminou a scena, mal ha tempo de reconhecer o rosto aos heroes, que se empenham no combate. E ao narrar o facto no remanso do lar é facil não mencionar alguem, sem comtudo commetter injustiça, pois não ha na falta juizo propositado de roubar renome a quem o soube ganhar com tanta bizarria. Basta que se diga: os officiaes e as praças, que figuraram n'este feito, bem mereceram o nome de marinheiros portuguezes.

*

Dias depois a corveta *Estephania* entrava arribada no Tejo. No anno seguinte, em egual data, chegava a Ismaila a corveta *Duque de Palmella* em viagem de Lisboa para

a China. Era o primeiro navio de guerra portuguez, que transpunha o Canal. Ia embandeirado em arco, e á vista das areias do dezerto tornou a tremular a bandeira das quinas, que mais de trez seculos antes. em 1541, a bordo das fustas de D. Estevam da Gama, fôra saudada pelos tiros da nossa artilharia, combatendo o forte de Suez, e o varadouro das galés dos turcos.

Viagem de instrucção

1872

Viagem de instrucção

1872

Pelas 11h 30′ (a. m.) de 21 de novembro de 1872, a reboque do vapor *Norte*, seguiu Tejo abaixo, a deitar de barra em fóra, a corveta *D. João I.*

O fim d'esta viagem era a instrucção pratica de quinze guardas-marinhas, que tinham acabado o curso. Devia ir a Cabo Verde, Brazil, Cabo da Boa Esperança, Angola, Açores e estar em Portugal no verão seguinte.

Esta peregrinação a visitar os marcos milliarios das glorias maritimas nacionaes á beira do mar Atlantico, fôra projectada por um patriota e poeta, que enlevado na leitura dos *Lusiadas* se convencera ser baptismo indispensavel ao official da Armada portugueza o escarceo das ondas do fero gigante Adamastor.

*

O vento era sul frescalhão, a vaga alterosa, e a corveta que fôra construida em 1828, e que navegara constantemente por todos os mares do mundo, bem mostrava

pelo alquebramento, e ranger do cavername, estar cançada de tanta lide, e apesar de ser de teca, argumento valioso para muitos, era sem duvida um navio velho e de pouca confiança para viagem tão longiqua.

Era porém a unica só de vela da marinha de guerra nacional, e á sombra dos louros, que colhera, repousava a esperança no bom exito da nova commissão.

Na barra a arrebentação floreava sobre os bancos, e na costa de Cascaes á Guia o mar espadanava em alterosas e alvissimas catadupas pela Pombeira fóra, engolphando-se pela gruta da Bocca do Inferno, refervendo em revolto torvelinho. Uma barda negra pelo horizonte a sudoeste, e o vento silvando nas enxarcias, eram prenuncios de que o tempo iria a mais, porém a *D. João* escudada nas suas celebradas tradições, botou de barra fóra, e navegou a seu destino.

A guarnição era quasi toda nova, e com excepção de algumas praças, que tinham sido marinheiros de Thomaz Andrea, e por elle adestrados nos mares da China, pouco se podia contar com ella em caso de rascada. Por isso, dia claro, as gavias foram aos primeiros, vieram ao convez as vergas de joanete, e tomaram-se varias precauções para segurança do navio e apparelho, que por noite escura e tormentosa, e com gente de pouca confiança, seria difficil conseguir.

O tempo ia crescendo, a corveta caturrava contra o mar, deitando umas escassas quatro milhas, e já se fazia força de vela a safar da costa, que demorava pela alheta de bombordo, a pouco mais de vinte milhas.

Eram quasi oito horas. Noite fechada e nublada de novembro, sem lua, e pardacenta. Apenas a ardentia da esteira e do mar, que se desdobrava por sotavento, riscava de traços luminosos o negrume, que se condensava em roda do navio.

Apitou-se ao render dos quartos, que formaram na tolda, os cabos faziam a chamada, o official que entrava subira ao catavento, quando a vigia da proa deu parte de um navio.

—Navio a barlavento.

Participou-se ao commandante; o official pegou no oculo

para vencer a treva, chegou mais alguem á borda a vêr se via, e não apparecendo pharol, nem se lobrigando vulto. a corveta foi seguindo na bordada.

*

—Ó immediato, dizia o tenente Romano debruçado sobre a braçola da gaiuta da praça de armas, para o primeiro tenente Allemão, que estava lá em baixo trabalhando a registar uns mappas, e detalhes.

—Ó immediato, vem ahi um navio.

Ao que o official respondeu:

—Está bem. Lá em cima está de serviço quem sabe muito bem o que fazer. Dê-lhe parte.

E continuou a verificar o alardo, e o mappa da mostra de sahida.

Entretanto a *D. João* arribara um pouco, de bolina folgada augmentara o andamento, e depois viera para a orça a pouco e pouco.

—Nada para o vento. Cheio mais. Andar assim.

Estas vozes eram para o leme carregar, ou alliviar, e o cabo Argolinha era um timoneiro primoroso, mas tudo se fizera sem mexer n'um braço, ou carregar panno, porque o bordo era da corveta.

Por barlavento luziam agora os pharoes do navio avistado, e vindo corrido para o norte não dava sequer uma guinada para fóra do caminho, suppondo talvez cortar a proa.

Assim viria inevitavelmente abalroar.

Voltaram a instar com o immediato, e a dizer que o navio estava muito perto. O caso era serio, ia n'isto a vida de muita gente; só cento e sessenta praças havia a bordo da corveta.

Nenhum dos navios manobrara francamente, talvez por não dever, ou não poder.

*

O immediato subiu a escada da meia laranja por lhe dizerem haver risco. Vinha perfeitamente tranquillo, mas em todo o caso, em cima sempre se pode encarar o perigo, e não se vae estupidamente para o fundo sem ao menos saber de que se morre.

Mal poz o pé no convez, e ainda meio encandeado pelas luzes da bitacula, e praça de armas, viu logo o navio pela amura de bombordo, e já tão perto que só uma manobra immediata salvaria a corveta, se ainda fosse a tempo; ou então, quem sabe se todos os horrores de um naufragio seriam o epilogo d'este drama.

— Contro o leme. Carrega a vela ré, e vela grande. Larga bolinas de ré. Ala grande e gavia a barlavento, secco e gata a sotavento. Cheio todo, bradou o immediato com voz rapida e clara de quem quer ser logo obedecido.

A marinhagem correu ás obras, e apesar de pouco pratica percebeu que n'aquella manobra lhe ia a vida, e portanto manobrou com alma, alaram os braços pelo redondo, e lá foram depois carregando o panno com difficuldade, porque o sul era rijo, a vela grande de respeito, e agora com o vento para mais das oito quartas custava a levar de encontro á verga.

A corveta *D. João* era um navio de optimo governo, e mal sentiu o leme obedeceu como um pião, e foi na arribada. Se assim não fosse abalroaria com o outro, que vinha fugindo ao mar; porém graças á Providencia, e á pericia e sangue frio do official immediato, o primeiro tenente Jose Allemão de Mendonça Cisneiros de Faria, passou-lhe aquelle a rastejar pela alheta de bombordo, e tão proximo, que se viu o casco claramente, ouvindo-se o ladrar do cão, e as vozes de manobra, que a seu bordo se fazia, orçando no bordo de leste, ajudando assim a safar esta rascada.

Era um grande patacho velejando aberto por bombordo, e que vinha correndo para o norte. Ninguem lhe soube

o nome ou nacionalidade, julgando alguns, que fosse inglez pela teimosia em não querer mudar de rumo.

Era provavel, que viesse tentar a barra de Lisboa. Fosse como fosse, os tripulantes do patacho podiam dar-se por felizes. Tinham escapado milagrosamente de ir para o fundo, que outra coisa não deveria esperar o pequeno navio, que com toda a força da carreira vinha topar em cheio com uma corveta navegando.

E que de avarias não soffreria tambem a *D. João!* A borda arrombada, um escaler perdido, uma verga estalada, e quem sabe, uma peça desatracada quando a amurada viesse dentro, ou os fuzis da enxarcia real arrancados pelas ancoras, que viessem lavrando pelo costado; talvez um desarvoramento, que n'este caso era a morte, porque sem mastros e panno para reger, o navio seria arremessado para leste, e lá estavam erguidas sinistras e pavorosas as alcantiladas ribas da costa de Portugal, batidas denodadamente pelas ondas da tormenta.

*

Estava safa a rascada, a corveta na arribada quasi poz o vento no outro bordo, não acabando de virar em roda para safar do patacho, que orçara no bordo opposto, tornando, por ordem do commandante, a navegar ao rumo, que levava.

Começaram então as considerações e os conselhos ácerca do perigo a que tinham escapado, e como sempre não faltaram criticos e censores, sendo todos unanimes em confessar, que fôra o immediato Allemão quem lhes salvara as vidas.

N'essa noite veiu á barra um dos magnificos paquetes da linha do Pacifico, e só pode entrar dois dias depois, porque o temporal soprava violento, e sem o menor fundamento correu nova em Lisboa de que a corveta se perdera, o que custou bastantes lagrimas a quem lá tinha os filhos e parentes.

*

Foi assim que começou uma viagem de instrucção a guardas-marinhas em novembro de 1872, a qual ficou celebre por ser a ultima da derradeira corveta de vela da antiga marinha portugueza.

Nada faltou para bem gravar no animo dos novos officiaes as difficuldades e trabalhos da nobre carreira, que encetavam.

Por fim cançado de cincoenta annos de viagens, o benemerito navio, incapaz de voltar ao patrio Tejo, foi condemnado no porto de Loanda. Legou porém aos que tinha iniciado a navegar uma recordação, a que se mistura certa saudade do tempo da juventude, que passou, e que não volta.

Termo de arribada

1872

Termo de arribada

1872

. . . . . .

Toda aquella noite de 4 para 5 de dezembro de 1872, a corveta *D. João I* continuou no bordo de oeste. De espaço a espaço repetiam-se os aguaceiros, e na arribada o navio parecia cavar uma esteira luminosa, tal era a phosphorescencia do escarceu espadanando ao longo do costado. A intervallos regulares o calafate vinha mysteriosamente participar qualquer cousa ao official de quarto, e d'ahi a pouco ouvia-se o bater compassado da bomba da coberta exgotando a agua do porão.

O vento fôra-se firmando no nordeste, e ao amanhecer o mar de vaga grossa, e a atmosphera de nuvens soltas — os esfarrapados *nimbus* da tormenta — sumiam-se uns após outros rapidamente para o sul.

Estava-se na região da brisa, e o velho Atlantico mostrava aos navegantes um dos seus aspectos caracteristicos, o mar azul mosqueado pelo florear da vaga; o vento firme em direcção e intensidade; e nos ares, que se iam adelgaçando, as nuvens, quaes flocos immensos de algodão immaculado, perpassavam magestosas no firmamento levadas pelo vento frio e sibilante.

Avistava-se um navio no bordo desencontrado, uma pobre escuna de capa rigorosa.

*

Ás oito horas da manhã o commandante chamou os officiaes á camara. Sobre a mesa estava a carta, o transferidor, os compassos, e um papel com as milhas carteadas. O commandante disse:

— Chamei os senhores officiaes para lhes expor o seguinte. Aqui está posto na carta o ponto estimado aonde estamos. A bahia do Funchal, fica ali em 32° 27′ de latitude norte, e 16° 55′ de longitude oeste de Greenwich. N'estes cinco dias temos perdido para o sul mais de trez graos, e para oeste quasi dois. O barometro não sobe, o vento é nordeste frescalhão, o mar de vaga, e as aguas vão ao sudoeste. O navio tem feito muita agua, tocou-se redondo ás bombas toda a noite. As costuras do costado estão abertas, conhecem as avarias no panno e no massame. O mastro e a verga grande não são de confiança. N'estas circumstancias desejo ouvir a sua opinião sobre se devo continuar em demanda da Madeira.

A discussão foi breve. Apesar de tudo, ao commandante custava-lhe abandonar a escala. Veiu o commissario para informar das malas, que trazia para a ilha; dos paquetes, que sahiam de Cabo Verde, e da brevidade com que as cartas poderiam chegar ao seu destino. Ouvidas informações e opiniões fez-se termo de arribada para S. Vicente.

*

Na tolda os guarda-marinhas, e á proa a guarnição e a mestrança aguardavam o resultado da conferencia. Olhavam para o mar, que parecia mais sombrio; para os mastros, que se recurvavam e gemiam com o vento; para os unhões da enxarcia, que tinha rebentado; para a artilharia, atracada com voltas dobradas ao botão de culatra, e as retenidas em cinta ás conteiras das carretas, e agora já muitos se lembravam de que tinham sahido de Lisboa

ha quinze dias, visto a Madeira por um oculo, e ainda não houvera uma hora de descanço.

Quando o commandante appareceu, embrulhado no gabão, a surgir da escotilha da meia-laranja — subindo lentamente a escada agarrado ao corrimão, aproveitando o balanço para melhor se dirigir ao catavento, — e viram o immediato, e os tenentes a tomar os seus postos de manobra; o mestre, os guardiões e a marinhagem adivinharam o que seria, e sem demora declarou-se a faina geral, e um fremito de alegria animou toda aquella gente.

— Onde está a proa?

— Noroeste quarta do norte.

— Carrega a rabeca. Leme de encontro. Ala grande e gavia a barlavento. Cheio todo. Ala o traquete e velaxo a estibordo. Camba a escota á vela de estai.

O navio foi rodando a pôr o vento na alheta de bombordo. Orientaram-se as vergas convenientemente.

— Onde está a proa?

— Susodoeste.

— Andar assim.

— A gavia deita fóra dos segundos. Teza as talhas do lais. Salto á adriça. Ronda o braço a barlavento.

Subiram os gageiros e os permanentes, e foram desamarrando os rizes do terço para os laizes, e desfazendo os empunidouros.

O mestre apitou um silvo prolongado.

— Senhor?

— Gavia grande, está prompto?

— Está prompto, responderam.

— Senhor tenente está prompta a gavia, disse o mestre José Antonio para o official, que retomara o seu logar ao catavento.

Era o bom camarada Cesar Romano, que farto de apanhar aguaceiros — pois tinha o condão de serem para elle os mais pesados — agora rejubilava por fazer força de vela, e por isso mandou logo em voz vibrante, acenando com os braços como se fosse elle quem estivesse lá em cima equilibrado na verga a trabalhar.

— Arria os empunidouros. Transvira a forra dos primeiros. Toca as talhas do lais. Dentro. Não quero ninguem

em cima da verga. Adriças e braços de gavia na mão. Iça. Volta. Gavia grande, larga o joanete. Caça. Iça. Volta. Toca os cabos á maior, e caça o punho grande a sotavento.

A marinhagem correu alegre a executar as vozes, e a *D. João,* sentindo o vento para ré do travez, animava-se navegando já livre dos repellões da capa intoleravel.

— Quanto deita? perguntou o commandante.

Vieram os moços, deitou-se a barca, contaram-se oito milhas e emquanto a linha se enrolava de novo no carretel, e a prancha da barquinha vinha aos empuxões saltitando sobre as aguas, umas almas de mestre e calcamares, as aves da procella, pairavam soltando uns pios lamentosos a despedir-se do navio, que tinham acompanhado durante a tempestade.

*

Navegando com o mar na alheta já quasi não se sentia a brisalhada.

A guarnição voltava á vida habitual, e emquanto os gageiros passavam revista aos mastros, o fiel de artilharia e escoteiros rondavam as voltas da atracação da bateria, e algum moço, ás escondidas, lavava a roupa na agua da chuva empoçada na capa da trincheira... a gente do gurupez agrupada no castello olhava com interesse as duas linhas de pesca, dadas nos laizes da cevadeira, e que iam aos saltos razando as ondas, tendo nos chicotes uns anzoes dissimulados, parecendo peixes voadores.

Atraz d'elles, tentando tomar a presa, nadavam velozes dois dourados illudidos pelas cores vistosas, e pelas penas do engodo.

O Verdades, o taciturno gageiro do gurupez, um verdadeiro lobo do mar, que fôra um valente em todas as occasiões, alto, herculeo, tisnado pelo sol, braços nus, e com o possante arcabouço a descoberto, o bonnet deitado para a nuca, os olhos a luzirem-lhe fascinando a pescaria, parecia agora uma criança toda enlevada na mira dos dourados, que forçosamente havia de alcançar.

— Leva de rumor, grumetes do inferno. Atiro ao mar o primeiro, que espantar os bichos.

— Aqui Setubal, dá um salto á linha para que mergulhe e o dourado pique. Ala arriba, arria agora. Maldicto peixe, que não morde. É mais ladiño, que o fiel de generos quando nos furta a ração do vinho.

E os moços riam, zombando do enthusiasmo do ardente pescador. Vingavam-se das rajadas mal soantes com que os mimoseara alta noite, quando fôra necessario sahir fóra, e cavalgar o pau da bujarrona para abafar a vela, que se fizera em tiras.

— Uma albacora! Uma albacora! Bradou em côro a marujada.

Com effeito, uma albacora saltava e mergulhava a alguns metros pela proa, mostrando o dorso verde escuro, os flancos e o ventre prateados, servindo de batedor á corveta, que corria.

— Minha rica albacora do Algarve, bradou o gageiro, não serás tu, que me deixarás agora. Ao demo dou os dourados, que são parentes da mortefuge e dos judios.

*

De pé sobre os patarrazes do pica-peixe, agarrado á vara, estava o João Verdades. O braço direito alongado sopesava um tridente farpado, chumbado no coto da haste, e seguro ao pulso por um longo fiel de linha alcatroada. Suspenso sobre o abysmo, orvalhado pela resaca quando o navio descia no balanço, o arpoador semelhava um Neptuno carrancudo impondo ao mar o seu imperio.

Mudo e quedo, toda a vida se lhe concentrava no olhar. Calculava a distancia, e a opportunidade do golpe, e sopesando o dardo, e retezando o braço — alavanca de uma balista temerosa — quando o peixe emergiu de um salto descuidado arremessou a fisga para vante, cravou a albacora pelo dorso, e soltando um grito de triumpho aguentou o fiel, trazendo a reboque o tridente cuja chumbada

mergulhara, e nas farpas do qual luzia o peixe prateado, que se debatia n'um agitar convulso.

— Alguem a mim. Ala arriba. Minha rica albacora do Algarve, que não deixou ficar mal um algarvio.

Metteram o peixe dentro, e o João Verdades estava triumphante. Aquella gloria compensava-lhe os rudes trabalhos da tormenta.

D'ahi a uma semana entrava a *D. João I* arribada em S. Vicente.

Homem ao mar

1873

Homem ao mar

1873

No dia 20 de abril de 1873, domingo, vigesimo terceiro dia da lua, navegava a corveta *D. João I* por 7° 45′ de latitude sul, e 10° 9′ de longitude leste de Greenwich.

Era o trigesimo quinto de viagem de S. Thiago de Cabo Verde para Loanda.

A 30 de março tinha cortado a linha por 3° 24′ oeste, e d'ahi para o sul a viagem tinha sido demorada por causa de trovoadas, bonanças, e por vezes calmaria.

Acabavam de bater as oito, e os gageiros tinham dado parte de que na mastreação não havia novidade, e a baldeação estava quasi concluida, Só um ou dois moços andavam na tolda de lambaz em punho a enxugar alguma agua, que tinha ficado de encontro ao trincaniz, e nos escaleres os guardas arrumavam as sarretas, e a palamenta, e rondavam depois as fundas, que de noite com o balanço tinha um pouco brandeado.

Rendera-se o quarto de alva; o official que entrou, assim que subiu para o degrau do catavento, chamou logo:

— Ó do leme, onde está?

— Sudoeste quarta e trez quartos a oeste.

O vento era sul, bonança, ás oito a barca deitara duas

milhas, e agora ainda acalmara mais, de sorte que quando a corveta vinha no balanço a sotavento as gavias batiam algumas vezes de encontro aos mastareos, produzindo aquelle som monotono e particular, que tão bem se casa com o ranger do navio e arvoredo.

— Larga sobres, e giba. Caça. Iça. Ala os braços a sotavento.

Apitou-se á gente, fez-se a manobra, e o guarda-marinha, que estava á amura grande, rapaz de primeira viagem sahido da Escola para fazer tirocinio, no largar do sobre de proa não faltou a nenhum dos preceitos, com tanto rigor e escrupulo como se fosse manobra arriscada ou importante, parecendo no afan com que fallava para a verga, e para quem estava aos cabos, que se tratava de carregar e abafar a gavia debaixo de pesado aguaceiro, ahi por 40° de latitude sul, a bordo da charrua da carreira.

*

— Guardião, mande pôr os cabos em baixo, e apite a limpar amarellos, e a ronda, que vá chamar o corneta para tocar á fachina de bateria.

Vieram os encerados, começou a fachina, teimando os varões da meia-laranja, e a divisa «*A patria honrae, que a patria vos contempla*» a ficar como d'antes, assim com uma certa cor alaranjada, resultado do abundante cacimbo, que cahira durante a noite.

O passageiro extranho á vida do mar admirar-se-ha de certo, ao vêr o cuidado com que o marinheiro portia em que as escoteiras, a meza das papoilas andem perfeitamente polidas; as celhas das adriças, e os amarellos das braçolas parecendo espelhos; os gatos das talhas, as bragas dos vergueiros, os olhaes, os arganeos, emfim os mil objectos que guarnecem a tolda do navio andem egualmente tratados, rivalisando em asseio e boa ordem. Perguntará, para que tanto trabalho com tão pequenas cousas; achará porém explicação não só no aspecto de que necessita o navio de guerra, mas tambem na questão hygie-

nica desculpa para o exagerado asseio, e sobretudo na imperiosa necessidade de entreter uma guarnição de cento e vinte praças, n'uma longa viagem por esses mares de Christo.

*

Começara a fachina de bateria, e o official de quarto vigiava o horizonte, onde ao norte se acastellava uma trovoada. Subira acima do tombadilho para melhor observar a faina, quando de repente a gente que estava a estibordo limpando a artilharia, galgou acima da borda, e como por surpreza, quasi em segredo, chegou a ré a sinistra noticia de *homem ao mar*.

— Homem ao mar! gritaram do castello.

Por movimento natural a guarnição correra a sotavento a vêr quem era que cahira.

— Leme de ló. Ala grande e gavia a barlavento. Folga as escotas de proa.

A corveta atravessou, a manobra fez-se precipitadamente, e depois lá se foram carregando os papafigos devagar, com a pouca gente, que ficara ás obras, pois muita tinha corrido á trincheira, e ás mezas da enxarcia lançando á agua alguns xadrezes, boias de salvação, uns cabos da amurada, a vêr o desfecho d'esta scena.

A este tempo já se tinham atirado ao mar, com uma dedicação sublime, o primeiro grumete Gouvêa, o gageiro grande Saguim, e um moço da ilha da Madeira, que mal se viu fóra do navio nadou para bordo, desistindo da empreza humanitaria.

Passado o primeiro sobresalto, logo se soube quem cahira. Eram os marinheiros Tavares, Cabo Verde de côr preta, e Thomaz Vieira, e ou foi o balanço que os fez rolar pelo castello mal enxuto, ou resultado de lucta ou brincadeira; certo é, que ao primeiro só o viram já a meia agua de braços abertos a ir para o fundo; e o segundo bracejava pela pôpa, quasi desfallecido pelas pancadas, que dera na carena do navio.

A ondulação era larga, a corveta seguia pouco, de modo que em poucas braçadas os nadadores conseguiram agarrar o naufrago, segurando-se este ao fiel da navalha, que o grumete Gouvêa trazia ao pescoço, que quasi o fazia mergulhar; e se não fôra o gageiro grande amparar a ambos, talvez o homem generoso, que não hesitara em arriscar a vida para salvar a do seu semelhante, fosse victima da sua nobre e arrojada dedicação.

Já estavam seguros a um cabo dos que por estibordo tinham atirado, podiam considerar-se salvos, porém a corveta seguia um pouco, a manobra fôra apressada, e ou a gavia ficara mal braceada pelo redondo, ou a escota da bujarrona mal folgada, o caso é que com o corso que faziam na agua os homens difficilmente podiam aguentar-se.

— Ala a retranca a meio. Ala grande e gavia a barlavento. Arria o primeiro escaler, salva ali aquella gente.

Saltaram ao escaler, e como acontece n'estas occasiões foi gente a mais, e remos a menos. Largar as fundas, tapar a boeira, safar as talhas da trincheira, sempre levou algum tempo... emfim o escaler estava prompto, o guardião apitou a arriar.

— Aguenta. Aguenta o escaler. Volta ás talhas, não arria nada, bradou o official de quarto.

O cabo a que estavam seguros era o tirador da talha de ré, com o chicote do qual se tinham amarrado para melhor esperar soccorro. Com a atrapalhação do momento houve até quem se lembrasse de querer cortar a talha. Acudiram-lhe a tempo, e assim se evitou maior desgraça.

Tudo isto foi rapido quanto se pode imaginar, mais rapido ainda era urgente resolver. O tempo estava bom, podia arriar-se a balieira de barlavento, porém tinha sido pintada na vespera, os remos estavam na trincheira, as forquetas na coberta, e sempre havia de levar tempo a preparar. O segundo e o bote ninguem tratava de safar. Estavam dentro da lancha a meia nau, e bem atracados por causa do balanço.

O guardião Almeida Frade, um homem robusto, e já a bordo em dia de rascada mostrara ser marinheiro, suspendeu-se a um cabo fóra da borda, e com uma força herculea aguentou os nadadores.

— Agarrem-se a mim. Larga o tirador da talha. Arria o escaler.

Estavam salvos.

*

Depois o primeiro escaler atracou ao portaló, as praças vieram para dentro, seguindo o Vieira em braços para um catre na coberta, onde ficou entregue aos cuidados do doutor, e os seus heroicos salvadores, todos alagados, como que envergonhados de assim estarem, dispunham-se para continuar a fachina da bateria, com o ar mais natural d'este mundo, como se fosse vulgar o que acabavam de fazer.

Pobre Cabo Verde, na força da vida, cheio de saude, bom nadador, elle, o sota do gurupez, que tanta vez por noite escura e procellosa sahira ao pau da bujarrona para abafar a vela, cahir ao mar n'um dia de calma, e morrer, desapparecer para sempre!

Parecia impossivel, ninguem queria acreditar, e talvez por essa causa a guarnição não se tirava da borda, esperando vel-o surgir de um momento para outro.

— Lá está o Cabo Verde, bradaram do tombadilho, e apontavam para um ponto negro, que se balouçava nas ondas a alguma distancia pela pôpa do navio.

— Larga o escaler. Rema avante, e de bordo indicavam a que rumo demorava.

O grumete Gouvêa subiu ao portaló, o escaler já ia largo, olhou para ré, orientou-se, atirou comsigo ao mar, nadou denodadamente a repetir igual acção, á que bem poucos momentos antes quasi lhe custara a vida. Tanta coragem, tanta dedicação impressionou a todos.

Scenas semelhantes ficam bem fundas gravadas na memoria, e constituem recordação para toda a vida.

*

Infelizmente a noticia era falsa, o guarda-marinha, que foi no escaler, procurou, cruzou de um lado para outro, e não encontrou ninguem.

Recolheu o grumete, apanharam-se as boias e xadrezes, depois içou-se a embarcação nos turcos, e tratou-se de marear.

— Folga a escota da retranca. Caça á proa. Allivia o leme. Ala grande e gavia a sotavento.

A trovoada, que se estava formando a nordeste, vinha entretanto subindo, e assim que a corveta se poz a caminho, o commandante mandou logo:

— Obras de sobre e giba. Obras de joanete. Arria e carrega. Ferra. Carrega a vela ré.

O horizonte por barlavento estava cor de chumbo, a trovoada começava a dar, o vento era pouco, em compensação muita bulha, e muita chuva.

— Arria gavias. Ala braços pelo redondo.

O vento acalmara de todo, fuzilava de todos os quadrantes, chuvia torrencialmente. A natureza apresentava um aspecto pesado e carrancudo, offerecia o scenario apropriado para a tragedia a que acabavamos de assistir.

A bordo não houve mais alegria aquelle dia. Desde Lisboa, que a viagem fôra tormentosa, e agora, com a morte d'aquelle companheiro de trabalhos, sentia-se assim não sei que vaga melancholia, que nos fazia pensar nos versos do poeta, a bordo tantas vezes repetidos:

E veram mais os olhos que escaparem
De tanto mal, e tanta desventura.

*

Era domingo, ás onze horas (a. m.) formou a guarnição na tolda, e o commandante Victor de Andrade promoveu a segundo marinheiro, por distincção, o grumete Antonio da Silva Gouvêa.

Mais tarde o governo de Sua Magestade, em recompensa do seu heroico procedimento, concedeu-lhe, bem como ao gageiro, e ao guardião, a medalha humanitaria.

Mais uma vez ficava confirmado, que são sempre bem ganhas as condecorações, que honram as fardas dos nossos marinheiros.

Comboio de feridos

1873

Comboio de feridos

1873

Em Angola em 1873, por estar declarada a guerra dos Dembos, a marinhagem da Estação Naval fazia o serviço de guarnição das fortalezas de Loanda...

O serviço em terra fazia-se na hypothese da caserna ser navio...

Um guarda-marinha e vinte e cinco praças destacavam mensalmente para o forte de S. Francisco do Penedo. Na quadra das chuvas passou a ser por quinze dias...

*

Ao alvorecer de um dia de junho ia grande reboliço em frente do Penedo. Ouvia-se *bambaré* de negros, pragas de soldados, gemer de feridos a pedir misericordia. A sentinella da praça bradou ás armas, e a guarda formou para intervir no caso, que pela bulha dava mostras de peleja. No fim de tanto tempo, acaso seriam os Dembos que chegassem?

O guarda-marinha correu a saber a causa do motim.

Tristemente dolorosa foi a miserrima scena a que assistiu. Um comboio de soldados doentes regressava da campanha. Eram poucos os pobres desgraçados. Soldados de presidio, europeus degradados a quem se vestia a farda por castigo, cheios de febre, famintos, mal vestidos, chagados os pés pela praga da *pulga penetrante,* jaziam no chão a lamentar a sua desdita.

Deitados em macas, pendentes de *tungas* aos hombros de dois pretos, jornadeavam ha muitos dias do sertão para a cidade. Os carregadores roubavam-se ás caravanas do gentio, obrigando-os ao transporte até apparecer quem os rendesse; e os soldados da escolta, calça de brim, fardeta de briche, barretina, e os butes a oscillar na espingarda, caminhavam derreados na guarda d'aquelle cortejo de miseria.

Chegados á vista de Loanda os negros recuzaram-se a seguir. Ali era já terra de branco. Atiraram para o chão macas e doentes, e largaram a fugir pelas ladeiras. A escolta empregava a força para ser obedecida. Travara-se desordem, e o lastimoso *ai-uéh má mé* africano respondia ao bater das coronhadas, chamando á razão os *monangambas.*

A marinhagem interveiu e a desordem serenou. Nenhum marinheiro deu caça aos negros, que corriam. Levantaram em braços os doentes, suavisaram tanto soffrimento, dando alimento, lavando e pensando as feridas. Choravam os desgraçados gratos ao balsamo d'aquella esmola carinhosa. Os pretos olhavam pasmados para os marujos, e talvez o exemplo despertasse no animo d'aquelles selvagens filhos do sertão, pela primeira vez, um sentimento de piedade, uma vaga idéa, que não sabiam formular nem definir, a bemdita noção da fraternidade humana.

E sem discutir qual fosse o argumento convincente, porque o cacete e a coronha expozeram razões de peso, certo é voltaram e tomaram as *tipoias,* e resignados, a passo certo, levando os doentes, entestaram com o caminho do Hospital, com grande gaudio do cabo da escolta, um preto fulo, portador da guia e de uns officios espetados na baioneta ferrugenta.

*

Quando em Loanda se soube o que fizera a gente do Penedo, teceram-lhe umas palavras de elogio; e parece até, que nos discursos laudatorios se fallou da bandeira das quinas, e do coração do marinheiro.

Um encalhe memoravel

1873

Um encalhe memoravel

1873

A corveta *Duque de Palmella*, do commando do capitão de fragata Thomaz de Villa Nova Ferrari, navegava a 16 de março de 1873 a vapor e á vela, com tempo magnifico á vista da costa de Annan. Era o setimo dia de viagem de Hong-Kong para Saigon.

Tinham se feito marcações da terra, e ás 11^{h} 30′ (a. m.) o commandante mandou deitar a oeste. Officiaes e guardas-marinhas na tolda, e no xadrez do tombadilho preparavam os sextantes para tomar a altura do sol, para o calculo da latitude ao meio dia.

O banco do Brito já devia estar montado, o mar perfeitamente azulado não denotava approximação de perigo, nem pela mudança da cor das aguas, nem pelo florear da arrebentação na orla do baixio.

Ás 11^{h} 45′ sentiu-se o navio bater no fundo, e logo adernou sobre o lado de bombordo.

— Larga por mão escotas e adriças.

A gente correu ás obras, o panno ficou empandeirado, as gavias custavam a arriar pela inclinação dos mastareos, mas o navio não se adriçava, e as boladas das cinco peças da bateria mergulhavam.

Parou a machina, carregou-se o panno, abafou-se, e mandou-se:

— Andar a ré a toda a força.

Mas a corveta estava bem segura, oscillou arrimada a qualquer fraguedo que se alongasse para o costado, e quedou-se aproada a nor-noroeste.

Arriaram-se os escaleres, e prumou-se em roda do navio. Duas braças, braça e meia, trez braças á pôpa, em fundo rocha.

Verificado o encalhe, determinou-se a posição da corveta: 10° 28′ 08″ lat. N. 107° 52′ 18″ long. E. GW.

O commandante julgara o navio safo do banco do Brito, a que dera resguardo até ás 11^{h} 30′, e quando mandou deitar a oeste foi direito ao perigo, que temia.

Meia hora mais tarde, que tivesse mudado de rumo teria passado a salvamento, optimamente navegado; mas a fatalidade, um equivoco que praticara na apreciação de uma marcação da costa, a fé na sua boa estrella, que o abandonava agora, as eventualidades do serviço de marinha, tudo se havia conjurado contra aquelle distinctissimo official, occasionando o triste encalhe, cujas consequencias ainda não eram faceis de prever.

*

Reconhecida a inutilidade dos esforços até então empregados para desencalhar, tratou-se de alliviar o navio. Deitou-se a lancha ao mar, espiou-se um ancorote pela alheta de estibordo, vieram ao convez as vergas e mastareos de joanete, acaçaparam-se os de gavia, deitaram-se ao mar, com arinque e boia, pelas portas de proa oito peças de artilharia, despejaram-se os tanques da aguada, ficando apenas trez de ré.

Ás 4^{h} 30′ era preamar. Ás 3 horas o navio endireitou, e a machina trabalhou *a ré* por varias vezes, mandando-se por fim *parar,* com medo de partir a helice quando o navio cahia no balanço. Mal a vaga vinha na amura a corveta galeava, depois, andando para ré, a agua faltava

avante e batia desamparada, estremecendo com as pancadas nos penedos, vendo-se por vezes bocados de madeira, que deviam ser do sobresano.

Virava-se rijo ao cabrestante, mas sem outro effeito do que espertar a espia, dando-se em breve volta a linguete, para a não rebentar, evitando-se assim inxorrar mais no baixio.

Trabalhava-se com afan no salvamento, mas chegou a hora do collo da maré, e apesar do rude lidar dos seus valentes tripulantes a *Duque de Palmella* permaneceu no banco.

*

O commandante determinou mandar o 2.º tenente Almeida de Avila e o guarda-marinha Patricio Ferreira no 2.º escaler a Saigon pedir soccorro. Requeria um vapor para dar reboque, e ajudar a vencer a faina, ou para receber a gente e os salvados no caso de não safar na maré da noite.

O escaler largou. Iam tristes e contrariados os da sua guarnição. Bem quizeram todos, que o detalhe os não tivesse designado para partir. Comparavam o escaler armado e equipado, de velas largas prompto a navegar, á corveta encalhada nos penedos. Elles iam seguros demandar o porto, que demorava além a algumas dezenas de milhas de distancia, e apesar das eventualidades da viagem, e da urgencia do serviço, pesava-lhes deixar amigos e camaradas, e não partilhar com elles o risco de naufragio que corriam.

Pensavam serem elles os privilegiados surgindo para a vida, emquanto os que ficavam arrostavam com a morte. Era como retirar de um campo de batalha antes da sorte escolher o vencedor, e o seu animo de valentes marinheiros constrangia-se ao separar-se do que julgavam ser o posto de honra, por mais manifesto ser o perigo, sem attender ser o serviço, que a disciplina lhes exigia de excepcional responsabilidade, pelo exito da empreza entregue ao seu valor, fiando d'elles a salvação das vidas.

No mar todo o serviço é importante. Dos cuidados de um simples moço de vigia, ou signaleiro, pode depender a gloria de um almirante, a victoria ou a derrota da esquadra. Obedientes e resignados vogaram a cumprir um serviço de honra. Não chegaria tarde o soccorro que buscavam? O banco do Brito raro largava a sua presa. Era má a fama do parcel. Bastava a vaga rebentar para a corveta se perder, arrancando e despedaçando o cavername, sem ficar vestigio do naufragio.

E o escaler foi-se afastando para oeste, mensageiro da nova do desastre, acompanhado dos votos de esperança e salvamento dos que ficavam em lucta com a morte.

*

A maré baixava. Ás 5^{h} 30′ cahiu o navio a estibordo, sentindo-se fortes pancadas no fundo, na altura da casa das caldeiras. Mas a faina não esmorecia, a guarnição trabalhava com confiança, e com valor, e emquanto o tempo deixasse, e a corveta resistisse, havia de luctar até á ultima.

Alijaram-se ao mar as balas das chaleiras, e grande parte do carvão dos paioes. Apagou-se o fogo das fornalhas, despejou-se a agua das caldeiras para o porão, sendo em seguida tocada ás bombas para o mar.

Ás 5^{h} 15′ tinha-se avistado um vapor ao sudoeste, a 5 milhas de distancia. Içou-se a bandeira nacional colhida, flamula, e o signal H B do codigo Larkins — *necessito de immediato soccorro* — deram-se dois tiros de peça... e nenhum dos signaes foi reconhecido.

Entretanto anoiteceu rapidamente, como n'aquella latitude acontece. O vapor desappareceu envolvido nas brumas do poente. É desoladora a impressão que fica ao vêr sumir o navio, de que se esperava receber soccorro.

É uma esperança perdida; sente-se o isolamento; parece maior e mais cruel o perigo, mais lobrega a vastidão do mar; mais profundos os abysmos do oceano; mais gelida a liquida mortalha; mais distante a terra, que nos

pode dar abrigo; mais perto a hora do naufragio; mais negras as ondas, que de longe veem alteando para o mi-sero navio, a desdobrarem-se rugidoras, prenuncios de morte implacavel. A escuridão da noite aggrava o sinistro pesadello. O vento sibila mais estridente na enxarcia, a onda cava mais profundo os seus corcovos, presente-se o arfar do temporal, cujas nuvens vem subindo pavorosas.

*

Os escaleres estavam no mar, e guarnecidos, alliviando o navio do seu peso, e da gente que traziam, promptos á primeira voz para atracar.

A agua baixava, e a *Palmella* deitada sobre o banco aguardava a maré da madrugada.

A guarnição, que restava a bordo, dispunha-se para safar as antenas, e preparar uma jangada para salvar a gente, ultimo recurso se tamanha fosse a desventura, que a corveta se perdesse. A lua, no decimo setimo dia da lunação, ainda não nascera.

Eram 7ʰ 40′ quando se sentiu alguem cahir da pôpa ao mar.

— Homem ao mar, gritaram logo, e breve se adivinhou quem fôra que cahira.

— Salvem o nosso commandante, bradava o official immediato.

E em seguida cinco homens deitaram-se denodadamente ao mar. Eram: o guarda-marinha Carlos Candido dos Reis, os marinheiros Polvora, Paul, Miguel Engeitado, e João Martins, nobilissimos corações, que a despeito da perspectiva de um naufragio, ainda lhes sobrava dedicação e coragem para arriscar a vida, guiados por um heroico sentimento de altruismo, para glorificação do qual escasseam as phrases de elogio.

O guarda-marinha Reis tinha então vinte e um annos. Baixo, franzino, enthusiasta por todas as idéas generosas, era já o bom camarada, o illustre official, que toda a gente conhece e aprecia.

Os nadadores mergulharam, afastaram-se na alvainha do navio, depois recolheram aos escaleres, os quaes cruzaram procurando com empenho descobrir o naufrago, mas todo o trabalho foi perdido.

O distincto marinheiro sacrificara a vida, ao julgar perdido o seu navio.

*

Á meia noite a agua já subia, as pancadas no fundo eram menos repetidas, o taboado do costado resistia, a agua não augmentava no porão.

A lua, já alta, espelhava-se nas aguas socegadas, e a belleza do scenario contrastava com a triste scena de morte, que ali se representava entre os receios de um naufragio lastimoso.

Já não havia duvidas de que o commandante fallecera. O commissario, em presença de alguns officiaes, foi sellar a porta do camarim. Sobre a meza da camara estava uma carta para o official immediato, e ao saber-se do contheudo d'esse respeitavel documento as lagrimas sulcaram as faces de officiaes e marinheiros, sincera e merecida homenagem á memoria do homem digno, que morrera.

*

Ás 3h 30′ da madrugada a corveta estava direita, refrescara o vento, e com o ondular da vaga batia menos no recife. Percebia-se pelas guinadas haver momentos em que fluctuava livremente, batendo depois entre os rochedos, ora a um, ora a outro bordo. Chegara o preamar, o momento decisivo.

Continuava o trabalho com denodo, mas já se pensava na jangada para salvar a gente, que começava a sentir-se quebrada da pesada faina, apesar de nem um só instante de desanimo ter vindo perturbar o valor e serenidade com que luctava pela vida.

Energico, no degrau do catavento o commandante Costa mandava:

— Vira o cabrestante. Toda a gente ás barras. Ala o virador do ancorote.

Toda a guarnição, com esforço sobrehumano, obedeceu ás vozes de manobra.

A corveta estremecia, rangia o cavername contorcendo-se, o virador esticado talvez fosse rebentar, quando se ouviu vibrante de commoção a voz do marinheiro do prumo:

— O navio vae a ré.

— Vira! Vira o cabrestante, bradava a marinhagem de peito á barra, arrancando febrilmente.

Trinavam os apitos da mestrança, e a corveta cedendo ao herculeo esforço, arrastando-se pelas pedras, balanceava finalmente, inclinando a prôa n'um adeus de despedida, já livre dos recifes do cachopo.

*

Caçou-se a gata, mareou-se a ficar sobre, e a *Palmella* deu fundo á ancora de estibordo, e foi cahindo a ré, arriando até ás 90 braças de amarra, e quando portou por ella largou o ferro de bombordo com 12 braças, em 6 de profundidade.

D'ahi a pouco começou a raiar a madrugada. O oriente aclarava-se com o pallido fulgor da aurora, que pouco a pouco se transformava em esmorecida cor de rosa tingindo o firmamento.

Aquella luz diffusa do nascer do dia, quando ainda não ha sombras definidas, e no poente se esbate o manto azul-acarminado da noite que findou, era de uma suavissima tristeza a relembrar maguas e saudades.

Ferrari morrera por julgar perdido o seu navio, de que se conseguira afinal o salvamento, após longas horas de terrivel labutar.

Como fôra infeliz o commandante!

*

Ás 9 horas a *Duque de Palmella* suspendeu, abandonando o ferro de estibordo, e o ancorote, e navegou em demanda da bahia de S. Jacques, onde ancorou.

N'essa noite o tempo tornou-se tempestuoso, e de certo a corveta naufragaria se ainda estivesse presa no baixio.

A 18 de março entrou no rio Donai, e de tarde entrou no porto a canhoneira franceza *Linois,* que na vespera sahira de Saigon a levar soccorro. Não enxergara a corveta portugueza. Ao approximar-se do banco do Brito e não a vendo, teve como certo o naufragio, e a perdição dos tripulantes. Levava a bordo o tenente Avila e a guarnição do escaler, que viera requerer auxilio. Imagine-se o soffrimento moral d'aquelles homens.

A 19 amarrou a *Palmella* em frente de Saigon, para onde viera a reboque da canhoneira, e a 20 entrou na doca fluctuante para fabrico.

Soube-se ser inglez o vapor avistado na tarde do encalhe, e que não percebera os signaes de pedir soccorro.

*

Na doca descobriu-se ter grossa avaria. O sobresano arrancado, parte da quilha destruida pelas arestas do coral, o cobre do forro em parte arregaçado, uma das caldeiras deslocada, a machina desnivelada, patenteava o risco em que estivera.

Reparadas as avarias regressou a Macau, com o governador visconde de S. Januario, e mais tarde fez a torna viagem para o Reino.

Ficava mais uma vez cabalmente demonstrado a perfeita construcção, e rijeza dos navios de madeira construidos no Arsenal de Marinha de Lisboa.

Um salto de vento

1873

Um salto de vento

1873

A barca *Martinho de Mello* foi um dos transportes do Estado, que mais navegou para as colonias portuguezas durante muitos annos.

Em 1873 foi a Angola levar mantimentos e render o pessoal da Estação. Sahiu de Loanda para o Reino na tarde de 22 de novembro, pouco depois da corveta *D. João I,* que, commandada pelo primeiro tenente Segismundo Costa, pela ultima vez veiu ao mar em cruzeiro de instrucção.

A bordo da barca recolhiam para Portugal os guardas-marinhas, que tinham terminado os trez annos de tirocinio, e que vinham fazer exame para tenentes. Era commandante da *Martinho de Mello* o capitão de fragata Carlos Frederico de Almeida Pereira e Sousa, immediato o primeiro tenente Lucrecio Ribeiro da Costa, officiaes de guarnição os segundos tenentes Cesario da Silva e Nandim de Carvalho.

Os guardas-marinhas faziam os quartos de dia, mais ou menos vigiados pelos officiaes. A *Martinho* era um bom veleiro, o seu commandante um mestre na arte de navegar, os officiaes eram todos gente feita, conhecedores da arte e do navio, e a guarnição um grupo de marinheiros

trenados no serviço, dos melhores, que havia por aquelle tempo na marinha. Para a antiga esquadra de vela a barca era considerada um navio escola, e ser official da barca um attestado valioso de saber profissional.

*

No dia 30 de dezembro de 1873 navegava a barca por 38° 01′ 45″ lat. N. 11° 32′ long. O. GW., proximamente a cento e vinte e seis milhas a O. S. O. da barra de Lisboa, e com todo o seu panno cheio, e O. N. O. bonançoso, ia navegando a E. aberto por bombordo, de cutellos, e varredoura fóra a um dos bordos, sobres, giba, velas de entremastros, levemente inclinada sobre as aguas de cor esverdeada escura, indicio de que a costa de Portugal demorava perto, a pouco mais de quarenta legoas de distancia para leste.

No azul do céo passavam magestosas as nuvens acastelladas, fortemente illuminadas pelos raios do sol, que rompia do alto em torrentes de luz, e que depois se reflectia faiscante sobre o ondulado do mar, levemente riscado de escuma pelo vento.

*

Era o conhecido quadro do oceano Atlantico norte, o azul escuro das aguas fundas, agora esverdeado pela proximidade do litoral do reino. Estava-se no principio do inverno, o céo e mar eram azues e socegados como se a quadra fôra primaveril, porém de um momento para outro se poderia transformar em pardacento e carrancudo, a presagiar mau tempo, e as ondas rebentariam em flor, variando o scenario em poucas horas entre os limites extremos da bonança e da procella.

Ás vezes ao longe, a quebrar a monotonia d'aquelle dezerto immenso, perpassam as velas altas de algum velei-

ro, ou a fumarada negra de um paquete na linha do horizonte, a dar signal de vida n'aquella vastissima região das aguas fundas.

Quem viu o mar Atlantico nas suas diversas phases de calma e de procella nunca mais esqueceu os seus quadros variados; nem a esplendorosa magia das noites estrelladas do equador, o luar clarissimo dos tropicos inundando de luz e de encanto as aguas prateadas, ou os temporaes violentos das suas altas latitudes.

Aos seus variados aspectos chamou *Paizagens do mar* um almirante.

*

Tinha-se observado a altura do sol para o calculo da latitude do meio dia, e o encarregado da pilotagem, depois do calculo concluido, entregara o ponto ao commandante. O commandante poz o ponto na carta, e soltou o rumo para a singradura seguinte.

Servira-se do transferidor, e depois das regoas parallelas, e repetira a correcção de passar do rumo verdadeiro para magnetico, e apesar de ser mar largo usara de tanto cuidado como se fôra para demandar a terra. Era o costume velho a bordo dos navios portuguezes, e um commandante conhecemos, que todos os dias, por igual processo, mandava verificar o rumo por uma legião de guardas-marinhas, que trazia a bordo em tirocinio.

*

Estava de quarto um dos guardas-marinhas. De cima do tombadilho a barlavento vigiava o horizonte, e afinava os braços do sobre e do joanete grande, para que as vergas abrissem em leque, e os laizes de cima a barlavento ficassem um pouco para ré dos inferiores, sendo a verga grande a bissectriz do angulo formado pela direcção do vento com a quilha. O tenente, que vigiava o quarto,

aguardava na camara as ordens do commandante para deitar ao rumo.

Ao meio dia tocou ao jantar, e os ranchos da marinhagem sentados nas taboas do convez, agrupados em volta das bandejas, cabeça descoberta, iam por ordem mergulhando as colheres de estanho na sopa fumegante, emquanto o cabeça do rancho, por privilegio especial, comia a sopa n'um prato, e com ares patriarchaes presidia á refeição da sua gente.

Estava bom tempo, o jantar fôra distribuido aos dois quartos, e o guarda-marinha de serviço, olhos no panno, sem receio do claro horizonte a barlavento, e da brisa, que tinha tendencias a escassear e a acalmar, esperava o bater da meia hora para mandar distribuir a ração do vinho. O encerado, a celha, a medida de folha, o barril de galé, o moço do paiol, o fiel, o sargento — de papel na mão e lapis na orelha — estavam a postos para cumprir a ordem.

— Pode dar a bebida.

Ao toque do apito formou a gente, e um a um, pela mesma medida, vinha beber da mesma celha, e depois retirava para a proa.

As scenas de bordo, que se repetiam em todos os navios, tinham então uma caracteristica especial. Eram accessorios da vida de mar, iguaes em todas as marinhas, o que não quer dizer que tudo fosse bom. O rancho e a bebida da guarnição eram nos moldes primitivos. A marinhagem de então era mais rude, e n'aquella vida brava até havia quem desdenhasse da hygiene.

*

O tenente Cesario sahiu da camara, subiu ao tombadilho pela escada de sotavento, e ainda mal tinha olhado para fóra da borda viu uma nuvem negra de trovoada, que vinha subindo por sotavento da proa, rapidamente, mostrando pela velocidade que trazia a força do vento da rajada. Sobre o mar sombreado alvejava a escuma da car-

neirada, que a refrega vinha levantando. O arco da trovoada já alto, com o pé firmado no horizonte, mostrava um cariz medonho, e se outra fosse a posição do sol em relação ao barco já a nuvem lhe interceptara o brilho, e sem duvida dera aviso a quem estava de quarto no tombadilho, apesar do painel da vela grande, e a vela ré caçada na retranca velarem parte do horizonte a sotavento.

— Carrega a vela ré, e vela grande. Larga a bolina á gavia e ao joanete. Ala grande e gavia pelo redondo. Põe o leme de encontro, bradou o tenente, com grande espanto do guarda-marinha e da guarnição desprevenida, que sem perder tempo, e vendo pela manobra que se tratava de caso urgente, largou a bebida, correu ás obras, e cumpriu a manobra requerida.

A barca obedeceu ao leme. De repente acalmou o vento, e subito saltou a lesnordeste. A trovoada subia, e começava a refrescar ao tempo em que o navio já guinara todo para estibordo.

Manobrara a preceito e em occasião conveniente. Ia arribado, muito inclinado, e augmentando a carreira á medida qué o vento recrescia.

O tenente continuou:

— Arria as velas de entre-mastros. Cheio mais.

— Cheio mais, accusou o timoneiro.

— Andar assim.

— Assim.

— A varredoura, e os cutellos dentro. Folga as amuras. Ala as escotas. Arriando. Obras de sobre e giba. Obras de joanete. Larga bolinas. Ala braços a barlavento. Arria e carrega.

O vento era violento, a trovoada rugia estrepitosa, desabava furioso o aguaceiro de graniso.

— Arria a bujarrona. Arria gavias. Ala o traquete, e velaxo a barlavento.

— Cheio todo.

— Cheio, accusou o homem do leme, olhos fitos na testa da gavia, governando a O. S. O. com mestria.

*

A *Martinho de Mello* era um bom navio, e a sua guarnição um grupo de marinheiros excellentes.

Fizera-se toda a manobra sem bulha, e sem a menor atrapalhação. A vela ré, a maior, as de entre-mastros, os cutellos, a varredoura, os sobres, a giba, os joanetes, a bujarrona, tudo se arriou e abafou como se fôra em manobra de exercicio.

Na maior força do aguaceiro o commandante subiu ao tombadilho, e certo da pericia de quem mandava nada disse.

Safa a rascada, o guarda-marinha voltou para o seu posto ao catavento, e o commandante aproveitou a occasião para lhe ensinar umas cousas acerca de trovoadas, saltos de vento, manobras de recurso, e contou-lhe uns casos celebres de navios desarvorados, e até virados pela subita violencia da tormenta.

O rapaz ouviu, aprendeu, e ficou-lhe agradecido.

O tenente responsavel pelo quarto mostrara bem o que valia, e como tomava a serio o seu papel de mentor, e de vigia.

Quando passou a furia da borrasca deitou-se ao caminho, que na camara o commadante tão cautelosamente calculara, e como a guarnição trabalhara bem, e sobre o jantar apanhara uma molha de lhe chegar aos ossos, tocou-se á bebida e deu-se a mais a cada homem meia praça de aguardente.

E um cabo de marinheiros, velho lobo do mar, dizia para os gageiros, fazendo a seu modo o elogio do tenente:

—O vento tambem sabe a quem faz partidas.

*

O resto da tarde navegou-se a E. 3/4 S. E., em gavias rizadas nos segundos, traquete na passadeira, e uma á proa, e o vento N. para N. N. E. muito fresco, e o mar de vaga grossa, nada se assemelhavam ao que tinham sido antes do meio dia.

Ás 14^{h} cahiu um pesado aguaceiro do N. que deu rajadas muito duras. Estalou a verga de gavia, que se arrotou convenientemente.

*

Transformara-se o painel da região. O velho Atlantico era agora de um aspecto torvo, o céo plumbeo e carrancudo, e o navio com o seu panno infunado e reduzido dava assumpto para delinear outra tela, uma *marinha*, uma *paizagem* differente.

Um tufão na China

1874

Um tufão na China

1874

Eu nunca vi a China, e não direi que tenho pena. Ouvi dizer ser o paiz da *peste amarella*, que ameaçava invadir o Novo Mundo, e tanto bastou para desmerecer a minha sympathia. Depois ouvi chamar-lhe a terra da miseria, da lama, do enxurro, e não acreditando ser o caso tão feio como o pintam, não gostei das tintas do quadro carregado, e porfiei em guardar na memoria uma impressão mais amena, embora menos verdadeira, que colhera na admiração dos leques de seda com figurinhas de marfim acharoado, leques trazidos de ha muito do Celeste Imperio por algum velho parente embarcadiço, e com os quaes eu brincara em pequenino, estalando as varetas, rasgando as cabaias aos bojudos mandarins de bola verde, quebrando as fauces, as azas, as garras, e os dentes aos sanhudas, e heraldicos dragões.

Pintei em minha phantasia umas paizagens singulares, e fiz uma terra convencional, que para mim era a China, onde havia torres de porcellana em andares sobrepostos, terminando em telhados pyramidaes com beiraes de campainhas, e lá no alto a ornamentar a flecha um catavento monstruoso.

Casas de telhados recurvados grupavam-se em vastas planuras, como manchas vermelhas salpicando longa campina esverdeada. Depois, nos segundos planos, alastravam-se ondulantes arrozaes, e aqui e além uns mastros de lorchas, com altas velas de esteira e de canudos, iam navegando por intrincados canaes serpeando no matiz.

Ao fundo avultavam serras coroadas pelas neves do inverno, e nos ares, de um azul ultramarino, imaginava sempre a voar bandos de cegonhas muito brancas com as azas mosqueadas de Nankin, pairando em volta de papagaios de cores vistosas, amarrados a cordeis, que uns garotos amarellos, nus, e de rabicho, seguravam com ares solemnes de gente seria, que temesse ficar-lhe mal a brincadeira.

Adornavam os jardins, defendidos por densas sebes de bambus, uma vegetação extraordinaria de carvalhos anões, cyprestes, e platanos microscopicos, pedras cobertas de musgos setinosos, cascatas em miniatura, e tudo isto á sombra de arbustos de chá, e de laranjeiras carregadas de dourados pomos, as verdadeiras laranjas da China, que em requebrada cantiga eu ouvira apregoar ás raparigas da minha boa terra.

A China era para mim uma especie de paiz dos sonhos e chimeras; um bonito bom de mais, brinquedo caro, que tinha medo de quebrar — proprio para estar na sala debaixo da redoma do relogio, — e as suas paizagens, parecidas com as dos leques de charão, fallavam-me de um paiz distante, e differente, e os mandarins e damas, com seus ademanes e roupagens, pareciam-me mascaras carnavalescas, pelas quaes eu professava um aborrecimento excepcional.

*

Foram umas lições elementares de geographia, que vieram modificar as primeiras impressões. Até ali a China fôra para mim a terra classica do chá, dos mandarins, da porcellana, das caixas de camphora vermelhas e douradas, a patria dos leques de charão com figurinhas de

rosto amarello, olhos obliquos, cabaias de seda, rabicho, e de negras trunfas penteadas.

Sabia terem lá chegado uns nossos avoengos, e que na faina de combater piratas tinham bem merecido dos filhos do Sol, netos da Lua, e alcançado como premio auctorisação para se estabeleceram mercadores. Depois, n'uma peninsula d'aquella terra oriental se fundára a cidade do Santo Nome de Deus, e lá no extremo oriente Macau era terra portugueza, longiquo marco milliario attestando o valor da gente lusitana.

E a respeito de Macau a pouco mais se limitava o meu saber, afóra dois ou trez logares communs. Dissera o Principe Regente:

—Não haver outra mais leal.

E tanto bastara para a phrase se transformar em heraldica divisa. Fôra assassinado á traição o governador Ferreira de Amaral por se oppôr dignamente ás exigencias da philaucia china. A tomada do forte de Passaleão assignalara-se na historia como um heroico feito militar; e mais sabia, não haver litterato, que a proposito do poeta, e do poema *Os Lusiadas* poupasse phrases sentimentaes, relembrando a velha lenda da solitaria gruta de Camões.

Macau, que eu tinha visto pintado n'uns paineis de artista chinez, trazidos pela gente da barca *Martinho de Mello,* e dos transportes, correspondia perfeitamente á China, que eu convencionára. A muralha da Praia Grande, as casas alinhadas e de varias cores, os serros coroados de fortins, o porto com os seus tankás, sampanas, e lorchas reflectindo-se nas aguas lodacentas, era bem uma terra da China já minha conhecida, um desenho dos leques de charão.

E depois eu ouvia contar de lá historias já sabidas. A terra fôra rica n'outro tempo. No bazar enxameavam milhares de chinas de cabaia. Fumegavam os pivetes em frente dos altares de Buddha. Pairava no ar um aroma exquisito denotando a presença de gente de outra raça. A *peste amarella* em torrente de *culis* exportara-se para a terra americana, e fôra esse o tempo mais prospero da colonia. Agora vivia do *fan-tan,* um jogo de azar sem attractivos, o commercio do chá e das sedas esmorecera,

e ali ao pé em Hong-Kong prosperava á sombra da bandeira de Inglaterra.

E comtudo Macau ainda tinha um ar de festa. Estalavam no ar os *panchões* dos festivaes chinezes; sentiam-se as notas vibrantes dos clarins tocando marchas guerreiras nos quarteis, passavam na rua marginal as cadeirinhas transportando graves personagens, a rada, o porto interior mostravam aspecto pittoresco, as lanchas da capitania e da policia eram de um asseio exemplar, e as canhoneiras da estação naval, lindamente apparelhadas, pareciam hiates de recreio de lords millionarios, completando a belleza d'aquelle quadro primoroso.

Macau era bem uma terra excepcional. Não desmerecia do valor das ricas bijouterias do Celeste Imperio, e no meio d'aquella multidão de gente amarella percebia-se bem, que podiam ter credito as historias de dragões.

Não era ali perto, que diziam abrigar-se em medonho antro o terrivel *Long,* o furibundo dragão das tempestades!

Como o quadro se transforma quando o tufão se arremessa impetuoso. Ante a horrivel realidade dissipam-se as illusões da phantasia. O mar da China é o mar tenebroso, o tufão o flagello de Deus, o terror dos navegantes. Adeus ridentes panoramas, cambiantes de luz maravilhosos, formosas e alegres ninharias animando um scenario admiravel.

O tufão approxima-se solemne, sinistro, ameaçador. Mensageiro da morte e da ruina, ruje, braveja, fere, desbarata, revolve as aguas do abysmo confundindo-as com as nuvens, ergue e desdobra as vagas inundando a terra n'um louco tumultuar de força bruta.

O tufão é bem o dragão, que passa terrivel, pavoroso; é a indomita procella do mar da China. Typhon é o senhor da tempestade, um deus de maleficios, de accordo com aquelle meio, e com as suas exoticas tradições.

*

O aspecto que offerecia o porto interior de Macau ao pôr do sol do dia 22 de setembro de 1874 era deveras magestoso. Ás 4h (p. m.) o pontão da policia — a lorcha *Amazona* — dera o tiro de annuncio do tufão. As collinas da cidade sinistramente illuminadas projectavam-se sobre um céo de chumbo, que pesava ao nascente, negra muralha de terrivel catadura, que em gradações de luz ia esbatendo para o zenith n'um tom acobreado, e descendo para o poente, onde a côr era já de um vermelho-purpurino, avivando as orlas das nuvens de fitas de um encarnado-tijolo em caprichoso zig-zag. Para os lados da foz do rio de Oeste a atmosphera tinha um tom esbrazeado, como se a bocca de uma enorme fornalha escancarasse as guellas, golfando torrentes de luz de um metal fundente, e farrapos de nuvens soltas, côr de sangue, passavam rapidas sobre os picos das ilhas da Lapa e de D. João, sumindo-se no negrume, que alastrava para o sul. O vento N. N. O. soprava rijo, a vaga pequena, mas revolta, illuminada por aquella luz extraordinaria parecia um mar de fogo.

Em porfiada regata dezenas de embarcações chinas, com as velas a meio mastro, bordejavam para agarrar o ancoradouro da margem norte do rio, usual refugio contra as iras da procella. Volteavam no ar enxames de insectos buscando abrigo. Sentia-se ao longe um ruido ainda mal definido, como o de milhares de vagas rebramando contra distantes penedias; tinha-se a nitida percepção de um grande perigo, que avançava em rapida carreira; um como presentimento de uma calamidade enorme, inevitavel, crueis ameaças de morte e de ruina.

*

Ia no porto uma faina insana. Os navios preparavam-se para combater o vento. Reforçavam as amarrações, arriavam as vergas e mastareos, pregavam encerados sobre o xadrez das escotilhas, atracavam fortemente a artilharia, punham ferros á roça, promptos a largar, fumegavam as chaminés dos barcos de vapor, aprestando as machinas para a lucta, dispunha-se a gente a postos de manobra, emquanto os commandantes olhando a columna barometrica, que descia, sentiam mais esmagador o peso da responsabilidade do cargo, que exerciam, aguardando as variadissimas phases da peleja.

Anoitecera, surgia a lua circumdada por vasto halo, reflectindo um pallido clarão sobre a encrespada crista da maresia. Semelhava um mar de cinzas revolto pelo vento. Ás nove perdeu a atmosphera a transparencia.

Approximava-se o bulção de nuvens, firmara-se a tormenta rija a N. N. O., e arvores em terra recurvavam-se ao sopro da rajada, voavam as telhas dos telhados como folhas seccas desparzidas, gemiam portas e janellas fortemente trancadas para resistir á ventania, e o mar em temerosos escarceos galgava as muralhas das ruas marginaes, atirando os primeiros mortos, e os destroços das tankás, e das sampanas, sobre as rampas de desembarque e de encontro ao dorso das praias lodacentas.

Ante os santos do oratorio, que a tormenta estremecia, ajoelhavam as damas macaistas implorando a Providencia; emquanto as chinezas queimavam papeis vermelhos, com orações pintadas pelos bonzos, aplacando o Buddah, sentado sobre a folha do lodão, para que as livrasse do *Long,* o dragão sanhudo que vem acerar as garras, vingar velhas affrontas de alguma derrota de gigantes.

*

A estação naval portugueza compunha-se de trez canhoneiras: *Tejo, Camões, Principe D. Carlos*, e de algumas pequenas lanchas de policia.

A escuna *Camões* é um navio de *molave*, madeira das Filippinas, forrado de teca, e pinho americano, o cavername ligado com prodigos de ferro em diagonal, e foi mandado construir, bem como a *D. Carlos*, em 1866 pelo governador Coelho de Amaral para o serviço da provincia, e repressão da pirataria. A formiga branca destruiu-lhe em tempo a roda da proa e o coral, mas agora está reparada, e resistirá bem ao portar pelos ferros. A praga da formiga foi completamente exterminada, o barco está forte para durar dez annos.

A machina de alta pressão, de cylindros oscillantes, da força de 25 cavallos nominaes, desde as seis horas que accendeu, e está prompta a trabalhar quando receber ordem superior. Carvão não falta. Ha a bordo 15 toneladas, o que dá para dois dias e meio, a navegar a 7 milhas, com 32 libras de pressão, porém agora só trabalhará sobre as ancoras, para brandear o filame das amarras.

A *Camões* está amarrada a 300^{m}, no prolongamento da face S. da ponte dos vapores da carreira de Hong-Kong. A 100^{m} a N. E. avulta o pontão *Amazona* e ao mesmo rumo, atracado á ponte, um dos vapores de Cantão o *White-Cloud;* e 150^{m} ao S. S. E. o vapor *Poyang* na sua boia. Ao N. E., junto da margem E. do rio, veem-se centenares de lorchas amarradas, e o brigue *Concordia* proximo, e ao S. da ilha Verde. A O., encostada á ilha da Lapa, demora a barca mercante *Santa Sancha*, e a meia milha ao S. da *Camões* a *Tejo*, e a outra canhoneira nacional.

*

Ás 9h 30′ (p. m.) refrescaram as rajadas, a escuna portava rijo pelos ferros, a machina começou a funccionar *avante, devagar,* parando nos recalmões para não seguir em demasia. Á meia noite a machina trabalhava *avante, a toda a força,* e o navio conseguia por vezes aprumar a amarra, e resistia optimamente. O vento rugia com incrivel furia pelo N.. o escarceo galgava as baixas amuradas. A escuridão era completa, apenas de espaço a espaço rasgava o negrume o fraco lampejo das luzes da lorcha, e do *Poyang.*

Á 1h (a. m.), aproveitando um recalmão, largou-se para o fundo o ferro de E. B., arriou-se até ao chicote o fiel da cabresteira. Os escaleres quebravam-se nos turcos, que dobravam com o peso da rajada, e a canôa a barlavento, suspensa das talhas, oscillava dentro do navio. Nada mais occorria de notavel, o temporal parecia no seu auge, mas o barometro continuava a baixar, e ás 2h 50′ (a. m.) o aneroide marcava 0m,720, limite da escala. A esta hora já se não viam as luzes da cidade, e dos navios, a machina trabalhava com *toda a força avante,* a columna de ar, deslocada com incrivel velocidade, silvava no massame de arame da escuna. Era impossivel dar ordens, que ninguem ouvia, arrastadas e confundidas as vibrações sonoras nas ondas do ingente turbilhão.

Pouco depois das 3h (a. m.) cahiu de travez sobre a proa da *Camões* a lorcha *Amazona.* Era impossivel evital-a, a canhoneira não obedecia ao leme. O choque foi grande, e a proa da escuna batia como ariete em fortissimos embates o costado da velha lorcha da policia. A seu bordo aquartellavam-se talvez umas cem pessoas, que se perderiam sem remedio no caso da lorcha sossobrar. Mandou-se *parar a machina.* Então a *Camões* aproava ao S. E. atravessada á vaga, e a *Amazona* ao N. E. filando o vento.

Passado algum espaço duas embarcações chinas abordaram por E. B. a *Amazona,* e juntas com ella, trazidas

pelo vento e mar embravecido, ondeando em amplos balanços arremetteram com a proa da escuna, e n'um choque tremendo arrebentaram-lhe o fiel de amarração.

Largou-se para o fundo o ferro de B. B., perdendo-se logo de vista os terriveis aggressores. A rastejar pela pôpa passava um vulto enorme. Era o *White-Cloud*. Rebentados os viradores dados para a ponte, lá ia impellido pela tormenta a Deus e á ventura.

Salva estava a *Camões* d'aquella terrivel abordagem, quando uma grande lorcha de carga assentou o alteroso castello de pôpa dentro do navio, e correndo de vante até ré arrombou a amurada de B. B., rebentou as enxarcias do traquete e grande, as plumas da chaminé, e esmagou a canoa sobre a gaiuta da cosinha. Um grosso pranchão de carga, que trazia saliente do costado, varria como foice roçadora a tolda da escuna. A chaminé inclinava lentamente a sotavento, prestes a desabar. Era urgente retirar o fogo, para o incendio não vir juntar seus damnos aos immensos perigos do tufão.

De rastos, magoado por uma pancada do madeiro, que o colhera pelo peito, o commandante conseguiu alcançar a escotilha da machina, e bradar para baixo a ordem salvadora, que foi cumprida a tempo, tombando logo em seguida a chaminé. Era indescriptivel a violencia do vendaval. A bordo a escuridão era medonha. O vento apagou todas as luzes, as agulhas saltaram fóra dos fulcros por causa dos balanços desmedidos, o mar desencontrado cobria a tolda passando de um a outro bordo, como uma abobada de agua lamacenta, e o vento rugia como o estrondo de descargas de artilharia, ameaçando arrancar a gente, que com valor sobrehumano cavalgara a borda, para talingar o ferro da roça, a ultima ancora de soccorro. Não ha palavras para descrever aquelles momentos de angustia. Cessara a magestade da tormenta, parecia em tremenda guerra confundirem-se os elementos, e que viera um d'esses medonhos cataclismos do primeiro periodo da formação da terra, cuja historia nos contam os geologos, aprendida a lição nas convulções do solo, e de que guardam memoria todas as tradições da humanidade.

O tufão é uma das mais imponentes manifestações das

forças naturaes, diminuta recordação do que seriam os primitivos cataclismos.

Recurvado pela rajada rugidora, e sem o auxilio da enxarcia a barlavento, o mastro do traquete rebentou pela enóra, tombou e sumiu-se no abysmo, ficando seguro ao navio pelos cabos.

A que rumo iria agora aproada a canhoneira?

Teria o vento rondado para S. E.? Acaso o ferro unhara, ou iria o navio á garra, e sem governo, á matroca, perder-se n'um momento sobre as rochas? Para onde o levaria a tempestade?

Ao S. do seu primeiro ancoradouro ficava a Pedra de Areca, Ma-lau-chau, o banco, e já uma longa hora decorrera, e a escuna ainda não tocara. Que horrivel pesadello de morte devia opprimir aquelles tristes navegantes!

Iria o barco despedaçar-se sobre os fraguedos da Taipa, ou da ilha D. João, ou corrido ao S. O. naufragaria sobre o parcel do Broadway?

Ás 4h 30' da madrugada sentiu-se um choque medonho, percebia-se que em vertiginoso impulso a canhoneira era atirada á costa, resaltando sobre as pedras, e envolvida pelo escarceo das ondas, que rebentavam em phosphorescentes lençoes de espuma, funereo sudario do navio.

Depois o barco quedou-se, como se tivesse ficado preso pela quilha, inclinou-se a E. B., e sentia-se de encontro ao costado o bater de um madeiro, ameaçando derruil-o. A cada pancada o navio estremecia. Iria ali desfazer-se em naufragio miserando?!

*

Vinha lentamente amanhecendo, como se a luz rompesse a custo a densa cerração. Onde estaria o navio? O barometro começava a subir tão rapido como fôra a baixa da columna. Mal aclarou reconheceu-se estar encalhado n'uma praia de areia. Horrivel era a scena, que d'ali se descobria. Junto á canhoneira doze, ou quinze embarcações chinezas jaziam quebradas, algumas reduzidas a ras-

gados cavernames, os mastros partidos, as velas esfarrapadas, e escancarando largos rombos, as taboas do costado arrancadas ao capricho da ressaca.

Para mais enlutar aquelle triste alvorecer, dezenas de cadaveres se estiravam pela praia, alguns mutilados pelos destroços do naufragio, outros em horriveis attitudes, que denotavam a ancia de salvar a vida no momento em que a morte os envolvera. Que sinistro campo de batalha!

Sobresahindo a esta horrida miseria estava o casco da *Camões* a descoberto, descançando sobre uma grossa antena, que ficara captiva sob a quilha.

A canhoneira ainda na vespera tão garrida e pintada, vencendo em primores os hiates de recreio, agora para ali se espalmava como um inutil destroço de combate, que sem esforço o mar atirara por despreso sobre a terra. A borda arrombada, o mastro do traquete e o gurupez partidos, os machos do leme destroçados, a chaminé abatida sobre os turcos, causava pena ver assim aquelle navio.

Pela proa fóra, sahindo do escovem, uma amarra com muito filame alongava-se para o mar. Avistava-se uma arrumação de terra, que se reconheceu ser a ilha Verde. Retirara-se a vaga, e apesar de ainda ventar com violencia, o temporal decrescia visivelmente. Em secco estava o navio, encostado a um talude formado pelas aguas n'aquella noite, a quilha elevada 11 pés acima do nivel do preamar, e a 30^{m} do rio, em frente de um esparcellado de 4 pés de agua na maior altura da maré, e de mais de 100^{m} de extensão.

Marcou-se, por cima de uma ponta baixa da Lapa, a posição do varadouro, a O. da Casa Branca, perto dos pantanos da aldeia de Chapu, umas choupanas á beira de arrozaes, dominadas por um cemiterio chim, a 4',5 a N 04 N do ponto de partida, a boia em frente da ponte dos vapores.

*

Analysando a lei das tempestades giratorias, reunindo elementos de observações colhidos em Swatow, Hong-Kong, Cantão e outros pontos, conclue-se: medir a tempestade 160′ de diametro; ser o seu movimento de translação de E. para O.; ficar o navio na *zona perigosa;* e passar o *centro* a 10′ ao S. de Macau proximamente.

Segundo a sabida lei de rotação da tempestade, largando-se a *Camões* com vento N. E., e saltando a E. e a S. E. como depois se soube, porque não foi perder-se na costa S. da Lapa, e seguiu a N. N. O., rio acima, indo encalhar na costa de nascente?

Sem agulha, e no meio das trevas, o salto de vento a S. E. passou despercebido, e fôra elle e a corrente que a arremessaram para o N.

Ás 3^{h} (a. m.) o barometro marcou em terra 0^{m},708. e uma onda alterosa inundou a Praia Grande, e a estrada marginal.

A vaga de inundação, o flagello, o poder destruidor, que nos temporaes das Antilhas, India, China, e Nippon assola os campos, levando a morte e a derrota, fôra o providencial instrumento do salvamento da escuna portugueza.

*

Quem na vespera admirara o surprehendente aspecto da cidade, quando illuminada pelo sol poente reflectia nas aguas a vistosa casaria. quem se lembrasse das dezenas de lorchas amarradas á margem, e da porfiada regata das embarcações de vela a buscar ancoradouro mais seguro; quem procurasse descobrir os navios de alto bordo, ficaria tristemente impressionado.

Passara por ali a morte, que ceifara larga messe de viventes. Das lorchas apenas restavam seis, as mais tinham naufragado. O *White Cloud,* de quilha para o ar, parti-

ra-se n'uma ostreira pelo travez da ilha Verde. A *Principe D. Carlos* naufragara para os lados da foz do rio de Oeste, em territorio china, salvando-se a equipagem. Ao romper do dia jazia encalhada cinco milhas por terra dentro. Correu por meio de arrozaes, topando em cheio com as arvores, derrubando as casas, que a inundação submergira. A tamanha distancia do litoral não poude tornar a navegar. A *D. Carlos* para lá ficou abandonada, e os piratas chinas não tardaram a saquear os restos do naufragio.

A *Tejo* garrou, arrastando oito ferros, que tinha no fundo, e teve a fortuna de tocar no banco de lodo de Canpan-zan sahindo de lá sem novidade. O *Poyang* e *Amazona* aguentaram-se sobre os ferros, o brigue *Concordia* e a barca *Santa Sancha* encalharam, e soffreram grossas avarias.

Pelas praias, e pelas aguas, não se viam senão cadaveres. Avaliaram as victimas em quatro mil pessoas, a maior parte chinas das povoações fluctuantes, e das lorchas e tankás do rio. No porto de Macau apanharam-se centenas de mortos, e na Lapa e no isthmo das Portas do Cerco deram ás cinzas humilde sepultura.

*

Dezenove dias depois, a 11 de outubro, ficou a *Camões* a nado, e fundeada no canal. A sua diminuta guarnição, auxiliada pela gente da *Tejo,* e por alguns operarios chinas, tinha vencido grandes difficuldades, luctando com a falta de material apropriado para facilitar o desencalhe, e contra as emanações dos pestiferos arrozaes.

O navio fôra atirado lateralmente á costa, e porque em frente do logar bojava um enorme esparcelado, foi necessario lançal-o ao mar de lado, e com todas as cautellas dispor as coisas de modo a transpor o baixio, e a buscar as aguas mais profundas. Alliviado de tudo quanto se pode desembarcar, cavou-se na margem uma rampa de 30^{m} de extensão, e 40^{m} de largura, para sobre ella estabelecer

picadeiros, e carreira. Levantada e escorada a canhoneira, pregaram fortes cunhas no costado, e das antenas e madeiros, que juncavam a praia, ligados com cabos e correntes, improvisou-se um *berço,* e á força de talhas, e outros apparelhos, ganhando o caminho palmo a palmo, se conseguiu fazer o lançamento.

Grandes tanques de madeira vindos da cidade, e cosidos ao fundo do navio, augmentaram-lhe o poder da fluctuação, e a *Camões,* por assim dizer, embarcada n'uma jangada colossal passou o baixo, e veiu largar ancora a meio do rio.

No dia seguinte, a reboque da lancha de vapor *Sergio,* ganhava o seu antigo ancoradouro. Vinha de bandeira e flamula a topetar. Era seu commandante o segundo tenente José Maria Teixeira Guimarães.

*

Por dever de officio estudei em tempos a *theoria dos tufões.* Aprendi a *regra das amuras,* e outras generalidades, não faltando a *tabella da epocha das tempestades giratorias;* e portanto sei, que de maio a novembro, e principalmente de agosto a setembro, são usuaes no mar da China, e do Japão, mas nunca tinha pensado a serio n'esse caso.

O tufão era como um accessorio da minha China convencional, feita em parte de leques, porcellanas, e mandarins de cabaia e de rabicho. Depois de escrever o naufragio da *Camões* sombreei muito mais as cores do quadrinho, e o tufão transformou-se em figura dominante, varrendo n'um momento muitas, e agradaveis illusões.

Eu nunca estive na China, e depois que me disseram ser perto de Hong-Kong a caverna do dragão das tempestades, esfriou muitissimo o meu enthusiasmo pelas regiões longiquas do Oriente.

Sentença de morte

1875

Sentença de morte

1875

As margens do estuario do rio Gabão são baixas e pantanosas. Veste a do norte cerrado matto, de um verde escuro mostrando a riqueza da seiva; emquanto a do sul — mais calva e areosa para os limites da ponta Pongara — quasi se confundiria com as aguas se não fôra o *Funel,* uma chaminé de ferro, que lhe serve de balisa.

A barra é difficil. Numerosos bancos defendem a entrada, e sobre elles quebra a ondulação do largo.

No ancoradouro não ha balanço, e a não ser na epocha dos tornados pode-se estar seguro. É necessario porém todo o cuidado para evitar o damno dos habitantes d'aquellas aguas relativamente socegadas.

*

Em fevereiro de 1875 estava ancorada a corveta *Sá da Bandeira* em frente da povoação de Libreville.

Numerosos squalos, tubarões e tintureiros abundam na bahia. Nadando quasi á superficie, com a bandeira fóra

da agua. acompanham as embarcações miudas, e cruzam em roda do navio.

Ai de quem cahisse ao mar, seria presa do terrivel inimigo.

O dorso castanho, o ventre branco, a cabeça achatada escancarando uma bocca enorme, guarnecidas as queixadas de acerada dentadura. Um olhar baço, feroz, estupido, tal é o aspecto do tigre do mar, mais feroz do que o tigre das selvas indostanicas. Nada farta a voracidade de tal fera. Se não fôra a natureza difficultar-lhe a presa, sendo necessario virar-se para a tomar, despovoaria os mares aonde habita, na sua incrivel ancia de matar. Falta-lhe porém a intelligencia. É a personificação da força bruta. Qualquer isca é boa para lhe tentar a gula. Aboca o anzol dissimulado n'um ferro de vaqueta, rasga os queixos em feridas horrorosas, e não hesita em abocar de novo.

Nas aguas da corveta cruzavam aos pares os tubarões. A marinhagem dava-lhes caça furiosa. Um, que tinha sido agarrado, pendia do anzol, e de um nó de correr passado por baixo das nadatorias. A caudal batia a agua, e a cabeça no talabardão da borda — olhos vidrados, e o anzol a lavrar-lhe as fauces — aparava as pancadas dos espeques com que a guarnição se vingava do mal, que tivesse feito a marinheiros toda a ascendencia do terrivel tubarão.

São em verdade crueis as represalias.

Deram uma talha á carangueja, e foi mettido dentro do vapor. Ao desabar nas taboas do tombadilho um golpe de machado decepou-lhe a cauda. Malhavam os espeques em terrivel saraivada. Nordeste, bradava a guarnição chamando o vento, que cahira. E a fera torcia-se cravando os dentes n'uma barra de ferro mettida de alavanca entre os dentes da queixada, para livrar a corrente e o anzol. Depois, á faca, rasgaram-lhe o ventre de alto a baixo, observaram o que trazia no estomago, quebraram-lhe os olhos, atiraram ao mar o malfadado, que partiu a fugir nadando, perseguido pelos vorazes companheiros do cardume, sedentos do sangue que vertia.

*

A borda a marinhagem em silencio viu-o desapparecer, e mergulhar nas ondas. Parecia assistir á execução de uma sentença rigorosa, emquanto uns grumetes trepados na enxarcia da mesena ainda pediam nordeste ao vento, que adormecera em calmaria.

Um tornado

1881

Um tornado

1881

Era n'uma d'aquellas tristissimas noites da epocha das trovoadas em Angola. Chovia torrencialmente, e a corrente do Zaire, accrescida com o volume das aguas do sertão, rumorejava estrepitosa contra as raizes e troncos marginaes, fazendo estremecer a canhoneira *Sado*, que amarrada á terra em frente de Boma, esticava a amarra da ancora fundeada, e os viradores com volta ao arvoredo.

É alta noite — no quarto da meia noite ás quatro — as sinetas dos *chimbéques* tangem lentas e espaçadas badaladas, para dizer ao gentio, que os guardas estão velando.

Debaixo dos barracões retezados pela chuva zumbem os enxames dos mosquitos, e a guarnição, martyrisada pela temperatura abrazadora da coberta, está deitada pela tolda sobre o pavimento humedecido. O bater das horas no sino á proa echoa com uma sonoridade extranha, e o brado da sentinella responde ao tanger lugubre das sinetas nos telheiros das visinhas feitorias.

A lua vae descendo, porem ao nordeste, por cima do outeiro da missão á beira rio, o firmamento, sobre o qual se recortam as franças do copado mattagal, tem um tom vermelho acobreado, parecendo o clarão de alguma selva

longiqua esbrazeada reflectindo-se nas nuvens pardacentas.

— Fórma o quarto, mandou o tenente.

O guardião apitou e distribuiu-se a gente aos mordedouros, abitas e viradores, e foi um marinheiro para o prumo ao portaló. O commandante veiu acima, subiu ao xadrez do tombadilho, olhou para o arco do aguaceiro, e calculou-lhe a força.

—«Mande ferrar os barracões, e o ferro da roça prompto a largar.»

A guarnição correu a cumprir as ordens.

Cobriram-se as escotilhas com os encerados. Junto á roda do leme bruxuleavam as luzes das bitaculas, e uns traços no ar, perto dos vaus, desenhavam-se para a proa luminosos. Eram os cabos de arame molhados pela chuva reflectindo o brilho do pharol do estai. A espia do ancorote, que pelo travez dizia para o mar, estremecia aos embates da corrente encostando o navio para terra.

De repente o vento começou a soprar umas aragens variaveis, ciciando na folhagem dos embundeiros e mangaes, e nas palmas em leque das matebas.

Rapido se firmou a noroeste, crescendo com assombrosa intensidade.

Gemia o arvoredo recurvando os ramos, e as folhas orvalhadas pela chuva voavam como bandos de aves assustadas fugindo ao temporal.

Um esfuzear de raios, e um trovão tremendo, como se o véo das nuvens se rasgasse com o estrondo de crepitosa fuzilada, reboou pelas quebradas com fragor. As primeiras rafas do leste impetuoso sibilaram no massame, e a canhoneira parecia afundar-se nas aguas da torva cachoeira jungida pela furia da rajada.

As nuvens girando em torvelinho, assemelhavam-se a lividos espectros agitando-se e contorcendo-se n'uma dança macabra em volta do navio, que rebentara os viradores e ia á casseia sobre o ferro rio abaixo, rastejando o vergame pela ramaria marginal.

A linha do prumo dizia para vante, e o arriar da amarra a rugir no escovem annunciava, que se manobrava para aguentar a canhoneira.

Afinal estacou. O ferro da roça ia a largar-se, aguentou-se porém, porque o vento saltou a sudoeste pelo sul abonançando. O tornado fôra rapido, e no primeiro arranco de uma furia indomavel, quasi irresistivel. Um pouco mais que o navio descahissse com a corrente, iria topar em cheio com a pôpa n'um enorme tronco secular, que desabara para o rio, e cujos braços, qual forcado immenso, se alongavam ameaçadores a parar o choque, de que resultaria avaria perigosa. Aos leves assomos de bonança, á tenue luz do luar, que esmorecia, descobriu-se o colossal madeiro em riste para o barco, e tratou-se de conjurar o mal.

Gurniu-se a amarra ao cabrestante, e virou-se sobre o ferro para alar a embarcação avante. Mandou-se accender a machina, arriaram-se os escaleres, emendaram-se, e deram-se de novo os viradores ao arvoredo.

Foi um trabalho insano debaixo de chuva torrencial e trovoada. Mettiam-se os homens á agua, que corria como sangue, e embaraçados no capim alagadiço, e nas raizes recurvadas dos mangaes, iam amarrar as espias e ostaxas aos gigantes da floresta, cujas copas sombreando as aguas tornavam a treva da noite mais profunda.

Trabalhou-se com afinco, e com valor. Vinha rompendo a madrugada. Os jacarés despertavam nos lameiros marginaes, e saltavam de mergulho para o rio. A canhoneira victoriosa das iras do tornado, retomou a vapor o seu posto em frente de Boma pelo travez das feitorias.

*

Era em fins de abril de 1881, e a quadra da Quitomba prolongara-se aquelle anno, e a zona dos tornados attingiu o rio Congo, o seu limite para o sul.

O tornado transformara-se em trovoada roncadora, e apesar de ter dado rijo, muito se differençava dos do golpho de Benin devastadores.

Por motivo de uma alçada a canhoneira permanecia em Boma soffrendo as inclemencias do tempo doentio, e com

os ultimos dias de chuva, excesso de trabalho, e molhas colossaes, a guarnição começou a cahir com febres paludosas.

A coberta transformada em hospital abarrotava de febricitantes, e o medico, com uma dedicação admiravel n'aquelle campo de batalha, não abandonava, um momento sequer, o seu logar á cabeceira dos catres e macas dos doentes.

Raro foi quem não pagou ao Zaire o seu tributo detestavel.

*

Uma tarde, por um lambote, chegou ordem de terminar a alçada.

Na manhã seguinte os cabindas e os doentes a custo desamarraram o navio. O vapor sahia em pressão pelo tubo de descarga, e quando o pratico mandou andar avante, e pôr o leme a estibordo, percebia-se no alvoroço d'aquella gente, que se deixava um cemiterio, e que o mar largo seria a resurreição de todos.

Boma desapparecia ao longe, occulta pela ponta da Pedra do Feitiço.

Era tempo de descer o Zaire.

Ao pôr do sol a canhoneira, de foz em fóra, vogava no oceano para o norte. As ilhas de capim em volta d'ella recordavam o bosque emmaranhado, o rio caudaloso, e a chuva diluviana do sertão. Sentiam-se as bafagens do ar do mar, que davam vida, e para o lado da terra avistava-se o clarão das fogueiras nos mattagaes distantes.

Bemdito seja o Atlantico, e as suas aguas esverdeadas coroadas pelo cachão de espuma alvinitente. Bemdita a viração fresca a susurrar nos cabos, infunando as velas do navio.

Serenata

1881

Serenata

1881

A canhoneira *Sado,* sob as ordens do seu commandante, demandava a bahia de Anna de Chaves na ilha de S. Thomé. A noite estava muito escura, o ar em perfeita calmaria, o mar um lago socegado.

O navio, que vinha do sul contornando a terra, navegava a vapor, e os prumos iam jogando a um e outro bordo. Ao pôr do sol avistara-se ao longe pela proa a corcova do ilheo das Cabras, a ponta da fortaleza de S. Sebastião, e continuando no rumo, d'ahi a tempo deveriam ver-se as luzes da cidade, e dado á rastinga o resguardo requerido a ancora iria para o fundo.

A cidade de Anna de Chaves é uma cidade microscopica. Vista do mar faz melhor figura o Barreiro, o Seixal, ou Trafaria. É uma fileira de modestissimos casebres na orla do litoral do sul, projectada sobre altissimos montes cobertos de arvoredo emmaranhado, de um verde escuro sombrio, sobre um terreno vermelho feracissimo, que só em rara clareira assoma a descoberto.

A noite estava escura, e o bater da helice riscava uma esteira luminosa sobre as aguas. Percebia-se pelo travez de bombordo o vulto alteroso da ilha, esbatendo-se os ul-

timos planos, as agulhas e os picos nas nevoas, que vinham descendo pelos valles, coroando a floresta magestosa.

De subito a canhoneira foi illuminada por uma linha de fogos, que sahiam de todas as angras, praias, enseadas orientaes da ilha, e cujos extremos se recurvavam para o mar formando um crescente, que vinha avançando para leste. Parecia extensa avenida marginal, cujos candieiros espaçados com mestria esboçavam as linhas das muralhas, dos caes, das docas contornando a angra socegada.

*

O reflexo das luzes dava á scena um aspecto deslumbrante.

— Grande cidade é esta de S. Thomé, ao que parece. Mais longa á beira da agua do que toda a Boa Vista até Belem, dizia desdenhoso o Ilheo, moço de cabos, para o Alfama, moço do paiol, com quem andava de rixa velha, o que lhe rendera umas horas de noite na enxarcia, um sarilho de armas no pescoço, mas a emenda era tardia.

— Maior que Machico é com certeza.

E os dois, junto da portinhola do rodizio grande, preparavam-se para discutir o caso, quando ali appareceu o contramestre — o Amador — e com ar de philosopho em profundo meditar lhes disse:

— Tudo illussão... sol de pouca dura... e mandou os rapazes para a proa.

*

Eram os pescadores, que nos davam aquelle espectaculo formosissimo.

Dezenas de *dongos* tripulados por alguns negros remando com pangaias, e trazendo á proa um facho rezinoso incendiado, pela calada da noite sem luar, sahiam do porto a pescar á fisga. Perpassavam por nós serenamente

aquellas embarcações esguias — uns troncos de arvores excavados, razando as aguas em equilibrio duvidoso — e ao clarão avermelhado das fogueiras distinguiam-se os negros — como estatuas de bronze, e de musculatura rigorosamente modelada — perscrutando as aguas, e brandindo as fisgas contra o cardume de peixes attrahido pela luz.

E um côro monotono, triste, somnolento, ia reboando nos ares cadenciado, acompanhado pelo bater sereno das pangaias.

Lentamente o fulgor dos fogos esmorecia. Iam rareando os fachos chammejantes; a linha oscillava, e perdia a formatura.

N'uma ou n'outra embarcação renovavam o candeio, e os pontos brilhantes dispersos pelas aguas figuravam constellações de fogo, que vinham mergulhar e extinguir-se nas sombrias aguas do mar adormecido.

E o canto ia-se afastando, amortecendo. As notas sonorosas perdiam a vibração fremente sobre as relvas setinosas das montanhas, e nas copas aveludadas das arvores gigantes da floresta virgem, cujas raizes desciam a mergulhar nas vagas.

E o terral, que despertara cedo, trazia suaves aromas dos cafeeiros em flor, e o susurro longiquo das cascatas resaltantes pelas encostas das ravinas.

Aquella scena impressionava; tinha um não sei que de theatral e captivante... e apesar do aspecto selvagem dos pescadores, da mesquinhez das canoas excavadas, da fumarada dos fogachos, e da cantilena da rude negraria... lembrava as noites festivas de Veneza, o echo das serenatas e barcarolas, as gondolas illuminadas a *giorno*, levando os mascarados mysteriosos a foliar á vista das cupulas douradas de S. Marcos, deslisando por sobre as aguas do Canal Grande, ou da Laguna.

*

A noite decorria vagarosa, e os ultimos clarões iam rareando lá ao longe — muito ao mar do ilhéo das Cabras — e os *dongos* sumiam-se para o sul da fortaleza, e por detraz da ponta extrema do litoral do norte, parecendo a treva mais profunda.

*

Ao amanhecer a gente da cidade deu fé da canhoneira fundeada. Era a *Sado* — linda como um hiate de recreio — oscillando brandamente.

E nas aguas crystallinas, á sombra da carena do navio, nadava o cardume de peixes azulados, e seguindo com os olhos a quartelada da corrente, que descia do escovem, via-se de bordo claramente a manilha da amarra talingada, e a pesada ancora de estibordo unhando o fundo de areia da bahia.

Uma salva
a bordo da «Terceira»

1881

Uma salva a bordo da «Terceira»

1881

A antiga artilharia de carregar pela bocca, e que durante trez seculos foi o armamento dos navios, requeria muitos cuidados no manejo de fogo. Depois de cada tiro era necessario limpar a alma da peça com a lanada, para apagar qualquer residuo do cartucho inflammado; depois introduzia-se a carga de polvora, ficando as costuras do cartucho de sarja para os lados, e o atado para a frente, e o soquete, manejado pelos primeiros serventes á amurada, levava a carga a calcar de encontro ao fundo.

O chefe de peça. com o dedo pollegar da mão esquerda tapava cuidadosamente o ouvido do canhão, não ateasse a corrente de ar deslocado qualquer risquicio de lume, e a peça disparasse levando os braços aos carregadores. Para melhor vedar o ouvido calçava uma dedeira de anta. Unida a carga, furava o cartucho com um diamante de aço, e depois de fazer signal ao primeiro da direita para retirar o soquete, dava a voz:

— Em bateria.

A artilharia moderna tambem carece de cuidados. Bem sabemos que os apparelhos automaticos já não deixam fazer fogo sem que a culatra da peça esteja bem fechada,

mas ainda assim toda a cautella é precisa, porque exactamente por ser a machina aperfeiçoada não vá de qualquer falta resultar desastre sempre lamentavel, e mais ainda, muito cruel se fôr devido a incuria ou ignorancia, que pode ter remedio se formos diligentes, estudiosos... e felizes.

*

O treno nos differentes exercicios é indispensavel no serviço naval. A guarnição da peça deve manobral-a com tanta perfeição, identificar-se tanto com todos os seus machinismos, que naturalmente cada homem cumpra sem hesitações nem deficiencias a parte que lhe cabe, pois sem isto não lhe valerá possuir o seu navio a melhor artilharia, se não souber usar d'ella em dia de combate.

Os navios de guerra são feitos para combater, e se queres um dia ser vencedor prepara-te na paz. Hoie a artilharia é que decide a sorte das batalhas.

*

No dia 21 de setembro de 1881 estava fundeada na bahia de Loanda, a meio porto, a corveta *Duque da Terceira*. A Estação naval compunha-se mais das canhoneiras *Sado* e *Bengo*. A primeira andava fóra em cruzeiro a Boma e S. Thomé, e a segunda regressara de Mossamedes, onde a guarnição fôra restaurar a saude, depois de cumprir no rio Zaire uma commissão trabalhosa e demorada.

A corveta era um navio feio, de casco negro, beque longo e aguçado, a pôpa redonda, os alforges salientes, pouco delgados a ré na obra morta; mas, n'essa epocha, apparelhava a barca, e bem, e não raro o mestre se gabava de que a *Terceira* parecia um navio de guerra americano.

A *Bengo* era garbosa, e na opinião de um almirante

francez, o barão de Grivel, que a tinha visto fundeada em frente dos palmares da ilha, parecia pela forma do casco, desempolado das curvas, apparelho, e asseio inexcedivel, um bello hiate de lord em caprichosa viagem de recreio.

*

Estava no porto a fragata ingleza *Boadicea* e o governador geral da provincia, o conselheiro Antonio Eleuterio Dantas, fôra a seu bordo pagar ao commandante a visita official, que lhe fizera.

Ás 2h (p. m.), ao largar da galeota do governo para terra, rompeu a salva a bordo da *Terceira* saudando a insignia do general.

Armavam a bateria dez peças do calibre 32, ás amuradas. A guarnição estava regularmente instruida n'estes, e n'outros exercicios de parada.

Alternadamente a bombordo e a estibordo, a intervallos iguaes, á voz do commandante da bateria, iam as peças disparando. A branca fumarada envolvia o navio, e o echo dos tiros reboava pelos morros saibrentos da bahia.

As fortalezas de S. Miguel e do Penedo acompanhavam a salva do mar, vagarosamente, á moda velha do cerimonial guerreiro.

*

A ultima peça de ré a estibordo, a quinta — a que os moços de bordo chamavam a Pombinha — fizera fogo. Rapidamente os serventes a alaram dentro a portar pelo vergueiro. Tomaram cotes ás talhas e á retenida, calçaram as rodas, e segundo as regras do exercicio limparam e carregaram para disparar de novo.

O chefe da peça, de pé junto ao botão da culatra, tapava o ouvido, e a preceito seguia as operações do carregamento.

Era um homem baixo, forte, o peito largo, os hombros

levantados, os braços musculosos e compridos. A fronte queimada pelo sol; olhos negros; olhar intelligente; o cabello surdindo-lhe rebelde debaixo do barrete deitado para a nuca; a camisa de alcaixa e o lenço negro destacando-se sobre a brancura do fato de fachina; descalço, e á cinta a navalha presa ao fiador, dava ao Samirra, que assim lhe chamavam por alcunha, o typo do marinheiro recrutado em povoação de pescadores — que andava no mar desde pequeno — homem disciplinado, energico e soffredor de trabalhos e fadigas, typo verdadeiramente portuguez da velha raça, e que por esse tempo era facil de encontrar a bordo dos navios.

De repente a quinta peça disparou. Incendiara-se a carga antes de tempo.

O primeiro carregador, o segundo marinheiro Asdrubal Winckler, fôra arremessado ao mar, sahindo pela portinhola. Tinha o braço direito dilacerado, e quasi desmaiado mal se aguentava na agua, em riscos de morrer.

O primeiro da esquerda, com incrivel felicidade, tinha leves queimaduras nas mãos, e parecia assombrado pelo susto, e pelo estrondo.

O chefe de peça, n'aquella triste conjunctura, conservara firmeza e sangue frio. Tinha a mão esquerda queimada, mas apesar da dor horrivel não destapara o ouvido, deixando a pelle encarquilhada e fumegante carbonisada sobre o liso do fogão.

E agora ali se viu o que é ter valor e coração.

O Samirra subiu acima da trincheira das macas, atirou comsigo ao mar, nadou, mergulhou, agarrou e salvou o companheiro.

Vão tantos annos decorridos, e ao repetir a velha narrativa ainda sinto o enthusiasmo e a commmoção d'aquella scena inolvidadel. Nem ao menos sei o nome do heroe para aqui o deixar escripto para memoria, e para exemplo.

*

Os escaleres estavam amarrados pela pôpa. Um d'elles largou e recolheu os naufragos. A salva continuou impassivel até ao ultimo tiro da ordenança, e quando o corneta tocou a destroçar, o escaler atracava ao portaló, e o ferido foi levado á enfermaria para receber o primeiro penso, e depois fardado, sem lhe faltar uma só peça de uniforme, embarcou em braços, e deu baixa ao hospital da Misericordia de Loanda.

*

Pouco tempo depois o Asdrubal sarou da ferida. O Samirra foi promovido a primeiro marinheiro, e condecorado com a medalha de salvação, e sem falsa modestia dizia: ser a cousa mais natural d'este mundo soccorrer os companheiros nos perigos.

Assim é que se entende a boa e leal camaradagem.

Laço moral, que deve ligar indissoluvel os homens do mar, é elemento precioso, força preponderante, para ajudar a levar de vencida os contratempos e agruras da vida maritima, e reforçando pelo respeito, affeição e sympathia a mutua consideração entre superiores, inferiores e camaradas, ganha com isso a disciplina e o serviço; augmentam as probabilidades de victoria pelo accrescimo da força moral da guarnição; enaltece-se o prestigio da bandeira ao maravilhoso influxo de um ideal bom e generoso.

Esta é que é a camaradagem verdadeira.

Quarto
da meia noite ás quatro

1882

Quarto da meia noite ás quatro

1882

SENHOR tenente.

— Prompto.

— Falta um quarto para a meia noite.

— Já vou. Que tal está o tempo?

— Não ha novidade.

Este curto e conhecidissimo dialogo travava-se mais uma vez entre um cabo de marinheiros e um tenente, que devia entrar de serviço da meia noite ás quatro, a bordo de um navio do Estado. Agora era na corveta *Duque da Terceira* navegando á vela de Novo Redondo para Loanda, em maio de 1882.

O official saltou do beliche, vestiu o *cabman*, poz o bonnet, sahiu para a praça de armas, olhou para o relogio — faltavam cinco minutos para a hora — subiu a escada para a tolda, bateu as palmas, pediu o murrão, accendeu o cigarro, e entretanto trinaram os apitos, formaram os quartos, bateram as oito badaladas, subiu para a ponte, deu os bons dias ao camarada que rendia, o qual, ancioso por largar o logar, entregou-lhe rapido o serviço.

— O rumo é norte quarta de noroeste, a terra está por estibordo longe. Vamos em gavias, joanetes, traquete, e duas á proa. Anda quatro milhas, e o vento tem abonançado. Bom dia.

E com este simples discurso ficou o serviço a cargo do tenente.

O camarada desceu da ponte, infurnou pela escotilha da meia laranja, e foi repousar no camarote.

Apresentaram-se os officiaes marinheiros, e os cabos de quarto.

Depois de feita a chamada vieram dizer:

— Senhor tenente, o quarto que entra está todo.

— Senhor tenente, o quarto que sae está todo.

Rendeu-se a gente do leme, trocando entre si os marinheiros o *louvado*. O official mandou:

— Retira, e arruma, e depois voltou tudo ao habitual silencio, e a corveta continuou pacatamente singrando para o norte.

*

A noite estava escura e fria. Grossas barras de *cacimbo* occultavam a terra e as estrellas. As velas — vistas de cima da ponte — projectavam-se como trapezios negros sobre o firmamento de um azul-escuro carregado, sombreado junto ao horizonte pelas nuvens do cerrado nevoeiro.

Os topes dos mastros, acompanhando o pausado balanço do navio, descreviam no ar largas curvas sinuosas. Se não fôra o *cacimbo* seria curioso seguir o oscillar do tope do mastro do traquete divagando de estrella para estrella, apontando as constellações equatoriaes, que deviam avistar-se perto do zenith.

O terral soprava bonançoso, e um catavento de pennas amarrado no vergueiro do toldo disparava para vante. Á pôpa arrazada até um carro sabe andar, e a *Duque da Terceira*, para não desmerecer o conceito do adagio, ia serena deslisando para o norte.

*

Corria placidamente o quarto da modorra.

Já tinham batido as cinco badaladas a que respondera o *alerta* das vigias. A gente do quarto, abafada nas japonas, dormia a somno solto junto das amuradas.

Nem um braço se mechera. Parecia *o quarto dos mortos*. Até ali o unico trabalho fôra o da ronda a bater as horas, a cobrir com o encerado a gaiuta da camara, para a luz do candieiro não encandear quem estava de vigia. O moço das luzes viera espevitar os murrões das *grizettas* da bitacula.

O official na ponte reagia contra a somnolencia, a que tão tranquilla scena convidava. Olhava para o agulhão notando as insignificantes amplitudes das guinadas; passeava de um bordo para o outro cogiando o horizonte; procurava com o binoculo vencer a treva, e enxergar a costa, e ao vibrar das horas no sino bradava: *barca,* como aproveitando a occasião para mostrar que estava acordado, e velando pela segurança do navio.

Que aborrecidissimo quarto de serviço.

*

Ao tanger das trez da madrugada, o Carlos Preto, um dos libertos da barca *Charles et George,* cabo de marinheiros da Armada, bom homem, e que fazia de guardião, veiu dar parte ao tenente de que o sota do gurupez ouvia as ondas a bradar em terra, e que subindo ao castello julgara ver a enxofria pela proa, que poderia ser o mar a florear nas pedras, mas depois nada mais vira nem ouvira.

O tenente ficou de sobreaviso, e se até ali cumprira o serviço com rigor, agora redobrou de vigilancia, apesar de não acreditar na terra perto. Andara sempre ao rumo, tinham-lhe entregue o quarto dizendo-lhe estarem ama-

rados, o vento cahira, diminuira a velocidade, mas poderia a corrente encostar para leste, e portanto foi-se prevenindo. Mandou a ronda acordar a gente, mas sem fazer alarme, e ao guardião recommendou que ficasse perto para acudir á manobra, que cumprisse.

E ficou-se a olhar pela proa fóra procurando com o binoculo romper a treva densa do *cacimbo*.

*

De repente desdobrou-se ao longe, cruzando a rota da corveta, uma extensa fita luminosa, que logo se apagou; depois duas ou trez fachas parallelas de vivissima phosphorescencia rebrilhavam nitidas, como cristas de vagas avançando para a costa.

A proa estava a norte quarta de noroeste, e a terra não corria leste-oeste, antes ao mesmo rumo do navio, mas certo era, que vira o mar a luzir-lhe pela proa, e portanto sem perda de tempo mandou:

— A bombordo o leme. Caça a vela ré. Braços de proa a estibordo. Orça todo.

Emquanto a gente corria á manobra, e a corveta orçava, chamou:

— Cabo de quarto, dar parte ao senhor commandante de que se vê grande enxofria pela proa, e que a corveta orçou no mar. Aguardo as suas ordens.

O commandante mal ouviu a voz de, caça a vela ré, veiu logo acima, independentemente de ser chamado. Era o capitão tenente Antonio Joaquim de Mattos, e quando chegou á ponte viu a phosphorescencia em largas bandas a beijar o costado do navio.

De subito apagou-se a mancha luminosa.

— Fez bem em orçar porque a illusão era perfeita. Pode marear. O cabo Ledo já nos demora pela alheta. O mar é por aqui abundante em pescaria, e foram os cardumes dos pesqueiros quem nos metteram o susto de enxorrar na praia.

A phosphorescencia ia já ficando pela pôpa, porém

agora fulgurava scintillante a justificar a manobra do tenente.

— Carrega a vela ré. De encontro o leme. Ala braços de proa a barlavento.

A *Terceira* foi arribando lentamente.

— Onde está a prôa? perguntou o commandante.

— Norte quarta e meia ao noroeste.

— Andar assim.

— Assim, accusou o timoneiro.

*

Estava a findar o quarto, e cada vez mais pesava a escuridão, e o *cacimbo*. Subito ouviu-se pela amura um alarido, e a luz de um facho de signaes brilhou quasi debaixo do talhamar da corveta.

— O leme todo a bombordo, gritou o tenente.

Quasi a rastejar passou a corveta por um vulto negro, que vogava sobre as aguas.

Era um *lambote* da cabotagem, navegando no bordo da terra sem pharoes, e que, por milagre, escapava de ir para o fundo. A bordo d'elle faziam uma vozearia enorme, o susto devia ter sido de tremer. Assim que se viu livre da rascada, ouviu-se bradar de lá, o que se percebia claramente:

— *Duque da Terceira* não pode ganhar hiate de Cabinda. Sambo é o commandante do navio. Vae no Lucira. Boa viagem.

Sentia-se apitar a virar de bordo, e vozes de commando como se fosse a manobrar uma nau de linha. Eram os cabindas, que manifestavam a sua alegria *pacholando*.

*

Findaram as oito ampulhetas. Formou a gente, e quando o immediato entrou de quarto de alva, nunca o tenente desceu mais satisfeito da ponte de commando.

Acabara o quarto, que decorrera as primeiras horas monotono, e medonhamente aborrecido; mas a ultima fôra movimentada, e sem haver tempestade dera receios de arrelia a quem estivera de serviço.

A vida do mar é sempre assim.

Para haver cuidados é bastante navegar no *mar das patas*, no manso e esverdeado mar de Angola de que falam com desdem os roncadores de feros destemidos.

Bons serviços

1886

Bons serviços

1886

Quando foi do segundo cerco de Dio as baterias dos turcos e janizaros recebiam grave damno dos tiros do baluarte do mar, e por isso determinaram, logo no segundo dia do assedio, destruil-o. Aprestaram uma grande nau do Malabar, carregando-a de polvora e artificios de fogo, correndo sobre a borda uma larga esplanada de taboado onde podiam pelejar duzentos homens, para com elles intentar a escalada do forte, e no caso da resistencia dos nossos ser tão porfiada, que não podessem entral-o, deixada a mina lhe pegariam fogo, e ateado no baluarte o abrazaria, postando depois as bombardas grossas, e os seus guiões de Mafamede sobre o terreiro das calcinadas ruinas.

Teve aviso o capitão da fortaleza por espias que trazia no campo, e chamando a Jacome Leite, capitão do mar, e soldado de grande confiança, lhe encommendou a empreza de frustrar o estratagema inventado pelo inimigo astuto e valoroso.

Era a noite de Quinta feira maior do anno de 1546, e no quarto da modorra sahiu Jacome Leite com dois caturres, e trinta soldados, e remando á voga surda abalroou a nau, e desalojados os defensores os trouxe á espada até

os lançar no mar. Passou reboque á nau, e picadas as amarras e espias a trouxe ao varadouro das galés da praça, onde ao desembarcar foi recebido com louvores por dar á guerra tão ditoso principio.

*

Como é natural em casos bellicosos repetirem-se façanhas semelhantes, registam as nossas chronicas os exemplos, que denotam nos soldados de agora os mesmos brios, e apesar dos seculos decorridos, e da fortuna os não ter revestido de scenario tão brilhante, clara se percebe nos netos a influencia dos avós, egual abnegação e valentia.

*

A Guiné apesar de ser territorio da monarchia portugueza, devido a circumstancias diversas, depois da guerra civil dos dois irmãos, esteve por muitos annos quasi fóra da influencia da metropole. Afóra o recinto das praças de Bissau e Cacheu, onde se mantinham reduzidas guarnições militares, quasi todas de soldados caboverdeanos, pode-se dizer sem grande erro, que os indigenas se governavam independentemente das leis de Portugal, e rebeldes não o reconheciam, nem se lhes dava da tutela.

Quando se fallava da Guiné só se ouvia tratar de guerras com o gentio. Em Buba, em Bissau, em Cacheu, em Bolama, os fullas, os futafullas, os balantas, os mandingas, os grumetes, os papeis, e uma cafila de outros inimigos, roubaram, mataram, deram, levaram, o que bem mostrava a desordem administrativa, a revolta constante na Provincia.

*

Ahi por 1885 pensou-se em transformar tornando-a paiz civilisado, e em aproveitar o seu vasto territorio como campo de exploração agricola e commercial, levantando o nivel moral dos povos em prol da prosperidade do paiz. Em trinta annos de trabalhos e campanhas alguma cousa se tem feito de importante, verdade seja, á custa de sangue, dinheiro, e sacrificios.

A marinha foi chamada a esta cruzada a bem da patria, e n'essas praias inhospitas e selvagens de além mar tem cumprido o seu dever.

*

Pelos fins do anno de 1886 o gentio do Nhacre assaltava as embarcações mercantes, que pelo rio de Empermal iam abastecer a praça de Bissau, chegando a apresar um palhabote do commercio a poucas legoas dos muros da vetusta fortaleza.

A velha escuna *Bissau* já estava em tal estado de ruina, que em qualquer encalhe podia largar o fundo. Um dia em que a tiros de peça batia um povoado de piratas, no recuo o rodizio rebentou o vergueiro, e mergulhou no mar. De longe em longe, em caso extremo, em açudada correria a estação naval de Cabo Verde ia á Guiné levar soccorro.

A marinha era o salvador nos grandes perigos.

*

Em identicas circumstancias desgraçadas foi requisitada ao governo da Guiné a canhoneira *Guadiana*, do commando do primeiro tenente João Alberto Godinho de Fa-

ria e Silva. Era um pequeno navio de 200 tonelladas, a vapor, e com apparelho de escuna, e que fôra desviado, por urgencia de serviço, da fiscalisação da costa do Algarve. Deixara a caça aos galeões, e ás parelhas de pesca do largo, e ás barcas do contrabando, para ir pelos rios e esteiros paludosos, a tiros de artilharia, metter em ordem os ladrões, e os rebeldes. Agora propunha-se a represar o palhabote encalhado entre o mattagal da margem da ribeira.

Subiu o rio Mansôa, fundeando na confluencia de dois rios. A terra é baixa. Cobre um arvoredo negro e franzino as praias do canal. Vastas chans levemente onduladas alongam-se para longe; e aqui e além as vermelhas e pyramidaes construcções das termites elevam-se na planura, parecendo *gubi* de *marabu* dos mouros.

*

Ao anoitecer largou de bordo um escaler com seis homens armados de revólver e carabina, e foi como pratico o commerciante queixoso indicar o logar onde jazia o palhabote, e emquanto uns iam remando sem ruido para não dar rebate ao inimigo, o patrão do escaler sondava o canal para lá poder chegar a canhoneira. Cautelloso e intelligente fazia o reconhecimento, para levar nota certa ao commandante, e este resolver como havia de operar.

Com olhos de dono o pratico lobrigou o seu navio. Lá estava n'um esteiro com a proa posta em terra, adornado, encoberto pelo arvoredo, e confundido com a mancha escura dos troncos e ramadas.

Se por acaso alguem estava a bordo não dava signal de si, parecia adormecido, ou em cilada. Sentia-se de quando em quando como que um estalar de troncos seccos, um ruido extranho, que o pratico explicava ser o engatilhar das espingardas lazarinas. Era o matraquear dos bicos das cegonhas, e das aves ribeirinhas alinhadas e descançando ao longo das margens paludosas.

Lento se foi o escaler approximando. Dois homens re-

mavam, e os outros com as armas aperradas iam promptos a romper o tiroteio.

O palhabote estava abandonado. Em terra via-se o tenue clarão de uma fogueira amortecida.

Abordaram.

A fortuna tinha-os protegido. Além do reconhecimento, tinham feito o represamento por conta propria, sem dispender sequer um só cartucho.

A fortuna protege a ousadia. Arrojados como são sempre os marinheiros em transes difficeis, a despeito de verem luzes a bruxolear em terra, e sem receio de que o gentio procurasse defender a presa, trataram de desencalhar o barco, o que após grande faina conseguiram.

Espiaram um ancorote pela pôpa; cortaram os cabos dados aos poilões, e ao matto emmaranhado; e de carabina em bandoleira e revólver no cinturão, alaram a talha dada ao virador. O negociante era quem alava com mais força. Recuperava a sua propriedade roubada pelos balantas; era justo que empregasse toda a sua energia em collocal-a fóra do alcance.

O palhabote ficou a nado. Passaram-lhe um reboque, e ao romper da alva largava ancora pelo travez da canhoneira.

*

No dia seguinte a *Guadiana* bombardeou a povoação do sul de Nhacre. Uma praça na verga do joanete avisava de qual fôra o ponto de queda das granadas, para melhor se corrigir o tiro. De bordo não se viam as palhotas escondidas pelo matto marginal. A vigia deu parte de que os pretos fugiam nas canôas, buscando a riba fronteira onde se abrigassem da metralha. Uma volta do rio occultava os fugitivos.

Da canhoneira largou um escaler com as mesmas seis praças armadas, com ordem de apresar qualquer embarcação de negros, que fugisse.

Mal avistaram o escaler os balantas redobraram a furia da carreira. Não havia regata que podesse leval-os de

vencida, e antes de se esconderem no mattagal uma descarga deu em terra com cinco dos piratas. Um d'elles era o *grande* da povoação, um dos que tinha assaltado o palhabote, e assim pagou o latrocinio.

*

Os seis marinheiros do escaler da *Guadiana* valem bem em arrojo e valentia os trinta dos dois catures de Jacome Leite apresando a nau dos mouros.

O represamento do palhabote assombrou o gentio de Bissau e vizinhanças. Por muito tempo se navegou os rios e canaes da provincia da Guiné, sem risco de investidas de ladrões.

Á marinha se deveu o beneficio.

*

Se não temos os grandes navios de combate, os altivos couraçados-fortalezas; se Portugal não pode, como outr'ora dominar nos mares do mundo; demonstrado fica que os seus navios das esquadrilhas coloniaes são indispensaveis ao prestigio do Governo, e á prosperidade das provincias ultramarinas, e que as suas guarnições podem prestar serviços de valor.

Torpedeiro n.º 2

1886

Torpedeiro n.º 2

1886

Ao amanhecer de 5 de outubro de 1886 sahiu de *Blackwall Basin,* no Tamisa, o torpedeiro portuguez n.º 2, tendo por officiaes o capitão tenente Jose Cesario da Silva, e o primeiro tenente Jose Aleixo Ribeiro, com destino ao Tejo.

Ás 10^{h} (a. m.) de 6 fundeou em *Darmonth,* onde desembarcou o pratico do Canal. Abasteceu-se de carvão e agua, e na tarde do dia seguinte com bom tempo, mar plano, barometro alto e firme, largou-se com rumo ao cabo de Finisterra.

Na madrugada de 8 começou o vento a refrescar pelo sul, e pelas 8^{h} (a. m.) sendo já o mar de vaga grossa, e o barometro a baixar, resolveu o commandante fugir ao tempo, e buscar abrigo em *Brest.* Correu até ás 6^{h} da tarde, e como não avistasse terra nem pharoes pozeram de capa toda aquella noite, e ás 7 da manhã desfizeram-a, e seguiram a buscar porto. O vento saltara a N. O. de pesados aguaceiros de granizo, levantando vaga alta de arrebentação.

Sem bem se poder determinar o ponto, e com o grande abatimento durante a capa, só proximamente se calculava a posição do navio, e quando se avistou pela proa um pha-

rol, imaginando ser *Ouessant* com que se contava, deitou o torpedeiro para elle. Pouco depois, ao cahir da tarde, avistou-se pelo travez de estibordo uma sombra de terra alta, que os aguaceiros e a cerração até então não deixara perceber. Era a ilha de *Ouessant*, e a torre que se enxergara pela proa deveria ser marca da bahia de *Sablons*.

O N. O. soprava tempestuoso; por todos os lados o mar floreava rebentando em soberbas vagas sobre os bancos. Pela proa surgia a costa de França, pelo que se reconheceu estar o torpedeiro ao N. de *Brest,* e a E. de *Ouessant,* e como fóra não se descobria barco de pilotos, e não era possivel safar para o mar navegando a toda a força de vapor contra o vento, e contra a vaga; na perspectiva de não poder resistir a outra noite de tormenta em mar de syrtes perigosas, resolveram os officiaes arribar para *Brest,* a todo o risco, por cima de toda a folha, seguindo aproados a uma luz, que lhes surgia pela proa, e que devia ser alguma de um enfiamento de canal de entrada.

*

Fragmentada pelo bater incessante das ondas, pela força da corrente, pela maré que lhe mina os alicerces das arribas, e pelos temporaes a desaggregar as pedras, está a ponta N. O. da costa de França, terminada pela ilha de *Ouessant,* que esteve outr'ora ligada ao continente. Ao S. E. está o porto de *Brest,* e ao mar d'elle n'um raio de vinte milhas está o oceano semeado de penedos, e por entre elles serpeam os canaes para demandar o ancoradouro.

Ouessant tem um bom pharol, e é ponto obrigado da navegação septentrional. Passam-lhe á vista todos os dias dezenas de navios; não admira que seja um dos logares de mais naufragios da Europa.

Quando ha noroestes não são raros os nevoeiros, e em tal tempo é maior o perigo.

Entre *Ouessant* e a costa de França corre quasi N. S. o canal de *Four,* ladeado de fraguedos.

*

Reconhecida a luz. que depois se soube ser do banco *Vinoutière,* sobre o negro da terra appareceu a luz do pharol de *S. Matheus.* Dando resguardo ás pedras do cabo, e ao parcel do *Vieux Moines,* por meio de arrebentações, imaginando a todo o momento naufragar sobre alguma pedra que deparassem no caminho, com inerivel fortuna — pois dentro de um torpedeiro em noite de tormenta além de sciencia, valor e disciplina, não é factor para despresar a felicidade — assim se percorreram as sete milhas do canal do *Four,* e logo que venceu o promontorio extremo, o barco deitando a E., cochou-se com a terra, para lhe servir de amparo á ventania, e mal o pharol de *S. Matheus* começou a abrir para N. O. n'uma abra da costa, quasi pegados com a riba, largou-se a ancora para o fundo.

Sentia-se agora o rebramar das ondas no litoral de oeste, e nos baixos do canal, que tinham percorrido; via-se ao S. o marulhar das aguas, a phosphorescencia nos baixios da *Vendrée, Parquete,* e *Trepied,* que ladeam o canal principal da barra. Anoitecera de todo, o N. O. á sombra da terra parecia ter abonançado, não assim o som cavernoso do rebentar das vagas nos penedos.

*

Ainda mal o torpedeiro tinha largado a ancora quando se notou que o ferro não unhara. Ia á casseia, cahindo o barco para o S. sobre um banco — talvez o *Coq* — que rebentava, e onde certo bateria. Suspendeu-se rapidamente, andou-se avante devagar, espatilhou-se o ferro — que vinha polido, como se fosse prata — tal fôra o attrito sobre as lageas do fundo, onde não encontrara uma frixa na rocha para cravar a unha, e suster-se a caminho do naufragio.

Quasi a rastejar com a terra, contornando a curva do litoral mal definido por ser a treva densa, e cerrado o nevoeiro, sem que lhe apparecesse o pratico — apesar dos apitos da machina, e do clarão dos fachos de signaes — assim se foram percorrendo entre os bancos e a costa perto de seis milhas a E., deitando-se depois ao N. logo que a mancha escura do morro de *S. Matheus* se foi adelgaçando, deixando adivinhar a abra de *Berthaume*.

N'este tactear nas trevas lobrigaram e reconheceram as luzes do enfiamento de *Portezie* por *Petit-Minou*, que resguardam dos perigos da entrada do abrigo, e á 1^{h} da noite surgiram em seis braças, a ver-se perto a ressaca a espreguiçar-se na areia da praia, agora finalmente abrigados do vento e ondulação, depois de 44^{h} de um temporal violento.

*

Na manhã seguinte seguiram pelo *Goulet* para a rada de *Brest*, amarrando ás 2^{h} á muralha do caes do commercio.

O torpedeiro n.º 2, construido de aço pela casa *Yarrow and Comp. de Blackwall*, é um barco de exiguas dimensões: 38^{m},2 × 3^{m},8 × 2^{m},4 de 92 toneladas, armado avante com 2 tubos para lançamento do torpedo Whitehead. A machina é de 730$^{c.i}$, de 19 milhas de velocidade maxima, podendo á vontade diminuil-a, para assim correr ou capear em boas condições nauticas contra o mar bravo do canal de Inglaterra, ou do golpho da Biscaya.

A experiencia fôra convincente. Era esta a primeira viagem do primeiro torpedeiro portuguez, e o commandante Cesario e o primeiro tenente Ribeiro, officiaes de creditos, mostraram-se sempre á altura do especialissimo serviço que faziam.

Quando em *Brest* os officiaes francezes viram o barquinho amarrado á muralha, pasmaram da audacia, e da fortuna de quem assim conseguira entrar no porto.

O temporal tinha sido dos mais rijos, e quando se lhes contou de que debalde tinham pedido pratico para acom-

metter a barra, responderam que com aquelle tempo ninguem largava para o mar por ser o perigo grande, e não ser provavel que alguem viesse demandar o porto, e muito menos pelo canal do *Four,* um verdadeiro Caminho do Inferno, e que se podiam orgulhar não só pela fortuna, mas tambem pela demonstração que tinham dado da sua alta pericia como eximios navegantes.

Durante o tempo que esteve em *Brest* o torpedeiro teve as honras do heroe do dia. Toda a gente queria vêr o navio pygmeu, que tinha vencido a tempestade, era geral o louvor do feito commettido.

O cabo Constantino, um magnifico timoneiro, andava satisfeitissimo ao observar aquella romaria. Elle fôra o homem do leme nas occasiões difficeis, e de si para si sentia-se ufano compartilhando da gloria dos seus officiaes. A gente do fogo tambem era bem digna de elogio, e o machinista Damaso Carlos de Magalhães prestou sempre um serviço valioso.

*

A 21 de outubro sahiram de *Brest* com bom tempo. Horas depois voltava a ventar fresco o S. O. A 22 de manhã montaram o cabo de Finisterra, e como o tempo ia a mais — tomado um pratico de um barco pescador hespanhol — a 23 á noite vieram fundear em Vigo.

Ahi ninguem queria acreditar que vinham de atravessar o mar Cantabrico. O mais que lhes concediam é que chegassem do Ferrol, pois o S. O. tinha calado duro, e até os paquetes grandes vindos da Biscaya tinham recebido avarias grossas.

Por fim renderam-se á verdade em vista da carta de saude.

O temporal continuou por alguns dias, e bem diziam os gallegos, que Santhiago de Compostella seu patrono era um grande santo, que assim os livrara da tormenta.

*

A 28 sahiram com bom tempo. Vieram voando costa abaixo, entrando pelo Corredor no patrio Tejo, e amarrando ás 11ʰ (a. m.) de 29 em frente do forte de S. Pedro, em Paço de Arcos, onde estava installada a Escola de Torpedos.

*

Não temos os grandes navios de combate, essas maravilhas da industria metallurgica, que só podem possuir e manter as nações opulentas e guerreiras, que querem suster no mar o seu dominio... porém estas veridicas e sensacionaes narrativas da lucta do homem com o mar, sahindo o homem vencedor, dão-nos ao espirito a consolação suprema de que se a Marinha é pobre de material, é ainda rica de bons officiaes e marinheiros.

Vapor «Cacongo»

1887

Vapor «Cacongo»

1887

Em 25 de fevereiro de 1887 embarcou em Zanzibar a bordo do vapor *Madura* a expedição de soccorro a Emin-bey, commandada pelo explorador africanista Henry Morton Stanley, a qual se compunha de 9 officiaes europeus, 61 soudanezes, 13 somalis, 3 interpretes, 620 zanzibares, e Tippou-Tib com 407 carregadores.

A 10 de março fez escala pelo Cabo, a 18 desembarcou em Banana, e a 20 singrava Zaire acima.

Vamos traduzir uns extractos de cartas de Stanley a Mr. Keltie, secretario da Sociedade de Geographia de Londres:

«Bordo do vapor *Serpa Pinto,* rio Congo, 21 de março de 1887... a 18 chegámos a ponta Banana depois de boa viagem, n'esse mesmo dia afretei o vapor portuguez *Serpa Pinto, R. N. Nieman* da casa hollandeza, *Albuquerque* da companhia ingleza do Congo... no dia 19 embarcaram nos trez navios 645 homens, 20 burros, 30 cabras, 150 toneladas de material diverso... o *Heron* devia levar o resto na manhã seguinte... Contava estar a 22 no acampamento de Matadi, e a 27 romper a marcha, como tinha

combinado em Londres... a missão baptista não me quiz emprestar o seu vapor *La Paix*... foi assim que me agradeceu os serviços que outr'ora lhe prestei.

«Em Banana veiu a bordo a commissão directora do Estado livre do Congo, e o tenente Valche presidente disse-me: que o vapor *Stanley* estava encalhado, procedendo a reparações... o meu maior desejo é chegar a *terra-ferma* do Alto Congo.»

E nada mais a tal respeito.

Agora vamos nós accrescentar alguma cousa; registar um bom serviço da marinha colonial.

*

A 1 de fevereiro de 1887 o governo de S. M., por intermedio da Direcção geral do ultramar, officiou ao Governador geral de Angola recommendando á protecção das auctoridades portuguezas a expedição commandada por Stanley e Jephson, destinada a salvar Emin-bey da perigosa situação em que se encontrava na Africa central. Estas instrucções tinham sido remettidas ao consul portuguez em Banana, Nuno Queriol, que em cumprimento d'ellas officiou, a 19 de março de 1887, ao commandante do transporte a vapor *Cacongo,* da esquadrilha do Zaire, o segundo tenente Nunes da Silva, expondo-lhe precisar partir a expedição para o interior sem perda de tempo, e que por isso urgia transportar a Matavi-Makandi todo o pessoal e material. Stanley tinha fretado todos os vapores disponiveis, mas ainda ficavam em Banana 40 toneladas de carga, e 80 soudanezes.

Esta contrariedade ia, no dizer de Jephson, demorar a partida por oito dias, e portanto em nome da causa da humanidade solicitava o valioso auxilio do vapor.

*

O *Cacongo* era um pequeno vapor de ferro, movido a helice, machina de 80 c. n., especialmente destinado á policia do rio Zaire, armado de duas peças Canet-Bange, e de 39 praças de lotação. Fôra deitado ao mar em 1886.

Tal era o navio requerido, e que o seu commandante immediatamente poz ás ordens do consul portuguez.

Era este um dos primeiros commandos do tenente Nunes da Silva, e de bom grado ia este official cumprir a commissão. A marinha de guerra, embora representada pelo pequeno vapor, ia prestar mais uma vez um serviço importante, auxiliando um alliado cioso do seu immenso poderio; e o seu commandante, cumprindo uma commissão requisitada em circumstancias extraordinarias por uma auctoridade nacional, conseguia, além da immediata vantagem para Jephson e sua gente, o cumprir brilhantemente as instrucções emanadas da Metropole, conquistando novo argumento a favor d'esse Zaire, que foi um rio portuguez, e um titulo á gratidão de extranhos pelos prestantes e desinteressados serviços da marinha.

*

A 20 de manhã largou a expedição de Banana, e á 1ʰ (p. m.) suspendeu o *Cacongo,* e seguiu rio acima na cauda da columna, levando a bordo o major Barttelot, 80 soudanezes, e 40 toneladas de carga, pela maior parte material de guerra.

Á noite fundeou a esquadrilha em frente de Boma, e no dia seguinte, para remover novas e serias difficuldades, e a rogo dos interessados, pois os vapores pequenos só se prestavam a levar carga e gente até ao Wango-Wango, por não poderem vencer a força da corrente, o *Cacongo* seguiu para Noki, onde tomou pratico, foi ao Wango-Wango receber a carga dos vapores, excepto de

um em que seguiu Stanley, e literalmente abarrotado navegou para Matadi-Makandi, defronte de Vivi, onde em 21 á noite amarrou sem novidade.

Quem já subiu o Zaire recorda-se bem do que são as suas correntes impetuosas, e avalia as responsabilidades da viagem, que rapidamente deixamos relatada. Um encalhe n'estas circumstancias, uma avaria na machina, e a impossibilidade de agarrar fundo para não vir por agua abaixo, podia ser a ruina da empreza. Felizmente não aconteceu assim, e o commandante do vapor pode regozijar-se por prestar um serviço valioso, sem o qual, no dizer do proprio Jephson, não podiam estar em Matadi a 22, e que Stanley sinceramente agradecia aquelle auxilio.

N'uma carta escripta por Jephson ao nosso Consul, a lapis, e datada do acampamento de Matadi a 22, expressava os mesmos sentimentos.

*

Parece raro, que Stanley o commandante superior, *Comd. Pasha Rel. Exped.*, figurasse tão pouco n'isto tudo. Não admira porém. Apesar de muitos cuidados, que lhe deviam pesar n'aquelle solemne momento de partida, o serviço da canhoneira é um accessorio da empreza principal, a chegada ao acampamento no dia indicado no programma, e como tal é o chefe dos transportes, que tem de tratar d'elle, o *General* tem muito mais em que pensar. Ainda assim, n'uma laconica carta escripta em francez não se esqueceu de dizer ao commandante agradecendo-lhe *toute l'aide que vous m'avez donne d'une manière si gentille.*

*

Como se sabe, o resultado da empreza não correspondeu á fama de que vinha precedida. O livro de Stanley publicou-se, e as scenas do *Campo da fome* impressionaram o mundo inteiro.

Tempos depois Stanley recolheu á vida privada, a buscar descanço das suas assombrosas aventuras. Deve-lhe a sciencia geographica o encontro do sabio doutor Levingstone nos sertões africanos, quando a Europa e a America o julgavam já perdido; deve-lhe as travessias, rasgando um traço de luz por entre as brenhas e pantanos do Continente Negro; deve-lhe a descida dos caudaes do rio Zaire desde a nascente até ao mar; deve-lhe a politica a fundação do Estado livre do Congo, e como consequencia o tractado de Berlim, o arvorar da bandeira da estrella de oiro em campo azul defrontando a nossa. facto de tanta importancia para a diminuição do nosso poder colonial.

Stanley foi sem duvida um dos mais notaveis exploradores modernos, e entre as recordações das viagens, que tornaram o seu nome celebrado, de certo conservou grata lembrança do auxilio que encontrou nos portuguezes.

Um temporal em Cabo Verde

1892

Um temporal em Cabo Verde

1892

De 13 para 14 de setembro de 1892 cahiu um violento temporal sobre o archipelago de Cabo Verde, sentindo-se com maior impeto no grupo de ilhas de sotavento, principalmente no Fogo, e S. Thiago.

No porto da Villa da Praia de Santa Maria tinha fundeado na vespera a canhoneira *Rio Ave,* do commando do primeiro tenente Francisco de Assis Camillo, a qual regressara da Guiné, onde passara a epocha das chuvas.

A *Rio Ave* era uma canhoneira de 378 toneladas, construida de madeira no Arsenal de Lisboa, e lançada ao mar em 1880. As suas principaes dimensões eram $36^{m},5 \times 6^{m},6 \times 3^{m}$, machina de 180 c. i., de baixa pressão, horizontal, a helice; armada de um rodizio de $0^{m},10$ entre os mastros, duas peças de $0^{m},076$ ás amuradas. A artilharia era do systema Armstrong, de carregar pela culatra. Apparelhava a lugre escuna.

A sua primeira viagem fôra para S. Thomé, e estação de Angola. Era navio pequeno, e as vigias no costado quasi a rastejar na agua, sendo necessario fechal-as á menor mareta. Era barco de pouco andamento, e conta-se como proeza, que á entrada da barra de Lisboa, de re-

gresso da estação, deitara uma vez sete milhas com uma nortada de arrancar pinheiros, puxando á vela e a vapor.

Fez serviço nas estações da costa occidental da Africa, e por fim transformada em pontão marcava o baixo do Canal das Arcas na Guiné, e ali naufragou arrebentando as amarras com um tornado, e indo esbarrar com as pedras.

Dizia-se que a *Ave,* commandada pelo commandante Ivo, era um avo de navio, e estava cheia como um ovo. Era o que vulgarmente se chamava um *massete de forrar;* uma d'essas canhoneiras coloniaes, martyrio de quem as commanda e tripula; recordação das naus do seculo de quinhentos, tal era a robustez das cavernas e dos vaus, o galimo dos taboados, a exiguidade dos alojamentos e paioes, a marcha ronceira, e a manobra pachorrenta.

Pintada de branco, bem cuidada, chaminé amarella, arvoredo proporcionado, vergas direitas, caranguejas repicadas, gurupez arrufado, a *Ave* observada pelo travez não tinha mau aspecto, e vista de longe entre os palhabotes e lanchas de cabotagem colonial, até dava ares de ser um navio grande

N'esta ordem de idéas, fazia lembrar as celebres canhoneiras *Rio Minho,* e *Rio Guadiana,* que fingiam de navios couraçados.

Pelo que vae ler-se justificada fica a descripção da canhoneira.

*

É do commandante Assis a nota, que transcrevo. Escreveu-a a meu pedido para servir de documento a uma das minhas narrativas. Dá-me porém tão nitida impressão da verdade, que me não furto ao desejo de publical-a quasi na integra.

*

«Recolhia o navio á estação naval de Cabo Verde para restabelecer a saude da sua guarnição, muito abalada e enfraquecida pelo clima depauperante da Guiné, especialmente o da estação chuvosa em que predominam as febres palustres, e as consequentes anemias. Trazia o navio 38 praças de marinhagem dispensadas de todo o serviço, das 50 que ao tempo compunham a sua tripulação.

Abordara o navio a S. Thiago para receber carvão, de que apenas tinha a bordo uma escassa meia duzia de toneladas de terra, com raras pequenas pedras de mistura.

Para o dia seguinte tinha sido requisitada de terra a remessa de carvão, agua, pão, e vacca fresca.

No dia 13 de manhã, continuando bello o tempo, barometro alto, brisa bonançosa, e céo limpo, recebeu-se o fresco encommendado, mas não veiu o combustivel por falta de lanchas para o conduzir, e que todas estavam empregadas na descarga de carvão de um vapor fundeado no porto. Por este motivo concedeu-se licença a algumas praças do estado menor para irem a terra — dois officiaes marinheiros, o serralheiro, o carpinteiro, enfermeiro, um conductor de machinas, e duas praças.

Perto das 3^{h} 30′ (p. m.) notou o commandante que o horizonte ao sul começava a mudar de aspecto, e o vento tendia a refrescar. Descendo á camara a examinar o barometro, pois sabia não ser de confiança o tempo n'aquella epocha e n'aquelle archipelago, verificou que a columna de mercurio se conservava normal, obedecendo regularmente á maré, não accusando por isso indicio de approximação de mau tempo. Voltando minutos depois ao convez pareceu-lhe mais fresca a brisa, e observou que entre as nuvens acastelladas ao sul havia descargas electricas. Estas indicações puzeram-o de sobreaviso relativamente á proxima mudança de tempo, e proxima borrasca; mas, não querendo precipitar-se em abandonar o porto, attendendo que não tinha a bordo senão mau e pouquissimo carvão, mandou um official a terra perguntar á au-

ctoridade maritima — um patrão mór indigena — se os signaes apresentados pelo tempo eram prognosticos de proxima tormenta.

Pouco depois voltou o official a informar, que aquella auctoridade não via nas indicações do tempo qualquer motivo que devesse inspirar cuidados, tanto mais que o barometro se mantinha normal.

Comquanto o commandante da canhoneira não fosse muito pratico do tempo n'aquellas paragens por nunca ter estacionado ali, pareceu-lhe, todavia, que cada vez mais se accentuavam os signaes de approximação de temporal, e por isso despresou a opinião da auctoridade maritima, mandando ferrar toldos, arriar mastareus grande e da mesena, e activar os fogos, fez-se ao mar deixando em terra as licenças, na intenção de seguir para a pequena bahia do Tarrafal, ao norte da ilha de S. Thiago, e ali abrigar-se de qualquer tempo que sobreviesse.

Ao pôr do sol o vento, ainda N. E., era já rigissimo, e a terra encobria-se completamente, sendo impossivel descobrir os seus contornos, e o mar encapellava-se extraordinariamente. Apesar das circumstancias serem difficeis continuou o commandante a sua navegação a contornar a ilha pelo oeste, na esperança de poder alcançar o abrigo desejado, visto que o barometro se conservava estacionario, não indicando para muito proximo o salto de vento; mas, á medida que caminhava para o norte, o vento sentia-se mais impetuoso por a terra ser mais baixa, sendo portanto mais alterosa a vaga, o que determinava juntamente com a corrente notavel abatimento do navio para oeste. Eram pouco mais de nove horas da noite. O pequeno andamento da canhoneira, a furia do temporal, o escuro da noite, e a terra completamente cerrada, que com certeza impossibilitaria de avistar e demandar o Tarrafal, aconselharam o commandante a desistir de proseguir na demanda d'aquella bahia; e o barometro manifestava a esse tempo tendencias para descer, porque, sendo a hora da maré, havia baixado um a dois millimetros.

Urgente era, pois, metter de capa e evitar que o pequeno navio, quasi sem carvão e sem gente valida, se approximasse mais do norte do archipelago: o que convi-

nha era o mar largo e desembaraçado. Assim se fez, indo o commandante calcular na carta a sua posição, e estudar as differentes hypotheses que se lhe podiam apresentar, e determinar qual a resolução que convinha adoptar.

Pouco tempo se conservou o navio de capa; apenas o preciso para o commandante fazer a critica da sua situação pela estima, e apreciar das circumstancias presentes e provaveis. Nem a *Rio Ave* se aguentava capeando. O tempo ia cada vez a mais, e já a vela de estai fôra levada deixando apenas parte da talha, o 4.º escaler estava arrombado pelo mar, que o atirara de encontro aos turcos, o convez era varrido pela agua que entrava por todos os lados indo ás casas da machina e das caldeiras em risco de apagar os fogos, pois com o balanço entrava pelos cinzeiros. A gente em estado de trabalhar era apenas sete homens no convez, e trez na machina. Havia a bordo alguns indigenas remadores, uns oito, mas esconderam-se dentro das trincheiras, d'onde só sahiram violentamente, e recusavam-se a trabalhar, possuidos de verdadeiro panico.

Marcada na carta a posição presumivel do navio, notou o seu commandante que não se podia supportar a capa, e esta tambem não convinha. O vento e o mar furiosos atiravam com a pequena canhoneira para sotavento, para S. W., e para esse lado estava a ilha do Fogo. Além d'isto o barometro presagiava, que o vento não tardaria a saltar para um dos quadrantes do sul aonde se firmaria, conforme dizem os roteiros; mas para qual dos quadrantes rondaria o vento? Para o S. W., ou para S. E.? Nada, absoluta e infelizmente o podia indicar. Tivera havido conhecimento de que o salto se effectuaria para S. E. e outra teria sido a noite de 13 para 14 de setembro para a guarnição da *Rio Ave!* Se a sciencia meteorologica podesse fornecer aquella preciosa indicação, o abrigo da costa N. W. de S. Thiago teria dado á canhoneira relativo socego muito para apreciar; mas o seu commandante só sabia, que o vento deveria rondar para um dos quadrantes do sul, sem que a menor circumstancia lhe apontasse qual d'elles, sendo comtudo mais frequentes os temporaes de S. W. Portanto, a capa, na posição em que se encontrava, não devia ser mantida. Em breve, quando o vento saltasse, teria terra

a sotavento, que para uma forçada corrida lhe podia ser fatal, quer tivesse de fugir para N. W., quer para N. E.

Impunha-se a manobra de correr para o sul aproveitando o N. E., que ainda soprava rijo, e ao largo, safo de todas as ilhas, ao sul d'ellas, em campo vasto aguardar os acontecimentos. Foi o que se fez sem perda de tempo.

Todavia, angustiosa devia ser aquella celebre noite.

Pouco mais de uma hora havia, que o navio corria ao sul, quando começou a sentir-se vaga de S. E. de mistura com a de N. E., mar revolto e pyramidal, e momentos depois o salto brusco e violentissimo de vento d'aquella direcção. Correr para o N. W. era imprudente, porque certamente ainda se não estava bastante ao sul das ilhas do Fogo e Brava, e áquelle rumo ir-se-hia desfechar com alguma d'ellas. De capa, com o navio já meio desmantellado, tambem se corria o risco de descahir para cima da terra; comtudo era o unico recurso, e aguentar como se podesse.

Assim se manobrou e conservou por algumas horas; mas o vento, a chuva, o mar, augmentavam cada vez mais, levando na sua furia o traquete latino com carregadeiras e arcos, o 3.º escaler partido pelo meio, com toda a sua palamenta, escada do portaló e respectivo patim. O navio tinha a casa da machina e das caldeiras com agua pelos cylindros e cinzeiros, a pressão abatia por o carvão ser apenas terra molhada, e o resfriamento dos cylindros condensava parte do vapor dentro d'elles, desgovernava, atravessava-se ao mar, e abatia extraordinariamente.

A pressão nas caldeiras chegou a baixar a 6 libras, quando o regimen normal era de 20 a 25 libras. O barometro descia $2^{mm},5$ por hora a 3^{mm}.

N'uma clara de aguaceiro viu-se, apesar da escuridão da noite, o vulto negro e alto da terra pela pôpa, o que mostrava quanto o navio tinha derivado. Era, sem duvida, a ilha do Fogo, a tão pequena distancia, que se distinguia nitidamente o alcantilado da sua costa, e a vegetação baixa e rachitica da beira-mar.

Estava-se a poucas dezenas de metros da terra. Continuasse o navio a abater, e em poucos minutos daria á costa, sem a menor esperança de salvação para a sua

gente, pois não havia um abrigo, ao menos, uma praia para enxorrar e... salvasse-se quem podesse.

Era forçoso e urgente, que a pressão nas caldeiras subisse a fim de dar á canhoneira seguimento superior ao recúo produzido pela força do vento e mar, ou o navio estaria irremediavelmente perdido, e com elle toda a sua guarnição.

N'esta difficil e delicada conjunctura, e tendo em attenção a falta de pessoal, apesar de terem vindo para o convez os doentes, que alguma coisa podessem trabalhar, eram necessarios os esforços de todos, sem distincção de classes e graduações. Abriu-se um agulheiro, desceu gente ao paiol para escolher de entre a terra algum carvão mais grado, e no convez estabeleceu-se uma formiga de homens, officiaes, sargentos, e praças, que de mão em mão passassem os baldes para a casa das caldeiras. O machinista encarregado deitava, como qualquer fogueiro, o carvão para as fornalhas. Do mesmo modo officiaes, sargentos, e praças, tocaram á bomba para exgotar o porão. Assim, com muitos trabalhos, diligencias e felicidade, conseguiu-se elevar de algumas libras a pressão, e dar ao navio marcha, que vencesse a furia do vento e das vagas.

Já era tempo, a terra estava a poucos metros pela pôpa! Ouvia-se distinctamente, por entre o fragor da tempestade, a pancada das ondas batendo contra os rochedos, e via-se o espumar do mar nas pedras.

Mantendo assim a pressão lá se conseguiu afastar a pequena *Rio Ave* da terra, e quando alvoreceu reconheceu-se ser a costa do Albatroz, na ilha do Fogo, aquella em que o navio esteve prestes a naufragar. Com a machina, polaca, e traquete latino, se puxou para barlavento, embarcando successivos mares, que desatracaram as restantes embarcações, por haverem rebentado os amantilhos de todos os turcos, e quasi todas as fundas, sendo necessario acudir-lhes para as não perder com a grande amplitude do balanço e vaga alterosa, que arrebatava o que encontrava no convez.

.....

Finalmente, quando se reconheceu a ponta sul da ilha, a ponta Montado, desfez-se a capa e correu-se para o ca-

nal entre Fogo e Brava, com a polaca e traquete na passadeira, fundeando ás 2^{h} (p. m.) no porto de S. Filippe, ao abrigo da terra.

Difficilmente poderia o navio aguentar-se por mais tempo n'aquella situação. A agua na casa das caldeiras já apagava os fogos, a pressão baixava de novo sensivelmente, o carvão estava enxarcado, e a gente da machina, e do convez, fatigadissima. O traquete tinha-se rasgado, e não havia pessoal para rapidamente substituir o panno inutilisado, e conservar a capa só á vela. Além d'isto o abatimento atirava-a novamente para cima da terra...

Durante o temporal o barometro desceu 15^{mm}... o navio tinha feito 34 polegadas de agua em 24 horas...

*

Dias depois seguiu a canhoneira do Fogo para S. Vicente (com escala por S. Thiago para receber carvão) e ali fabricou tendo de dar lados reaes. Foi o ultimo navio de guerra portuguez que procedeu a esta manobra.»

*

No temporal soffrido pela canhoneira *Rio Ave* sobram as scenas que prendem a attenção dos homens do mar. O navio quasi a dar nas pedras, e salvo pelo sangue frio do commandante, e pelo trabalho de toda a guarnição, é um quadro de mestre, pintado com tintas de verdade, que jámais esquece a quem passou por aquella scena angustiosa, e que se grava na mente de quem ouve a descripção, embora não seja navegante. Se alguma vez ouviu e viu o mar e o vento em tempestade poderá, com conhecimento de causa, avaliar o que foi aquella tenebrosa noite de 13 para 14 de setembro de 1892 a bordo da canhoneira *Ave,* e portanto melhor comprehender a impor-

tancia do que seja a altissima responsabilidade do commando.

O elogio do commandante Assis Camillo está no facto do seu navio ir surgir em S. Filippe a salvamento. Não foi simplesmente um caso de fortuna. A sua aptidão, o seu valor, a sua modestia, resaltam das phrases do seu relatorio despido de artificio.

Nada mais tenho a juntar a tal respeito, o leitor lhe saberá fazer justiça.

«Sabre» e «Carabina»

1895

«Sabre» e «Carabina»

1895

A tempestade no oceano foi sempre uma das maiores demonstrações das forças da Natureza. As ondas, que se alteam em montanhas, e que se cavam em valles profundos; o vento que ruge impetuoso confundindo o escarceo do capello da vaga com as nuvens; o céo negro fendido pelo relampago e pelo raio impressionaram sempre o espirito humano, e do combate dos elementos emergiu a lenda da guerra dos gigantes.

Luctar com o mar, affrontar as suas iras, dominal-as e vencel-as foi sempre prova de coragem, e de firmeza de animo, titulo de merito e de sciencia, sonho de gloria, que illustra a profissão do marinheiro.

Ser homem de mar é o primeiro predicado, que deve possuir quem a bordo servir o seu paiz.

Cruzar as aguas, emprehender derrota em embarcação de pequeno porte, foi sempre considerado acto de arrojo e valentia. Passaram á historia exemplos memoraveis, e ainda em nossos dias se repetem.

A fusta de Diogo Botelho; o cahique dos pescadores de Olhão; os vapores *Sena* e *Tete;* as canhoneiras microscopicas, fizeram a salvo as viagens da India, do Brazil, de Angola e Moçambique. Os nossos primeiros torpedei-

ros atravessaram no coração do inverno o golpho de Biscaya, de Inglaterra e Lisboa debaixo de tempo rigoroso.

De todos estes feitos extraordinarios resultou gloria para a marinha, e se a fortuna os protegeu trazendo-os a porto e salvamento, nem por isso deixam de ser viagens milagrosas, anormaes, que só uma razão extrema justifica.

Das que tem ganho maior renome é, sem duvida, a viagem das lanchas *Sabre* e *Carabina* da esquadrilha fluvial do Zambeze, de Quelimane para Lourenço Marques, vencendo o canal de Moçambique.

*

Em 1895 rebentou a revolta dos cafres contra os portuguezes. A villa de Lourenço Marques fortificou-se, e garantiu-se com improvisadas linhas de blokhaus contra as investidas do gentio. A corveta *Rainha de Portugal* desembarcou marinhagem para guarda da villa, e das trincheiras.

Mas a força armada era diminuta, e urgente se tornava para a defeza fazer a guerra offensiva pelos rios, e n'essa diversão guerreira afastar dos arredores da capital o inimigo.

Tratou-se de concentrar na bahia todas as forças navaes da provincia, que poucas eram, a maior parte das quaes pequenas lanchas canhoneiras.

*

O *Sabre* e o *Carabina* eram dois vaporsinhos a helice, de 53 toneladas, construidos de aço em Inglaterra, e levados desarmados para Quelimane. Commandava o *Sabre* o primeiro tenente Guilherme Ivens Ferraz; e o *Carabina* o segundo tenente Alfredo Pedreira Caçador.

Cada barco trazia quatorze homens de guarnição ape-

nas, sendo quatro marinheiros, e o resto gente do fogo, e serviçaes. Não havia a bordo machinista, nem um sargento conductor. Para cruzar no rio Zambeze bastava o fogueiro para conduzir a machina, e para guiar no serviço das fornalhas os chegadores indigenas. Cada barco dispunha de seis toneladas de combustivel, isto é, tinha carvão para quatro dias, á velocidade horaria de seis milhas.

As lanchas foram encommendadas para andar n'um rio. Nunca se pensara em trazel-as para o mar alto. A alimentação das caldeiras era a agua doce, e primitivamente não tinham condensadores. Mais tarde fez-se a compra, installaram-se, mas sempre foram de mau funccionamento.

O maritimo que olhasse para aquelles barcos reconheceria logo, que não primavam nem em estetica naval, nem em robustez de construcção. Pareciam feitos de uma chapa, que se dobrasse a meio, e o vinco fosse a quilha, e se amoldasse sobre umas balisas desairosas; soldada avante e a ré formando a roda e o cadaste. Uma balaustrada servia de borda; e o convez corrido de taboado sobre as cantoneiras dos vaus era desacompanhado, e rasgado de largas escotilhas. O mastro, a chaminé, e uma alta e mal travada ponte de vigia desequilibravam os barcos em mar de vaga, alargando medonhamente a amplitude do balanço.

*

Continuava a guerra em Lourenço Marques, e urgia a concentração das forças na bahia. Esperava-se do Reino uma expedição militar, porém emquanto não desembarcasse mal chegava toda a força armada, que andava dispersa pela provincia, para garantir a segurança do districto. Os cafres mostravam-se orgulhosos, e alguns estrangeiros havia, que queriam rogar soccorro ás esquadras das suas nações, temerosos e descrentes de que lhes bastasse para segurar a vida e os haveres a exigua força portugueza.

O governador hesitava em requisitar o auxilio das lan-

chas, esmagado pelo peso da responsabilidade de dar ordens, quando varias auctoridades competentes em assumptos maritimos diziam: ser a viagem perigosa, e ser tentar a Deus metter-se ao mar n'aquelles esquifes, e quasi certo o risco de naufragio.

Só os dois commandantes das lanchinhas se obstinavam em defender a possibilidade da viagem, e por fim venceu tão insistente galhardia.

A canhoneira *Rio Lima* de 632 toneladas recebeu ordem para comboial-as.

*

O canal de Moçambique é o mar das tempestades subitas. Sae-se de manhã do porto com mar plano, e brisa bonançosa, á tarde já a vaga se alteou, e o vento sopra rijo; em poucas horas succedeu á calma a tempestade. O barometro é ás vezes lento de mais para prophetizar o tempo.

E a corrente equatorial do Indico infurnando pelo Canal, a enorme massa liquida entallada entre o Continente e Madagascar, o embate com as aguas, que sobem do cabo das Agulhas, tornam aquella zona caprichosa na direcção e velocidade das correntes. Falte um dia o sol para a determinação do ponto, e não se poderá calcular o desvio da derrota.

Um dia sahiu a *Zarco* de Moçambique para Aden. Oito dias depois fazia a fortaleza de S. Sebastião signal de navio ao sul. Era a canhoneira, que tinha sido arrastada pelas aguas.

*

Sempre á espera de uma corda de bom tempo, alguns dias havia já que aguardavam a hora da largada.

O dia 27 de abril de 1885 amanheceu claro e bonançoso, barometro alto, e os navios levaram de ancoras, as

lanchas primeiro por serem menos andejas e de menor calado, e depois a canhoneira *Rio Lima*, do commandante Azeredo, que teve de esperar pela maré para transpor o parcel da barra.

Entre a foz do Zambeze e a Beira vae a costa correndo ao sudoeste.

*

Ao pôr do sol estavam pelo travez da barra de Inhamissengo. A *Rio Lima* ainda não estava á vista.

Vinha subindo uma trovoada, que cerrou tudo. A chuva começou a desabar torrencialmente, o mar a encapellar-se e com a noite o vento cresceu tempestuoso. As lanchas metteram de capa sobre as ancoras fluctuantes, e o emprego do azeite para acalmar a vaga salvou que viesse dentro algum mar soberbo rebentando em flor, a que não poderiam resistir. Ao clarão rapido dos relampagos viam-se as serras de mar, que mais altas pareciam pela pequenez dos barcos; e de longe a longe rasgava-se o cariz do horizonte, e enxergava-se por sotavento a linha escura da costa irriçada de penedos, e sobre a qual iam abatendo por não terem as lanchas seguimento. Assim, entre a vida e a morte, se passou aquella horrivel noite de tormenta.

A *Rio Lima* não se avistava. Amarada capeava; e era ella relativamente a nau possante, o que seria das minusculas canhoneiras. Más horas passou de certo o brioso commandante Azeredo, cuidando que as lanchas do seu comboio se perdiam.

Amanheceu finalmente, mas o temporal não serenou. Ao meio dia estavam agua aberta com a barra da Beira, e por cima do rolo e do escarceu dos bancos a *Sabre* fez proa á barra do Pungué, e seguida de perto pela *Carabina*, quasi viradas com o balanço, por cima de toda a folha, surgiram no porto a salvamento. Iam arribadas, mas se continuassem de capa contra aquelle mar altivo de certo se perderiam. Valeu o tenente Ivens ser um bom pratico da barra, de que quatro annos antes balisara os canaes de entrada, e agora quizera a Providencia que

lhe apparecesse na proa uma das boias conhecidas, e lhe indicasse o caminho do ancoradouro onde surgiram proximo da villa, e a montante do paquete inglez *Madura*, de 3:000 toneladas, da British India, que vendo entrar aquelles minusculos navios de guerra portuguezes deu ao temporal nenhum apreço, suspendeu e sahiu, entrando logo a seguir arribado, e com avaria grossa. O mar poupara bizarramente os pygmeus, castigara energico as fanforronadas do gigante.

Ao cahir da noite appareceu a *Lima*, mas o mar era muito, as marcas não se viam. Virou no mar, e ao outro dia, ao pôr do sol, entrou na Beira.

*

Limpando as caldeiras, onde as incrustações eram enormes; enchendo de agua doce os geradores de vapor; recebendo carvão escolhido, que foram buscar aos paioes da canhoneira, prepararam as lanchas para nova singradura, e quatro dias depois da entrada fizeram-se ao mar, indo a *Lima* e o comboio demandar o archipelago de Bazaruto, fundeando á sombra da ilha Grande, e depois buscando o amparo da angra de Santa Carolina. Ali repetiram-se as mesmas scenas da aguada e de carvão, e apesar dos trabalhos já soffridos a tenacidade dos commandantes porfiava em levar a cabo a derrota projectada.

De Bazaruto a Inhambane uma pequena avaria na machina da *Carabina* a obrigou a andar ao pairo, emquanto não foi rapidamente reparada. O commandante e o fogueiro tiveram de fazer de machinistas. Sete dias se gastaram n'este porto. Em Inhambane faltava tudo, até agua doce para as caldeiras.

*

De Inhambane a Lourenço Marques foi uma viagem milagrosa. O vento saltou á travessia, e o mar tão cavado e procelloso quasi occultava com as suas serras os topes da canhoneira *Rio Lima*. Na caturrada as helices trabalhavam fóra da agua, e a vibração transmittida aos debeis cascos das lanchinhas promettia rasgal-os, e sumil-os no abysmo. Sessenta horas durou aquella viagem do martyrio.

A 13 á noite avistou-se o pharol da Inhaca, e as lanchas accommetteram a barra, indo a *Sabre* fundear na Xefina, e a *Carabina* junto á terra de Catembe.

*

No dia seguinte a *Rio Lima* entrou no porto. As lanchas estavam abrigadas n'uma curva da margem, e não se viam do ancoradouro dos navios grandes.

Mais uma vez se teve a impressão de que tivessem sossobrado. Naufragar á vista do porto é grande desventura.

Felizmente, a breve trecho, se avistaram tremulando as suas bandeiras nacionaes, e os cuidados, que foram grandes, transformaram-se em jubilo por terem alcançado a méta desejada.

As lanchas tinham vencido o temivel Canal de Moçambique, e os intrepidos commandantes, e as diminutas guarnições honrado, como heroicos marinheiros, o nome e a fama da moderna marinha de guerra portugueza.

*

Depois em arriscados serviços pelos rios Limpopo e Incomati as lanchas ganharam titulos de guerreiras.

A esquadrilha fluvial teve um papel importante na lucta contra os cafres revoltosos, contribuindo efficazmente para a quebra do prestigio colossal dos vatuas, e para a derrota do seu chefe Gungunhana.

Lancha «Capello»

1895

Lancha «Capello»

1895

Em fins de 1894 uma rebellião de cafres surprehendeu o districto de Lourenço Marques. Ao clamor do primeiro salto acudiu a diminuta força da estação naval do Indico...

Sete barcos, quinze boccas de fogo, nove officiaes, e cento e vinte praças compunham a esquadrilha do Incomati, isto é, um vapor, e seis modestissimas *estimellas* — nome dado pelos landins ao *steam-well,* canhoneiras fluviaes movidas por uma roda a ré — que denodadamente tinham cooperado com o exercito para o glorioso fim de submetter os rebeldes, e salvaguardar os interesses portuguezes.

Cento e vinte homens — tantos quantos os da guarnição de uma só canhoneira regular — divididos por sete navios microscopicos, bateram e venceram centenas de inimigos, que embuscados no capim e arvoredos marginaes respondiam a fogo de espingardas Sneider e Martini, mostrando-se audazes e valentes.

Cento e vinte europeus abatidos pelas febres dos rios paludosos, exhaustos pelos cuidados e trabalhos excessivos, pelas fainas a safar de encalhes frequentes os seus barcos dos baixos do rio impetuoso... luctaram e vence-

ram em guerra porfiosa, sem terem um só momento de desanimo.

Filhos da terra portugueza, e tão longe d'ella a pugnar pelo seu prestigio, bem mereceram da patria esses benemeritos, que galhardamente honraram o nome da Marinha.

*

Mas a guerra não estava terminada apesar das victorias de Marraquene e de Magul. Manjacaze era longe, e o imperio dos vatuas poderoso. As mangas de guerreiros do tyrano Mundagaz ameaçavam as terras do Incomati, e os regulos avassalados temiam a vingança do despotico e terrivel oppressor.

Os seus *indunas* chamavam á guerra os povos avassalados, e se muitos d'elles detestavam o Gungunhana, e de má vontade cumpriam seus mandatos, ainda assim irresolutos e temerosos não se manifestavam abertamente, crentes em que os vatuas eram invenciveis, e cedo a sorte da guerra mudaria.

Era urgente avançar para o sertão, como que a buscar a fera no seu covil. O Limpopo era uma magnifica linha de penetração, e da maxima importancia diplomatica furtar ao Gungunhana o soccorro dos seus numerosos e bravissimos guerreiros.

Quasi inexplorado, só as primeiras milhas do curso tinham sido navegadas pelos brancos. Para cumprir a missão geographica, diplomatica e guerreira foram escolhidos dois navios, o vapor *Neves Ferreira,* e a lancha-canhoneira *Capello,* respectivamente commandadas pelos tenentes Diogo de Sá, e Alvaro Soares de Andrea, com a guarnição total de cincoenta praças.

Descrever o que foi a exploração do rio, só para si requeria um livro especial. Fez-se, não obstante serias difficuldades, que todas venceu o esforço e persistencia d'aquelles bravos marinheiros.

Sobre as aguas pardacentas iam singrando as lanchas-canhoneiras com assombro dos indigenas, que accorriam

ás margens a ver as *estimallas*, de que a fama lá chegara, e em cuja efficacia punham duvidas, e sorriam desdenhosos da exiguidade dos barquinhos. O *Neves Ferreira* era um vapor de ferro de 340 toneladas. A *Capello* uma lancha de aço, de 40 toneladas, immersão de 0^{m}.3, armada com dois canhões-revólveres Hotchiss 37 na tolda, avante do alojamento, e duas metralhadoras no *spardeck*, afóra algumas carabinas de ordenança.

*

A missão diplomatica perdia o tempo a querer convencer os indigenas a revoltarem-se contra o poder do Gungunhana. Os regulos e *indunas* descriam da realisação das ameaças de exterminio, e do valor bellico dos navios. Assim se passaram os primeiros dias de outubro de 1895, até que, declarado o *ultimatum*, em 16 romperam as hostilidades.

Trovejou a artilharia, e o fogo ateou-se pelas margens, destruindo as povoações, gados e sementeiras, até onde as balas alcançavam.

Afugentado o gentio seguia-se o desembarque a completar o saque, a ruina. Como sinistras almenaras pelos extensos plainos marginaes reluziam as chammas das palhotas, e as granadas rebentando e incendiando o matto convizinho iam dizer aos cafres amedrontados, que a justiça do rei de Portugal chegava longe.

Em 26, em terras do Chai-Chai, as mangas dos vatuas offereceram combate á canhoneira, que se achava sósinha nas operações do Languane.

Em pouco tempo foram rechaçados, e os *indunas*, e o proprio Godide, que os commandava, iam foragidos desculpar-se ante o Gungunhana, dizendo: que a *estimella* punha no ar tantas balas, que parecia enxame de moscas a zumbir.

*

No dia 27 as gentes do Chai-Chai decidiram-se finalmente a *pegar pé,* a render vassalagem aos portuguezes, e a revoltarem-se sem rebuço contra o Mundagaz, que os opprimia.

A *Capello* estava amarrada a poucos metros da ribeira. Em terra densa mó de guerreiros armados olhava attenta para os quatro *indunas,* que tinham ido para bordo, e que no *spardeck* do navio, á vista dos seus homens, apresentavam ao commandante Andrea os seus protestos de submissão e lealdade. O interprete ia lentamente traduzindo, e os quatro *rodelas* submissos aguardavam a resposta do commandante:

— Dizei-lhes que não bastam só palavras, queremos uma prova de lealdade convincente. Cantae em côro o *Inquáia,* e só assim me convencereis que sois amigos verdadeiros.

Os *indunas* rojaram-se no chão allucinados. Cantar o *Inquáia* era para elles uma sentença de morte. Uma só vez por anno, por occasião das grandes festas, era licito entoar a lettra d'essa canção terrivel, acervo de insultos e imprecações contra o temeroso Gungunhana. Uma só vez por anno as notas estridulas d'esse canto de indignação contra as prepotencias do tyranno, podiam vibrar sonorosas, repetidas pelo echo das campinas, como allivio ao acerbo penar dos desgraçados, que n'aquelles insultos e recriminações achavam momentaneo desabafo aos males de tão indomito captiveiro. Mas ai d'aquelle que fóra d'essa epocha ousasse repetir as notas do canto prohibido, porque a sentença de morte estava já lavrada, e a zagaia do algoz não tardava a remir o crime de lesa magestade.

Cantar agora o *Inquáia* era para os vatuas pedir-lhes tanto como a propria vida, e rojados nas taboas não se atreviam a bulbuciar uma recusa. Educados no constante receio do tyranno, os mais velhos, que já tinham combatido nas *impis* do oppressor, preferiam morrer a commet-

ter tamanho crime. Em terra a turba de negros ululava, batia com as zagaias nos escudos, sem perceber a scena a que assistia. Por fim, ante as ameaças de romper de novo as hostilidades, um dos *indunas* — o mais novo — disse para os outros, que hesitantes approvaram o argumento:

— Pois se queremos estar bem com os commandantes das *estimellas*, que nos importa o Gungunhana, e porque não havemos de cantar o *Inquáia?*

Então o mais velho ergueu-se, e bradou para terra á negraria:

— Não fujam porque os portuguezes são amigos. Querem uma prova da nossa lealdade, e nós todos vamos dar essa prova cantando o *Inquáia.*

Ao ouvir a ultima parte do discurso o effeito foi terrivel, os mais velhos fugiam para o matto, rojavam-se por terra, escondiam-se no capim, e em breve toda a horda debandaria, se o brado dos *indunas,* e as vozes do commando para as *muzingas,* que sobre elles apontavam, ali os não tornasse quedos, como fascinados pelos encantos de magicos feitiços.

Fez-se silencio. Então o mais velho dos *indunas* levantou o bastão que trazia, sendo imitado a bordo e em terra por todos os assistentes, depois, abaixando rapidamente a *batuta,* irrompeu nos ares o sibilante signal de que ia começar a canção, que, imitado simultaneamente por mais de quinhentos homens robustos, se assemelhava bem ao zunir da tempestade nas enxarcias dos navios.

Uma breve pausa se seguiu, depois entoaram os primeiros versos do *Inquáia,* e cantaram tudo até ao fim.

A bordo da lancha, pelo animo dos seus nobres tripulantes passava um fremito de enthusiasmo, como o vibrar da alma portugueza.

*

No dia seguinte chegou a *Neves Ferreira,* e o seu commandante foi festivamente recebido por milhares de negros, cantando e dançando as danças de guerra com tanto

rigor e preceito como se fôra o dia da sua grande festa militar.

Estavam findas as operações de guerra naval da esquadrilha do Limpopo.

Passados poucos dias uma columna de auxiliares do Chai-Chai e Lofo-Gaza, engrossada com gente de outras regiões, largamente armada e municiada pelas canhoneiras, composta de mais de 7:000 guerreiros, grupava-se em volta de um guião azul e branco, e batia-se frente a frente com duas mangas de m'chopes do Gungunhana, contribuindo para arruinar o seu prestigio. Das regiões do Limpopo nem um só homem fôra reforçar as hostes dos vatuas bellicosos.

*

Em 7 e 11 de novembro o combate de Coolella, e o incendio de Manjacaze assignalaram duas victorias assombrosas.

Estava a findar o anno de 1895. A 28 de dezembro realizava-se a prisão do rei dos vatuas. Em volta do nome de Chaimite, como astro de primeira grandeza, condensou-se toda a gloria e o festival triumpho de toda a campanha contra os vatuas. Chaimite será sempre um nome glorioso, uma coroa resplandecente, um titulo de honra comprovado do que ainda pode o valor portuguez em nossos dias. E no rude mourejar d'aquella guerra, as palmas de victoria ganhas batalhando cabem sem discrepancia ao Exercito e á Marinha, que como irmãos cooperaram nobremente, unidos n'um unico pensamento, o de honrar a patria portugueza.

Corveta «Nautilus»

1898

Corveta «Nautilus»

1898

A 12 de março de 1898 estava fundeada no porto do Funchal a corveta *Rainha de Portugal*, do commando do capitão de fragata Schultz Corrêa.

Regressava de Moçambique, onde estacionara dez annos, e tinha feito escalas em Loanda, Freetown, Praia, Porto Grande, Tenerife.

Em S. Vicente de Cabo Verde encontrara a esquadra hespanhola de Cervera; e como ao chegar á Madeira já estivesse declarada a guerra de Hespanha com os Estados Unidos da America, recebera ordem de se demorar no porto para garantir a neutralidade portugueza.

Construida em Inglaterra em 1876 fazia então a sua ultima viagem, tal era o estado de decrepitude do seu casco avariado. Porém ao vel-a fundeada na formosissima bahia, de casco negro luzidio, as vergas direitas, bem apparelhada, o panno forrado a preceito, os sobres cruzados, e aos paus da surriola amarrados os escaleres pintados de branco, como se fossem embarcações de luxo de algum hiate de recreio, ninguem lhe adivinharia a edade e a doença, antes a julgaria algum navio escola de aspirantes em viagem de instrucção, descançando uns dias

no remanso da enseada, para depois continuar o seu cruzeiro.

Anciosos os officiaes por chegar a Lisboa, a demora forçada, embora fosse na Madeira, não tinha os attractivos que em outras occasiões mereceria aos que de bordo admirassem o panorama d'aquella terra encantadora.

O Ilheo de Santa Maria, o Facho, a fortaleza de S. Thiago; a cidade em amphitheatro trepando pela encosta cortada de ravinas; o arvoredo soberbissimo; as torres da egreja da Senhora do Monte a alvejarem lá no alto da serra entre as françcas da escura ramaria... certo é que lá estavam completando aquelle quadro admiravel, que se reflectia nas aguas azuladas do mar largo, mas... o ponto de chegada era a boia no Tejo em frente do Arsenal de Lisboa, e eis a causa porque o encanto da Madeira esmorecia.

Guardar as aguas jurisdicionaes da ilha da Madeira, tal era a instrucção recebida do Governo, e por isso se liam com empenho as cartas e jornaes chegados pelo paquete da Africa, que seguira para o sul; e se commentavam mais ou menos phantasticamente os textos dos resumidos telegrammas dando as novas da campanha, e que o cabo submarino transmittira.

Na praça de armas tambem as noticias interessavam. Tinham visto em S. Vicente os navios, que sahiam em viagem para Cuba; e o *Colombo, Almirante Oquendo, Vyscaia, Infante Maria Thereza,* os destroyers *Pluton, Furor, Terror,* e os torpedeiros *Açor, Raio, Ariete,* e os transportes *Cadix, Polvora,* e *S. Francisco,* eram assumpto de criticas bellicosas, discutindo-se as probalidades de um recontro com o *Yowa, Oregon,* ou *Indiana.*

O combate de Cavite a 1 de maio viera confirmar a opinião dos que affirmavam a inferioridade material dos hespanhoes ante os couraçados americanos; e agora se recordava com lastima o juvenil enthusiasmo dos guardas-marinhas, que confiavam nas velocidades iniciaes de 680^{m} dos seus canhões, nos seus torpedeiros, e no valor dos soldados patriotas superior ao dos mercenarios americanos, a quem só os dollars, diziam elles, traziam reunidos, e por isso contavam como certa a victoria dos velhos e heraldicos leões da nobre Hespanha.

Mas se o enthusiasmo, proprio do sangue meridional, alentava e fascinava a gente nova, mais era para pasmar a coragem, o sublime sentimento do cumprimento do dever d'aquelles, que conhecedores do perigo a que corriam, iam a sangue frio affrontar a morte, sem illusões nem deslumbramentos de victoria, simplesmente offerecer a vida pela patria, e pelo brilho da farda que vestiam.

Tal era a impressão, que a bordo da *Rainha* deixara a esquadra encontrada em S. Vicente.

E n'estes, e outros cuidados se ia gastando o tempo; e a corveta, aguardando a volta para casa, permanecia galeando sobre a amarra á sombra dos altos serros da Madeira.

*

— Cabo da guarda! gritou um dos signaleiros, que estava em cima da ponte de vigia. Navio ao sul.

Era com effeito um navio de vela, de trez mastros. Avistavam-se-lhe os sobres e joanetes infunados. O vento soprava fresco, e o barco singrava rapido, crescendo a olhos visto. Dentro em pouco divisavam-se as gavias-dobradas, os papafigos, o casco, e n'uma guinada para o vento deixou ver a bandeira, que disparava no penol da carangueja.

— É austriaco, disse um dos guardas-marinhas, ancioso por ser o primeiro a reconhecer o pavilhão. Vejo perfeitamente o escudo, e as bandas horizontaes vermelhas; e aproveitava a occasião para elogiar um binoculo, que possuia, em detrimento do oculo de bordo, que apenas merecia a classificação de *apparelho para ouvir*.

— É hespanhol, respondeu o immediato, que apoiara o oculo de bordo de encontro ao turco da balieira, que ficava junto á ponte, e estivera a observar detidamente. É hespanhol. Reconheço o brazão, e as cores, encarnado-amarello-encarnado, e se me não engano é de guerra, pois traz flamula a topetar no mastro grande.

Deu-se parte ao commandante, que veiu acima, e dentro em pouco estavam assestados sobre o navio os binoculos dos officiaes, a quem a noticia attrahira sobre a tol-

da, e pelo facto do barco ser hespanhol, e da marinha militar, suscitava certo interesse. O medico, o commissario, os machinistas pareciam não ser dos menos entendidos nas manobras do veleiro, que começava a diminuir de panno para vir buscar o ancoradouro; e ao mesmo tempo que criticavam, como peritos, o bracear das vergas, e o carregar das velas, pensavam talvez em alguma eventualidade, que viesse alvoroçar a pacifica neutralidade portugueza.

A breve trecho, e magistralmente, a corveta fundeava. Era a *Nautilus* navio-escola de aspirantes. Sentia-se ainda o recorrer da amarra no escovem, a estremecer-lhe o casco, e já a bordo da *Rainha* trinava o apito do contra-mestre a arriar o segundo escaler, para ir a bordo do hespanhol um official aos cumprimentos.

*

O escaler largou de bandeira e flamula, e d'ahi a pouco o tenente Pimenta de Miranda era recebido na tolda pelo official de quarto, a quem repetiu a já sabida phrase do cerimonial maritimo.

— Eu venho, por ordem do commandante da corveta portugueza, cumprimentar o commandante.

— O commandante deseja falar-lhe, e pede-lhe o favor de descer á camara, respondeu o hespanhol indicando garboso a escotilha.

*

O commandante do *Nautilus* era um capitão de fragata, e tendo sido escolhido pelo governo para dirigir superiormente o ensino pratico da navegação, e do real serviço aos aspirantes de marinha, esse titulo bastava para o classificar como official conceituado.

Baixo, robusto, a barba branca, o uniforme regulamentar sem requintes de elegancia, accentuava-lhe o typo pe-

ninsular do maritimo dos navios de vela; o antigo official da marinha militar, conhecedor do tempo, navegador e manobrista; apaixonado pelo mar, pelo seu navio, e pela arte que professa, honrando-se de servir o seu paiz. O seu olhar energico, o seu todo respeitavel e sympathico casava-se com uma certa singeleza natural, accrescendo-lhe o prestigio dos galões.

Era um official estimado e respeitado, e o aspecto geral do *Nautilus*, e da sua guarnição, demonstravam que o commandante era um distincto marinheiro.

De pé recebeu cortezmente o tenente, que lhe repetiu a que viera.

— Desculpe incommodal-o, mas sabe por experiencia o que é estar ávido de noticias. Trago sessenta dias de viagem de Santa Helena á Madeira, á vela. Sessenta dias separado do resto do mundo sem saber o que vae n'elle. Bonanças, calmas, trovoadas; o panno a bater contra o arco da gavia; uma albacora que saltou ao longe; e por fim uma corda de vento de feição, que me trouxe aqui, eis os pontos culminantes d'esta viagem, que faz lembrar aos rapazes o moderno navio de vapor. Dois mezes entre mar e céo parece uma viagem de outro tempo. De Santa Helena á Madeira gastam os paquetes da *Union* apenas doze dias. Sente-se, senhor official. Diga-me o que haverá de extraordinario ácerca de umas questões entre a America e a Hespanha.

— Está a guerra declarada.

— A guerra está declarada?... disse o commandante erguendo-se rapido, porém tornou a sentar-se domando a primeira commoção, e agora, como se temesse que a noticia fosse ouvida, approximou mais a cadeira, e continuou em voz baixa e commovido. A guerra declarada, e eu n'este navio só com quatro peças para salvas, a navegar por estes mares do mundo, e trazendo a bordo os aspirantes, que são a esperança da marinha. Quem poderia adivinhar no coração do mar do sul a declaração da guerra com os Estados Unidos, e prever o encontro de um cruzador couraçado americano! Sessenta dias de viagem de Santa Helena, e um navio de vela quasi sem armamento, nem governo, em calma podre no mar largo, podendo de

um momento para outro ver surgir no horizonte a fumarada de um navio inimigo; e de mais, ignorante do perigo que corria, fiado na paz com que contava.

O tenente calara-se impressionado por ter sido, por acaso, o portador d'aquella nova.

— Diga-me tudo, tornou o commandante, eu tenho coragem para ouvir as noticias, que adivinho. Tem havido combates? A marinha anda na guerra? Quem tem sido o vencedor? Diga, camarada, bem sabe quanto me interessam noticias.

A custo o tenente respondeu:

— A esquadra hespanhola foi batida em Cavite a 1 de maio, pelo almirante Dewey. Os navios *Castilla* e *Reina Cristina* estão no fundo; o *Duero, Velasco, Luson, Argos, Austria,* encalharam e arderam. Perderam mais de trezentos e oitenta homens. A esquadra americana compunha-se dos couraçados: *Olympia, Baltimore, Raleigh, Petrel, Concord, Boston, Helena, Mac Culloch,* e dois transportes, que a salvo destruiram os navios de madeira.

O commandante do *Nautilus* estava profundamente commovido. Não se pode ser marinheiro e patriota, para se ficar impassivel ante uma desgraça semelhante. Corriam-lhe as lagrimas pela face, e por sobre a barca branca, apertando convulso a mão do official portuguez, que lhe contava algumas minucias do combate:

— Montojo vencido, que fatalidade!

N'esta occasião entrou na camara o consul de Hespanha, que viera da cidade.

— Commandante, temos lucto a bordo, pois está aqui um guarda-marinha filho do general D. Luiz Cardoso, o bravo commandante do *Cristina* morto ao abandonar o seu navio, que de bandeira içada foi para o fundo.

— Temos lucto a bordo... e os dois velhos abraçaram-se soluçando.

O official portuguez aproveitou a occasião para despedir-se.

O commandante hespanhol veiu acompanhal-o ao portaló. Não podia suster as lagrimas, e officiaes, guardas-marinhas, aspirantes e marinheiros, que enchiam a tolda e

o convez olhavam pasmados não comprehendendo aquella triste scena.

O escaler largou. Acalmara o vento, e a bandeira rojando na agua, o bater compassado dos remos vogando largo, o silencio dos tripulantes tinha um não sei que de lugubre e sinistro, como se acompanhassem um funeral no mar.

É que, embora haja a differença de bandeiras, os homens do mar, apesar de rudes, sabem comprehender e sentir a dor, e compartilhar as magoas da desgraça alheia.

Que terrivel lição não era aquelle desastre! A que tristes pensamentos predispunha o animo de quem deixasse por um momento divagar a phantasia.

*

D'ahi a pouco a gente do *Nautilus* conhecia a terrivel verdade, e sentidamente tomava parte na dor do seu illustre commandante.

O *Nautilus* regressava de uma longa viagem de instrucção. Dizia-se no Funchal, que á vista de Porto Santo cruzava uma divisão da frota americana.

A 14 a corveta sahiu do porto, dizendo-se em terra que seguia para as Canarias. De noite furtou o rumo para leste, e costa acima de Berberia, bordejando contra o norte, conseguiu aferrar em Cadiz, não lhe faltando na travessia nem trabalhos nem cuidados.

*

A 23 de maio já estava em Lisboa a corveta *Rainha de Portugal,* que fôra rendida pela canhoneira *Mandovy.*

A 3 he julho o almirante Sampson, em S. Thiago de Cuba, esmagou a esquadra hespanhola, que tinha estado em Cabo Verde.

A Hespanha perdia a esquadra, e as colonias; mas Cer-

vera, apesar de vencido, conseguira salvar a honra da Hespanha, e da marinha, que inutilmente se sacrificara pela patria.

E a neutralidade portugueza guardada pela corveta *Rainha,* e pelas canhoneiras *Dio, Rio Ave* e *Mandovy,* conseguiu atravessar a salvo esta tormenta, o que não foi pouca fortuna.

INDICE

INDICE

	PAG.
Prologo	9
Combate naval	13
Passagem do Bojador	19
Naufragio da *Flor de la mar*	27
Diogo Pereira	35
Esquadra contra os argelinos	43
A galveta de Moniz	51
Antonio Corrêa	55
Um aventureiro portuguez	63
Paulo do Rego	67
O brigantim *Minerva*	79
Fragata *Madagascar*	87
A escuna do cruzeiro	97
Um cruzeiro do brigue *Villa Flor*	107
Padrão do Zaire	119
Serviço de lanchas	125
Marcha forçada	136
Como se pode ganhar a Torre Espada	147
A ultima viagem da nau da India	161
Uma avaria	181
Lendas de além-mar	187
Um desembarque em Timor	199
Combate no Zaire	213
Lancha da *Zarco*	225
Desarvoramento da corveta *Estephania*	241
Termo de arribada	249
Homem ao mar	257
Comboio de feridos	267

PAG.
Um encalhe memoravel 273
Salto de vento 283
Um tufão na China 293
Sentença de morte 310
Um tornado 315
Serenata 321
Uma salva a bordo da *Terceira* 327
Quarto da meia noite ás quatro 333
Bons serviços 343
Torpedeiro n.º 2 351
Vapor *Cacongo* 359
Um temporal em Cabo Verde 367
Sabre e *Carabina* 379
Lancha *Capello* 389
Corveta *Nautilus* 397

BINDING SLOT: JUL 2 [illegible]

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
551
054
1920

Oliveira, Joao Braz de
Narrativas navaes

53

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 08 10 008 8